



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Mestrado em Ciências Religiosas

Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Paula Cristina Filipe Lopes

Como se faz uma Geração *Laudato si*’?

Contributo para a Unidade Letiva quatro do 8.º ano de «Ecologia e Valores», do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
Sob orientação de:
Professor Doutor Alex Vicentim Villas Boas
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa
2024

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, que são a origem da minha existência.

Ao meu pai, que me deu o amor pelo mar.

Ao meu avô, que me deu o amor pela serra.

Aos meus amigos e família, que estiveram sempre presentes.

Aos meus colegas, que são a minha inspiração.

Aos meus colegas de núcleo de estágio pela amizade, ajuda e partilha de experiências vividas.

Às escolas e colegas pela compreensão e suporte durante a realização deste tempo académico.

À Maria da Luz, que nunca me deixou desistir.

Aos meus professores, que são o meu Norte.

Aos meus orientadores, pela ajuda, orientação, ânimo e paciência.

Aos meus alunos, que são a minha vocação.

À Luísa e à Matilde pelo tempo, pelo exemplo de perseverança, coragem e esperança no futuro.

Ao António, a minha âncora.

A todos, a minha gratidão.

ÍNDICE

Resumo	6
<i>Abstract</i>	7
Siglas e abreviaturas	8

INTRODUÇÃO.....	9
-----------------	---

CAPÍTULO 1 - A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA 13

1.1 Questão Prévia: Breve olhar sobre a educação	13
1.2 Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada	22
1.3 Caracterização do Agrupamento de Escolas de Parede	23
1.4 Caracterização da Escola Básica Santo António – Núcleo de Estágio	25
1.5 Caracterização da turma do 8.º Ano da PES	26
1.6 Pertinência da UL 4 do 8.º Ano do Ensino Básico – «Ecologia e Valores»	30
1.7 Análise da UL 4 – «Ecologia e Valores»	34
1.8 Percurso realizado	39
1.9 Avaliação do percurso.....	43
1.10 Questões emergentes: Ecologia integral	45

CAPÍTULO 2 – CONSTRUIR UMA GERAÇÃO LAUDATO SI

2.1 Introdução	49
2.2 O tempo presente.....	50
2.3 A carta LS	64
2.4 O apelo ao espanto	73
2.5 O apelo à origem comum, à «casa comum» e ao futuro comum	80
2.6 O apelo à interligação, à relação, à comunhão.....	90
2.7 O apelo à conversão ecológica.....	96
2.8 O Apelo ao bem comum, à participação	106
2.9 O Apelo à «casa comum»: na LS e nos ODS, uma convergência?.....	116

CAPÍTULO 3 – PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4

3.1	Questão Prévia: Reflexão sobre os desafios colocados hoje à escola e à EMRC.....	122
3.2	Planificação da unidade letiva e respetivos relatórios de aula a partir do tema: «Todos somos terra».....	134
3.3	«Todos somos terra» (LS 2).....	137
3.4	«A Terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS 67)	140
3.5	Tudo está relacionado (LS 92)	143
3.6	O que está a acontecer à nossa casa (LS 25).....	145
3.7	Podemos sempre mudar de rumo (LS 61).....	149
3.8	Está nas nossas mãos: proteger toda a vida.....	151
3.9	Green Christmas – O cuidado com a natureza faz parte de um estilo de vida que implica a capacidade de viver juntos e de comunhão (LS 228)	153
3.10	Devemos fazer a experiência de uma conversão, dum mudança de coração (LS 84). 157	
3.11	«A interdependência obriga-nos a pensar num único só mundo, um só projeto comum» (LS 164).....	159
3.12	Nós somos só uma única família humana.....	163
	CONCLUSÃO.....	167
	ANEXOS.....	173
	BIBLIOGRAFIA.....	177
	WEBGRAFIA	181

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração original de Matilde Aires, filha e antiga aluna de EMRC do Secundário	32
Figura 2 – Powerpoint: habitar ou ocupar?	140
Figura 3 – Powerpoint: um jardim para cuidar.....	140
Figura 4 – Atividade individual e atividade de grupo	142
Figura 5 – Trabalho de grupo – Mapa Mundi	147
Figura 6 – Avaliação de Trabalho de grupo – Mapa Mundi	148
Figura 7 – Autorização Encarregados de Educação Green Christmas	156
Figura 8 – Atividade Green Christmas	157
Figura 9 – Jogo «nos passos de»	162
Figura 10 – Powerpoint: ODS	165
Figura 11 – Conclusão da UL 4 com a música «Sing for the Climate»	166

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – A ecologia e valores no currículo de EMRC	35
Tabela 2 – Relação entre domínios, metas curriculares e objetivos na UL 4 do 8.º ano.....	36
Tabela 3 – UL 4, objetivo 1	37
Tabela 4 – UL 4, objetivo 2.....	39
Tabela 5 – UL 4, objetivo 3	39
Tabela 6 – UL 4, objetivo 4.....	40
Tabela 7 – Planificação UL 4, aula 1	143
Tabela 8 – Planificação UL 4, aula 2.....	146
Tabela 9 – Planificação UL 4, aula 3.....	149
Tabela 10 – Planificação UL 4, aula 4.....	151
Tabela 11 – Planificação UL 4, aula 5.....	155
Tabela 12 – Planificação UL 4, aula 6.....	158
Tabela 13 – Planificação UL 4, aula 7.....	160
Tabela 14 – Planificação UL 4, aula 8.....	163
Tabela 15 – Planificação UL 4, aula 9.....	165
Tabela 16 – Planificação UL 4, aula 10.....	169

RESUMO

Tendo em conta a Encíclica *Laudato si'* do Papa Francisco e a sua categoria de ecologia integral, expõe-se uma reflexão sobre o desafio de lançar em ambiente escolar as sementes de uma Geração *Laudato si'*.

A reflexão tem origem na lecionação e análise crítica da unidade letiva quatro do 8.º ano de escolaridade – «Ecologia e Valores»¹ da unidade curricular de Educação Moral e Religiosa Católica, realizada no âmbito da Prática de Estágio Supervisionada desenvolvida na Escola Básica, 1.º, 2.º e 3.º ciclo de Santo António, do Agrupamento de Escolas da Parede, no ano letivo de 2019/2020, no concelho de Cascais.

Como azimute propõe-se para a escola um habitat no qual nos possamos rever como pessoas em relação, interligadas pela ideia de pertença a uma «casa comum», orientadas para o bem de cada uma e de todos, numa ótica de desenvolvimento sustentável e de abertura a um futuro comum.

A unidade curricular de Educação Moral e Religiosa Católica de cariz opcional, mas integrada na matriz curricular do sistema de ensino português pode ser um dos acessos à construção de uma sociedade mais humanista, mais colaborativa e cuidadora, e que mantenha, por sua vez, a capacidade humana de se deslumbrar consigo mesma, com o outro e com a natureza da qual faz também parte. Por isso, como forma de responder a este desafio seguindo o repto da Unesco de que «a escola transforma vidas», apresento uma proposta pedagógica aplicada na escola para incentivar a transformação do sentir e do saber em ordem à construção de uma «ética com a terra». Ética essa ligada à realidade factual de interdependência entre todos os seres vivos e à afirmação, ao mesmo tempo, da vida, e do desenvolvimento sustentável e integral da pessoa humana.

Palavras-chave: EMRC; Prática de Ensino Supervisionada; Papa Francisco; *Laudato si'*; ecologia integral; desequilíbrio ambiental; educação; alunos.

¹ Em 2022, o manual do aluno do 8.º ano de escolaridade: «Queremos Descobrir!», foi atualizado e passou a incorporar a categoria ecologia integral da Encíclica *Laudato si'*. Após esta revisão, a unidade letiva quatro designada por «Ecologia e Valores» passou a ser denominada «Ecologia Integral».

ABSTRACT

Bearing in mind Pope Francis' Encyclical *Laudato si'* and its concept of integral ecology, this final report reflects on the challenge of sowing the seeds of *Laudato si'* Generation in the school environment.

The reflection stems from the teaching and critical analysis of the fourth unit of the 8th grade curriculum— «Ecology and Values» from the Catholic Moral and Religious Education Program, conducted as part of the Supervised Teaching Practice at Santo António Basic School, part of the Parede School Group, during the 2019/2020 academic year in the municipality of Cascais.

As a guiding principle, it is proposed that the school becomes a habitat where we can see ourselves as relational beings, interconnected by the idea of belonging to a «common home», oriented toward the good of each and all, with a focus on sustainable development and openness to a shared future.

The curricular unit of Catholic Moral and Religious Education, of optional choice, but integrated into the foundation of the Portuguese curricular teaching system, can serve as a doorway to the construction of a more humane, collaborative and caring society, while also preserving humanity's capacity to marvel at itself, others and nature to which it belongs.

Therefore, in response to this challenge and aligning with Unesco's assertion that «school transforms lives», I presented a pedagogical proposal to be implemented in schools. This proposal seeks to foster the transformation of both sensibilities and knowledge towards the establishment of an «ethic of the Earth».

This ethic emphasizes the undeniable interdependence of all living beings, asserting both the value of life and the need for sustainable development of the human person within the broader context of the world.

Key-words: EMRC; Supervised Teaching Practice; Pope Francis; *Laudato si'*; integral ecology; environmental imbalance; education; students.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AEP – Agrupamento de Escolas da Parede

CAFOD – Agência Católica para o Desenvolvimento Internacional, sigla de *Catholic Agency for Overseas Development*

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

Cf. – Conferir, confrontar, consultar

ChV – Exortação Apostólica pós sinodal *Christus vivit*

COP – Conferência das Partes para o Clima

DSI – Doutrina Social da Igreja

EB Santo António – Escola Básica de 1º, 2º e 3º ciclo de Santo António, Parede

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

EMRE – Educação Moral e Religiosa Evangélica

FT – Encíclica *Fratelli Tutti*

GLS – Geração *Laudato si'*

IPBES – Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre a Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas.

IPCC – Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas

JMJ – Jornadas Mundiais da Juventude

LD – Exortação Apostólica *Laudate Deum*

LS – Encíclica *Laudato si'*

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONG – Organização não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA – Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Parede

PES – Prática de Ensino Supervisionada

QA – Exortação Apostólica Pós – Sinodal Querida Amazónia

SDER – Secretariado Diocesano do Ensino Religioso de Lisboa

SNEC – Secretariado Nacional para a Educação Cristã

TED – sigla inglesa de *Technology, Entertainment, Design*

UCP – Universidade Católica Portuguesa

UL – Unidade Letiva

UL 4 – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores»

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

INTRODUÇÃO

Que sei eu do presente, salvo que ele já é o futuro?

Fernando Pessoa

O presente trabalho constitui o Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada² (PES) desenvolvido ao longo do ano letivo 2019/2020, no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas³ (MCR), da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa⁴ (UCP) de Lisboa, na área de docência de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).⁵ Durante a PES foi necessário saber gerir tempo, família, trabalho, estágio, emoções, para redesenhar novos passos na aprendizagem académica em ordem à habilitação profissional e saber, ainda, acomodar o imprevisto, o inesperado, o «anormal».⁶

Aprender a ser professor no século XXI, e em particular um bom professor de EMRC com competências pedagógicas-didáticas, é uma arte e uma ciência, porque entrecruza diversos campos da cultura e do saber, bem como capacidades e exigências de um saber viver com a comunidade, para a comunidade e aberto à comunidade. Por outro lado, aprender a ser um bom professor de EMRC, dada a sua natureza específica de testemunho de vida à luz da mensagem cristã num mundo secularizado, é também um desafio e uma interpelação à nossa criatividade e coragem numa mudança de época que hoje se faz sentir.

Um bom professor de EMRC vê, observa, reflete para compreender e interessa-se para lá da sala de aula e da teologia. Ser professor de EMRC é também um aprender a construirmo-nos como pessoas inteiras, capazes de abraçar uma unidade curricular do 1º ao 12º ano de escolaridade integrada no sistema educativo português. É trabalhar a unidade curricular de EMRC como a linguagem da memória, da alegria e da esperança cristã, geradora da capacidade de ajudar a conferir profundidade à construção da identidade do aluno, comprometido com a vida, com os outros e com a natureza, numa cultura colaborativa, de diálogo, de respeito e de compreensão do outro. Ser um bom professor de EMRC é ainda saber dotar a disciplina de um espírito universal de abertura à mudança.

² A partir de agora citado com a sigla PES.

³ A partir de agora citado com a sigla MCR.

⁴ A partir de agora citado com a sigla UCP.

⁵ A partir de agora citado com a sigla EMRC.

⁶ Devido à pandemia Covid-19, a 12 de março de 2020 o Governo Português decidiu a suspensão das atividades presenciais nas escolas de todos os graus de ensino.

Atualmente, e após o Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO):⁷ Educação: Um tesouro a descobrir, de 1996, com a formulação dos quatro pilares para a educação: *aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos e aprender a ser*,⁸ a escola, apresenta-se, como um «microcosmo» da sociedade, como uma comunidade de alunos, professores e pais, partes de um todo, atuantes na construção de um futuro melhor com objetivos de humanidade comuns. No contexto de novas guerras no mundo, bem como de um retrocesso democrático visível que acentua as desigualdades sociais e económicas, e de profundas mudanças ecológicas e climáticas globais que desafiam e colocam em causa a nossa forma de ser e de viver, pensar a vida e a natureza a partir da ideia de que todos estamos interligados, numa idade de construção de personalidade, onde o conhecimento de si mesmo e do outro, a par com o conhecimento de referentes, se projeta no futuro, torna-se vital para os jovens e para a transformação do mundo.

De facto, numa época em que tudo é posto em causa, importa continuar a sublinhar a ideia da necessidade de regenerar a vida e a sociedade humana no caminho da esperança e do bem comum, respeitando a diversidade cultural e a singularidade de cada um. Como refere o teólogo brasileiro Cesar Kuzma:

O alerta para uma crise humana e ecológica, em carácter global, já vinha sendo feito há tempos, pois há um desequilíbrio na maneira como interagimos com o meio ambiente, na exploração que fazemos da natureza, na desigualdade social, o que possibilita um cenário com consequências trágicas, inclusive para o surgimento de novas pandemias. Diante desta realidade, a teologia não pode ficar ausente, ela deve ser desafiada a oferecer uma resposta, ela deve se colocar em diálogo e, perante este desafio, ter uma palavra construtiva, pois este é um tempo que nos interroga. É algo totalmente novo, para o qual não se tem uma resposta pronta. Esta resposta deve ser buscada e construída por todos, e com todos, já que este é um problema global que exige ações, dinâmicas e entendimentos coletivos.⁹

Assim, contar com todos e valorizar a ideia de que estamos interligados, que partilhamos uma «casa e uma família humana comum», que nada nos é indiferente, e de que só assim crescemos enquanto pessoas humanas e sociedade, abriu caminho para o tema deste relatório final: a ligação entre ecologia integral e o valor do bem comum.

⁷ A partir de agora citado com a sigla UNESCO.

⁸ Jacques Delors et al, *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, (Unesco: Edições Asa, 1996), 77-87.

⁹ Cesar Kuzma, «Refletindo com as catequeses do Papa Francisco: fé, esperança e caridade como forças de vida e ressurreição em um mundo pandêmico». *Ephata: Pandemia e crise planetária: desafios à fé, à esperança e à caridade*, Revista Portuguesa de Teologia, V. 3, n. 2, (2021): 127-157, 129.

O tema é inspirado na Unidade Letiva quatro (UL 4)¹⁰ do programa de EMRC, e tem como raiz a Encíclica *Laudato si'* (LS)¹¹ do Papa Francisco e a sua categoria de ecologia integral. A partir desta ideia surge também o desafio de lançar na escola as sementes de uma Geração *Laudato si'* (GLS)¹², enquadrada nos três referenciais de educação do sistema de ensino português para a transição sustentável: Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2018-2022, Estratégia Nacional de Educação Ambiental 2020 e Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania 2017-2018.

A proposta educativa de adaptar os princípios da Encíclica papal LS à realidade escolar possibilita, também a convergência com a Agenda 2030, proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU)¹³ para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS),¹⁴ pois ambas analisam as relações entre clima e desenvolvimento e equacionam respostas globais para os desafios atuais da humanidade.

Assim, no primeiro capítulo, coloca-se como questão prévia, saber quais serão hoje as finalidades da educação. De seguida, apresento a atividade da PES, marcada pelo eclodir da pandemia Covid-19, realizada na Escola Básica de 1.º, 2.º e 3.º ciclo de Santo António (EB Santo António),¹⁵ do Agrupamento de Escolas da Parede (AEP)¹⁶, no ano letivo de 2019/2020. Contextualizo a PES através da caracterização do AEP e da turma atribuída e apresento a UL 4 do 8.º ano. No final, analiso o percurso realizado no contexto escolar e apresento as questões fundamentais que surgem ao pensar sobre a ecologia integral. No segundo capítulo, o destaque é para o desafio de como criar as sementes de uma GLS na escola.

Como afirma o franciscano Joaquim Gonçalves Cerqueira, atualmente «a terra deixou de ser uma referência sólida e inalterável para se tornar um alvo vulnerável dos desígnios dos deuses e dos homens».¹⁷ Então, como tornar os alunos conscientes da ligação entre natureza e humanidade? Como construir uma pedagogia de coexistência entre todos? Só a partir desta reflexão, é que poderemos construir uma nova ética com a Terra para agir em «obediência ao apelo de vida lançado pela própria realidade»¹⁸ e construir uma solidariedade global, estendida ao planeta Terra.

¹⁰ A partir de agora citado com a sigla UL 4.

¹¹ A partir de agora citado com a sigla LS.

¹² A partir de agora citado com a sigla GLS.

¹³ A partir de agora citado com a sigla ONU.

¹⁴ A partir de agora citado com a sigla ODS.

¹⁵ A partir de agora citado com a sigla EB Santo António.

¹⁶ A partir de agora citado com a sigla AEP.

¹⁷ Joaquim Cerqueira Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão* (Lisboa: Edições Colibri, 1998), 29.

¹⁸ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 29.

Como expressa o Papa Francisco isto exige «voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos» (LS 229), o que por sua vez exige uma transformação na forma como pensamos, vivemos e agimos. O último capítulo, apresenta previamente os desafios sentidos pela escola e pela EMRC hoje. De seguida, apresento um itinerário pedagógico assente no trabalho colaborativo e na responsabilidade individual e coletiva, de modo a contribuir, a partir do conceito de ecologia integral, para a formação em potência de uma GLS na escola. Procura-se, pois, sensibilizar e tornar consciente a comunidade educativa da necessidade de rejeição do ser humano como «dono do mundo», procurando, por um lado enfatizar a nossa ecodependência, e por outro lado, despertar a consciência para a interligação entre tudo e todos, com vista à solidariedade recíproca e ao cuidado planetário para com a «casa comum».

CAPÍTULO 1 - A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1.1 Questão Prévia: Breve olhar sobre a educação

A educação é a base para a renovação e a transformação das nossas sociedades. Ela mobiliza o conhecimento para nos ajudar a navegar num mundo transformador e incerto. O poder da educação está na sua capacidade de nos conectar ao mundo e aos outros, de nos mover para além dos espaços que já habitamos de nos expor a novas possibilidades.¹⁹

Nenhuma tendência é um destino. Múltiplos futuros alternativos são possíveis.²⁰

Relatório: Reimaginar nossos futuros juntos – Um novo contrato social para a educação.

Unesco, 2022

A PES como habilitação para a lecionação da EMRC implica necessariamente uma reflexão sobre a realidade educacional e escolar.

A incerteza do tempo presente coloca novamente a educação sob stress, principalmente no modo como vivemos a educação e a escola enquanto processo social, no qual todos devem ter as mesmas oportunidades educacionais e as mesmas possibilidades de sucesso.

Os impactos da tecnologia e das mudanças que vivemos hoje são tão mais rápidos e tão mais vastos do que algum dia poderíamos imaginar. Ao mesmo tempo, o sobressalto educativo provocado pela pandemia Covid-19 tornou visível a implicação que a realidade das famílias e das suas condições sociais provoca no ensino aprendizagem, criando desigualdades e assimetrias no processo educativo, aumentando o fosso entre ensino público e particular.

O objetivo quatro da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, escolhido como prioritário para Portugal,²¹ visa assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Pelo que a alteração do paradigma educativo em curso para uma educação centrada no aluno, e no desenvolvimento

¹⁹ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação» (Brasília: Unesco e Fundação SM, 2022), 8, acedido a 21 de setembro de 2024, <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381115>.

²⁰ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», XIII.

²¹ Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, acedido a 21 de setembro de 2024, <https://ods.pt/ods/>.

das suas capacidades criativas, empáticas, cooperativas, de resolução de problemas complexos e de adaptabilidade, tidas como fundamentais para o futuro, mostra-se já necessária para a sociedade do presente e coloca a educação no coração da sociedade.

Este quadro assenta, por sua vez, numa sociedade permanentemente conectada com acesso quase generalizado à informação, que torna cada vez mais necessária a aprendizagem e o papel do professor para ajudar a transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em ação.

Como observa o professor António Sampaio da Nóvoa «o que define a aprendizagem não é saber muito, é compreender bem aquilo que se sabe». Por isso a educação como processo social assume hoje um papel fundamental na sociedade e na construção do futuro da humanidade, numa «educação de humanos por humanos para o bem da humanidade», como refere Sampaio da Nóvoa ao citar o ensaísta russo-americano Mikhail Epstein.²²

Em 1996, o Relatório Delors para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, referia que educação podia e devia ser encarada como um modo de pensar e construir o nosso destino comum. Logo, a necessidade de alteração do tradicional modelo educativo de cariz mais enciclopedista face às exigências do século XXI obrigou na última década a novas políticas nacionais de educação com contributos de várias entidades e de várias organizações internacionais como a UNESCO e a OCDE, guiadas pela necessidade de colocar a educação ao longo da vida no centro da sociedade, num mundo em constante mudança. Com o citado relatório Delors, constata-se que a educação para ser viável, terá de se dirigir à totalidade do ser humano, numa conversão de todo o ser humano e não apenas a uma das suas dimensões. A ideia é conceber a educação como um todo, e «ao longo de toda a vida»²³ como uma construção contínua da pessoa humana e da humanidade.

Mais recentemente em 2022, a Unesco publicou um novo contrato social para a educação sob o título: «Reimaginar nossos futuros juntos» com novas linhas para a educação de modo a «garantir sociedades justas e pacíficas, bem como um planeta saudável e um progresso compartilhado que beneficie a todos».²⁴ De facto, como refere o Relatório, a educação de hoje, face aos desafios globais, deseja-se mais intercultural, mais interdisciplinar, mais inclusiva, mais equitativa; mais experiencial, organizada em proposta pedagógicas «com base nos

²² I Conferência de Educação do Instituto Integral Cultural, sob o título de “A metamorfose da escola. Victoria Bolfe, Mais sobre Educação, Digitais | Faculdade de Jornalismo da PUC Campinas, 31 de agosto de 2018, acessado a 11 junho de 2020, <https://digitais.net.br/2018/08/digitais-campinas-diz-antonio-novoa-doutor-em-educacao/>.

²³ Delors et al, *Educação: um tesouro a descobrir*, 89.

²⁴ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», XIII.

princípios de cooperação, colaboração e solidariedade»²⁵, promotora da «cidadania ativa e da participação democrática».²⁶

Inspirado por uma visão humanista e ecologista, o novo contrato social para a educação procura desenvolver nos alunos as competências da imaginação, das emoções, da criatividade coletiva, do trabalho em equipa, da empatia, do pensamento crítico, da resolução de problemas e da resolução de conflitos no caminho da paz associada ao desenvolvimento integral do ser humano e da preservação planetária.

A educação requer-se pluridimensional, de modo a assegurar o equilíbrio entre todos os domínios do desenvolvimento e da aprendizagem, isto é, os domínios cognitivos, afetivos, emocionais, físicos, espirituais e estéticos e «em todos os momentos da vida, as pessoas devem ter oportunidades educacionais significativas e de qualidade».²⁷

Basta perguntar o que é o ser humano, e a variedade nas respostas permite perceber o quanto o ser humano é complexo. O ser humano é, pois, «a união entre a unidade e a multiplicidade»²⁸, por isso precisa de respostas complexas e não do ensino de matérias compartimentadas e fragmentadas.

Assim, importa hoje pensar a educação do ser humano a partir da sua relação intrínseca com o mundo, e não a partir de «antigos modos de exclusão e competição individualista».²⁹

Com efeito, como salienta Cerqueira Gonçalves: «A escola ocidental teve sempre um horizonte profissionalizante, porventura disfarçado, sendo um espaço de aprendizagem de competição, não somente entre os cidadãos, mas também entre o ser humano e o planeta».³⁰

É necessário, pois fortalecer o fascínio pela realidade, pela natureza, criar interesses, desejos e criatividade nos alunos, para combater a perda de ideais, a falta de sentido. Por outro lado, importa também aprender a viver juntos na diversidade, trabalhar em equipa, colaborar com os outros, saber gerir emoções e a colocarmo-nos no lugar do outro. Aprendizagens, e competências essenciais em ordem a uma ética do cuidado pelo outro e pelo mundo na construção do bem comum universal, do desenvolvimento solidário e sustentável sintonizado com os ecossistemas. Assim, educar é uma bússola, onde o ponto principal é a empatia para a

²⁵ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», XIV.

²⁶ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», XIV.

²⁷ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», XIV.

²⁸ Edgar Morin, *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, (Unesco: Cortez Editora, 2000, edição brasileira), 38.

²⁹ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», 145.

³⁰ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 61.

construção da pessoa e da «casa comum», que possibilite «a criação coletiva de novos conhecimentos e novos futuros possíveis».³¹

Como refere o Relatório «Reimaginar nossos futuros juntos»: «os currículos devem abraçar uma compreensão ecológica da humanidade que reequilibre a maneira como nos nós relacionamos com a Terra como um planeta vivo e como nosso único lar»,³² assentes em pedagogias de solidariedade e cooperação e em currículos e conhecimentos comuns.³³

É também interessante a perspetiva de Neil Postman³⁴ (1931-2003) antigo professor de *media ecology* e antigo diretor do departamento de cultura e comunicação da Universidade de Nova Iorque, sobre os fins da educação. Para o autor, cabe ao ser humano encontrar, de acordo com as diferentes realidades, narrativas que respondam aos desafios da sociedade.

Consequentemente, a educação e a escola devem ter uma narrativa e ser um convite, um meio, através do qual os alunos desenvolvem diferentes interesses ou realidades, culminando numa sociedade heterogénea, na qual cada um encontra o seu lugar e faz parte integrante dessa mesma sociedade. Também o pensamento do pedagogo argentino Juan Carlos Tedesco, vai ao encontro desta análise ao afirmar que a «perda de finalidades faz desaparecer a promessa social ou política de um futuro melhor».³⁵ O autor reforça ainda esta ideia ao afirmar que a «perda de sentido tem consequências muito importantes sobre a educação, (...), visto que deixa os educadores sem pontos de referência». Tedesco sintetiza esta questão ao ressaltar as consequências maiores provocadas pela perda de sentido:

reduz o futuro e as perspetivas de trajetória, tanto individual como social, unicamente a um critério dominante, o critério económico; coloca a transmissão das identidades, tanto culturais como profissionais ou políticas, em termos regressivos; fortalece-se o imobilismo e gera-se uma forte desconfiança, face a toda e qualquer ideia de transformação.³⁶

Logo, o paradigma de transmissão de conhecimento da escola, assente, como diz Tedesco,³⁷ em modelos, em perspetivas disciplinares que fragmentam a realidade, que estimulam a obediência e a memória, tem de mudar, pois, face aos desafios atuais e à incerteza como certeza, o que é profundamente humano: a capacidade de abstração, o pensamento sistémico, a experimentação, o saber gerir as emoções, a cooperação, a criatividade, a originalidade, a relação, a construção

³¹ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», 147.

³² Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», XIV.

³³ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», 147.

³⁴ Neil Postman, *O Fim da educação. Redefinindo o valor da educação* (Lisboa: Relógio d'Água, 2002).

³⁵ Juan Carlos Tedesco, *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna* (Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 1999), 49.

³⁶ Tedesco, *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, 50.

³⁷ Tedesco, *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, 57.

da identidade e de sentido são as variáveis a ser consideradas na dinâmica da educação. De facto, ao refletirmos sobre educação, a temática equaciona-se, nos dias de hoje, em três vertentes – aprender serve para ser um bom cidadão, aprender serve para o sucesso profissional ou numa terceira via – aprender serve para ser bom cidadão e excelente profissional?

Por outro lado, se atentarmos nos métodos utilizados e no papel dos principais atores sociais do modelo educativo: professor e aluno, o debate adensa-se. Deverá o enfoque da educação incidir na aprendizagem de conteúdos ou na aquisição de competências? E, por outro lado, o processo educativo depende essencialmente do professor ou do aluno? E se juntarmos o impacto causado pela Covid-19 na educação, na exposição das vulnerabilidades do processo ensino aprendizagem, nas assimetrias geradas, as questões levantadas tornam-se ainda mais complexas, e ainda mais pertinentes. Podemos encontrar orientação para estas interpelações, trazendo à colação as ideias-chaves do pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire (1921-1997): «educar é essencialmente humanizar», e «ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender». Por isso, o nosso olhar deve mudar cada vez mais para a pessoa, perceber como pensa, como se relaciona com os outros, como se conhece, que iniciativa possui. O importante é, pois, aprender a aprender de forma permanente e constante, aprender a ser pessoa, a crescer como pessoa, a ter voz. Assim, a educação não se define em função de um «servir para», algo que acaba por ser sempre definido de maneira impositiva, ou pelo poder ou por uma mentalidade dominante. Logo, o nó górdio do debate educativo, como afirma Postman deverá assentar, pois, nos processos pelos quais o educando se transforma interiormente. Para o autor: «(...) educar é um processo pelo qual a relação do educando com as coisas muda na medida em que as coisas adquirem um novo valor (...)» e acrescenta ainda: «(...) o que ativa o movimento interior que faz o aluno interessar-se mais pelas coisas é que elas mostram-se-lhe mais interessantes (...)» e não tanto por ter sido imposto um objetivo externo. Deste modo, para o Postman, aprender é algo que sucede interiormente e não tanto porque se propõe ao educando um certo objetivo: ser bom cidadão ou ser bom profissional. Consequentemente, só secundariamente é que educar tem que ver com a aprendizagem de conteúdos ou com a aquisição de competências. O essencial na educação é a própria realidade que nos envolve, que se desoculta e se ilumina com uma nova luz, e é esta atração ligada a um novo interesse também sobre si próprio que faz com que o aluno comece a gostar de estudar, da escola e descubra e ganhe autonomia. Há, pois, que partir da realidade dos alunos, do que já sabem, dos seus pontos de referência para motivar para o ensino aprendizagem, para a descoberta de um prazer maior: conhecer, aprender, tornar a realidade inteligível, para tal é preciso tempo, ternura e tato.

Educar é também exercer a liberdade, no sentido de, como afirma Freire, «elevar o Homem à categoria de sujeito da sua própria história em construção».³⁸ O importante de facto é que a criança ou o jovem cresça no ser, no saber fazer, e no saber estar com os outros.

Também o contributo do pensador francês Edgar Morin, em 2000, a pedido da Unesco sobre o modelo da educação do século XX face às novas exigências para a educação do século XXI, mantém-se, ainda hoje, atual e pertinente na necessidade de dar significado às aprendizagens. Morin, propôs, na altura, um conjunto de sete saberes orientadores para o currículo escolar:³⁹ como «primeiro saber» Morin destacou a valorização do erro como algo necessário para atingir o «conhecimento pertinente». Como «segundo saber» Morin acentuou a necessidade de um ensino integral, de articulação de conteúdos, em que não haja fragmentação ou compartimentação do conhecimento. Morin, por outro lado, assenta «o terceiro saber» na necessidade de «ensinar a condição humana», isto é, transmitir ao aluno que o ser humano é um ser multidimensional. Morin refere ainda como «quarto saber» a arte de ensinar a «identidade terrena», ou seja, é necessário conhecer o lugar no qual se habita, as suas necessidades de sustentabilidade, os seus problemas sociais e económicos. Como «quinto saber», Morin assinala que o ensino deve preparar os alunos para enfrentar as incertezas do futuro, a incerteza, nas palavras de filósofo, pode surgir inclusive naquilo que parece certo e imutável. Como «sexto saber», Morin salientou o valor da compreensão da natureza humana e o valor da compreensão no ensino, como tarefa da educação do futuro, pois, para Morin, o planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas, ou seja, de ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

Por último, para Morin, o «sétimo saber» assenta na «ética do género humano», num modo ético de assumir o destino humano, que passa por ter uma ética para connosco, para com a nossa dignidade, uma ética para com o próximo e finalmente uma ética para com a sociedade, com o mundo – uma ética humana planetária– pois toda a comunidade humana tem o mesmo destino comum e as mesmas ameaças. Logo, todos temos o dever de cooperar e participar juntos na construção de um mundo melhor, porque somos irmãos e irmãs, membros de uma mesma comunidade.

De facto, também Richard Arends, professor e pedagogo norte americano, defende que as comunidades educativas enfrentam, nos dias de hoje, grandes desafios na construção de um

³⁸ Paulo Gomes Lima, «Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo», acedido a 20 de junho de 2020, <https://www.scielo.br/j/pp/a/xgjd3cdzh4QzBXdzYSm3R7r/>.

³⁹ Morin, *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*, 13.

paradigma melhor quer a nível educacional quer a nível civilizacional⁴⁰ e que a resposta deverá ter sempre em consideração duas premissas:

A primeira, é a perspetiva contemporânea de que o conhecimento não é completamente fixo e transmissível, mas é algo que todos os indivíduos, alunos e adultos, devem construir ativamente através de experiências sociais e pessoais. A segunda é a ideia de que a coisa mais importante que todos os alunos devem aprender é como aprender.⁴¹

Assim, para Arends o primeiro desafio assenta no facto de vivermos numa sociedade multicultural, logo para que o ensino seja mais eficaz, segundo Arends, os professores deverão estar preparados para adaptar os currículos e encontrar alternativas às escolas padrões. Há, pois, que fazer escolhas e «pensar fora da caixa». Por outro lado, Arends enfatiza, também, a necessidade de ensinar para a construção do significado: «A perspetiva construtivista defende que a aprendizagem é uma atividade cultural e social, que o conhecimento é algo pessoal e que os alunos constroem significados através da interação com os outros».⁴² Acrescenta ainda que, de acordo com a perspetiva construtivista, a aprendizagem terá de ser ativa, em oposição à aprendizagem passiva própria do ensino tradicional, pois para o pedagogo a aprendizagem consiste «em alunos ativamente envolvidos em experiências relevantes»⁴³ e com «oportunidades de dialogar para que os significados possam ser desenvolvidos e construídos».⁴⁴ Para Arends, há que procurar, também, ensinar de acordo com as novas perspetivas sobre aptidões, aduzidas por Gardner e Sternberg, que colocaram em causa a ideia de uma única inteligência geral. Por outro lado, Arends, acentua a necessidade de os professores serem «responsabilizados pelos métodos de ensino e pelo que os seus alunos aprendem»⁴⁵, de facto, a competência relativa às matérias escolares já não é suficiente, sobretudo em salas de aula culturalmente diversificadas. Como afirma Arends: «Os professores do século XXI terão de dominar várias bases de conhecimento, académicos, pedagógicos, sociais e culturais e serem profissionais reflexivos e capazes de resolver problemas»⁴⁶. Por último, Arends reconhece que o desafio tecnológico é uma constante, pelo que «à medida que a nossa sociedade completa a transição para a era da informação é provável que as escolas mudem»⁴⁷.

Com a pandemia da Covid-19, na vivência do «novo normal», surgiram novos desafios para a educação e para a escola. Tanto ao nível logístico, com o encerramento de escolas na altura da

⁴⁰ Richard I. Arends, *Aprender a ensinar* (Lisboa: Editora McGraw-Hill, 7ª edição, 2008), 8.

⁴¹ Arends, *Aprender a ensinar*, 17.

⁴² Arends, *Aprender a ensinar*, 12.

⁴³ Arends, *Aprender a ensinar*, 12.

⁴⁴ Arends, *Aprender a ensinar*, 12.

⁴⁵ Arends, *Aprender a ensinar*, 14.

⁴⁶ Arends, *Aprender a ensinar*, 15.

⁴⁷ Arends, *Aprender a ensinar*, 16.

pandemia, com a distribuição de recursos informáticos para implementar o ensino à distância; a sobrecarga de trabalho para alunos, educadores, pais e encarregados de educação; a dependência dos alunos do primeiro ciclo face aos encarregados de educação, a iliteracia digital da comunidade educativa, como ao nível do processo ensino aprendizagem comprometido com uma solução de emergência de ensino à distância não acessível a todos, «remediada» com a solução da telescola e mais pobre na relação pedagógica e afetiva aluno–professor.

O ensino digital configurou-se mais exigente, pelo que se assistiu a um acelerar das competências digitais dos educadores, escolas e alunos. Saliente-se, no entanto que foi a resposta de emergência possível num curto espaço de tempo e que contou com a colaboração total dos docentes, apesar de todos os constrangimentos.

Agora há que encontrar e antecipar soluções para avançar de forma mais consciente no plano de transição digital para a escolaridade obrigatória. Por isso há que saber refletir e planificar. Aproveitando o positivo: desenvolvimento das competências digitais, aumento da flexibilidade curricular dos alunos e dos professores, aumento da criatividade, reconhecimento do valor inquestionável do professor no processo educativo, perceção da função social da escola, da necessidade da existência de uma cultura humanista e de inclusão de toda a comunidade no processo educativo. E rejeitando o negativo: extensão dos currículos, transposição do ensino presencial para o digital em algumas situações, excesso de matérias e tarefas, desigualdade no acesso digital, regressão da aprendizagem para alguns alunos, o uso disperso de múltiplas plataformas, a pressão sobre os diretores de turma e encarregados de educação, dificuldades de avaliação do processo ensino aprendizagem e de monitorização sobre as aprendizagens essenciais.

Deste modo, a educação terá forçosamente de encontrar respostas a estes desafios, novas metodologias, proporcionando um espaço de aprendizagem em conjunto, numa ótica da cooperação e de desenvolvimento de competências que são também sociais, pelo que o ensino presencial ou a mistura do digital com o presencial se configura para já a melhor solução. Quer seja na instituição escola quer seja em novos ambientes educativos. No entanto, podemos ainda ter como dado assente como refere Arends, que a finalidade maior do ensino «é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados».⁴⁸ Deste modo, falamos de educação como condição de desenvolvimento da humanidade e de compromisso na construção de uma sociedade renovada.

Como chave para a dignidade da vida humana, numa «educação de máximos» integrada no mundo, aberta ao mundo e respeitadora da diferenciação dos outros. Recorro ao pedagogo

⁴⁸ Arends, *Aprender a ensinar*, 17.

português Sampaio da Nóvoa, para reforçar, também, a ideia, tão necessária nos dias de hoje, de liberdade na educação:

Para que serve a educação? A obra de (António) Sérgio responde-nos: para erguer a liberdade.

Desde logo, a liberdade de cada um. A educação, a cultura, o conhecimento, servem para nos abrir mundos que, de outro modo, nos teriam ficado desconhecidos, inacessíveis, servem para nos libertar da ignorância e da incultura, dos lugares em que a ignorância e a incultura nos fecham, impedindo-nos de ser livres.⁴⁹

Uma liberdade que permita aos pais, alunos e escolas escolher com discernimento o caminho da dignidade humana e do bem comum, rejeitando arbitrariedades e escolhas que não respeitem a paz social e a felicidade de cada um e que permita dar sentido ao vivido.

Hoje é, pois, o momento para repensar a educação e os seus conteúdos, fomentando a aprendizagem por desafios interdisciplinares – integração de saberes – com equipas de professores que trabalhem em conjunto por áreas de conhecimento, combinando competências digitais, humanas e relacionais. Para tal há necessidade de acentuar a importância de dar significado e intencionalidade às aprendizagens.

Recorrendo novamente à obra *Aprender a ensinar* que procura desenvolver um repertório básico de estratégias e práticas para um ensino e uma aprendizagem eficazes nos dias de hoje, Richard Arends afirma que há tendências e alguns aspetos da educação que dever-se-ão manter, mas há outros que podem mudar radicalmente.

De facto, com a pandemia Covid-19 o mundo digital entrou definitivamente na educação e introduziu linhas de ação para uma mudança, acentuando os valores da criatividade, da autonomia, da responsabilidade e da adaptabilidade. No entanto, também ficou mais claro que o ato educativo é essencialmente um ato de relação entre professor e alunos.

Logo, a transição para um novo ensino requer maior flexibilidade para ajudar os alunos a estarem preparados para o incerto, pensarem por si próprios, serem capazes de se iniciar na liberdade e de dar sentido ao vivido. Em suma, esta transição na educação terá de ser não só tecnológica como fundamentalmente pedagógica e comunal.

A escola nasce com as pessoas, nasce da relação entre alunos e professores, da abertura ao outro, pelo que a tónica na pessoa e na interação social presencial terá de ser a constante.

Uma escola que nasce das pessoas e se centra nas pessoas legitima ainda mais o espaço que a EMRC ocupa na escola: lugar de encontro, de escuta e de diálogo, de aceitação do outro na sua

⁴⁹António Nóvoa, Intervenção no 5.º Congresso do Sindicato dos professores da Grande Lisboa, sob o título «Os desafios da docência perante o recuo dos direitos de Cidadania», 5 e 6 de fevereiro, de 2015, Fórum Lisboa, <https://www.spgl.pt/Media/Default/Info/15000/600/40/6/Intervencao%20Ant%C3%B3nio%20Sampaio%20da%20N%C3%B3voa.pdf>.

condição humana, de tolerância, de cultura de vida, promotora da formação e educação na globalização da esperança e no bem comum universal.

A educação é, pois, uma tarefa do presente que tem de abraçar necessariamente o futuro, possui um passado que condiciona, mas que também a sustenta. Um futuro que desejamos seja de construção, de transformação, para ir ao encontro do pensamento de Nelson Mandela: «a educação e o ensino são a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo».

1.2 Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.⁵⁰

Italo Calvino

A segunda parte do primeiro capítulo baseia-se no trabalho realizado a partir da UL 4, na escola do núcleo de estágio, a EB Santo António - Parede, concelho de Cascais, parte integrante do AEP.

Através da caracterização do AEP, da escola núcleo de estágio, e da turma procurou-se contextualizar a PES, analisando o percurso realizado no contexto escolar e as questões daí emergentes. Durante esse percurso contei com o apoio dos professores do MCR, da orientadora cooperante, e da colega de estágio, para aprender a lidar com a gestão do programa de EMRC, para aprender a refletir sobre o itinerário pedagógico traçado, e para aprender a investir no desenvolvimento da inter-relação pedagógica entre alunos e professores integrada na realidade social que é a escola.

⁵⁰ Italo Calvino, «Seis propostas para o próximo milênio» (Lisboa: Companhia das letras, 1990). Acedido a 26 de setembro de 2024, <https://laracoutouv.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/seis-propostas-para-o-procc81ximo-milecc82nio-italo-calvino.pdf>.

1.3 Caraterização do Agrupamento de Escolas de Parede

Na Parede ninguém perde o comboio.⁵¹

Lema do AEP

As escolas do agrupamento localizam-se na União de Freguesias de Carcavelos e Parede e na Freguesia de São Domingos de Rana. A escola núcleo de estágio está inserida na escola EB Santo António, União de Freguesias de Carcavelos e Parede⁵², concelho de Cascais, distrito de Lisboa. Abrange uma área de 8,11 km², distando 6,5 km da sede do concelho e 12 km de Lisboa, tem uma densidade populacional de 46.529, de acordo com o Censos 2021.

No contexto social, a Freguesia da Parede apresenta caraterísticas de mobilidade social muito diversificada. Podemos observar que a população residente é na sua maioria originária de Lisboa, porém existem outras comunidades de origem africana, da Europa de Leste, do Brasil, entre outras. Nos últimos anos a comunidade brasileira e da Europa de Leste diminuiu, devido à crise económica de 2011 vivida no nosso país, ao contrário da comunidade chinesa que registou um forte aumento. As tendências de envelhecimento populacional verificam-se em todas as freguesias do Concelho. Na última década verificou-se um desenvolvimento no acesso a Lisboa, o que permitiu uma maior mobilidade em termos de transportes. A implementação das melhorias na acessibilidade nesta localidade fomentou o crescimento da freguesia da Parede, especialmente na época do Verão. A partir de meados do século XX o aumento do crescimento demográfico da cidade de Lisboa, veio reforçar ainda mais a função residencial a tempo inteiro na Parede. No entanto, podemos observar que a paisagem foi-se alterando devido ao desaparecimento da maioria das suas quintas, dando lugar a uma paisagem mais urbana.

Se por um lado, a atividade comercial tem vindo a crescer, por outro, os espaços lúdicos e de convívio social têm vindo a sofrer uma profunda remodelação, devido à diversidade das pessoas que passaram a habitar esta área geográfica.

O AEP tem vindo a constatar que as frágeis condições socioeconómicas, agravadas por vezes pelo desemprego de pais e de encarregados de educação prejudica o regular acompanhamento das atividades educativas e escolares dos alunos, e por isso a escola tem reforçado a comunicação e a ligação escola-família, que é vista como uma das prioridades e objetivos do agrupamento.

⁵¹ Projeto Educativo do AEP. Acedido em 26 de julho de 2020 https://www.aeparede.edu.pt/wp-content/uploads/geral/documentosOrientadores/ProjEducativo_AEPAREDE_29nov2018_APROVADO.pdf.

⁵² Filipa Pereira, «Diagnóstico Social, Cascais, Freguesias de Carcavelos e Parede», acedido a 15 de setembro de 2024, <https://www.redesocialcascais.net/files/uploads/2019/12/CARCAVELOS-PAREDE.pdf>.

No decurso da PES para caracterizar o grupo turma foi necessário enquadrá-lo na escola e no contexto socioeconómico e cultural em que o agrupamento de escolas se insere.

O AEP está bem integrado na comunidade, e conta com um total, atualmente, de 1945 alunos, possui várias parcerias consolidadas ao nível das instituições municipais. O AEP foi criado a 3 de julho de 2012, resultando da fusão entre o Agrupamento de Escolas de Santo António–Parede e a Escola Secundária Fernando Lopes Graça (escola–sede). O agrupamento integra, atualmente, cinco estabelecimentos de educação e ensino. Com efeito, proporciona formação e aprendizagens diversificadas desde o ensino pré-escolar ao 12º ano: ensino pré-escolar; ensino regular básico; ensino regular secundário e ensino profissional.

O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Parede (PEA)⁵³ de 2018–2021, que vigorava durante a realização da PES articulava-se com o Projeto Estratégico Educativo Municipal e constituiu uma «referência para a construção da mudança»⁵⁴ assente num projeto pedagógico comum e numa escola aberta à comunidade envolvente, num espírito de cooperação com os pais e encarregados de educação.

O PEA de 2018-2021, incorporava os desafios colocados hoje à educação, e acentuava o modelo de ensino centrado no aluno; na promoção da criação de oportunidades educativas para todos e na flexibilidade da definição dos percursos de aprendizagem. Como missão, procurava entre outros objetivos «prestar à comunidade um serviço educativo de qualidade com vista à formação integral da criança e do jovem».⁵⁵

Da leitura do PEA, retirou-se, ainda, os valores orientadores que regiam o AEP do referido triénio:

os princípios da cidadania e a consciência ecológica; – promove a solidariedade, a sociabilidade e a responsabilidade; – incentiva a igualdade na diversidade entre indivíduos, raças, etnias e culturas; – promove o respeito pelos valores democráticos e pelos direitos humanos; – aposta na promoção e valorização da ciência e da cultura; – fomenta o espírito de partilha, de colaboração e de entreajuda; – promove uma cultura de rigor, de exigência e empenho; valoriza o conhecimento e o esforço individual.⁵⁶

Em suma, o AEP insere-se numa realidade multicultural e, porque atento à diversidade pretende-se uma escola focada no aluno, na criação de oportunidades educativas para todos, flexível na adaptação dos percursos de aprendizagem. Pretende-se uma escola aberta à

⁵³ A partir de agora citado com a sigla PEA.

⁵⁴ Agrupamento de Escolas de Parede, Documentos Orientadores, Projeto Educativo 2018/2021, acedido a junho de 2020, <https://www.aeparede.edu.pt/sample-page/docs-orientadores/>.

⁵⁵ Agrupamento de Escolas de Parede, Documentos Orientadores, Projeto Educativo 2018/2021, acedido a junho de 2020, <https://www.aeparede.edu.pt/sample-page/docs-orientadores/>.

⁵⁶ Agrupamento de Escolas de Parede, Documentos Orientadores, Projeto Educativo 2018/2021, acedido a junho de 2020, <https://www.aeparede.edu.pt/sample-page/docs-orientadores/>.

comunidade envolvente e com ligação aos pais e encarregados de educação, em colaboração com a rede de parceiros institucionais e económicos. Pelo que procura a promoção de uma maior participação e envolvimento da comunidade local na vida das escolas do agrupamento. O PEA assim como toda a alteração da panorâmica social tem tido consequências nas escolas, seja na prática pedagógica dos docentes, seja no atendimento especializado dos Serviços de Psicologia e de Apoio Educativo. Alguns indicadores mais relevantes incidem em problemas afetivos e de socialização de muitos alunos, em especial dos que vivem em contextos mais degradados, com condições socioculturais muito precárias e famílias desestruturadas, muitas delas originárias de outros países, ou seja, desenraizadas do seu meio social. O PEA, procura dirimir a divergência entre a cultura da escola e a cultura da criança.

1.4 Caraterização da EB Santo António – Núcleo de Estágio

A PES decorreu na EB Santo António, na Parede, com a atribuição de uma turma do 8.º ano de escolaridade. Esta escola faz parte da integrante da comunidade local, tendo iniciado o seu funcionamento há 40 anos, no ano letivo de 1972/73.

O atual edifício é constituído por um bloco único, cujas salas estão distribuídas por dois pisos. Com 680 alunos, a escola possui uma biblioteca, bar e refeitório de alunos e sala de professores. O espaço exterior é profundamente arborizado e inclui estufa, horta, campo de jogos e um pavilhão gimnodesportivo. A escola tem uma tradição de parcerias com as instituições municipais e locais e possui vários clubes, nomeadamente Clube de Teatro, Clube de Artes Plásticas; projetos «A falar é que a gente se entende», «Prévio - projeto de prevenção e intervenção na violência escolar», «Escolas de Vida», entre outros, e exposições. É um espaço aberto e acolhedor, com dinâmicas próprias, como o arraial de Santo António realizado no final do ano letivo. Na escola existem ainda dois protocolos com entidades privadas que possibilitam a existência do ensino articulado artístico de Dança e do ensino articulado artístico de Música. Durante o estágio contei sempre com o apoio e o profissionalismo da orientadora cooperante Dra. Luísa Carvalho e com o ânimo da docente estagiária Zulmira Ribeiro.

A orientadora cooperante é igualmente a coordenadora da unidade curricular de EMRC, no AEP, desde 1990. A disciplina, apresenta-se, na escola, desde sempre dirigida para a formação integral do aluno e para a sua participação em projetos de cooperação e entajuda pautados pelos valores humanos e cristãos. A título de exemplo refira-se o projeto educativo «Ser Voluntário, Ser Solidário» com o objetivo de ajudar a comunidade escolar a viver o voluntariado, coordenado pela Dra. Luísa Carvalho desde 2010.

A EB Santo António, ao adotar como patrono Santo António assume-se como «uma casa de afetos e de cultura»,⁵⁷ como uma escola de valores assentes na cooperação, na fraternidade e na solidariedade. De facto, como é referido na página do AEP, a EB de Santo António:

pode ser considerada como marco de referência não só em termos de inovação didático-pedagógica pela implementação de projetos e experiências na área da integração e recuperação de alunos problemáticos e com dificuldades de aprendizagem, usando um conjunto variado de instrumentos e recursos, no estabelecimento de uma articulação com as escolas do 1º ciclo, criando pontes sequenciais sólidas entre os três ciclos, como também em termos de intervenção na vida comunitária na área da prevenção contra a droga, na educação para a cidadania, na saúde pública e na integração multicultural dos alunos existindo presentemente mais de meia centena crianças provenientes de vários países e diferentes culturas (Brasil, Angola, Guiné, Moldávia, Ucrânia, Perú, Roménia, Hungria, Holanda, Rússia, China, Cabo Verde, Bélgica, Bielorrússia e Bulgária).⁵⁸

O acolhimento proporcionado, tanto pela direção, professores, pessoal não docente, como pelos alunos, deixou clara a ideia de «casa dos afetos e da cultura».

Por outro lado, as propostas e atividades de estágio, apresentadas à direção, bem como aos alunos, foram igualmente acolhidas favoravelmente e disponibilizados todos os meios necessários para a sua concretização.

1.5 Caracterização da Turma do 8.º ano da PES

Caracterizar a turma possibilita, conforme afirma Arends, «compreender os alunos e a forma como eles aprendem». ⁵⁹ A aprendizagem está situada em contextos sociais múltiplos, pelo que caracterização da turma permitiu ter uma visão mais clara das principais características dos alunos que a compunham, ou seja, permitiu desenhar o perfil de cada aluno e estruturar a ação pedagógica para ter em conta todos os alunos. O conhecimento do perfil do aluno serviu ainda para contextualizar o comportamento em sala de aula e serviu como farol para a minha atuação de modo a possibilitar o acompanhamento e a inclusão, de forma a melhorar os enquadramentos sociais e educacionais de todos os alunos. O conhecimento dos seus interesses, da sua maturidade, motivações, obstáculos e expectativas possibilitou delinear as estratégias mais indicadas e eficientes a serem aplicadas à turma e a cada aluno em particular, e permitiu a igual oportunidade de sucesso para todos.

⁵⁷ Página do AEP, acedido a 20 de junho de 2020, <https://www.aeparede.edu.pt/escolasg/eb-23-santo-antonio/>.

⁵⁸ Página do AEP, acedido a 20 de junho de 2020, <https://www.aeparede.edu.pt/escolasg/eb-23-santo-antonio/>.

⁵⁹ Arends, *Aprender a ensinar*, 41.

Deste modo, cada discente teve o seu «momento» na sala de aula. De facto, através da caracterização da turma, o conhecimento da realidade que nos rodeia e principalmente do dia-a-dia da turma é mais correto, e permite atender de forma mais adequada à especificidade de cada aluno, possibilitando traçar percursos diferenciados e de sucesso. A planificação torna-se mais adequada, equitativa e diferenciadora para os alunos, e conseqüentemente o processo de ensino aprendizagem é mais eficaz. Por outro lado, a caracterização da turma permite com maior facilidade criar um clima de aula baseado na segurança, respeito, justiça e atenção, maximizando o potencial de aprendizagem de cada aluno.

A caracterização da turma foi feita com base no perfil disponibilizado pela Diretora de Turma, fundamentado nos processos individuais dos alunos e também pelo conhecimento prévio da orientadora cooperante. Também foi possível observar o funcionamento da turma – atitudes e comportamentos –, durante as seis primeiras aulas, lecionadas pela orientadora cooperante.

Assim, a caracterização da turma do 8.º ano atribuída na PES permitiu conhecer os seguintes aspetos: a turma de EMRC era constituída por sete alunos, cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades compreendidas entre os treze e os catorze anos. Todos os alunos moravam no concelho de Parede, e habitavam muito perto da escola, numa distância não superior a dois quilómetros.

O grupo turma era heterogéneo e apresentava características distintas, quer em termos de personalidade, quer em termos de contexto socioeconómico, quer na forma como se ajustou ao processo de ensino-aprendizagem, com ritmos de aprendizagem muito diferentes.

No decurso do acompanhamento, da leção e, também, da avaliação contínua, foi possível perceber esta diferença e constatar a existência de subgrupos, realidade normal, mas de gestão mais difícil e de observação mais visível dentro de um grupo turma reduzido. Assim, se por um lado, o grupo turma apresentava alunos participativos, por outro constatou-se a existência de alunos que assumiram uma postura mais passiva limitando-se ao papel de observadores. Salienta-se ainda a existência de dois elementos que revelaram uma animosidade latente face aos colegas com situação socioeconómica mais débil, traduzindo-se em comportamentos pouco tolerantes, com observações críticas perante o grupo mais passivo. No entanto, a participação e o envolvimento dos alunos mais fechados teve uma evolução positiva, no decurso da leção.

Progressivamente, e através de várias estratégias do ensino aprendizagem para promover a cooperação, a cisão no grupo observada no início foi-se esbatendo, o que proporcionou um espaço mais seguro, no qual cada aluno pode expressar as suas ideias e construir a sua aprendizagem. Foi também importante criar na turma um ambiente de aceitação, para que todos se sentissem com confiança e à vontade para participar, cooperar, aprender a escutar, aceitar e

a valorizar as opiniões de cada um. No computo geral a turma não revelou casos graves de indisciplina, apesar de por vezes, o reduzido número de alunos perturbadores ter tido, atitudes pouco adequadas para o contexto de sala de aula, constatação referenciada pela Diretora de Turma, e assinalada em Conselho de Turma, no primeiro período. Procuraram-se soluções e práticas pedagógicas: debates, discussões temáticas, trabalhos de grupo a pares, atividades lúdicas, atendendo aos seus interesses e vontades que garantissem a melhor aprendizagem para todos. Apesar da motivação e interesse pelos conteúdos e atividades propostas em cada aula, a participação efetiva de todos os alunos foi gradual. A partir de um questionário individual⁶⁰ foi ainda possível conhecer melhor os alunos e tornar o processo de elaboração da caracterização de turma mais eficaz. Assim, enquanto alunos de EMRC, todos, à exceção de uma aluna, referiram que frequentam a disciplina tanto por opção própria, como por vontade dos pais e, ainda, por serem católicos. Indicaram também, como motivo para a inscrição em EMRC, o facto de ser importante para a sua formação enquanto pessoas. Referiram ainda, com satisfação, as atividades promovidas no exterior pela EMRC como razão para estarem inscritos.

Os intervalos e o convívio com os amigos foram referidos como as atividades preferidas, sendo as aulas, a decoração e o espaço interior reduzido as realidades menos satisfatórias. Três alunos em sete, não conseguiram assinalar o que menos gostavam. Verificou-se através da análise ao estudo que as unidades curriculares preferidas pelos alunos eram Matemática, Educação Física e EMRC; e as menos preferidas Francês e Inglês. Todos referiram ter ajuda de ambos os progenitores nos trabalhos de casa e no apoio ao estudo, à exceção de uma aluna. Como planos para o futuro apenas três alunos identificaram as profissões que gostariam de exercer: gestão empresarial, aviação e informática. Em termos de profissões dos pais destacam-se as atividades por conta de outrem, tais como esteticista, serviços de limpeza, professor, educadora, contabilista, enfermeiro, segurança e informático.

No que respeita à questão sobre a importância de aprender sobre diversas religiões referem o facto de «ficarem mais cultos». Apenas uma aluna refere «assim aprendemos a respeitar as diferenças dos outros». Relativamente à importância da escola, todos avaliam a sua frequência como importante para a sua formação e crescimento. Quanto às atividades que gostam de ver dinamizadas na sala de aula indicaram o recurso aos trabalhos de grupo, trabalhos de pares e atividades lúdicas. Por último, referem como ocupação preferencial dos tempos livres o desporto, o cinema, o computador. A leitura surge em último lugar, logo depois da atividade de estudar.

⁶⁰ Cf. Anexo 1 – Questionário.

Relativamente à evolução enquanto turma, se inicialmente não foram uma turma coesa, aprenderam gradualmente a trabalhar em conjunto e a criar um ambiente de respeito mútuo e trabalho colaborativo. Veja-se o caso particular da aula assistida, do planeamento e concretização da atividade *Green Christmas* e, durante o segundo período, da limpeza da estufa de escola tendo em vista a realização da Feira da Primavera.

O grupo turma demonstrou sempre grande preocupação em participar nas atividades propostas, e no geral, foram alunos bem-dispostos e motivados, com capacidade de gerar grande empatia com os professores e com gosto e curiosidade por aprender mais. De facto, a turma revelou ser acolhedora, proporcionando um clima de confiança e aceitação, o que permitiu uma maior segurança e serenidade na promoção de aprendizagens bem-sucedidas, pelo que o balanço de todo o trabalho desenvolvido junto dos alunos, e para eles, com a orientação e apoio constante da orientadora cooperante, Dra. Luísa Carvalho, foi muito positivo.

1.6 Pertinência da UL 4 do 8.º Ano do Ensino Básico – «Ecologia e Valores»

(...) nós mesmos somos terra (cf. Gn 2, 7). O
nosso corpo é constituído pelos elementos do
planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água
vivifica-nos e restaura-nos.
Papa Francisco, *Laudato si'*, 2



Figura 1—Ilustração original de Matilde Aires, filha e antiga aluna de EMRC do Secundário

O Programa de EMRC, para os ensinos básico e secundário, aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa⁶¹ data de 2014, e apesar da UL 4 do 8.º ano nesta edição de 2014 ter um conjunto de objetivos programáticos que permitem trabalhar os conteúdos definidos e atingir as aprendizagens essenciais nesta área do conhecimento – «Ecologia e Valores» –, que refletem não só a Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo Contemporâneo, como a Encíclica, *Redemptor hominis*, do Papa João Paulo II, a Encíclica *Caristas in veritate* de Bento XVI, ou ainda a *Evangelii gaudium*, do Papa Francisco, o certo é que a Encíclica LS, que unifica e renova o pensamento da Igreja Católica face à emergência ecológica, e às desigualdades sociais, só viria a ser assinada, pelo Papa Francisco, no dia 24 de maio de 2015, ou seja um ano depois, pelo que não integra o ainda vigente programa de 2014.

Assim, quando optei pela escolha desta unidade letiva (UL),⁶² estava não só consciente de que este tema – ecologia – fazia parte das preocupações dos jovens e constituía um dos ideais, portandostandarte das culturas juvenis de hoje, fruto dos debates e do ativismo internacional dos últimos anos, e, por esse facto passível de ter interesse para os mesmos, como por outro lado seria uma oportunidade de dar a conhecer a LS como proposta «sobre o cuidado da casa comum», subtítulo da Encíclica, mas também como salvaguarda da identidade e dignidade humana e ainda como reconsideração do atual modelo de sociedade e estratégia de futuro. Acresce, como razão para a escolha da UL, o facto de a mesma temática – ecologia – constar do PEA, conforme se pode verificar no número quatro do mesmo: O AEP «valoriza os princípios da cidadania e a consciência ecológica»⁶³ permitindo fortalecer a cultura do agrupamento. Num horizonte mais alargado a escolha desta unidade reflete também a visão da União Europeia, que ao colocar as alterações climáticas no topo da sua agenda política com o Pacto Ecológico Europeu, tem como objetivo final fazer da Europa o primeiro continente climaticamente neutro até 2050.⁶⁴ Pelo que o desafio colocado à lecionação desta UL era duplo: desenvolver a consciência ecológica a partir da realidade, como objetivo inscrito no PEA, e ir mais além, no sentido de integrar na questão ecológica a ecologia integral e não reduzir a condição humana à de cidadania. Não ficar pela «cidadania ecológica», mas «fazer a experiência duma conversão, duma mudança de coração» (LS 218) com o lema motivacional: «está nas nossas mãos proteger e cuidar de toda a vida». Esta lógica cristã permite dar o salto qualitativo da questão ecológica científica para a ligação entre justiça social e ecologia e reforça a identidade cristã, no amor de Deus por toda a criação, propondo os valores evangélicos da

⁶¹ A partir de agora citado com a sigla CEP.

⁶² A partir de agora citado com a sigla UL.

⁶³ Agrupamento de Escolas de Parede, Documentos Orientadores, Projeto Educativo 2018/2021, 7, acedido a 20 de junho de 2020, <https://www.aeparede.edu.pt/sample-page/docs-orientadores/>.

⁶⁴ Pacto Ecológico Europeu, acedido a junho de 2023, <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/green-deal/>.

compaixão, da bondade, da gratidão, da fraternidade e novos critérios de discernimento para atuar no mundo atual, nó górdio desta UL. Procurar a raiz humana da crise ecológica, presente nos relatórios recentes do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas⁶⁵ e nos alertas constantes da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre a Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas,⁶⁶ e «falar das motivações que derivam da espiritualidade para alimentar uma paixão pelo cuidado do mundo» (LS 216), na construção do bem comum e de estratégias comuns seria a via para a aprendizagem do currículo desta UL. Esta metodologia permitiria, assim, que os alunos estruturassem o seu agir, individual e coletivo, em ordem a uma «ética com a terra»,⁶⁷ como valor para o seu desenvolvimento intelectual, emocional, social, moral e religioso, integrados na tradição cristã da criação como realidade e lugar teológico. Sabendo que as culturas vigentes influenciam enormemente o que se aprende, tinha, pois, consciência de que a hora para a leção desta UL era agora e que seria valiosa para a formação integral do aluno e para a sua atuação no mundo. Transversal a este desafio estavam presentes as questões existenciais de um professor: Como criar interesse nos alunos? Como ensinar os alunos a pensar por eles? Como contribuir para o sucesso de todos? Que ensinar para o futuro?

Para superar este desafio e encontrar as respostas às perguntas formuladas, a UL 4 pareceu ser a melhor estratégia para início da leção no núcleo de estágio da PES. De facto, a teologia, a EMRC, e em particular esta UL indicam novos horizontes, novas portas, novas possibilidades e, por isso podem proporcionar novos paradigmas e novos modos de habitar e pensar a Terra, numa ótica de comunhão universal e justiça social assente na dignidade humana e no bem comum. Grande parte dos riscos globais que hoje enfrentamos e sentimos podem ser atribuídos à perda de ligação do ser humano à natureza e aos outros. Vemos, mas não olhamos com atenção, não admiramos, não compreendemos: «Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo (...) e irrelevante». (LS 122)

Assim, a escolha da UL refletiu a importância que esta temática representa para o percurso do aluno, enquanto pessoa em formação, em comunidade e na «casa comum», pois nela são abordados conteúdos fundamentais nesta etapa escolar dos alunos e «possibilita o não se afastar

⁶⁵ A partir de agora citado com a sigla IPCC.

⁶⁶ A partir de agora citado com a sigla IPBES.

⁶⁷ Miguel Panão, «Linguagem, Relacionalidade e Ambiente» *Theologica*, 2.^a série, 51, 1 (2016), 29-49, acedido a 20 de junho de 2020, <https://revistas.ucp.pt/index.php/theologica/article/view/2707>.

das situações reais, interesses e experiências dos alunos, equilibrando a orientação «académica» do Programa e a sua complexidade conceptual com a pluridisciplinaridade das abordagens».⁶⁸ Por outro lado, a temática da «Ecologia e Valores» é também ela transversal ao currículo de EMRC, dado estar presente em todos os níveis de ensino. Por isso, este tema permite amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e o nosso olhar sobre a pessoa humana, tendo como possível horizonte de resposta o coração do Evangelho, além de permitir a reflexão sobre a participação dos cristãos num mundo plural, tecnológico e em transição.

Este eixo da visão cristã da vida em relação, em comunhão, e na «consciência de que somos uma única família humana» (LS 52), na qual «não há espaço para a globalização da indiferença» (LS 52) atravessa o programa da EMRC, e permite não só avaliar a sua importância e ir ao encontro das finalidades da EMRC, como possibilita ainda trabalhar esta temática ao longo do percurso escolar do aluno, conforme referido no documento «Aprendizagens Essenciais», do Ministério da Educação.

o currículo desenvolve-se em espiral, sendo os conhecimentos, as capacidades e as atitudes trabalhados com maior profundidade ao longo do tempo, na medida em que a capacidade de cognição dos alunos evolua. Esta forma de organizar as aprendizagens, defendida por Jerome Bruner, possibilita atender à especificidade facultativa da disciplina e permite aos alunos que a frequentam de forma descontínua atingir as metas, adquirindo as capacidades e desenvolvendo os valores propostos para o ano de escolaridade respetivo.⁶⁹

De facto, no programa de EMRC, do primeiro ciclo de ensino ao Secundário, esta temática está presente em diversas Unidades Letivas de forma transversal, tal como se pode constatar na tabela abaixo:

Ciclo	Ano	UL	Conteúdos
1.º Ciclo	1.º	1 – Ter um Coração Bondoso	Cuidamos uns dos outros e não deixamos ninguém de lado: «a parábola da ovelha perdida» (p. 22-23)
		4 – Cuidar da Natureza	Toda a UL (p. 24-25)
	4.º	2 – Crescer na Diversidade	O nosso mundo está repleto de diversidade: diversidade animal; diversidade no mundo vegetal (p. 44-45)
2.º Ciclo	5.º	4- Construir a Fraternidade	Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar (p. 60-61)
	6.º	1 – A Pessoa Humana	Toda a UL
		3 – A partilha do Pão	A produção e o comércio dos alimentos; A fome e a subnutrição; A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade (p. 68-69)

⁶⁸ Cristina Sá Carvalho, *Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica*, edição 2014, 37.

⁶⁹ Direção-Geral da Educação, *Aprendizagens Essenciais da disciplina de EMRC*, 2, agosto de 2018, acedido a junho de 2020, <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais>.

3.º Ciclo	7.º	1 – As Origens	Toda a UL (p.72-73)
	8.º	3 – A Liberdade	Toda a UL (p. 90 – 91)
Ensino Secundário		1 – Política, ética Religião	Toda a UL (p.109- 107)
		2 – Valores e Ética Cristã	Toda a UL (p.108-111)
		3 – Ética e Economia	A desigualdade e a pobreza (p. 114-115)
		5 – A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo	Os cristãos num mundo plural e globalizado A ideia de corresponsabilidade cristã na construção do bem comum universal (p.126-127)
		7 – Ciência e Religião	O conhecimento de Deus e da natureza. A origem do universo, uma interrogação humanamente presente, que põe à prova o diálogo entre a tecnologia e a ciência (p. 132-133)

Tabela 1 – A ecologia e valores no currículo de EMRC⁷⁰

1.7 Análise da UL 4 – «Ecologia e Valores»

«(...) Há educadores capazes de reordenar os itinerários pedagógicos de uma ética ecológica, de modo que ajudem efetivamente a crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado assente na compaixão.

Papa Francisco, *Laudato si'* 210

Aprendizagem da UL 4 entre os dias 4 de novembro de 2019 e 20 de janeiro de 2020, como reflexão sobre a «casa comum» e a sua interconexão à justiça social e à dignidade da pessoa humana, aliada à corresponsabilidade para criar as condições de habitabilidade no mundo foi potenciada pela UL anterior o «Amor Humano» lecionada pela orientadora Luísa Carvalho. UL esta, que incide sobre o amor como dom de si e compromisso com os outros, «o amor que transcende a lógica do intercâmbio». ⁷¹ Relativamente à UL 4 optou-se por seguir a ordem dos objetivos, mas introduzindo alguns parágrafos da LS, como conteúdo para introduzir a reflexão sobre a categoria proposta pelo Papa Francisco de «ecologia integral».

⁷⁰ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, (Moscavide: SNEC, 2014).

⁷¹ Walter Kasper, *A misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, (Cascais: Principia Editora, 2015), 45.

Domínios	Metas Curriculares UL 4 do 8.º Ano	Objetivos
		UL 4 «Ecologia e Valores»
Religião e Experiência Religiosa	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1
Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida	C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas	-
	J. Descobrir a simbólica Cristã	1
Ética e Moral	N. Promover o bem comum e o cuidado do outro	1
	O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo	1
Número Total de Objetivos		4

Tabela 2 – Relação entre domínios, metas curriculares e objetivos na UL 4 do 8.º ano

A partir da tabela 2 podemos verificar: Que as metas são quatro na sua totalidade, estando uma relacionada com o primeiro Domínio, uma com o segundo Domínio e duas com o terceiro Domínio.

Na sequência da integração na planificação da LS e da sua categoria ecologia integral, foi necessário proceder às seguintes alterações das metas curriculares:

- Supressão da meta «C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas», por uma questão de gestão de tempo;
- Adição da meta «N. Promover o bem comum e o cuidado do outro» justificada pela necessidade de integrar a LS, que tem o princípio do bem comum universal e ética do cuidado, como valores estruturantes e transversais a toda a Encíclica LS.

Apesar desta alteração e mesmo sem a meta curricular C os três domínios da aprendizagem continuavam presentes individualmente nesta UL, possibilitando o cumprimento das finalidades da unidade curricular de EMRC, tendo maior acentuação o domínio de aprendizagem da *Ética e Moral*.

UL 4 – Objetivo 1. Reconhecer na Dignidade Humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus

Conteúdos	
Programa	Propostos / Seleccionados
O mundo é a nossa casa. A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos, dádiva de deus.	A Terra é a «casa comum» de todos os seres vivos. A ecologia humana como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos: ocupar é diferente de habitar.

<p>Tudo na natureza está interligado: a relação dos seres humanos entre si e com os outros seres vivos.</p> <p>O ser humano é o cume de toda a natureza. É obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as realidades: Sl 8, 4-7</p> <p>A natureza existe em função da felicidade do ser humano, mas tem também autonomia que deriva de ter sido criada por Deus e por ele amada.</p>	<p>Casa porque é o único espaço habitável para o ser humano em todo o universo.</p> <p>Aqui encontramos tudo o que é necessário à nossa sobrevivência e bem-estar.</p> <p>O ser humano como o jardineiro da Terra.</p> <p>Tudo está interligado (LS 92)</p> <p>A natureza como dádiva de Deus (LS 84)</p>
--	---

Tabela 3 – UL 4, objetivo 1

Sabendo que para «cada unidade letiva, as metas curriculares permitem a definição de um conjunto de objetivos programáticos e estes articulam-se em torno de um conjunto de conteúdos»⁷² e que é pela leitura e articulação dos objetivos com os conteúdos que o objetivo se concretiza, procurei articular o objetivo **1. Reconhecer na Dignidade Humana a sua relação com a totalidade da criação, enquanto dádiva de Deus**, com os conteúdos do programa e ainda incluir conteúdos na ótica da LS. Assim, optei por adicionar conteúdos de carácter mais reflexivo, de desenvolvimento do espírito crítico e de relacionamento, a partir da ideia de valor, contravalor, beleza, ecologia e ecologia humana. A estratégia passava por olhar a Terra como um ser vivo e desenvolver a capacidade de os alunos observarem, apreciarem e admirarem o mundo à sua volta, a partir do valor proteger e cuidar de toda a vida com amor. Tendo como proposta não só o «olhar de Jesus», de «harmonia com a criação» (LS 98), mas também o olhar de Francisco de Assis que inspira uma perspectiva holística de proximidade à «casa comum». Procurei que a sala de aula funcionasse como uma janela para o mundo e para a realidade⁷³ e ao mesmo tempo um laboratório de pensamento e de abertura ao diálogo, incorporando as histórias e realidades dos alunos para chegar à ideia de que tudo está interligado, tendo como referentes os valores evangélicos e humanos, obtidos após a chuva de ideias sobre a palavra valor. No entanto, na planificação, a listagem de conteúdos acabou por ficar demasiado extensa, facto esse que foi melhorando ao longo da lecionação com a aquisição de uma maior capacidade de reflexão e síntese e com a ajuda da orientadora cooperante. A estratégia à volta dos verbos «ocupar» e «habitar» permitiram chegar à síntese da primeira aula, no dia 4 de novembro de 2019: *Quem ama a terra não a explora, mas integra-se nela, porque no universo a humanidade*

⁷² Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, 9.

⁷³ Por exemplo, a visualização de noticiários.

e a terra formam um único corpo. Todos somos terra (cf. Gn 2, 7). O objetivo 1 foi trabalhado nas duas primeiras aulas, mas esteve sempre implícito nas aulas seguintes. O objetivo 1 foi ainda trabalhado a partir da reflexão do parágrafo 84 da LS: cada «criatura tem a sua função e nenhuma é supérflua», e da atividade de jardinagem – plantação dos bolbos Crocus – feita em sala de aula. Esta atividade incorporou simbolicamente o conteúdo do «ser humano como o jardineiro da terra», razão pela qual a manutenção dos Crocus foi motivo de cuidado, admiração e proteção conjunta por parte dos alunos durante as nove aulas seguintes.

UL 4 – Objetivo 2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza

Neste objetivo foi dado particular destaque à raiz humana da crise ecológica, ambiental, social, e ética como forma de unificar todos os conteúdos do programa. Pelo que assumi na planificação a totalidade dos conteúdos do programa, como base para chegar à ecologia humana. Para concretizar este objetivo foi proposto um trabalho colaborativo de construção de um mapa-mundi ecológico: sempre com o lema «está nas tuas mãos proteger toda a vida».

Conteúdos	
Programa	
A destruição do ambiente vital onde todos habitamos:	
O esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o buraco na camada do ozono.	
O mau uso dos recursos a nível individual.	
Razões que conduzem ao comportamento destrutivo:	
O egoísmo;	
O desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global;	
A vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo;	
A subordinação da política à economia.	

Tabela 4 – UL 4, objetivo 2

UL 4 – Objetivo 3. Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus

Conteúdos	
Programa	Propostos/Selecionados
O «criado» nas várias tradições religiosas;	

<p>A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece;</p> <p>O reconhecimento da natureza como lugar premiado pela presença de Deus;</p> <p>A natureza como local onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus;</p> <p>A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com equilíbrio e sem arbitrariedade e egoísmo;</p> <p>A responsabilidade em relação às gerações vindouras;</p> <p>Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.</p>	<p>A experiência da gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece;</p> <p>O reconhecimento da natureza como lugar premiado pela presença de Deus;</p> <p>A natureza como local onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus;</p> <p>A responsabilidade do ser humano em relação a toda a natureza: usar a natureza com equilíbrio e sem arbitrariedade e egoísmo;</p> <p>A responsabilidade em relação às gerações vindouras;</p> <p>Instituições de defesa da natureza: objetivos e atuações.</p>
---	---

Tabela 5 – UL 4, objetivo 3

Neste objetivo concentrei o foco dos alunos na responsabilidade para com a natureza e para com os mais pobres e na exploração das instituições de defesa da natureza e de solidariedade social. Todos temos direitos, mas também temos deveres na salvaguarda da dignidade humana e na responsabilidade para com as gerações vindouras. O ambiente (..) é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte. (LS 159) Os «Vídeos do Papa»⁷⁴ foram estratégias utilizadas para atingir este objetivo 3, reconhecendo que todos formamos uma grande família humana. O conteúdo a *experiência de gratidão em relação ao Deus que na criação se dá e tudo nos oferece*; acabou por transitar para o objetivo 4 porque mais facilmente percebido pelos alunos através tanto do testemunho de Francisco de Assis, como pela influência do Papa Francisco, enquanto modelos de vida.

UL 4 – Objetivo 4. Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado da natureza

Conteúdos	
Programa	Propostos/Selecionados
<p>Dn 3,57-82: todas as criaturas, bendizei o Senhor!</p> <p>O exemplo de Francisco de Assis e a irmã natureza;</p>	<p>O exemplo de Francisco de Assis e a irmã natureza;</p> <p>Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo; O</p>

⁷⁴ O Vídeo do Papa — www.thepopevideo.org — da Rede Mundial de Oração do Papa www.popesprayer.va.

Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo.	Pontificado do Papa Francisco: O cuidado pela «casa comum» e a opção pelos pobres ⁷⁵ ; Ecologia Integral (LS 137) Conversão Ecológica (LS 216)
--	---

Tabela 6 – UL 4, objetivo 4

Como escreve Francisco:

(...) É um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres. (LS 222)

A reflexão sobre como viver com empenho pessoal para edificar a sociedade, num educar para o amor e numa «cultura de vida» e de sobriedade, surgiu a partir da história de vida de S. Francisco e da sua alteração de comportamento – conversão –, conteúdo este trabalhado também a partir da LS do Papa Francisco, integrando, assim, situações reais e interesses dos alunos, concretizado através do jogo didático nos *Passos de...* que permitiu chegar à síntese da penúltima aula com a frase partilhada por todos: «um só mundo, um só projeto» e integrar assim a noção de ecologia integral, eixo fundamental da LS, trabalhada desde as primeiras aulas.

1.8 Percurso realizado

Tomar o tempo para esperar é também tomar o
tempo para construir.⁷⁶
Jorge Mario Bergoglio

O comportamento dos alunos foi marcado nesta UL por uma presença constante dos alunos em sala de aula. Assim, no decurso das dez aulas planificadas para a referida UL, uma delas realizada no exterior, registou-se apenas a ausência por doença de um aluno. O grupo turma de sete alunos, também permitiu uma gestão mais facilitada, mas a participação ordenada, com respeito pela vez de cada um em participar e saber escutar, dar tempo ao outro para participar foi um problema, inicialmente detetado. Com a introdução de um conjunto de regras, logo no início da lecionação da UL de referência, esta realidade melhorou. De qualquer modo, o reforço das regras foi feito de modo intercalado e o resultado foi positivo. Menos positivo foi o

⁷⁵ Meta curricular adicionada.

⁷⁶ Jorge Mario Bergoglio, *Educar para uma esperança ativa*, (Lisboa: Paulinas Editoras, 2015), 95.

relacionamento entre os alunos, que desde o início das aulas se dividiram em subgrupos, razão pela qual as estratégias aplicadas em sala de aula e nas atividades exteriores incidiram no fortalecimento do espírito de turma e equipa, no aumento da autoconfiança dos alunos menos participativos e na inclusão de todos.

Assim, as aprendizagens essenciais sentidas como prioritárias no início visaram a aquisição pelos alunos de capacidades de relacionamento e de saber estar uns com os outros, através do respeito e da colaboração, de modo a apreender os conteúdos propostos, bem como a consolidar as aprendizagens adquiridas. Para as diversas aulas foram criadas estratégias diversificadas, e mudanças de organização do espaço de sala de aula. Procurei que os alunos sentissem os problemas relacionados com a temática «Ecologia e Valores», imaginassem novas soluções, em ordem a agir e a construir a mudança, e que por fim partilhassem a sua história de mudança para contagiar e inspirar os outros, tendo como base a LS. Admirar, apreciar, estimar o que nos rodeia está intrinsecamente ligado aos nossos processos de perceber o mundo, de cuidar do mundo, e dos outros.

Assim, as estratégias de gestão de sala de aula e de transmissão de conteúdos utilizadas passaram por exemplos concretos de pessoas ou intuições que na sociedade assumiram a defesa da natureza, por software de apresentação, pequenos vídeos motivacionais, debates, trabalhos de grupo e jogos didáticos. Procurou-se o desenvolvimento da autonomia intelectual dos alunos; que eles adquiressem uma postura de protagonistas da ação educativa, ativa, participativa e reflexiva.

Neste sentido, foram igualmente encorajados a assumir posições diante das contradições que se lhes apresentaram; enfim, que fossem críticos da realidade.

Por outro lado, incentivei os alunos a tornarem-se «Guardiões da Terra»⁷⁷, pertencentes à nova GLS, a geração do cuidado com a terra e com os outros.

De facto, a escola do século XXI, procura cada vez mais melhorar o alcance das aprendizagens e já não faz sentido investir numa prática exclusiva de memorização de conceitos, e de ensino expositivo há que desenvolver capacidades, atitudes e emoções também. Por outro lado, a neurociência mostra que o desenvolvimento das habilidades socioemocionais e afetivas afetam direta e positivamente na aprendizagem.

Este caminho do observar e do sentir foi sendo desenvolvido ao longo da UL em sala de aula e também fora dela e os momentos de avaliação foram construídos com base nesta premissa. O modelo de avaliação escolhido para esta UL foi o portefólio constituído por pequenas fichas de

⁷⁷ Apropriação do nome do jogo de tabuleiro “Guardiões da Terra” lançado pelo *Lidl* no âmbito de uma campanha entre o dia 16 de setembro e 24 de novembro de 2019 e aproveitamento dos selos com pontos para entrega aos alunos.

trabalho em ordem à reflexão, a partir de frases, e imagens e de trabalhos de pesquisa. A par com este instrumento de avaliação, a participação em debates, os trabalhos a pares e os coletivos, foram também parte importante para a construção da avaliação, pelo que se privilegiou mais o processo que os resultados finais. A partir da terceira aula foi proposto um projeto de turma de construção de um mapa-múndi ecológico, em que todos estivessem envolvidos. Também conhecida como aprendizagem cooperativa, esta metodologia de aprendizagem permite que todos os membros que integram o grupo de trabalho colaboram para a concretização de um objetivo comum. Como nas aulas anteriores já tinham sido abordadas as noções introdutórias a esta temática, o projeto serviu para aprofundar os conhecimentos adquiridos e recriá-los. No trabalho de grupo, os alunos tiveram de analisar diferentes situações de degradação ambiental e social, identificar os problemas ecológicos daí decorrentes, e identificar também os locais no mapa. Cada grupo tinha à disposição imagens, recortes de revistas e um dossiê com artigos para ajudar na pesquisa dos problemas suscitados pelas fotografias. As regras da execução do trabalho foram indicadas, com a entrega de um guião de trabalho de modo a garantir que todos pudessem desempenhar tarefas e desenvolver a competência do trabalho cooperativo. Analisando o plano traçado faço um balanço positivo na medida em que os alunos estiveram bastante empenhados e participativos, demonstrando interesse pela atividade solicitada, espírito crítico e sentido de responsabilidade, que se refletiu no sucesso desta estratégia. Na aula assistida foi também utilizada, a metodologia de ensino do jogo didático, na tentativa não só de traçar uma aula mais atrativa e consolidar o já adquirido, mas que fosse também geradora de conhecimento e de coesão para o grupo. Acima de tudo, quis sempre que a aula fosse um espaço de partilha de experiências e de diálogo aberto, elemento constitutivo da própria identidade da EMRC. Também a atividade ecológica e de convívio *Green Christmas*, contabilizada como aula, serviu para passarem do projeto à consciência e da consciência à ação. Apesar de não ter sido possível a limpeza da praia de Oeiras, o encontro dos alunos num espaço cedido pela comunidade Shalom, no dia 16 de dezembro de 2019, permitiu a partilha com os alunos das restantes turmas de EMRC e Educação Moral e Religiosa Evangélica (EMRE),⁷⁸ cerca de setenta alunos, das aprendizagens adquiridas em sala de aula. Todos os alunos participantes do convívio de Natal foram desafiados, a partir do tema *Aproxima-te* proposto pelo Secretariado Diocesano do Ensino Religioso⁷⁹ para o ano letivo de 2019/2020 a criarem uma apresentação. Os alunos do núcleo de estágio apresentaram uma pequena peça de teatro sob o título «O cuidado com a casa comum», pelo que consolidaram a

⁷⁸ A partir de agora citado com a sigla EMRE.

⁷⁹ A partir de agora citado com a sigla SDER.

sua aprendizagem e a partilharam, possibilitando um momento de inspiração para todos os outros alunos.

Aos encarregados de educação foi também entregue uma curta informação sobre como seria a avaliação realizada em portefólio.

Os alunos foram tendo informações contínuas sobre o seu desenvolvimento e todos contribuíram, uns mais regularmente do que outros, para a construção do seu portefólio. Com o portefólio procurou-se que os alunos refletissem sobre o seu próprio trabalho. De facto, também a aprendizagem está dependente do esforço de cada aluno.

O educador estrutura a transmissão de conhecimento em espiral, com repetições diversificadas para a necessária consolidação dos conhecimentos, encorajando e dando apoio. Não obstante se não houver colaboração em prestar atenção, praticar e recordar, a aprendizagem faz-se mais dificilmente. Assim, a opção pelo portefólio permitiu introduzir pequenas avaliações regulares dos conhecimentos e assim foi mais fácil construir conhecimento sobre outro já trabalhado. Para a UL 4 foi igualmente elaborada uma grelha de observação⁸⁰ que permitiu recolher informações sobre o trabalho em sala de aula de cada aluno.

Em suma, o itinerário pedagógico da PES foi realizado através do dilema moral: se continuarmos com este estilo de vida – delapidação de recursos, alterações na biodiversidade, crescimento económico ilimitado, fé cega na ciência – precisaremos de um «Planeta B», que não existe, mas se optarmos por um estilo de vida diferente, assente no cuidado e no amor por toda a vida, na partilha da vida, na simplicidade e na colaboração entre todos, proposto pela LS viveremos melhor no presente e preservaremos o futuro das gerações vindouras. Só imaginando, sentindo, pensando, inovando é que criamos a realidade. Juntos, alunos e professoras ousámos pensar novos caminhos, a partir também da provocação presente na frase chave da LS: «Tudo está interligado». (LS 117)

Como refere Gonçalves: «a vida da terra é uma obra de arte, uma sinfonia, onde colaboram múltiplos autores e actores: a antureza, a humanidade, o tempo».⁸¹

O mapa deste itinerário foi complementado com a observação, com o prestar atenção à beleza, com o parar, admirar e contemplar o que é belo, com o agradecimento, com o sentir e refletir, com o pensar por si mesmos e em coletivo, e por fim, agir. O objetivo era que aprendizagem fosse transformadora, e proporcionasse experiências sociais e culturais, em contacto com a riqueza da condição humana cristã e dos seus valores evangélicos, tornando-os pessoas, mais

⁸⁰ Cf. Anexo 2 – Grelha de Observação.

⁸¹ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 12.

sensíveis, mais próximas e mais capazes de navegar na era da globalização, tendo os conteúdos da UL 4 como bússola para as suas ações diárias «pequenas ou grandes».

1.9 Avaliação do Percurso

Ao trabalhar a dimensão do transcendente, como proposta clara de um processo personalizador, a EMRC contribui especificamente para que a escola possa realizar a sua missão.⁸²

Juan Ambrosio

A PES como o último passo da formação académica acarretou uma responsabilidade acrescida, não só porque seria o último ano, no quadro legal vigente para finalizar a profissionalização, mas também porque teria à minha responsabilidade a lecionação da EMRC a uma turma constituída por adolescentes do 8.º ano de escolaridade, com características psicológicas específicas. Neste período mais sensível e ao mesmo tempo complexo da faixa etária dos 13 aos 14 anos, em que o estilo de vida dos alunos e o seu comportamento é influenciado pelos acontecimentos do seu quotidiano e da cultura vigente, e em que as opções são ilimitadas, os adolescentes já possuidores de uma maior capacidade de abstração, substituem progressivamente a ascendência da família pelo grupo de pares como fonte de referência das normas de conduta e de atribuição de estatuto, pelo que os adultos estão sempre a ser testados, e os professores não são exceção. Sabemos que a educação é, sempre, um instrumento de humanização, «sem medo de exagerar, podemos mesmo afirmar que o ser humano aprende a ser humano através da educação»⁸³, mas como fazê-lo na escola de hoje para os jovens de hoje? Como transmitir aos jovens que a escola é o meio para o desenvolvimento da sociedade? E que a EMRC os ajudará nesse processo?

Estas interpelações estiveram sempre presentes nas planificações, isto é, considerei sempre as suas motivações, interesses e experiência pessoal e as finalidades da unidade curricular para depois construir e planificar a aula, mas tendo, também, em perspetiva que as mesmas fossem relevantes para a aprendizagem e para o desenvolvimento integral da formação do aluno, e de abertura ao religioso, finalidade maior da EMRC.

⁸² Juan Ambrosio, «As religiões na escola», *Revista Portuguesa de Ciências das Religiões*, ano I, 2002/2, (2002) 62.

⁸³ Ambrosio, «As religiões na escola», 62.

A relação pedagógica com os alunos fluiu positivamente baseada numa postura de acolhimento, diálogo e proximidade. Gradualmente, fui ganhando confiança e serenidade para conseguir um clima de bem-estar e segurança na leção.

Tal facto, permitiu o equilíbrio necessário para ser mais objetiva e segura na sala de aula, tendo sempre como horizonte o específico da EMRC, e assim construir a relação com os alunos.

No entanto, em virtude da existência de subgrupos na turma, nem sempre existiu envolvimento de todos os alunos de um modo uniforme e constante na aprendizagem, pelo que as estratégias aplicadas na sala de aula tiveram sempre este facto em consideração.

A Covid-19, veio por um ponto final a este trabalho de desenvolvimento de competências sociais para tornar a turma mais capaz de saber trabalhar em equipa, apesar das diferenças, de aprenderem a viver e conviver juntos, em relação, *core* da EMRC. Durante a PES, procurei que a aprendizagem fosse significativa e que fizesse sentido para os alunos, pelo que insisti na vertente mais prática de corresponsabilização da atuação para a construção de um mundo melhor, com mais humanidade e justiça social na direção do bem comum, através das duas unidades letivas selecionadas para a PES «Ecologia e Valores» e «Liberdade».

De facto, é necessário que os professores indiquem aos alunos como é que as competências aprendidas num determinado contexto serão aplicáveis noutras situações. Os professores deveriam incluir no seu ensino estratégias metacognitivas para facilitar a transferência, ao mesmo tempo que os conhecimentos de base que desejam transmitir. Estas estratégias podem e devem ser modeladas pelos professores. Devem também sugerir estratégias que facilitem as respostas às questões colocadas. Por isso o objetivo foi sempre de desenvolver atitudes e praticar o cuidado com os outros, com a natureza; a casa de todos.

Assim, ao longo da PES senti uma evolução na gestão da sala de aula e na gestão do currículo, através das orientações dadas pela Dra. Luísa Carvalho, e pela observação da sua atuação em sala de aula.

A sua capacidade de apropriação do pensamento dos alunos sobre os conteúdos da aula, a maneira como os incorporava logo na reflexão inicial para transitar para o momento seguinte da aula, a gestão eficaz do tempo de aula, o olhar cirúrgico para o currículo da EMRC de modo a ir ao encontro não do conteúdo, mas da meta curricular, a maneira pronta como geria as várias situações novas que iam acontecendo, o modo como dividia a aula em vários momentos para chegar à síntese final sem quebra de ritmo e cadência, e a abertura à visão que os alunos têm do mundo. Foram realidades observadas e incorporadas na prática letiva.

A possibilidade de visualizar a leção da orientadora cooperante durante a primeira UL «O Amor» foi importante para aprender estas estratégias de gestão de sala de aula, e para balizar a atividade enquanto docente estagiária.

Como refere Maria do Céu Roldão, investigadora na área da educação «a ação educativa é um processo de gestão e de permanente tomada de decisões»⁸⁴ e refere ainda mais adiante «trata-se de reduzir o campo de ação para agir melhor, sem deixar de perspetivar o global»⁸⁵. Planear, acrescenta a autora «implica hoje cada vez mais prever a contingência e preparar-se para lhe dar resposta caso a caso».⁸⁶

Aprendizagens a reter no futuro: analisar deliberadamente o currículo, manter um pensamento estratégico de seleção e decisão, ser flexível, aprender a saber refletir sobre a aula lecionada, centrar o ensino no binómio aluno–professor, fomentando a autonomia do aluno, manter a relação pedagógica baseada num clima de confiança, de diálogo, respeito e serenidade.

Em suma, ser um professor reflexivo e afetivo, com capacidade relacional que atua «descobrimo problemas e saídas, inventando e experimentando novas soluções e adaptando-se constantemente»,⁸⁷ na procura de desenvolver tanto a dimensão profissional, social e ética, como o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, reforçando a participação na escola e a relação com toda a comunidade educativa.

1.10 Questões Emergentes: Ecologia Integral

A esperança começa com o «tu». Quando há o
«nós», começa uma revolução.

Conferência TED, Vaticano-Vancouver, Canadá
Papa Francisco, 26 de abril de 2017

Após reflexão sobre o caminho escolhido na PES, emerge a questão principal: Que caminhos explorar com os alunos, através da LS para «avançar numa corajosa revolução cultural»? (LS 114)

Diz Francisco:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas

⁸⁴ Maria do Céu Roldão, *Gestão Curricular - Fundamentos e Práticas* (Lisboa: Ministério da Educação, 1999), 22.

⁸⁵ Roldão, *Gestão Curricular - Fundamentos e Práticas*, 22.

⁸⁶ Roldão, *Gestão Curricular - Fundamentos e Práticas*, 22.

⁸⁷ Peter Woods, «Aspetos sociais da criatividade do professor», em António Novoa, *Profissão Professor*, (Porto: Porto Editora, 1999), 129.

ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece, é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial. (LS 111)

E continua no parágrafo 118: «Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia»: Como criar, então, esta proximidade, esta relação fraterna entre os seres humanos e natureza? Como criar este olhar ecológico integral face ao espírito do tempo? Como fazer sentir nos alunos a interligação entre: natureza, ser humano, Deus ? Como fazer sentir que só juntos e em colaboração conseguimos passar para uma nova evolução da humanidade de amizade social e paz ? A categoria da ecologia integral que atravessa a LS poderá ser a via para esta nova consciência axiológica, e os jovens, os que arriscam, os inovadores, são aqueles que a colocam em prática e inspiram os outros a agir.

Francisco de Roma coloca-se na esteira de Francisco de Assis para explicar a importância de uma ecologia integral que se torna um novo modelo de justiça, em que a preocupação com a natureza, a equidade para com os pobres, os compromissos com a sociedade e a paz são inseparáveis. Aliás, Francisco afirma que nas narrações bíblicas antigas «já estava contida a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros». (LS 70)

Tendo, assim, como pano de fundo a ideia de que tudo está interligado, e que as dimensões humana, social, cultural, económica e ambiental da vida e das crises que vivemos não estão separadas, Francisco reconhece que há «uma única e complexa crise ambiental e social». (LS 139)

Deste modo, «o que está a acontecer à nossa casa»⁸⁸ fruto da ação humana, que afeta em primeiro lugar os mais frágeis e pobres, Francisco faz um apelo a uma conversão ecológica, assente no diálogo entre todos os saberes – abordagem integral – e «uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio» (LS 11) procurando antes promover uma ética do cuidado e da ternura, essência do ser humano: «Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS 67), logo somos responsáveis por ela.

Por outro lado, como se expressa o pontífice: «Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura,

⁸⁸ Título do Capítulo I da LS, no qual se elenca os múltiplos problemas ambientais e humanos atuais.

compaixão e preocupação pelos seres humanos», ou seja, uma ecologia integral como expressão do amor, amor pelos outros e pelo mundo. (LS 91)

Ainda, segundo a Encíclica esta mudança, este apelo à colaboração é dirigido a todos. Para Francisco impera nesta mudança a exigência de um «nós»: «Todos podemos colaborar, como instrumentos de Deus, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas, capacidades» (LS 14), no respeito pelo princípio do bem comum, como caminho e meta.

Por isso, também a categoria do bem comum e de um «nós», «de nova solidariedade universal» (LS 14), poderá ser nos dias de hoje uma possibilidade – uma utopia –, de projeto comum para salvaguarda de um destino pertença de todos e das gerações futuras. «Uma ecologia integral», como refere o parágrafo 159 da LS, «pressupõe esta perspectiva ampla» o que implica uma abordagem holística, integrando o ambiente, a economia, o social, a ética e a cultura.

Como questão emergente ainda, no parágrafo 92 da LS, Francisco ao sublinhar a ideia de interconexão, levanta a questão da origem comum – «formamos uma espécie de família universal» – como base para uma solidariedade, cooperação e fraternidade universal:

Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra. (LS 92)

Em suma, a partir da LS e da sua categoria de ecologia integral, descrita no n. 15 como «uma ecologia que nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia» sugerem-se coordenadas para o desenvolvimento das sementes da GLS, uma geração mais sensível ao mundo e aos outros, com um coração, mais aberto, mais amplo capaz de abraçar tudo e a todos, mudança essa a começar nas escolas, nas famílias, nas comunidades locais, na sociedade civil.

Então, como iniciar, este caminho na escola envolvendo a família? Que caminho seguir, para escutarem a voz da Terra e a voz dos mais frágeis? Que mudanças teremos de fazer, para que haja harmonia e compromisso com os ritmos da natureza e da vida humana?

No próximo capítulo apresento, brevemente, uma radiografia da contemporaneidade e uma via possível para o crescimento das sementes da GLS, na escola, a partir das raízes da LS, da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*⁸⁹ – Sobre a Fraternidade e a Amizade Social, de 2020 e da Exortação Apostólica *Laudate Deum*⁹⁰ – A todas as Pessoas de Boa Vontade sobre a Crise Climática, de 2023. O itinerário iniciar-se-á pelo maravilhamento face ao mundo e aos outros, acentuando o

⁸⁹ A partir de agora citado com a sigla FT.

⁹⁰ A partir de agora citado com a sigla LD.

valor próprio de cada criatura, a nossa origem e destino comum, na convicção de que na «casa comum» tudo está ligado: «Por isso exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade». (LS 91)

A partir destes degraus, o caminho será desenvolver uma consciência crítica para a mudança através da colaboração, numa «cultura de cuidado» (LS 231), com apelo ao bem comum e à paz, numa visão e ação que integrem várias vozes, incentivando à participação, à subsidiariedade e à solidariedade, princípios fundamentais da Doutrina Social da Igreja. (DSI)⁹¹

⁹¹ A partir de agora citado com a sigla DSI.

CAPÍTULO 2 – CONSTRUIR AS SEMENTES DA GLS

2.1 Introdução

A adolescência confronta-se com a problemática do «eu» na sua relação com o mundo. Os grandes ideais de «salvar o mundo» emergem aqui e prolongam-se para além dos 17 anos. O compromisso planetário, a preservação ambiental e o conhecimento concreto implicados no desejo de salvação do planeta serão os conceitos modeladores desta fase.⁹²

Maria José Varandas

O objetivo do capítulo dois é apresentar a Encíclica *Laudato si'* – *Sobre o cuidado com a «casa comum»*, como um documento capaz de trazer um novo olhar sobre a realidade diante de uma globalização que «nivela as diferenças e sufoca a localização».⁹³ O texto da LS propõe a formação de uma cultura ecológica holística, com novos pensamentos, novos estilos de vida, abordagens culturais integrais, e políticas educativas no caminho para uma humanidade mais atenta, cuidadora do mundo natural e dos que mais necessitam. Uma humanidade, mais interligada e corresponsável, tendo presente que o destino do ser humano não está desligado do destino da «casa comum». A LS, procura, em suma, encontrar o sentido da própria existência da humanidade no mundo, o que pressupõe também uma nova antropologia, e alarga o conceito da visão teológica atual, ao introduzir a ideia de ecologia integral, baseada numa visão sistémica e relacional, fundamentada na relação entre Trindade e criação.

Como refere, Francisco na mensagem do Dia Mundial da Paz a 1 de janeiro de 2021:

A Encíclica *Laudato si'* reconhece plenamente a interconexão de toda a realidade criada, destacando a exigência de ouvir ao mesmo tempo o grito dos necessitados e o da criação. Desta escuta atenta e constante pode nascer um cuidado eficaz da terra, nossa casa comum, e dos pobres.⁹⁴

⁹² Maria José Varandas, «Da Percepção Estética da Natureza à Acção – Uma Pedagogia Ambiental», *Kairos. Journal of Philosophy & Science*, vol. 21, no.1, 2019, 96-115. <https://doi.org/10.2478/kjps-2019-0005>.

⁹³ Francisco, Discurso aos participantes da Plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, maio de 2019, acedida a 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190502_plenaria-scienze-sociali.html.

⁹⁴ Francisco, Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2021, acedido a 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.pdf.

Assim, em primeiro lugar, farei um breve exame da realidade ecológica, humana e social, atual. Após este enquadramento, analisarei brevemente a Encíclica LS e por último apresentarei um caminho educativo assente em sete palavras-chave para criar as sementes de uma GLS na escola: Espanto; humanidade comum; «casa comum»; destino comum; relação; mudança; bem comum. Com este itinerário, deixar as sementes da transformação para uma sociedade mais cuidadora e conectada com a natureza e com os outros, assente num paradigma ético, capaz de reunir o ser humano à Terra, o humano ao «ser-com», a consciência ao agir.

Como descreve o filósofo catalão Jordi Pigem, no prefácio do livro de Raimon Panikar, *Ecosofia, La sabiduría de la Tierra* «De cada um de nós depende se nos harmonizamos com a Terra ou nos alienamos com o tecnocapitalismo».⁹⁵

Assim, cada família, cada professor, cada comunidade, cabe dar voz e acarinhar as novas gerações, para que todos, como acentua Francisco, possamos imaginar e construir o futuro deste planeta «numa nova solidariedade universal, numa sociedade mais acolhedora»,⁹⁶ na nossa «casa comum», capaz de integrar a diversidade e «unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar». (LS 13)

Neste cenário, a LS aparece como chave de escolhas educativas, projeto de vida e fonte de esperança, para que todos «tenham vida e a tenham em abundância». (Jo 10, 10)

2.2 O tempo presente

Estamos neste momento, no ponto onde duas estradas divergem (...). A que vimos percorrendo há muito é enganadoramente fácil, uma imensa auto-estrada lisa, onde avançamos a grande velocidade, mas em cujo final está o desastre. O outro braço da bifurcação da estrada – a «menos percorrida» – oferece-nos a última, a única hipótese de chegarmos a um destino que garanta a preservação da nossa Terra.⁹⁷

⁹⁵ Cf. Raimon Panikar, *Ecosofia, La sabedoria de la Tierra*, (Barcelona: Fragmenta Editorial, 2021), 25: “Podemos chamar tecnocapitalismo, a um capitalismo propulsado pela atual orgia de desenvolvimento tecnológico. O tecnocapitalismo manifesta-se em todo o tipo de âmbitos, como nas tecnologias da (des) informação, e da (in) comunicação (Google, Microsoft, Apple, Facebook) no comercio global incessante (Amazon), na especulação financeira (JP Morgan Chase, BlackRock) na exploração dos solos e das plantas (Monsanto) e na exploração dos céus (SpaceX)”.

⁹⁶ Francisco, mensagem para o lançamento do Pacto Educativo, Vaticano, 12 de setembro de 2019, acedido a 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html.

⁹⁷ Rachel Carson, <https://www.almedina.net/primavera-silenciosa-1676551220.html>.

Para descrever a complexidade e pensamento do mundo atual o centenário Edgar Morin, na Conferência dada em Lisboa, em setembro de 2023, na Fundação Oriente, utilizou a seguinte expressão: «navegamos num imenso oceano de incertezas, onde existem apenas ilhas para nos irmos reabastecendo»,⁹⁸ ainda segundo o pensador a nossa civilização está ameaçada: «não é apenas, uma degradação da natureza, mas uma degradação conjunta da nossa civilização, vive-se um movimento de regressão histórico». Nesse sentido, Cerqueira Gonçalves a propósito da nossa relação de superioridade com a natureza, assinala: «A humanidade, depois de tantos êxitos, de que a idade moderna sobretudo se gloria, parece sentir-se novamente enredada em esconsos labirintos de tragédia».⁹⁹

De facto, hoje vivemos, numa encruzilhada histórica, e se é certo que em todas as épocas houve crises, dificuldades e necessidade de encontrar outros caminhos, estamos atualmente visivelmente conscientes, face ao «aumento da frequência e intensidade de eventos climáticos extremos»¹⁰⁰ vividos nos últimos anos, que o «risco das alterações climáticas, o risco inerente à produção do alimento e o risco da perda da biodiversidade»¹⁰¹ provocados pela atividade humana de exploração e subjugação da natureza, configuram uma ameaça à vida e ao Planeta, e exigem de nós, comunidade civil, eclesial e política, reflexões, decisões e ações multilaterais. Conforme, refere o Papa Francisco na exortação apostólica LD: «A Origem humana – antrópica – da mudança climática já não se pode pôr em dúvida», (LS 16) o ser humano, está de facto, a mudar a face do planeta: a modelar o solo da Terra e a atmosfera em larga escala. Ano após ano, a humanidade consome mais recursos naturais do que a natureza consegue providenciar, e é cada vez maior a concentração de «gases com efeito estufa (GEE)»¹⁰² na atmosfera, na poluição do ar, no solo e na água, apesar do recuo¹⁰³ dos GEE verificado no ano de 2023, ao nível da União Europeia.

⁹⁸ Intervenção de Edgar Morin, na conferência sob o título “O Atlântico - A Nova Carta do Humanismo”, destinada a assinalar os 27 anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), acedido a 9 de setembro de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=PFiAcHAPxhE>.

⁹⁹ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 53.

¹⁰⁰ Ondas de calor, chuvas torrenciais, secas prolongadas, fogos florestais, inundações, deslizamentos de terras, aumentos da temperatura ártica, avalanches e ondas de tempestade: furacões, ciclones.

¹⁰¹ Maria Amélia Martins-Loução, *Riscos Globais e Biodiversidade* (Lisboa: Ensaio da Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021), 19.

¹⁰² 64% do efeito de aquecimento global reflete o excesso de emissões de dióxido de carbono.

Segundo a Organização Meteorológica Mundial, estamos a caminho de um aumento da temperatura média global bem acima das metas do Acordo de Paris. Pela primeira vez em 2022, a concentração média global de CO₂, foi 50% superior à que existia antes da Revolução Industrial, fronteira que costuma ser marcada por volta do ano 1750. <https://www.publico.pt/2023/11/15/azul/noticia/concentracao-gases-efeito-estufa-atmosfera-tao-alta-2070330>.

¹⁰³ European Environment Agency, acedido a 7 de agosto de 2024, <https://www.eea.europa.eu/pt/highlights/as-emissoes-de-gases-com>.

Segundo, a Organização Meteorológica Mundial, estamos a caminho de um aumento da temperatura média global bem acima das metas definidas e acordadas no Acordo de Paris.¹⁰⁴ Consequentemente, pela primeira vez na história humana, «o desequilíbrio global causado pelo aquecimento do planeta» (LD 7) está a provocar mudanças aceleradas e permanentes nas características ambientais¹⁰⁵ que afetam toda a humanidade, «com impactos mais gravosos sobre a segurança e vida das populações incluindo a generalidade dos sectores socioeconómicos»,¹⁰⁶ mas com particular incidência nas populações mais pobres e vulneráveis, na Ásia e na África. A atividade antrópica produziu um oxímoro, a realidade «é que uma reduzida percentagem mais rica do planeta polui mais do que 50% mais pobre de toda a população mundial». (LD 9)

Assim, globalmente, hoje, estamos cada vez mais afastados do sonho de uma sociedade mais justa, e enfrentamos uma crise humana, ecológica e climática mundial, com várias «Fronteiras Planetárias»¹⁰⁷ a serem ultrapassadas – mudanças climáticas, integridade da biosfera, mudanças no sistema terrestre (ciclo de água), fluxos biogeoquímicos, novas entidades (microplásticos) – que colocam em risco o próprio sistema que sustenta a vida. Para a teóloga Isabel Varanda, estas «Fronteiras Planetárias» poderiam funcionar «como algoritmos básicos, por exemplo ao nível da educação das gerações presentes e nascentes».¹⁰⁸

Logo, refletir e agir em conjunto no sentido do desenvolvimento comum da humanidade, e do reconhecimento da vulnerabilidade do ser humano e da Terra, é necessário para que se possa evoluir para uma relação de respeito, de consideração pela vida e pela Terra, num cuidado com o mundo, rumo a uma comunhão com as naturezas. Como refere Cerqueira Gonçalves, «a construção do universo, o cuidado com o mundo é prioritário e constitutivo».¹⁰⁹

Apesar da resistência por parte das grandes potências económicas, face à crise climática global, estamos num momento de viragem, «nota-se uma crescente sensibilidade relativamente ao meio ambiente e ao cuidado da natureza», (LS 19) na busca de uma consciência comum que nos faça perceber que nós somos parte de um todo, de um modo de ser e habitar a Terra que permita a

¹⁰⁴ Em 2015 realizou-se o Acordo de Paris – COP 21, cujo objetivo foi manter o aumento das temperaturas médias globais abaixo dos 2°C, relativamente aos níveis pré-industriais.

¹⁰⁵ Eventos meteorológicos extremos, aumento do nível médio global do mar, acidificação dos oceanos, aumento da temperatura média das águas oceânicas superficiais, diminuição das calotas polares.

¹⁰⁶ Filipe Duarte Santos, *Alterações Climáticas* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021), 40.

¹⁰⁷ De acordo com o estudo da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, que foi divulgado dia 13 de setembro de 2023, seis dos nove limites planetários fundamentais para um planeta seguro e estável foram ultrapassados, acessado a 7 de agosto de 2024. <https://umsoplaneta.globo.com/biodiversidade/noticia/2023/09/14/sos-terra-humanidade-ultrapassou-seis-das-nove-fronteiras-planetarias-que-tornam-a-vida-possivel-alertam-cientistas.ghml>.

¹⁰⁸ Maria Isabel Pereira Varanda, «Novos Paradigmas Ecoteleológicos em Tempos de Risco: Ciência e Ecologia em diálogo com a teologia», *Perspetivas Teológicas, Belo Horizonte*, v. 54, n. 2, (2022): 443-459.

¹⁰⁹ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a Cultura Ocidental em questão*, 12.

sua estabilidade e resiliência. De facto, como sublinha o teólogo suíço Hans Kung, «o nosso planeta não irá sobreviver se não houver um ethos global, uma ética para o mundo inteiro».¹¹⁰ A visão crítica da bióloga Maria Amélia Martins-Loução sobre *Riscos Globais e Biodiversidade* da Fundação Francisco Manuel dos Santos adverte, também que os eventos extremos: «relacionados com o clima, exercem elevados impactes na saúde humana, na economia e nos ecossistemas», ou seja, como acentua o Papa Francisco «tudo está estreitamente interligado no mundo». (LS 91)

O filósofo norte-americano Stephen Gardiner, na sua obra, escrita em 2011 – «Uma tempestade moral perfeita: a tragédia ética das mudanças climáticas» – ilumina a nossa atual inércia face ao desrespeito pela nossa «casa comum», colocando a crise ambiental sob uma nova luz ao considerá-la como uma situação moral, uma falha ética humana.

Para o filósofo a questão de partida radica em não sabermos identificar ou reconhecer o tipo de problema com que lidamos. Segundo o filósofo há que partir da assunção de que a questão ambiental é um problema de corrupção moral¹¹¹ nas suas várias formas: hipocrisia, ilusão, complacência, distração ou ainda de soluções às quais o filósofo apelida de soluções «sombra» como o recurso à engenharia climática. A realidade é ainda mais complexa, acrescenta o autor, uma vez que os efeitos negativos da ação humana só se visualizam posteriormente aos danos realizados, acontecem em diferentes cenários, e por último, como afirma Gardiner, manifestam-se no mundo real sob várias formas: problemas sociais, migrações, contaminação nuclear.

O pensamento de Gardiner sobre este tema é trazido à colação pela bióloga Maria Amélia Martins – Loução:

Segundo o filósofo Stephen Gardiner, as alterações climáticas podem ser consideradas uma tempestade moral pelos desafios éticos que arrastam a nível global, intergeracional e ecológico. Global, porque as emissões de gases com efeito de estufa, responsáveis pelas alterações climáticas, produzem efeitos globais e não incidem apenas sobre os locais emissores. Intergeracional, porque os gases permanecem na atmosfera por um tempo de vida que ultrapassa várias gerações populacionais. Ecológico, porque o poder económico, dependente da produção de fontes poluidoras, está a hipotecar o ambiente que sustenta o equilíbrio natural e as gerações vindouras.¹¹²

¹¹⁰ Hans Küng, «Religiões do Mundo – Em busca dos pontos comuns», acessido a 9 de agosto de 2024, <https://www.cnc.pt/religioes-do-mundo-em-busca-dos-pontos-comuns-de-hans-kung/>.

¹¹¹ Cf. Stephen Gardiner Talks Climate Ethics and more. Cambridge Global Conversations (CGC) Climate Ethics event at Jesus College, Cambridge, in July de 2019, acessido a 10 de setembro de 2023. <https://vimeo.com/376304243?signup=true>.

¹¹² Martins-Loução, *Riscos Globais e Biodiversidade*, 19.

Com efeito, se não melhorarmos o nível de implementação, acordado nas Conferências do Clima,¹¹³ se continuarmos a usar os mesmos métodos extrativistas,¹¹⁴ a ter os mesmos comportamentos e atitudes de domínio e exploração na nossa relação com a Terra e com a natureza, os efeitos no clima, na biodiversidade, nos ecossistemas serão funestos e prolongados no tempo, com riscos também para a nossa civilização. Com base na melhor informação científica disponível, mantida a via atual, a qualidade da vida humana sofrerá uma substancial degradação por volta de 2050.¹¹⁵

Há que ter, pois, visão, colaboração global e realização prática, numa ótica de solidariedade de todos para todos, com assunção de responsabilidades pelos países industrializados face aos países em vias de desenvolvimento,¹¹⁶ «uma vez que há responsabilidades comuns, mas diferenciadas» (LS 170) e de responsabilização pelos impactos ambientais nas futuras gerações. Já a visão do Papa João Paulo II, em 2006, apontava nesse sentido ao afirmar na Conferência Internacional sobre a Globalização que «O desafio que permanece é o de dar vida a uma globalização solidária, percebendo as causas dos desequilíbrios económicos e sociais, definindo soluções que assegurem a todos um futuro de solidariedade e de esperança».¹¹⁷

O desafio de construir uma globalização solidária permanece, passa por um lado, por criar economias circulares, criar fundos para a adaptação à transição ecológica, ressarcimento da «dívida ecológica»¹¹⁸ ou perdão da dívida externa dos países do sul, supervisões, implementação de sanções pelo não cumprimento das metas estabelecidas nos Acordos do Clima. Por outro lado, é necessário também concretizar atitudes de responsabilização e cuidado, novos estilos de vida, novos quadros jurídicos, acordos e parcerias a nível local e global suscetíveis de gerar respostas efetivas, menos lentas, criadoras de solidariedade entre os povos. Deste modo, a via será aprofundar a globalização da solidariedade e não a globalização da indiferença e do materialismo, num caminho para o bem comum, «de tal modo que a ética

¹¹³ A COP é o órgão supremo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a «Mudança do Clima». Reúne anualmente todos os países com assento na ONU, desde 1995. A primeira COP, realizou-se em Berlim. O primeiro tratado global para controle da emissão de gases de efeito estufa na atmosfera aconteceu em Quioto, Japão, em 1997 - COP 3. A última COP, a COP 28 realizou-se de 30 de novembro a 12 de dezembro de 2023 na Expo City, Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

¹¹⁴ Extração do petróleo, minérios, e atualmente o caso da mineração profunda dos oceanos, disputas internacionais pelo Ártico e pela Lua.

¹¹⁵ Scientific Consensus on Maintaining Humanity's Life Support Systems in the 21st Century, Information for Policy Makers, acedido a 10 de setembro de 2023, https://consensusforaction.stanford.edu/see-scientific-consensus/consensus_english.pdf.

¹¹⁶ A COP 27 realizada, em Sharm El Sheikh, no Egito, criou um fundo de perdas e danos para apoiar as comunidades mais impactadas pelas mudanças climáticas. Sem aplicação efetiva, atualmente, pois falta apurar a “responsabilidade concreta dos países que devem contribuir” (LD 51).

¹¹⁷ *Ecclesia*, 3 de abril de 2006, acedido a 10 de agosto de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/papa-defende-globalizacao-da-solidariedade/>.

¹¹⁸ A dívida ecológica é a dívida que os países do Norte têm com os povos e países do Sul. É uma responsabilidade com o planeta devido à destruição gradual como efeito das formas de produção e consumo.

prevaleça sobre os interesses locais ou contingentes», (LD 39) uma vez que «na prática, continuamos a admitir que alguns», seres humanos, se «sintam mais humanos que outros, como se tivessem nascido com maiores direitos». (LS 90)

Como refere a bióloga Maria Amélia Martins, suportada pelos relatórios do IPCC e pela IPBES, na já citada obra:

Os relatórios do IPCC descrevem inúmeros impactes negativos e alertam para a necessidade de a sociedade e as autoridades públicas se adaptarem a um clima em mudança. Mas também os sucessivos alertas da IPBES têm vindo a mostrar o papel do Homem, enquanto modelador da paisagem e gestor de espécies nos ecossistemas como responsável pelos problemas ambientais e sociais que hoje enfrentamos a nível global.¹¹⁹

Com efeito, apesar da perceção generalizada da relevância dos direitos humanos e do valor da vida humana, o mundo enfrenta hoje, uma diversidade de «eventos extremos»: surgimento de pandemias sanitárias, guerras, conflitos armados locais e regionais violentos, guerras económicas internacionais, intimidação nuclear, inflação, crise das democracias, corrupção, intolerância cultural e religiosa, surgimento de novos blocos de poder com pendor autocrático, subversão das instituições democráticas, aumento sem precedentes nos últimos dois anos das despesas militares na Europa, acumulação e reprodução de capital ao invés de redistribuição de riqueza, que colocam desafios à Terra e à vida a nível planetário.

Como refere Isabel Varanda no seu artigo *Novos Paradigmas Ecoteleológicos em Tempos de Risco: Ciência e Ecologia em diálogo com a Teologia* escrito em plena pandemia Sars-Cov-2:

A atual «dessincronização sistémica» dos fenómenos planetários é um momento epistemológico sem precedentes na nossa história, em razão da globalização do sobressalto existencial, epistémico e ético que desencadeia. Torna-se imperativo, portanto, um trabalho de lucidez, discernimento e consideração, a partir da leitura e conhecimento da fenomenologia do tempo presente.¹²⁰

Também, nesse sentido, o Papa Francisco ao refletir sobre o modo de vida das sociedades ocidentais refere que: «Vivemos numa mudança epocal: uma metamorfose não só cultural, mas também antropológica, que gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas recebidos da história».¹²¹

No entanto, sabemos que, fruto da globalização, dos avanços tecnológicos e do crescimento económico, a percentagem da população mundial nos dois últimos séculos a viver em situação

¹¹⁹ Martins-Loução, *Riscos Globais e Biodiversidade*, 13.

¹²⁰ Varanda, «Novos Paradigmas Ecoteleológicos em Tempos de Risco: Ciência e Ecologia em diálogo com a teologia», 443-459.

¹²¹ Francisco, Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo, a 12 de setembro de 2019, 10 de agosto de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html.

de miséria declinou e a qualidade de vida melhorou.¹²² Foram feitos, de facto, grandes progressos ao nível da erradicação da fome; da investigação científica na área da saúde; da diminuição da mortalidade infantil; do aumento da esperança de vida; do acesso à educação e aos cuidados de saúde; avanços nos direitos humanos e de igualdade; aumento da consciência ecológica. António Damásio, neurocientista português, na sua obra «A estranha ordem das coisas» acentua esta ideia ao referir que «os tempos em que vivemos poderiam ser a melhor das épocas para se estar vivo».

Porém, desde a mudança do milénio, a guerra, as desigualdades planetárias, a exclusão social, a solidão, o extremismo político, a exclusão dos recursos de grande parte da população, a insegurança alimentar, as migrações, os custos ambientais, as perdas da biodiversidade têm aumentado, sujeitando o ser humano «a uma experiência de vulnerabilidade global, jamais vivida, agravada pelo Sars-Cov-2, e pelas atuais guerras no mundo: na Ucrânia, no Sudão, no Haiti, em Gaza, no Líbano.

Deste modo, coexistem na civilização do bem-estar social e da abundância, a guerra, a fome, a pobreza multidimensional,¹²³ a escravatura, o terrorismo, o narcotráfico, os conflitos sociais e armados, o risco ecológico global.

Como se refere no texto da Congregação para a Educação Católica «Educar ao Humanismo Solidário»:

Por um lado, a globalização multiplicou as oportunidades de crescimento e abriu as relações sociais para novas e inéditas possibilidades. Por outro, além de alguns benefícios, esta causou desigualdades, explorações, além de levar, de modo perverso, alguns povos a sofrer uma exclusão dramática dos âmbitos do bem-estar. Uma globalização sem visão, sem esperança, sem uma mensagem que seja, ao mesmo tempo, anúncio e vida concreta, está destinada a produzir conflitos e a gerar sofrimentos e misérias.¹²⁴

Também Francisco na LS critica este modelo de globalização económico-financeira de – extrai– produz–descarta, ao referir que o objetivo: «é extrair o máximo possível das coisas por

¹²² A taxa de mortalidade infantil tem vindo a decair desde 1995, é um dos indicadores mais consagrados mundialmente, sendo utilizado, internacionalmente como indicador de qualidade de vida e desenvolvimento, por expressar a situação de saúde de uma comunidade e as desigualdades de saúde entre grupos sociais e regiões. Acedido a 10 de agosto de 2023, <https://news.un.org/pt/story/2023/01/1807842>.

¹²³ Human Development Reports, 2022 Global Multidimensional Poverty Index (MPI), acedido a 10 de agosto de 2023, <https://hdr.undp.org/content/2022-global-multidimensional-poverty-index-mpi#/indicies/MPI>. A partir do Índice da Pobreza Multidimensional (MPI) de 2022 a ONU estima que 1,2 bilhão de pessoas vivem em diversas dimensões de pobreza.

¹²⁴ Congregação Para a Educação Católica, «Educar ao Humanismo Solidário, Para construir uma “civilização do amor” 50 anos após a *Populorum progressio*, Orientações», abril de 2017, acedido a 23 de setembro de 2023, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_edu-care-umanesimo-solidale_po.html.

imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à frente». (LS 106)

Refira-se ainda o discurso do Santo Padre aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé, no qual o pontífice acentua a «memória curta» da humanidade que esquece o desejo de paz e renovação após a II Guerra Mundial:

Oitenta anos depois, o impulso para tal «renovação profunda» parece ter-se esgotado, e o mundo é atravessado por um número crescente de conflitos que estão lentamente a transformar aquela que tenho repetidamente definido como «terceira guerra mundial aos pedaços» num verdadeiro conflito global.¹²⁵

Em suma, vivemos «uma tempestade moral perfeita», uma policrise, que «hoje ensombram a nossa aventura coletiva: crise ambiental, crise económica, crise das democracias e crise da globalização»,¹²⁶ como refere Morin.

Por outro lado, a visão de que a ciência, o tecnocapitalismo e a biotecnociência nos darão a possibilidade de um horizonte otimista, e de um crescimento infinito aliado a um poder ilimitado do ser humano, subsiste, «como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia» (LS 105) e como se os recursos do planeta não fossem finitos.

Cerqueira Gonçalves, ao descrever a cultura «como a atividade de transformação da realidade» salienta que:

Uma visão cientificista da cultura, com propensão a reduzir esta ao modelo da ciência, privilegia nesse movimento global, o vector de universalização, que sufoca as diferenças, estabelecendo, convencionalmente, uma universalidade vazia, abstrata, onde não tem lugar nem a diversidade singular qualitativa nem, por consequência, a diferenciação temporal.¹²⁷

O necessário será não a lógica de redução da cultura à ciência, conferindo «omnímoda importância à ciência e à técnica», mas «o enraizamento da ciência na cultura» como refere o teólogo. De facto, na era da inteligência artificial,¹²⁸ com a desvinculação das relações sociais

¹²⁵ Francisco, Discurso aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé, no dia 8 de janeiro de 2024, acessado a 25 de julho de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/january/documents/20240108-corpo-diplomatico.html>.

¹²⁶ Edgar Morin, Intervenção na conferência sob o título “O Atlântico - A Nova Carta do Humanismo”, destinada a assinalar os 27 anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), acessado a 9 de setembro de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=PFiAcHAPxhE>.

¹²⁷ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 17.

¹²⁸ A 4.ª Revolução acontece após três processos históricos transformadores. A primeira marcou o ritmo da produção manual à mecanizada, entre 1760 e 1830. A segunda, por volta de 1850, trouxe a eletricidade e permitiu a manufatura em massa. E a terceira aconteceu em meados do século XX, com a chegada da eletrônica, da tecnologia da informação e das telecomunicações. Desta vez, serão os robôs integrados em sistemas ciberfísicos os responsáveis por uma transformação radical, marcada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37658309> acessado a 31 de julho de 2023.

e dos processos sociais do seu espaço geográfico e da sua base territorial, a dimensão histórica e cultural do ser humano tem diminuído. Como afirma Isabel Varanda, com o mundo virtual:

Ganha-se muito, mas perde-se o cheiro das coisas, a densidade dos espaços, os sons, o ar puro ou poluído, os sorrisos, as vozes irritadas ou amáveis, a relação inter-pessoal, os olhos nos olhos, a percepção das emoções do outro. Sistema desencadeante de um empobrecimento de competências específicas do humano: o sentido do outro, a relação interpessoal e comunitária, a afetividade, a relação com o meio ambiente natural.¹²⁹

Com efeito, a realidade do mundo virtual impõe um contínuo temporal que resulta numa sociedade com menor capacidade de refletir no quotidiano, com menor consciência social, com relações estáveis mais frágeis entre as pessoas, distanciada da natureza.

Em suma, como frisa o sociólogo italiano e investigador no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Vania Baldi, «sofremos uma perda radical de espaço, de tempo, do ser-com»¹³⁰ e estamos dependentes da artificialidade, condicionados ao «ato de agarrar-abrir-olhar para o ecrã, independentemente de ter de comunicar ou pesquisar uma informação»,¹³¹ mas, estar ligado à rede, não é o mesmo que estar ligado ao outro.

Assiste-se, assim à fragmentação do indivíduo, «das redes humanas»,¹³² ao enfraquecimento das instituições representativas e das tradições, ao enfraquecimento das propostas utópicas de longo prazo, ao enfraquecimento da realidade, à desregulamentação política, social e económica. O sincretismo, o relativismo, o consumismo e o hedonismo são cultivados.

O filósofo francês Gilles Lipovetsky na sua obra a «Era do Vazio», sublinha que «o momento pós-moderno, é muito mais que uma moda, revela o processo de indiferença pura, na medida em que todos os gostos, todos os comportamentos, podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido conforme o gosto».¹³³

Lipovetsky, na sua obra mais recente «A sagração da autenticidade»,¹³⁴ reafirma o hiperinvestimento no espaço privado, mas com uma nova nuance, nesta nova fase da modernidade a marca é a busca de si mesmo, a escolha do próprio caminho, baseada no direito de cada um gerir e organizar livremente a sua vida, propõe-se como fazedor de si mesmo, é a denominada cultura da autenticidade, forjada mais uma vez, no individualismo.

¹²⁹ Isabel Varanda, «Questões Sociais do nosso tempo», *Theologica*, 2.ª Série, 40, 1(2005), 74.

¹³⁰ Vania Baldi, *Otimizados e Desencontrados, Ética e Crítica na Era da Inconsciência Artificial*, (Vila Nova de Famalicão: Edições Humus Lda. e Autor, 2024), 146.

¹³¹ Baldi, *Otimizados e Desencontrados, Ética e Crítica na Era da Inconsciência Artificial*,

¹³² Varanda, «Questões Sociais do nosso tempo», 73.

¹³³ Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio, Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, (Lisboa: Relógio D' Água Editores, 1989), 39.

¹³⁴ Gilles Lipovetsky, Entrevista, acedido a 9 de setembro de 2024,

<https://www.publico.pt/2023/03/25/azul/entrevista/gilles-lipovetsky-luta-climatica-vem-preencher-vazio-ideologias-2043428>.

Por outro lado,¹³⁵ a tolerância a uma ordem financeira mundial ligada ao domínio do lucro e da tecnologia, associada à «fragilidade da política internacional», (LD 34) aumentam as desigualdades económicas, digitais e sociais. Abre-se espaço ao ressurgimento de nacionalismos exacerbados e ditaduras, abdicando-se de liberdades conquistadas em prol da segurança.

Este extremismo baseado na demagogia e na desinformação, procura afirmar identidades individuais e sociais sem discernimento e sem reflexão crítica, na defesa de um modo de vida em particular, fechado ao diálogo, que acaba por «dividir o mundo entre amigos e inimigos»¹³⁶ numa visão simplista.

Em suma, na sociedade de relações sociais «líquidas»,¹³⁷ o homem constrói a sua própria identidade, através de uma bricolage de sentidos, escolhe o que melhor se adapta ao estilo de vida, e ao seu bem-estar, numa ótica de hiperconsumo e de autossuficiência

Como acentua Zygmunt Bauman, sociólogo e filósofo polaco, «cada pessoa é uma instituição», vivemos sob o signo da vontade individual, e ao mesmo tempo «somos promotores das mercadorias que consumimos e a própria mercadoria a ser promovida»¹³⁸ numa cultura que promove a valorização da imagem em detrimento do sentido do outro, «da solicitude, do dom».¹³⁹

Assim, ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, a sociedade ocidental entrou num tal processo de produção, de desempenho, de consumo, de competição, de crescimento tecnológico, que desafia as suas próprias definições, colocando em causa a própria razão e as finalidades da ação humana.

De facto, nunca o ser humano teve tanto poder sobre si mesmo, veja-se o advento do transumanismo na procura do melhoramento biotecnológico da natureza humana. Paralelamente, mas em movimento contrário assiste-se ao empobrecimento das experiências críticas, criativas e socializadoras. Nesse sentido, escreve o Papa Francisco: «o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência (...) ele está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter instrumentos para o controlar», (LD 24) ou seja,

¹³⁵ Gilles Lipovetsky, Entrevista, acedido a 9 de setembro de 2024, <https://www.publico.pt/2023/03/25/azul/entrevista/gilles-lipovetsky-luta-climatica-vem-preencher-vazio-ideologias-2043428>.

¹³⁶ João Manuel Duque, *O próximo e a comunidade, Breve leitura da Fratelli Tutti*, (Lisboa: UCP Editora, 2021), 15.

¹³⁷ Conceito elaborado pelo filósofo polaco Zygmunt Bauman (1927-2017).

¹³⁸ Zygmunt Bauman, *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*, (Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2008), 15.

¹³⁹ Varanda, «Questões sociais do nosso tempo», 75.

paradoxalmente ao desenvolvimento tecnológico existe um subdesenvolvimento político, ético e comunitário.

Deste modo, como refere o filósofo Byung-Chul Han, «perdemos todo o sentido da vida intensa».¹⁴⁰ Tudo está, assim, em acelerada mudança, provocado pela completa alteração dos modos de comportamento, em que o maior interesse «se concentra na acumulação de riqueza e de benefícios para a vida humana a partir da exploração sistemática dos bens e serviços naturais»,¹⁴¹ assente, pois, na globalização da economia, «do poder do ter»,¹⁴² da submissão da política ao poder e à finança e do poder tecnológico, e não da união ou solidariedade entre os povos.

Consequentemente, a hegemonia do lucro ao menor custo, a tecnologia sem demarcações, está a empurrar o ser humano, «e o clima e muitos dos ecossistemas para o limite da sobrevivência»,¹⁴³ vivemos uma crise sistémica.

Como afirma o economista Eduardo de Sousa Ferreira no seu artigo «Globalização e transição de sistemas»:

Desde os descobrimentos foi-se expandindo por todo o mundo a cultura europeia, que se baseava, entre outras na ideia de que o comércio mundial seria a fonte de todo o bem-estar. Seguiu-se uma dimensão «imperialista» que internacionalizou a produção da agricultura, da energia e matérias-primas. No seu decurso foram exportadas tecnologias, bem-estar e poder, tendo como consequências grandes sucessos, mas acompanhados de grandes iniquidades.¹⁴⁴

Vive-se, assim, uma civilização de sobreocupação quotidiana, de hiperatividade, de hiperconectividade, mas desligada dos ciclos da vida da Terra, desligada dos mais frágeis, do nosso próprio corpo, da dimensão transcendente do ser humano, de Deus.

Como sublinha Han, a falta de «ser-com»,¹⁴⁵ de ligação, desencadeia um excesso de produção. «À falta de ser contrapõe-se», assim, o crescimento material, a hiperconectividade, a hipercomunicação, «produzimos contra o sentimento de falta»,¹⁴⁶ de solidão.

Deste modo, a ideia emergente é que só a busca do crescimento económico ilimitado, e do progresso indefinido, nos trarão uma era de abundância, bem-estar e felicidade. «A lição dos factos», como salienta Manuela Silva, no seu artigo *Para além da Miragem dos sucessos da globalização*: «É a de que uma globalização da economia entregue à mera lógica de mercado,

¹⁴⁰ Byung-Chul Han, *Vita Contemplativa, Ou sobre a Inatividade* (Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2023), 58.

¹⁴¹ Leonardo Boff, *Ética e Espiritualidade*, (Petrópolis: RJ: Vozes, 2017), 9.

¹⁴² Varanda, «Questões sociais do nosso tempo», 74.

¹⁴³ Martins-Loução, *Riscos Globais e Biodiversidade*, 19.

¹⁴⁴ Eduardo de Sousa Ferreira, «Globalização e Transição de Sistemas». *Communio Revista Internacional Católica*, “Ética económica e globalização” Ano XXIII-2006/1, 17.

¹⁴⁵ Han, *Vita Contemplativa, Ou sobre a Inatividade*, 58.

¹⁴⁶ Han, *Vita Contemplativa, Ou sobre a Inatividade*, 59.

não só não resolveu o problema da erradicação da pobreza no Mundo como tem contribuído para o seu agravamento».¹⁴⁷

Deste modo, no modelo civilizacional atual, o crescimento tornou-se um fim em si próprio. Segundo o Papa Francisco: «o nosso mundo precisa urgentemente de uma economia diferente, aquela que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a destrua».¹⁴⁸ No entanto, na era da «globalização do paradigma tecnocrático» (LS 106 a 114), base da crise ecológica, o ser humano continua a questionar-se, busca respostas para as grandes perguntas e desafios da humanidade, continua a querer encontrar valores que o façam sentir-se verdadeiramente humano conhecedor da sua própria consciência.

Como salienta Cerqueira Gonçalves: «O mundo da ciência não parece alimentar os grandes ideais da existência, tendo, aliás, pouca expressão, ao menos de carácter afetivo, nos hábitos do cotidiano».¹⁴⁹

O tempo pós-moderno é, um tempo complexo, porque ao mesmo tempo que que o ser humano se julga dono e senhor de si mesmo, convicto do poder ilimitado da ciência, assiste-se a uma fragmentação da identidade, da solidariedade tradicional, das relações sociais profundas, numa cultura de descarte da vida e da vida em comunidade. Assim, sem pontos de referência¹⁵⁰ preso ao aqui e agora, surge a dispersão, a incerteza, a ansiedade, a retrotopia,¹⁵¹ a anomia, a fadiga existencial:

Uma terrível crise de sentido e de identidade pessoal e social subjuga o humano no nosso tempo. Brutalmente, acordado do dogmático sono racional, descobre que o peso da existência só tem sido suportável devido á conspiração da sociedade, da ação e da transitoriedade e pluralidade de sensações que o tornam insensível.¹⁵²

Quando a 8 de julho de 2013, o Papa Francisco foi à ilha de Lampedusa «chorar os mortos que ninguém chora»¹⁵³ criticou os efeitos desta globalização que promove interesses económicos e se esquece de colocar no centro a pessoa, os mais vulneráveis. Como assinalou o Papa na sua viagem à ilha:

¹⁴⁷ Manuela Silva, «Para além da Miragem dos sucessos da globalização», *Communio Revista Internacional Católica*, “Ética económica e globalização”, Ano XXIII-2006/1, 17.

¹⁴⁸ Francisco, Discurso no 27º Congresso Mundial da Uniapac - a União Cristã Internacional de Executivos, em 21 de outubro de 2022, acedido a 10 de agosto de 2023, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/october/documents/20221021-congresso-uniapac.html>.

¹⁴⁹ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 18.

¹⁵⁰ Enrique Rojas, *O homem light, Uma vida sem valores*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992), 11.

¹⁵¹ Conceito introduzido por Bauman, de regresso a um passado mitificado.

¹⁵² Varanda, «Questões sociais do nosso tempo», 72.

¹⁵³ O Papa Francisco refere-se às 368 mortes após o naufrágio junto à costa da ilha de Lampedusa, em Itália, de uma embarcação de migrantes, na sua maioria originários da Eritreia, no dia 3 de outubro de 2013. Acedido a 14 de agosto de 2023, <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37545788>.

Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habitamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!¹⁵⁴

Na pós-modernidade, as relações econômicas ficaram sobrepostas às relações sociais e humanas, e isso abriu espaço para que cada vez mais houvesse uma fragilidade de laços entre as pessoas e de pessoas com instituições. Assim, o tempo atual qualifica-se, pois, por ser um tempo com vínculos sociais mais fragmentados, sem horizonte histórico, num contínuo intemporal,¹⁵⁵ num eterno retorno, numa sucessão de tempos presentes, ancorado na satisfação imediata das necessidades e dos desejos.

Como refere o filósofo espanhol José Antonio Zamora, a propósito do tempo digital e dos jovens: «Quando falamos das gerações jovens, dizemos que elas vivem num instante eterno, que é o último que viveram».¹⁵⁶

Uma vinculação assim tão forte ao digital, poderá gerar, como refere Vania Baldi, baseado na pesquisa realizada pela psicóloga Norte-Americana Jean Twenge sobre a *iGeneration*, «um parcial congelamento dos sentimentos de proximidade com os outros, que se repercute na diminuição da empatia, na problemática integração entre emoções, cognições e corporeidade, na dificuldade de sentir-se pertencer a um *continuum* socio-biográfico».¹⁵⁷

Assim, neste tempo, e apesar de uma maior consciência ecológica, predomina uma cultura de gestão do tempo presente, de insatisfação, de isolamento, e não uma cultura da memória, da proximidade, do cuidado, do diálogo, da responsabilidade, do amor ao próximo, do que é intemporal, necessário e humano.

Como reflete de igual modo o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han «ao tempo falta hoje a estrutura sólida», segundo o filósofo este é o tempo no qual nos entregamos «ao narcisismo *online* e esquecemos o outro».

Assim, face ao fenómeno da realidade virtual, perde-se a noção da realidade, das amizades reais, do habitar em comunidade, do sentido da história, dos ciclos do tempo. Vive-se na era das *selfies*, do imediatismo, da novidade, da simulação, das aplicações, das *fake news*, do trabalho remoto, das *bitcoins*, dos algoritmos. Ligados às redes sociais, e à internet, em bolha,

¹⁵⁴ Francisco, Homilia pelas vítimas dos naufrágios, 8 de julho de 2023, acedido a 10 de agosto de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html.

¹⁵⁵ Miguel Oliveira Panão, *Tempo 3.0, Uma visão revolucionária da experiência mais transformadora do mundo*, (Lisboa: Editora Cordel d'Prata, 2023), 65.

¹⁵⁶ Instituto Humanista Unisinos, «O império do instante e a memória. Entrevista especial com José Antonio Zamora», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/2027104>.

¹⁵⁷ Baldi, *Otimizados e Desencontrados, Ética e Crítica na Era da Inconsciência Artificial*, 62-63.

transformamo-nos em dados, imagens, alimentando a sociedade da informação e do consumo, autocerceando a nossa liberdade, presos à opinião do dia, sem capacidade de exame de consciência, sem capacidade analítica, sem consciência social, sem capacidade de participar e inovar concreta e refletidamente. Deste modo, como refere Han, sobrevivemos, pois, «perdemos todo o sentido da vida intensa».¹⁵⁸

Na polarização das redes sociais, bombardeados com informação e publicidade, dispersamo-nos, perdemos a atenção, o tempo. O que interessa é a novidade, o impacto, a encenação do quotidiano, o que gera mais *likes*. Esta perceção da realidade filtrada, «fragmentada e dispersa»,¹⁵⁹ pode levar à perda da destrição entre importante e acessório, entre verdade e dissimulação. Perde-se, em suma, a autenticidade, a autonomia, o juízo crítico e instala-se a artificialidade e o apego a novas formas de dependência.

Assim, neste fluxo constante das tecnologias da informação, da ciência, da produção na vida humana, a única certeza é a volatilidade.

Vive-se sem prioridades, sob «pressão por um maior rendimento»,¹⁶⁰ sinónimo de sucesso. Tudo é urgente, na sociedade da produção e ao mesmo tempo relativo. Como refere o teólogo Tolentino de Mendonça, «essa aceleração antropológica – que as tecnologias, os emails, os telefones têm acentuado – seca-nos por dentro e desumaniza-nos. Uma sociedade de consumo é, fundamentalmente, uma sociedade desumanizada».¹⁶¹

Consequentemente, é mais fácil deixar de pensar, de imaginar uma narrativa na defesa da ética do bem, da generosidade, da coragem, da verdade, do amor, da justiça, da solidariedade, do que abdicar do nosso comodismo, do nosso individualismo e do nosso progresso, do «sempre mais». O filósofo português Pedro Vistas traça um retrato cru da nossa contemporaneidade ao afirmar que, globalmente, habitamos:

Num isomorfismo de mundo, numa hiperrealidade alienada e alienante, utopizada (ou distópica, além de discrónica), num mundo i-postiço onde se esconde a morte e o sofrimento com a publicidade da manutenção do consumo do que se supõe equivaler a estados agradáveis, ou promovendo o enriquecimento de inessencialidades, recobrando o que haja de possibilidade fundamental. É o domínio dos interesses microcospicos, da subjetivação por hipertrofia do ego, do narcisismo da só-imagem de si, é o império da

¹⁵⁸ Han, *Vita Contemplativa, Ou sobre a Inatividade*, 58.

¹⁵⁹ Byung-Chul Han, *A sociedade do cansaço* (Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2013), 25.

¹⁶⁰ Han, *A sociedade do cansaço*, 21.

¹⁶¹ José Tolentino de Mendonça, iMISSIO, «Deus é um problema também para os crentes», 17 de abril de 2018, acedido a 5 de agosto de 2024, <https://www.imissio.net/artigos/50/1442/deus-e-um-problema-tambem-para-os-crentes/>.

lucidade, da filosofia de hipermercado, do progresso como movimento contrário a um ingresso em si mesmo.¹⁶²

Em síntese, na cultura pós-moderna fala-se de avanços, mas também de recuos. Avanços no que toca à tecnologia, à ciência, aos meios de comunicação, à tomada de consciência da crise ecológica, e recuos no que concerne ao dom da escuta, à verdade, à misericórdia, ao cuidado assente na compaixão, à hospitalidade, à alteridade, à espiritualidade, à transcendência, ao compromisso com ideais e grandes esperanças.

Como assinalou o Papa Francisco nas Jornadas Mundiais da Juventude de Lisboa 2023¹⁶³ «em nome do progresso, já se abriu caminho para um grande retrocesso».¹⁶⁴

O contexto do Vírus Sars-CoV-2, de morte e sobrevivência, revelou as fragilidades do mundo globalizado e veio lembrar-nos que somos mortais, pelo que ressoa em nós a pergunta sobre o sentido da existência pessoal e coletiva e sobre quais os valores, princípios, e verdades fundamentais que estão na base da defesa da vida. O período pós-pandémico¹⁶⁵ pode ser, ainda, uma época de redireccionamento de visões e de ações comuns, rumo a uma sociedade e economia que respeite os limites colocados pelo planeta. Uma época de despertar para a construção de uma humanidade comum com mais ética com a natureza e com os outros. Uma época mais respeitadora dos direitos humanos, sociais e ambientais, enfim, uma época, como deseja o Papa Francisco na FT, na qual, «descubramos, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livre de fronteiras que criamos». (FT 35)

Neste contexto, a LS afirma-se como uma via possível para ajudar a imaginar e a desenhar o presente e o futuro, «um futuro que seja melhor que qualquer passado» (Teilhard de Chardin).

2.3 A carta LS

É um texto que nos obriga a uma deslocação em vista de um futuro novo, do encontro de novos paradigmas, novos modelos de desenvolvimento, de pensamento da nossa sociedade, dos nossos estilos de vida e do contributo que nos podemos

¹⁶² Pedro Vistas, «Da Ética Radical de Cristo», em *Ética Relacional: um caminho de sabedoria*, Silvestre Ourives Marques, Miguel Oliveira Panão, Pedro Vistas (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 64.

¹⁶³ A partir de agora citado com a sigla JMJ.

¹⁶⁴ Francisco, *Todos, todos, todos!*, JMJ Lisboa 2023, *Discursos e Homilias* (Lisboa: Editora Paulinas, 2023).

¹⁶⁵ A OMS declarou o fim da pandemia a 5 de maio de 2023.

dar para a passagem do mundo presente a gerações
futuras.¹⁶⁶

Cardeal Tolentino de Mendonça,

Ultrapassado o conflito maior entre a fé na criação e as ciências da natureza, a teologia contemporânea vê diante de si uma tarefa transdisciplinar com aspetos novos, no que à crise ecológica diz respeito, com reflexos de ordem antropológica, cosmológica, filosófica e teológica. O axis mundi, é a pessoa humana vista na sua relação com a natureza nas suas «infinitas diferenças»¹⁶⁷ e como desenvolvem a complementaridade, e a interligação. Desta visão resultará uma nova compreensão sobre a inserção do ser humano no cosmos. Como refere o teólogo brasileiro, Paulo Gonçalves, este novo modelo de pensamento:

Possibilita suscitar um espírito ecológico em que se reconhece a alteridade e a relação entre o ser humano e mundo-natureza. Nesse reconhecimento busca-se afirmar a vida concebida ecologicamente, assumindo o pressuposto de que todas as partes estão entrelaçadas constituindo um todo dinâmico e comunicativo, desenvolvendo uma «espiritualidade cósmica» de carácter trinitário–cristológico–pneumático, suscitando uma nova compreensão e valoração da Terra em sua vitalidade e propondo uma aliança entre o ser humano que tenha as marcas da alteridade, em que os direitos e a dignidade humanos são elevados e a natureza é respeitada para que se desenvolva espacial e temporalmente em toda a sua vitalidade relacional com o *humanum*.¹⁶⁸

Neste contexto, o Papa Francisco alicerçado na tradição cristã, na DSI, na comunidade científica e na sua vivência latino – americana, assina a 24 de maio de 2015,¹⁶⁹ a sua segunda Encíclica, sob o título *Laudato si'*, a primeira no magistério da Igreja «sobre o cuidado com a casa comum».

O vínculo à figura de Francisco de Assis, modelo de vida de Francisco de Roma, perpassa pelo itinerário da LS, logo na escolha do título da Encíclica, nome esse retirado da invocação de São Francisco de Assis no «Cântico das criaturas», *Laudato si'*.

O nome da carta – *Laudato si'* – recorda que a Terra, a nossa «casa comum» tanto «se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços». (LS 1)

¹⁶⁶ Luis Antonio Tagle, Tolentino de Mendonça, *As coisas podem mudar, Conferências de abertura e de encerramento do ano Laudato si'*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022), 11.

¹⁶⁷ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a Cultura Ocidental em questão*, 9.

¹⁶⁸ Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos». *Ephata: Pandemia e crise planetária: desafios à fé, à esperança e à caridade*, Revista Portuguesa de Teologia, V. 3, n. 2, (2021): 99-126, 117.

¹⁶⁹ Publicada a 18 de junho de 2015.

A partir do modelo relacional, o ser humano é parte da natureza, assim, como as outras espécies, logo, o ser humano não se pode separar do mundo natural. Pois, é aí que o ser humano vive e respira, esta visão global implica o reconhecimento de todo o ser vivo, como um ser semelhante, e ao mesmo tempo diferente de si. De facto, como sublinha, o pontífice, nos primeiros parágrafos da LS, nós mesmos «somos terra (cfr. Gen 2,7), «o nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar e a sua água vivifica-nos e restaura-nos». (LS 2) Mas, paradoxalmente, são as nossas próprias atitudes que põe em questão a relação com o planeta, tal como ressalva Francisco, «crescemos a pensar que eramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la». (LS 2)

Assim, a carta, vanguardista na sua proposta de uma ecologia integral (ambiental, social, familiar, mental e espiritual), obriga a uma forma diferente de olhar o mundo e alarga o conceito de ecologia ao ser humano e à sociedade, colocando em evidência a origem humana das mudanças climáticas.

A LS contesta, assim, o individualismo, o relativismo, o modelo económico e político, atual de desenvolvimento sem limites, que não gera vida, mas percorre caminhos de destruição na sua relação com a natureza e com os outros, os mais frágeis.

Como refere Francisco:

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto, e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção as causas que têm a ver com a degradação humana e social. De facto, a deterioração do meio ambiente e da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do Planeta». (LS 48)

Com efeito, o problema climático é inseparável do problema da injustiça social, um acarreta o outro, a lógica «que não demonstra uma especial preocupação com o meio-ambiente é a mesmíssima lógica que descarta os mais frágeis» (LS 14), assim, a abordagem às questões ambientais, sociais e económicas tem de ter enquadramento e resposta global, holística e não dispersa, pontual, fragmentada.

O pontífice aponta, quatro principais atitudes por parte do ser humano, como obstáculos à alteração do paradigma dominante: a «negação do problema», a «indiferença», «a resignação acomodada» e «a confiança cega na técnica». (LS 14)

A partir desta observação, Francisco apela à «interação dos sistemas naturais com os sistemas sociais» (LS 139), à conversão integral (eclesial, ecológica, cultural) e à justiça social e intergeracional. Por outro lado, apela à criação de novos espaços de diálogo e de ação comum. A humanidade como refere o Papa, «possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum». (LS 13) Para Francisco não há, pois, crises isoladas, nem soluções isoladas,

cada um é imprescindível para combater a «degradação ambiental»¹⁷⁰ e a degradação social, num projeto de vida global em ordem ao bem comum universal e a uma economia inclusiva.

Deste modo, na LS cuidar, amar a criação e a opção pelos pobres, «tomando os pobres na sua tríplice compreensão, como *locus revelationes*»,¹⁷¹ são componentes da paz social, essenciais para a construção da fraternidade, da justiça no mundo e da vida no Planeta.

No decorrer dos seis capítulos do documento, num total de 246 parágrafos, o pontífice exorta todos, crentes e não crentes, a mudar de rumo, assumindo a responsabilidade de um compromisso para o cuidado da «casa comum», tirando consequências sociais dos ensinamentos e atitudes de Cristo – como o modelo do cuidador –, num mundo onde os crentes de hoje também estão inseridos, tornando credível «a fé através das decisões».¹⁷²

Como afirma o professor catedrático Miguel Oliveira Panão, na LS, o Papa convida a dois tipos de relacionamento, «a olhar de um modo mais profundo para o relacionamento com Deus através da natureza»,¹⁷³ bem como, acrescenta o investigador, «a um relacionamento diferente com a natureza para experimentar de um modo mais profundo a presença de Deus».¹⁷⁴ Esta abordagem permite reinstaurar o mistério do universo, a mensagem da criação e daí partir para o conceito chave da Encíclica – a ecologia integral.

No Capítulo I (17-61) – O que está a acontecer à nossa casa – o Papa faz um diagnóstico ao tempo atual, reconhecendo que a vida é uma teia de relações, pelo que «uma verdadeira abordagem ecológica se torna sempre uma abordagem social». (LS 49)

No início da Encíclica, aborda a questão da intensificação do ritmo da vida e do trabalho próprio das sociedades atuais, onde não existe tempo para a escuta do outro e do mundo:

Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica. A isto vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade. (LS 18)

Assim, no decurso do primeiro capítulo o Papa assinala os sintomas da atual crise ecológica e da crise humana com base no saber da comunidade científica: Poluição e mudanças climáticas,

¹⁷⁰ Degradação ambiental é a deterioração do meio ambiente através do esgotamento de recursos como ar, água e solo; destruição de ecossistemas; destruição de habitat; extinção da vida selvagem; poluição.

¹⁷¹ Gonçalves, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos», 111.

¹⁷² Francisco, *Todos, todos, todos!*, JMJ Lisboa 2023, *Discursos e Homilias* (Lisboa: Editora Paulinas, 2023).

¹⁷³ Panão, «Linguagem, Relacionalidade e Ambiente», 29-49.

¹⁷⁴ Panão, «Linguagem, Relacionalidade e Ambiente», 29-49.

a questão da escassez da água, a perda da biodiversidade, a deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social, a desigualdade planetária.

Francisco entreabre a janela para a identificação da raiz dos problemas ao afirmar que a «cultura do descarte», modelo da sociedade contemporânea, «afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo». (LS 22)

O capítulo II (62-100), sob o título – «O Evangelho da Criação» – sublinha a gravidade da crise ecológica e aponta a necessidade de considerar várias mediações para interpretar e transformar a realidade, numa abertura às diversas riquezas culturais dos povos, à arte, à poesia, à vida interior, à espiritualidade, e ao diálogo entre ciência e religião. Neste contexto, chama a sabedoria das narrações bíblicas – A teologia da Criação – «para interpretar a relação do ser humano com o mundo» (LS 65), e em concreto o compromisso que emerge de ser cristão hoje, de cuidar, proteger, preservar o jardim do mundo. Como refere o teólogo Antonino Gomes de Sousa «cuidar faz parte do *ethos* cristão». ¹⁷⁵

Francisco acrescenta: «Na tradição judaico-cristã, dizer «criação» é mais do que dizer natureza porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado» (LS 76) e um propósito, logo a compreensão cristã da realidade e da vida deve partir deste pressuposto global. Para Gomes de Sousa, « a criação é o primeiro gesto de proximidade de Deus, uma proximidade que gera proximidade, uma proximidade que gera cuidado». ¹⁷⁶

O teólogo Paulo Gonçalves, sublinha que esta teologia feita em perspetiva ecológica, que se concentra na criação, possibilita a integração do «paradigma antropocêntrico e cientificista para o paradigma ecológico e hermenêutico». ¹⁷⁷

Para o Papa: «a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal» (LS 76), e acrescenta «cada criatura é objeto de ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo». (LS 77) A criação pressupõe, assim, como fundamento o amor e um criador permanente, ou seja, em cada momento tudo aquilo que aparece e se manifesta brota de uma vontade criadora que faz com que as coisas aconteçam, não limitada a um princípio, mas como uma criação permanente, que se agradece e à qual se retribui. A criação na revelação bíblica afirma esta ligação de nós humanos a Deus, das criaturas todas ao criador e acentua que tudo quanto existe, «é criado por amor» (LS 65), existe por amor.

¹⁷⁵ Antonino Gomes de Sousa, «Cuidar do Outro, Perspectiva teológico-moral», em «O Pensamento Social do Papa Francisco, Vol. II - Uma perspectiva a partir da *Laudato si'*», José Manuel Pereira de Almeida (Org.), (Lisboa: Editorial Cáritas, 2017), 51-64.

¹⁷⁶ Antonino Gomes de Sousa, «Cuidar do Outro, Perspectiva teológico-moral», 61.

¹⁷⁷ Gonçalves, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos», 117.

Como refere o teólogo Paulo Gonçalves: «Ao estar imbuída de comunhão, essa aliança denota a presença ativa de Deus, seja para realçar o ser humano como pessoa, seja para vitalizar o mundo-natureza em sua evolução criadora».¹⁷⁸

Assim, nos dois primeiros capítulos do livro do Génesis não temos só a afirmação de que o ser humano é criado por Deus. A narração bíblica acrescenta, também, o sentido do ato criador, a intencionalidade do próprio Deus ao criar o ser humano. É criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27), capaz de diálogo com ele, capaz de acolher consciente e responsabilmente o dom da existência e das possibilidades de uma vida realizada. Sobre a Terra criada a ele confiada, encontra-se diante de Deus: o ser humano é criado em comunhão com Deus e, no interior desta comunhão, pode prover a sua vida. Esta condição, de ser criado à imagem de Deus permite-lhe «ser criatura criadora», capaz de ser sujeito ativo da criação junto com o próprio Deus».¹⁷⁹ Como refere o teólogo Paulo Gonçalves, «em sua revelação, Deus chama o ser humano a ser *partner* e a conseqüentemente a compor uma aliança, para levar a cabo a *creatio continua*, da qual emergirá a *creatio nova*».¹⁸⁰

Deste modo, para os cristãos, é o mistério do Deus revelado que constitui o fundamento da ideia da criação. Trata-se da assunção da forma como nós e o mundo-natureza existimos em relação com o Deus único e absoluto. De facto, o mistério da criação só encontra resposta definitiva na Encarnação e na Cruz. Deus tomou o mundo a seu cargo através do Filho e, pelo Espírito. Como refere Francisco: «O mundo foi criado pelas três Pessoas como um único princípio divino, mas cada uma delas realiza esta obra comum segundo a própria identidade pessoal» (LS 238), cada uma das Pessoas Divinas entra na criação com a sua missão, apesar da Trindade ser na sua unidade, o único princípio criador. A criação, é, pois, introduzida no mistério da comunhão do amor trinitário, fonte amorosa de toda a realidade criada. Logo, a criação tem uma base trinitária e relacional, pois, segue o modelo divino de relação entre Pessoas, e assim, como sublinha Francisco, o repto, para os crentes, «é tentar ler a realidade em chave trinitária». (LS 239)

Assim, o mundo criado, como acontecimento trinitário e relacional é o fundamento teológico da proposta de uma ecologia integral. Com efeito, é a partir do modelo relacional trinitário, que toda a criação se constitui e se estrutura «como acontecimento relacional, na complementaridade e na interdependência entre criaturas»,¹⁸¹ como uma teia de relações.

¹⁷⁸ Gonçalves, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos», 118.

¹⁷⁹ Gonçalves, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos», 117.

¹⁸⁰ Gonçalves, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos», 121.

¹⁸¹ António Martins, «Para uma ecologia Integral - Acentuações da *Laudato si'*», em Simpósio Teológico – Pastoral, *Eu vim para que tenham vida, A vida que brota de Deus no acontecer da História*, organizado pelo Santuário de Fátima, 2017, 185, acedido a 10 de junho de 2020, <https://casacomum.pt/wp-content/uploads/2018/07/Para-uma-ecologia-integral-Acentuac%CC%A7o%CC%83es-de-Laudato-si.pdf>.

A ideia bíblica da criação aponta, ainda, para o estabelecimento de uma nova realidade criada com Deus. Como acentua o teólogo Armindo Vaz: «A ideia bíblica de criação, expressa especialmente por meio do verbo hebraico *bara'* «criar», consistia em entender «o novo» absoluto das coisas».¹⁸² Com efeito, o específico da criação bíblica é o aparecimento do «novo» e não a produção de uma coisa a partir de outra.

Assim, para o autor bíblico, ser criado por Deus significava passar a ser de uma forma radicalmente nova, que seria a mais autêntica forma de ser, pois para ele, o que não é em Deus, não é simplesmente.

Assim, a palavra criação em sentido teológico expressa o modo como, segundo a revelação bíblica, o mundo e todas as coisas têm em Deus a sua origem e a sua meta definitiva.

O texto bíblico pretende, assim, fundar teológica e ontologicamente a realidade criada a partir da vontade e da gratuidade de Deus-Trindade: «O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo» (LS 79), o Espírito, elo de amor eterno, introduz na criação uma renovação e vitalidade contínua.

No capítulo III da LS (101-136) – «A raiz humana da crise ecológica» – o Papa sublinha o impacto das atividades humanas, e das emissões antropogénicas no planeta Terra que ameaçam o ser humano e outras espécies na biosfera e contesta o paradigma económico do século XX responsável pela degradação e superexploração dos recursos naturais.

De facto, a Revolução Industrial mudou todo o cenário mundial, o novo modo de produção cada vez mais orientado para o lucro, para a produção em massa, em que nada é reutilizável, provoca aceleradas alterações na natureza e no clima. Estas modificações antrópicas negativas no planeta Terra, na biodiversidade, na biogeoquímica e nos processos geomorfológicos são irrefutáveis e provocam alterações irreversíveis no próprio planeta. Como refere Wolfgang Sachs,¹⁸³ investigador alemão na área do ambiente, considera-se hoje o que «o gênero humano deve ser considerado uma força geológica, da mesma forma que as erupções vulcânicas e os terremotos», daí que haja um consenso na geologia e nas ciências ligadas à biologia e à geologia na identificação de uma nova era geológica,¹⁸⁴ chamada Antropoceno. Como refere o filósofo

¹⁸² Armindo dos Santos Vaz, «A contemplação no Antigo Israel», *Revista de Espiritualidade*, acessado a 6 de setembro de 2020, <https://www.carmelitas.pt/site/pdf/RE/RE13.pdf>.

¹⁸³ Wolfgang Sachs, «Fratelli tutti à sombra do Antropoceno», 16 de junho de 2022, acessado a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619593-fratelli-tutti-a-sombra-do-antropoceno-artigo-de-wolfgang-sachs>.

¹⁸⁴ Cf. Termo proposto pelo ecólogo Eugene Stoermer em 1980, e relançado e popularizado em 2000, durante uma conferência sobre a mudança global em Cuernavaca, no México, pelo Nobel da Química Paul J. Crutzen, com prémio atribuído pelo seu trabalho sobre o buraco do ozono.

Byung-Chul Han: «O Antropoceno assinala o momento histórico exato em que a natureza é completamente absorvida e explorada pela ação humana».¹⁸⁵

A partir da década de 60, a «pegada ecológica» aumentou para o dobro, e o ritmo e alcance global da nossa interferência na natureza cresceram vertiginosamente. A ilusão da Terra como espaço de recursos ilimitados permitiu este sentimento de infinitude, e retirou a ideia de urgência, dificultando a percepção de que a nossa exploração de recursos estava a acelerar a um ritmo vertiginoso. De facto, a extração e exploração, dos nossos recursos naturais não são noções novas, mas a voracidade e o ritmo da interferência humana na natureza são galopantes, «a cada ano a humanidade destrói 10 milhões de hectares de floresta, uma área equivalente ao tamanho de Portugal».¹⁸⁶ Este «excesso antropocêntrico» (LS 116) como refere Francisco, colide com aceitar a importância que cada criatura tem no mundo, colide com a ideia da Terra como ser vivo, e colide em última instância com o reconhecimento da bondade intrínseca ontológica, necessária para aceitar a nossa origem comum: «A falta de preocupação por medir os danos à natureza e o impacto ambiental das decisões é apenas o reflexo evidente do desinteresse em reconhecer a mensagem que a natureza traz inscrita nas suas próprias estruturas». (LS 117)

«Ecologia Integral», ideia forte da Encíclica, nomeada 37 vezes no corpo do texto, dá título ao capítulo IV (137 – 162).

O desafio proposto por Francisco, passa em primeiro lugar, por olharmos à volta com profundidade, de maneira holística. O Papa, salienta o carácter humano, social e económico da ecologia, e acentua a relação entre todas as dimensões. Logo, para o Francisco, a ecologia integral, terá de incluir, necessariamente as «dimensões humanas e sociais». (LS 137) Deste modo, ao examinarmos a realidade compreenderemos que natureza e sociedade estão estreitamente ligadas, porque não há duas realidades separadas, não existem duas ecologias diferentes, há um único mundo que envolve toda a realidade. Com efeito, a novidade desta Encíclica, na sua globalidade, é integrar na ecologia também a sociedade: a socioeconómica e a sociopolítica.

Assim, Francisco, exorta para que não fiquemos à porta do ser humano, e que tenhamos abertura para categorias que não sejam, apenas, das ciências exatas, mas que nos remetam para as tradições religiosas e espirituais, para a transcendência, para a «essência do ser humano» (LS

¹⁸⁵ Han, *Vita Contemplativa Ou sobre a Inatividade*, 40.

¹⁸⁶ United Nations Environment Program, «How halting deforestation can help counter the climate crisis», acedido a 10 de agosto de 2024, <https://www.unep.org/news-and-stories/story/how-halting-deforestation-can-help-counter-climate-crisis>.

11), para Francisco, a resposta ao desafio da crise ambiental e ecológica, não pode ficar presa a nenhum domínio específico do saber ou da ciência.

Francisco apela, também, à necessidade de procurar outras maneiras de compreender o progresso e a economia para integrar os mais vulneráveis da sociedade, «tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre a pessoas mais pobres». (LS 48) Para o Papa a degradação da «casa comum», nunca pode ser separada do sofrimento dos seres humanos, mais frágeis que nela moram e dependem.

Esta preocupação visa «ultrapassar o contrassenso, tantas vezes verificado, em que se fala de ecologia para tudo menos para o ser humano». Diz o Papa Francisco:

É preocupante constatar que alguns movimentos ecologistas defendem a integridade do meio ambiente e, com razão, reclamam a imposição de determinados limites à pesquisa científica, mas não aplicam estes mesmos princípios à vida humana. (LS 136)

Ainda, como ponto-chave da Encíclica, Francisco, no capítulo V (163-201) sob o título – «Algumas linhas de orientação e ação» – aborda a necessidade de repensar o progresso. O pontífice considera que o critério para avaliar se houve progresso e «não regresso», é viver com uma qualidade de vida integralmente superior, e aponta «o discurso do crescimento sustentável» como «um meio de diversão e justificação que absorve valores do discurso ecológico dentro da lógica da finança e da tecnocracia». (LS 194)

Neste capítulo, o Papa apela ao diálogo sobre o meio ambiente na política internacional, ao diálogo entre a política e economia, e ao diálogo entre as religiões, entre a ciência e as religiões e entre as várias ciências: «A gravidade da crise ecológica obriga-nos, a todos, a pensar no bem comum e a prosseguir pelo caminho do diálogo que requer paciência, ascese e generosidade, lembrando-nos sempre que a realidade é superior à ideia». (LS 201)

Por último, no VI capítulo da LS (202-246) sob o título – «Educação e Espiritualidade Ecológicas» – o Papa acentua a necessidade de se formar uma aliança entre a humanidade e o ambiente, sugerindo linhas de força nos âmbitos educativo, familiar, empresarial, espiritual, teológico e político para «recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus». (LS 210)

O texto propõe a ética ecológica, o compromisso pelo bem comum global, a simplicidade, a sobriedade, a gratidão, a comunhão e o amor social como modelos de pensamento passíveis de gerar novos comportamentos para viver e agir melhor.

E relembra a vida de São Francisco de Assis, como modelo inspirador, «para propor uma sã relação com a criação como dimensão de conversão integral da pessoa». (LS 218)

Francisco de Roma apela, assim, a uma mudança de coração e de mentalidade, a uma «conversão ecológica» (LS 216), pessoal, comunitária e planetária, pois «antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar» (LS 202), na procura de acordar para uma nova relação de irmandade ontológica do ser humano relativamente a todas as outras criaturas.

Acrescenta, ainda, numa nota de esperança: «É sempre possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro» (LS 208), numa doação de si mesmo, pois, como refere: «Não há sistemas que anulem, por completo, abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir, que Deus continua a estimular no mais fundo dos corações». (LS 206)

Em suma, na era da «ebulição global»,¹⁸⁷ a LS propõe uma ética do humano e da Terra, com valores para transformar a realidade atual e administrar e cuidar da «casa comum» com sabedoria e justiça, assente numa dinâmica do dom, do amor fazendo eco do Evangelho. Nas palavras do cardeal filipino Luis Antonio Tagle, na Conferência de abertura do ano *Laudato si'*, na UCP de Lisboa, em 2022:

A LS ajuda-nos (...) a ver cada criatura e especialmente cada ser humano, como um presente e não apenas como alguma coisa, um objeto, uma mercadoria a ser usada, e que se pode deitar fora quando deixar de ter utilidade.¹⁸⁸

Com a publicação da LD, o Papa reforçou a urgência no cuidado com a «casa comum», assinalando mais uma vez que se trata de «um problema social global intimamente ligado à dignidade da vida humana» (LD 3), e que continua a carecer de ação e de resultados adequados por parte da política internacional.

2.4 O apelo ao espanto

Devo muito aos pés e aos olhos. Sem a ajuda deles nem a alma estaria tão cheia, nem teriam surgido os livros onde tento esvaziá-la. (..) Os homens ensinaram-me a pensar e a discernir; mas as coisas revelaram-me a beleza dos mistérios sem explicação. Diante de uma seara a ondular, dum sobreiro descascado, dum esteval florido, sinto que a vida é mais larga que um silogismo e mais bela

¹⁸⁷ Expressão utilizada pelo Secretário-Geral da ONU, António Guterres, no dia 27 de julho de 2023. Mês no qual foram batidos recordes da temperatura do ar e das águas do oceano, e o planeta esteve 1,5 graus mais quente do que antes da revolução Industrial, segundo o Programa Europeu de Monitorização do Clima Copérnico.

¹⁸⁸ Tagle, Mendonça, *As coisas podem mudar*, 11.

do que um verso bem medido. [...] Li centenas de
livros, e continuo a ler. Mas é na cartilha da
natureza que aprendo o que à minha inquietação
mais importa.¹⁸⁹

Miguel Torga, Diário X, 65

Quem realmente aprende a ver, aproxima-se do
invisível¹⁹⁰

Paul Celan, Milão, 2020

O maravilhamento, a comunhão com a natureza surge para Miguel Torga como a «revelação da beleza dos mistérios sem explicação» e como meio para uma vida mais larga, bela e profunda.

De facto, sabemos que dar a conhecer os problemas ecológicos, consciencializar é importante, mas será que existe outro meio de tornar os alunos sensíveis na prática à comunhão com o real, à «cartilha da natureza»? E ultrapassar a polarização entre natureza e ser humano?

A criação desta ligação será, apenas, através da «heurística do medo»,¹⁹¹ como define o filósofo alemão Hans Jonas, do que nos pode acontecer, a nós e às gerações futuras, caso a nossa ação sobre a Terra continue no caminho da superexploração? Ou em contrapartida, não será o espanto, a contemplação, a curiosidade, o melhor estímulo para ir ao encontro do sentir dos jovens de hoje e a partir daí contruir uma nova pedagogia do olhar, e uma nova relação com a natureza? Nas palavras do investigador Miguel Panão:

Ao contemplar a natureza podemos fazer uma experiência profunda de unidade com a dinâmica e história que se desenrola no universo e da qual fazemos parte. Contemplar pode ser um ato de profunda comunhão através do olhar, ouvir, tocar, saborear, cheirar. Através dos sentidos experimentamos um contacto com tudo o que está à nossa volta, e experimentar um momento rico de sentido e significado pode levar-nos à contemplação; a experimentar como fazemos parte da mesma dinâmica e história; ou seja, como “somos um”, de certo modo.¹⁹²

¹⁸⁹ Miguel Torga, «Ensaio de Filosofia e Literatura», acessado a 10 de agosto de 2024, <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18637.pdf>.

¹⁹⁰ Francisco, Carta do Santo Padre sobre o papel da literatura na educação, 17 de julho de 2024, acessado a 27 de julho de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240717-lettera-ruolo-letteratura-formazione.pdf>.

¹⁹¹ Maria Isabel Pereira Varanda, «Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador», *Theologica*, 2.^a Série, 38, 2 (2003), 292.

¹⁹² Miguel Oliveira Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», em *Ética Relacional: um caminho de sabedoria*, Silvestre Ourives Marques, Miguel Oliveira Panão, Pedro Vistas (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 174.

Assim, podemos afirmar que todo o mundo natural, a vida da Terra, quando contemplada, não deixa de nos deslumbrar e de nos transformar. O apelo ao espanto no sentido de deslumbre, admiração, maravilhamento face à natureza e à humanidade, na sua genialidade expressa na música, na literatura, no cinema, na pintura e nas artes em geral, nas línguas, na tecnologia, será, assim, o primeiro desafio, e a primeira etapa deste mapa pedagógico a ser explorado. Como fazê-lo? A partir da premissa de que sentir, deve preceder o saber, mas também da consideração do espanto enquanto inspiração do bem.¹⁹³

Como refere Panão,

Alguém fica indiferente a um pôr-do-sol? Alguém fica indiferente se um tigre lhe aparecer á frente? Alguém fica indiferente perante uma paisagem montanhosa, ao seguir o decurso de um rio, diante de uma cascata? Eu penso que não. Contemplar a natureza é uma experiência transformadora. Aliás, a própria psicologia estudou que a visualização de imagens de natureza pode restaurar a nossa capacidade de estar atentos. E se imagens possuem esse efeito sobre nós, imaginem o contacto direto com as realidades que retratem.¹⁹⁴

Assim, a nossa capacidade de atenção, tão importante para o desenvolvimento dos jovens, e tão dispersa nos dias de hoje, beneficiaria com sentir e amar a natureza, como realidade viva e fraterna, constitutiva do início da consciência ecológica.

Neste sentido, refere Cerqueira Gonçalves: «deve, (...) exigir-se, imprescindivelmente, à escola que deixe entrar, por todos os seus poros, a interpelação ambiental»,¹⁹⁵ ou seja deixarmo-nos encantar face ao universo, à natureza é essencial para o enraizamento no real e para desenvolver um sentimento de gratidão pelo que nos envolve e nos une a todos, principalmente numa realidade escolar urbana, na qual por vezes sentimos os alunos, desligados, superestimulados e hiperativos, mas sem concentração e sem quietude.

Como refere a filósofa, Maria José Varandas:

O contacto direto com os seres vivos (amoras, mirtilos, morangos, insetos, aves e mamíferos) e físicos (ar, solos, águas, rochas), afeta a criança de um modo que nenhuma experiência simbólica pode substituir. Porque a riqueza dessa relação estrutural modela e amplifica toda a riqueza multidimensional humana: o sentir em toda a sua gama de cambiantes (espanto, aversão, atração, medo, afeto), o pensar (curioso, experimentalista ou meditativo), o comunicar, o criar, enfim, o pleno e harmonioso desenvolvimento das faculdades humanas que concorre para a modelação de uma «vontade boa» capaz de se interessar pela proteção das realidades não-humanas.¹⁹⁶

¹⁹³ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 20.

¹⁹⁴ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 154.

¹⁹⁵ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a Cultura Ocidental em questão*, 11.

¹⁹⁶ Varandas, «Da Percepção Estética da Natureza à Acção – Uma Pedagogia Ambiental», 106.

Assim, despertar o sentido da beleza pela diversidade da vida, o entusiasmo pelas coisas novas, a sensação de admiração, de amor, são emoções que preparam o conhecimento, permitem um significado mais duradouro e ajudam a formar a consciência social e humana.

Como nota Cerqueira Gonçalves: «as relações do ser humano com o universo desenvolvem-se muito antes do aparecimento das estruturas jurídicas e morais».¹⁹⁷

Já na antiguidade, Platão afirmava que a origem da filosofia era o «espanto»,¹⁹⁸ o assombro, a contemplação, e não logo o agir sobre.

O filósofo contemporâneo, Byung-Chul Han, reforça esta ideia ao afirmar que «A vida cultural da humanidade, na qual se inclui também a atividade filosófica, só é possível e só se desenvolve quando existe uma atenção profunda e contemplativa».¹⁹⁹

Esta atenção, este tempo profundo, de «afundar-se contemplativamente no outro»²⁰⁰ e na realidade que o cerca está na base do dom da escuta, na capacidade de escuta da comunidade, e no reconhecimento e valorização do outro, e está no inverso do tempo presente, de *multitasking*, da atenção repartida, da indiferença.

Espanto é, assim, o ponto de partida para o conhecimento. Também, nós educadores, junto com os nossos alunos, poderemos retomar esta via da contemplação, do lugar ao silêncio, do lugar à admiração, e ao louvor, como um momento de pausa, para respirarmos e olharmos profundamente, de modo a combatermos a falta de cuidado, o olhar utilitarista face à natureza e aos outros. A via da contemplação poderá ajudar a devolver a serenidade, a concentração, a harmonia nas relações com a natureza e com os outros, no caminho da paz com a natureza e com as pessoas e no caminho para a unidade na diversidade. Nas palavras de Francisco:

A paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado com a ecologia e com o bem comum, porque autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado com a capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. A natureza está cheia de palavras de amor; mas como, poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa? (LS 225)

Consequentemente voltar a olhar a natureza e os outros com uma atitude de espanto, ouvir os sons da natureza, de modo a prender novamente a atenção dos nossos educandos e desenvolver o sentido da curiosidade, a relação empática com a «casa comum», permitirá reavivar a capacidade de abertura ao outro, seja Deus, o próximo ou à criação, e assim redescobrirmo-nos, como família humana.

¹⁹⁷ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 71.

¹⁹⁸ Karl Jaspers, *Iniciação filosófica* (Lisboa: Guimarães & C.ª Editores, 1978), 19.

¹⁹⁹ Han, *A sociedade do Cansaço*, 26.

²⁰⁰ Han, *A sociedade do Cansaço*, 26.

O que permitirá, por outro lado, desenvolver – uma ética pessoal, civil e com a Terra – uma ética de cuidado baseada no amor, pois a «criação é bela e boa e espelha a beleza e a bondade do seu criador». (LS 12)

Assim, olhar à volta, deslumbrarmo-nos com a natureza e com os outros, ouvir e sentir os ritmos da natureza e do ser humano pode ser também uma prática para experimentarmos a vida com maior profundidade, e redescobrir «a sensibilidade estética (...) e a capacidade da razão de perceber o sentido e a finalidade das coisas». (LS 199)

Neste contexto, sublinha Francisco:

não se deve descurar nunca a relação que existe entre uma educação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio. Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista. Quando não se aprende a parar a fim de admirar e apreciar o que é belo, não se surpreende que tudo se transforme em objeto de uso e abuso sem escrúpulos. (LS 215)

Panão, na sua recente obra «Tempo 3.0», explora a «Arte de Notar em Coisas novas» como uma prática que nos pode ajudar a gerar o tempo-profundo, a dar sentido e significado ao contexto em que vivemos: «o hábito de notar em coisas novas, ajuda a cultivar uma perspetiva original, um ponto de vista distinto, (...) e ir para além das distrações para despertar a curiosidade».²⁰¹

Portanto, a educação, deve estimular, despertar para a utilização total da inteligência geral do ser humano, pois este uso total, refere Morin: «pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e mais viva durante a infância e a adolescência».²⁰²

Logo, a vertente de espanto, poderá ser o início do conhecimento, de um desejo de conhecimento, que revela um caminho a seguir: a liberdade para ir até aonde a curiosidade levar, para procurar e descobrir, para experimentar e criar, para aprender, crescer e viver para amar a vida. A inteligência é, pois, inseparável da curiosidade, da paixão, da afeição, do sentimento.

Como assinala Tolentino de Mendonça «uma das grandes virtudes que precisamos de reencontrar é, pois, a arte do espanto, pois é verdadeiramente por aí que tudo começa».²⁰³

Espanto, como afirma o autor:

deriva do latino *expaventare* que descreve a forte impressão originada por uma coisa inesperada e repentina. Se procurarmos sinónimos, encontramos assombro, admiração,

²⁰¹ Panão, *Tempo 3.0, Uma visão revolucionária da experiência mais transformadora do mundo*, 160.

²⁰² Morin, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 39.

²⁰³ José Tolentino Mendonça, A Revista Expresso, Edição 2296 de 29 de outubro, de 2016, «Tudo começa pelo espanto» acedido a 9 de agosto de 2023, <https://www.imissio.net/v2/%20opinioao/tudo-comeca-pelo-espanto:4954/>.

surpresa. É o contacto (consciente, fulgurante, desarmado, rendido) com a vida maior do que nós, a vida em aberto, não predeterminada. No espanto, a nova e surpreendente expressão da vida prende a nossa atenção à maneira de um relâmpago, de um rasgão imprevisível.²⁰⁴

O espanto representa, assim, o deixarmo-nos surpreender, deixar entrar o deslumbre, a gratidão, pois, de alguma maneira tudo tem uma dimensão assombrosa.

A propósito do espanto como motor do conhecimento, o texto da bióloga, escritora e ambientalista norte-americana Rachel Louise Carson (1907-1964) «Help Your Child to Wonder»,²⁰⁵ escrito em 1956 para a revista *Woman's Home Companion* e publicado como livro, postumamente, em 1965 com o título «The Sense of Wonder»²⁰⁶, pode servir de inspiração para exercitar «o olhar longo» face à natureza de que fala o teólogo Tolentino de Mendonça:

Gosto muito da definição de espanto dada por Adorno: «Espanto é o longo e inocente olhar sobre o objeto». É, de facto, um «olhar longo» e isso talvez explique porque consideramos hoje tão pouco o espanto, num tempo que nos programa para olhares breves, relances, observações fugidias e utilitárias, cada vez mais simplificadas. E é um olhar inocente isto, é aberto à revelação do próprio objeto, ao que ele pretende de nós e não ao que imediatamente pretendemos dele. O espanto obriga-nos a uma revisão do que sabemos de nós próprio e do mundo.²⁰⁷

A obra de Carson, «The Sense of Wonder» poderá ser também um guia pedagógico para despertar nos jovens o maravilhamento e a curiosidade, que a natureza na sua ilimitada diversidade nos provoca.

Há apenas que sentir, invocar todos os nossos órgãos: visão, escuta, tato, olfato para provocar a comoção, a comunhão com a natureza.

A autora na sua obra, incita-nos a explorar a natureza com sentimentos e emoções, a usar todos os nossos sentidos, a ter os sentidos à flor da pele e a abandonar o impulso de ensinar ou explicar. Conhecer com o coração, pois «é ele que sente, vibra e faz vibrar»²⁰⁸ e não apenas com a razão.

²⁰⁴ José Tolentino Mendonça, A Revista Expresso, Edição 2296 de 29 de outubro, de 2016, «Tudo começa pelo espanto» acedido a 9 de agosto de 2023, <https://www.imissio.net/v2/%20opiniao/tudo-comeca-pelo-espanto:4954/>.

²⁰⁵ «Ajude a sua criança a maravilhar-se».

²⁰⁶ «Maravilhar-se».

²⁰⁷ José Tolentino Mendonça, A Revista Expresso, Edição 2296 de 29 de outubro, de 2016, «Tudo começa pelo espanto» acedido a 9 de agosto de 2023, <https://www.imissio.net/v2/%20opiniao/tudo-comeca-pelo-espanto:4954/>.

²⁰⁸ Boff, Do bom uso da razão cordial e sensível. <https://www.ihu.unisinos.br/644877-do-bom-uso-da-razao-cordial-e-sensivel-artigo-de-leonardo-boff>.

A escrita de Carson relembra-nos a verdade que a maior parte dos adultos já se esqueceram: que todos nós pertencemos ao mundo natural, «o ser humano não está fora, nem acima da natureza».²⁰⁹

O livro segue o percurso que fez para o sobrinho amar e respeitar a natureza. Roger Christie, o sobrinho-neto foi desde muito cedo o companheiro das explorações de Carson. Juntos, no Maine, tia e sobrinho de três anos exploraram os bosques e as piscinas de maré, que rodeavam a sua casa de praia, a partir dos sentidos e dos sentimentos que os sentidos lhes despertavam. Carson afirma que:

Para que uma criança mantenha vivo o seu sentido inato do que é maravilhoso sem que lhe tenha sido dado tal presente pelas fadas, ela necessita da companhia de pelo menos um adulto com quem possa partilhá-lo, redescobrimo com ele a alegria, o entusiasmo e o mistério do mundo em que vivemos.²¹⁰

Para a autora este sentido do maravilhamento desenvolvido na infância permitiria que mais tarde houvesse menos apetência por atividades que ameçassem a natureza e os outros. Nas palavras de Maria José Varandas:

A obra de Rachel Carson, exprime, de diversos modos, um género de pensar que afirma a unidade entre a emoção e a racionalidade, e onde a sensibilidade estética surge como *locus* privilegiado para o florescimento do conhecimento comprovado e da ação responsável.²¹¹

Assim, compreender a natureza não apenas como meio, mas como possuindo valor próprio implica uma necessária reformulação dos direitos e deveres do ser humano, alargando o significado de cidadania a uma dimensão planetária e a um futuro possível.

Os japoneses, por exemplo, fomentam «experiências na natureza em programas ecoescolas para todas as idades com o objetivo de induzir o sentimento estético da natureza e o de adquirir conhecimentos sobre ela, como binómio que constitui a base do pensamento e da ação».²¹²

Ainda, no Japão são prescritos «Banhos de Floresta» pelo sistema nacional de saúde, para melhorar a atenção, a qualidade do sono, o bem estar físico e mental, e promover a ligação à natureza, criando uma maior estima e respeito pela natureza.²¹³

Em Itália, o projeto «Jardins Terapêuticos» do Centro Teresa de Calcutá, na cidade de Pádua, foi criado para ajudar doentes com Alzheimer, os pacientes cultivam e cuidam dos jardins. Como refere o diretor do Centro «em contato com plantas como carvalhos, louros e alecrins, os

²⁰⁹ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 62.

²¹⁰ Rachel Carson, *The Sense of Wonder*, (New York, Harper Collins Publishers, 1998), 55.

²¹¹ Varandas, «Da Percepção Estética da Natureza à Ação – Uma Pedagogia Ambiental», 98.

²¹² Varandas, «Da Percepção Estética da Natureza à Ação – Uma Pedagogia Ambiental», 110.

²¹³ Diana Carneiro, «A ciência por trás dos Banhos de Floresta: Benefícios e Como Praticar», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.theoceanyoga.com/blog/banhos-de-floresta-beneficios>.

pacientes com demência recuperam a memória, as funções cognitivas prejudicadas, como a linguagem, melhoram o humor e, acima de tudo, usam menos medicamentos».²¹⁴

Em suma, o nosso papel enquanto educadores é orientar para esta aprendizagem do sentido das maravilhas do mundo: Terra; vida e humanidade, a partir da vida quotidiana, do «olhar demorado» na realidade e nos outros, com o objetivo da construção da «casa comum», da morada humana.

Para tal há que desenvolver a capacidade de nos espantarmos, desenvolver a sensibilidade, e com mais acentuação, a inteligência cordial, pois é ela que nos faz sentir parte de um todo maior, que nos dá a compreensão da nossa ligação com os demais seres, no caminho para a construção de uma consciência planetária.

Como reforça Maria José Varandas, Carson:

defendia a importância do contacto direto com a natureza desde a infância, como a via estrutural para a formação de uma sensibilidade atenta à beleza e ao bem do mundo natural, enfim, como solo exemplar de germinação de uma humanidade plena, na sua aceção ética em que ser e agir concordam e constituem expressões manifestas do Sumo Bem Comunitário.²¹⁵

2.5 O apelo à origem comum, à «casa comum» e ao futuro comum

Falta a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos.

Papa Francisco, LS, 202

Quando falamos em cuidar da «casa comum», que é o Planeta, fazemos apelo àquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas.

Papa Francisco, FT, 117

Tudo o que se nos pede é uma certa responsabilidade pela herança que deixaremos atrás de nós depois da nossa passagem por este mundo.

Papa Francisco, LD, 18

²¹⁴ Cecilia Seppia, «Terapia verde contra a doença de Alzheimer», Vatican News, 13 fevereiro 2024, acessado a 8 de agosto de 2024, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-02/historia-laudato-si-terapia-alzheimer-jardins-terapeuticos.html>

²¹⁵ Varandas, «Da Percepção Estética da Natureza à Acção – Uma Pedagogia Ambiental», 97.

O segundo momento de desenvolvimento das sementes GLS na escola parte da redescoberta de raízes comuns: humanidade comum; «casa comum» e destino comum. O percurso pode ser feito a partir de três interrogações basilares: Não pertencemos todos ao mesmo género humano? Não partilhamos a mesma «casa comum» humanos, animais, plantas, árvores? Que ideia de futuro – de destino comum – estamos a construir?

Assim, reconhecer que estamos ligados a um ancestral comum por laços filogenéticos, que todos juntos vivemos na mesma morada a Terra como «casa comum», que temos uma humanidade e um destino partilhado, que temos aspirações comuns, que o outro é nosso igual, tornam-se questões prementes para a constituição de uma cosmovisão atenta ao sofrimento humano e da Terra, centrais na experiência cristã e fundamentais para a construção da GLS enquanto projeto coletivo:

Não há alienação pior do que experimentar que não se tem raízes, não se pertence a ninguém. Uma Terra será fecunda, um povo dará frutos e será capaz de gerar o amanhã apenas na medida em que dá vida a relações de pertença entre os seus membros, na medida em que cria laços de integração entre as gerações e as diferentes comunidades que o compõe, e ainda na medida em que quebra as espirais que obscurecem os sentidos, afastando-nos sempre uns dos outros. (FT 53)

Com efeito, o enfraquecimento da consciência coletiva esvazia os sentimentos de solidariedade, gera a quebra dos vínculos comunitários, a quebra do corpo social, do «nós» referido pelo Papa Francisco na Encíclica FT e conduz à não tomada de consciência de que temos valores, interesses comuns e problemas comuns.

Como refere Isabel Varanda:

Não se trata somente das espécies animais e vegetais que se extinguem, também as palavras, as frases, o calor das conversas, os olhares, os gestos de solidariedade humana, a doçura e a paz entre todas as criaturas vão desaparecendo do dia a dia.²¹⁶

Por isso a interrogação principal será perceber o que nós somos? E que comunidade queremos ser para viver, amar e realizarmo-nos enquanto seres humanos? Como escreve o Papa Francisco, citando Romano Guardini (1885-1968), professor e teólogo italiano, « se o ser humano não redescobre o seu verdadeiro lugar, compreende-se mal a si mesmo e acaba por contradizer a sua própria realidade». (LS 115) Assim, para nos ajudar nesta busca existencial precisamos primeiro de reconhecer que «coexistimos no mesmo cosmo e na mesma natureza com uma origem e destino comum»,²¹⁷ estamos, pois, conectados aos outros biologicamente,²¹⁸

²¹⁶ Varanda, «Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador», 305.

²¹⁷ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 81.

²¹⁸ Possuímos o mesmo código genético de base, desde a bactéria originária, passando pelas grandes florestas, os dinossauros, os cavalos, os beija-flores e nós mesmos. Somos constituídos por 20 aminoácidos e por 4 bases nitrogenadas ou fosfatadas.

atomicamente, partilhamos a mesma casa e os mesmos perigos. Em segundo lugar, precisamos de descobrir os valores comuns que nos ligam: a colaboração, o cuidado; a hospitalidade; a verdade; a paz; o amor, a esperança. Por último, importa refazer a nossa dimensão espiritual, de busca de sentido, para assim, reconstruirmos a nossa essência e aspiração da condição humana, aceitando que o «sentimento e o afeto (*pathos*) são a base fundamental do ser humano»²¹⁹ ou seja, a capacidade de dar, no dom-de-si-mesmo, a gratuidade, ser empático, ser cuidador, é a nossa marca humana. A partir deste caminho poderemos fazer um corte epistemológico com o paradigma antropocêntrico e restaurar as nossas três relações vitais: «com Deus, com o próximo, e com a terra»(LS 66), no caminho para uma nova antropologia equilibrada que «ilumina o que é a vocação e a missão do ser humano no mundo».²²⁰

Como sublinha o Papa Francisco:

A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante: a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. É exatamente essa lei moral e inscrita na própria natureza que faz de nós uma humanidade. É porque temos uma base comum que nós nos podemos considerar uma humanidade. (LS 155)

Deste modo, juntos, como humanidade podemos construir o futuro como lugar de esperança, no qual todos os seres humanos possam ser e agir em igualdade, equidade, liberdade e fraternidade, na medida em que «o mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta Terra com a mesma dignidade» (FT 118), que não se recebe, nem se perde, nada a pode destruir.

Deste modo, repensar que pertencemos à mesma família humana, que temos uma base comum, que todos somos o mesmo, significa reconhecer que todos temos a mesma dignidade ontológica, o que implica saber acolher e aprender a viver com o outro, com a sua originalidade, enraizados na natureza. Como afirma Leonardo Boff:

O outro é qualquer habitante do planeta, cujo destino podemos acompanhar e nos solidarizar ou ficarmos indiferentes ou insensíveis. O outro são os seres da natureza, os animais, os ecossistemas e a própria Terra. Somos companheiros na mesma aventura planetária e somos responsáveis por seu destino e futuro comum.²²¹

Por outro lado, trazer à colação o conhecimento tradicional e a visão dos povos indígenas do «bem-viver»²²² e da sua espiritualidade com a Terra, como dom gratuito de Deus, um lugar

²¹⁹ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 66.

²²⁰ Tagle, Mendonça, *As coisas podem mudar*, 39.

²²¹ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 69.

²²² A ideia do «bem viver», que também pode ser traduzido como «vida em plenitude», é um conceito coletivo cunhado pelos povos originários da região andina, que se baseia numa visão ética de uma vida digna e implica uma atitude de respeito pela vida e a natureza e em estreito contato com ela. Assim entendida, a natureza inclui

sagrado com o qual precisam de interagir, cuidar e preservar para manter a sua identidade e os seus valores, e que considera todos os seres como portadores de direitos, poderão ser também questões a trabalhar no contexto escola para integrar a ideia-chave de «casa comum»:

As etnias que desenvolveram um tesouro cultural em conexão com a natureza, com forte sentido comunitário, apercebem-se facilmente das nossas sombras, que não reconhecemos no meio do suposto progresso. Assim, far-nos-á bem recolher a sua experiência de vida. (QA 36)

De facto, os povos indígenas veem a natureza como Mãe Terra, e afirmam que a natureza não nos pertence, nós pertencemos à natureza. Viver bem, como refere Francisco «é viver em harmonia com a Terra, o equilíbrio pode ser funcional, mas a harmonia é soberana».²²³

Mas se a humanidade se enredar apenas no modelo tecnocrático e na economia desigual, a ligação consigo mesmo, com o outro, com a natureza, o sentido do nós, o sentido da transcendência de Deus diminuirá e conduzirá ao encerramento no nosso próprio reflexo, à manipulação da realidade e à perda do sentido global.

Neste cenário sobressai «uma conceção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropria do objeto que se encontra fora» (LS 106), ao invés da lógica comunitária, da partilha e da sustentabilidade. Segundo Francisco a raiz humana da crise ecológica surge:

Quando o ser humano se declara autónomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se a própria base da sua existência, porque «em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza. (LS 117)

Como refere Isabel Varanda, um dos sinais de que estamos a viver uma «viragem epocal marcada por transformações profundas» (...) «é o raquitismo dos horizontes antropológicos, porque enclausurados nos limites da estrita imanência».²²⁴ O ser humano preso numa autorreferencialidade de interesses, procura a felicidade e o êxito imediato, e torna-se insensível à dor dos outros seres humanos e aos danos que provoca no que o rodeia. Deste modo, afastamo-nos da religião, da transcendência, da espiritualidade, da nossa essência, para construir a ilusão de que a tecnociência, nos dará o controle, a realização e a grandiosidade que não temos. Como refere Francisco – ao citar Bento XVI – «O desperdício da criação começa onde já não

tanto as pessoas como todos os seres vivos e deixa de ser apenas um recurso ou meramente um lugar para habitar, acedido a 27 de julho de 2024. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/575404-o-bem-viver-ancestral-uma-cosmovisao-indigena>.

²²³ Francisco, Discurso aos participantes no Fórum dos Povos Indígenas, 10 de fevereiro de 2023, acedido a 27 de julho de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/february/documents/20230210-forum-popoliindigeni.html>.

²²⁴ Varanda, «Questões sociais do nosso tempo», 74.

reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemo-nos unicamente a nós mesmos». (LS 6)

Consequentemente, a formação da consciência planetária, do sentir a nossa comunidade de origem, e a unidade ontológica entre todos os seres vivos porque habitam a mesma morada, deverá ser, pois, um desafio lançado aos alunos para enquadrar a realidade que «nós mesmos somos terra» (LS 2), num ecossistema universal em que cada ser vivo importa e tem uma dignidade intrínseca, um valor ontológico.

O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatómicas se podem considerar separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade. (LS 138)

Deste modo, o primeiro nível proposto de construção da GLS na escola assenta na educação do «olhar longo», do maravilhar-se, mas o seu itinerário implica, também o reconhecimento do «valor próprio de cada criatura» (LS 16) e da evocação da alteridade, da necessidade da relação com o outro, em complementaridade, em colaboração para constituir comunidade. Sentir a ligação a todas as formas de vida, sermos mais humildes e, assim, conseguir escutar, coexistir com o outro e com a natureza, implica, também dar voz aos excluídos, aos mais vulneráveis, ou seja, trazer para o centro os que estão nas periferias existenciais, para podermos «falar de uma fraternidade universal». (LS 228)

Mas como formar este sentido de comunidade, de humanidade partilhada, sem ser excludente em relação ao estranho, ao Outro, como abrir espaço aos outros?

Na medida, em que o mundo é feito de pessoas, e não da soma de indivíduos, não basta desenvolver uma ideia de humanidade global, sem sonhos, sem ideais, sem consciência crítica, sem cultura histórica, sem valores fundamentais, sem aceitação mútua, sem conexão, sem gratuidade, sem responsabilidades sociais, pois o risco reside em cairmos no «paradigma da totalidade fechada»²²⁵ e excludente, em que cada um reivindica o direito de ser sempre mais e melhor que outro.

Francisco recorre à figura geométrica do poliedro que expressa a unidade, mas com diferentes faces – complementaridade e singularidade – como uma nova forma de se relacionar e estar com os outros: «É o poliedro onde ao mesmo tempo que cada um é respeitado no seu valor «o todo é mais que as partes, sendo também mais do que a simples soma delas». (FT 145)

²²⁵ Duque, *O próximo e a comunidade*, 15.

Assim, o caminho terá de ser trabalhado a partir das raízes comuns, numa cultura de cuidado pela nossa «casa comum» e de reconhecimento do outro como pessoa humana, integrando e valorizando diversas mundivisões, culturas e tradições diferentes, para não impor um paradigma cultural único, uma ideologia única. E deste modo, conseguirmos criar uma consciência humana ligada ao planeta ao mesmo tempo que se reconhecem as particularidades culturais e nacionais.

Mas o nosso modelo de pensamento ocidental, compartimentado, impede-nos de conceber a ideia de unidade em conjunto com a pluralidade, de facto como assinala o teólogo João Duque existe sempre a «tensão entre pertença local e abertura universal».²²⁶ Para compreender e superar esta tensão, João Duque cita o jesuíta Michel de Certeau que afirma que: «O vínculo comunitário constitui-se no reconhecimento do que o outro nos falta».²²⁷ Deste modo, formar comunidade será através daquilo que falta e não daquilo que se tem. Como afirma Duque, «o que origina o comum (...) é o reconhecimento de uma insuficiência fundamental». Logo ninguém é supérfluo, ninguém é descartável, e assim, a minha visão é necessariamente completada com a visão do outro. Portanto, será a partir da nossa fragilidade humana existencial, condição humana, mas também «a partir das nossas raízes que nos sentamos à mesa comum, lugar de diálogo e de esperanças compartilhadas». (QA 37) Desta forma, como expressa Francisco, «a diferença, que pode ser uma bandeira ou uma fronteira, transforma-se numa ponte» (QA 37), de modo a construir um tecido social abrangente ao qual todos se encontrem ligados, salvaguardada a «particularidade de cada diferença, seja pessoal, seja comunitária».²²⁸

Neste sentido a LS, Encíclica social e humana reorienta o olhar para o que é essencial: a defesa da dignidade ontológica do ser humano e da «casa comum», realidades interligadas que marcam a nossa própria vida e a dinâmica da paz entre nós e nós e a Terra.

Para Tolentino de Mendonça a LS:

é um texto de mudança que nos quer pôr a pensar e a olhar de outra forma. A pensar a nossa origem comum, a pensar a nossa pertença recíproca e a perceber que nós não estamos sozinhos, nós dependemos uns dos outros. O futuro do planeta é também o futuro da pessoa humana e das nossas comunidades».²²⁹

O convite presente na LS compromete-nos, assim, a estar mais conscientes da interação entre cada um dos seus elementos, mais envolvidos com a realidade comum a todos, mais cientes

²²⁶ Duque, *O próximo e a comunidade*, 41.

²²⁷ Duque, *O próximo e a comunidade*, 20.

²²⁸ Duque, *O próximo e a comunidade*, 38.

²²⁹ Tagle, Mendonça, *As coisas podem mudar*, 42.

«que aquilo que acontece em qualquer parte do mundo tem repercussões sobre todo o planeta» (LD 19), ou seja, mais atentos à visão sistémica da vida.

Por outro lado, o texto da LS dá critérios, valores e princípios para

que o nosso tempo seja um tempo que se recorde pelo despertar duma nova reverência face à vida, pela firme resolução de alcançar a sustentabilidade, pela intensificação da luta em prol da justiça e da paz e pela jubilosa celebração da vida. (LS 207)

e constitui, também, um referencial para nos orientar rumo a uma cultura de encontro e de diálogo, reforçando os laços comunitários, respeitando sempre as singularidades de cada um, e a diversidade de pontos de vista.

Em suma, inspirando-se na pessoa de Francisco de Assis como exemplo de pessoa de paz, dos pobres, do cuidado com a criação, Francisco de Roma propõe uma fraternidade entre os homens e com a natureza: «criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal» (LS 89), pois, «sempre que observamos vida, observamos redes»²³⁰ de apoio, de suporte e de conexão.

Francisco chama o planeta Terra de «casa comum», categoria que supera o micro, e que nos faz entrar em relação com a realidade que nos rodeia e com os outros, ou seja a «casa comum, na qual todos podem conviver, protegendo-se e entreadjudando-se mutuamente».²³¹

Conforme já referido, o Papa Francisco, sublinha que Francisco de Assis comparava a nossa «casa comum» «ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços» (LS 1), a «casa comum» é, pois, o nosso lar, a morada humana, da experiência do viver humano, logo cuidar da «casa comum» é condição primordial para podermos cuidar da humanidade.

Importa assim, recordar as origens da vida e da humanidade para nos sentirmos pertença duma realidade maior. Como refere Cerqueira Gonçalves:

A humanidade não é a única expressão do ser, mas representa sem dúvida, uma das suas ímpares manifestações, sem que passem a justificar-se por elas comportamentos de monopolizante sobrevivência.²³²

Será este apelo à ideia de redescobrir o lugar específico do ser humano no mundo enquanto ser, na sua fragilidade, na sua vulnerabilidade, na sua interdependência com os outros seres vivos, numa visão sistémica, o caminho para as gerações de hoje interpretarem a realidade e se

²³⁰ Stefano Rozzoni, Plinio Limata (Orgs.), *A economia de Francisco, Um glossário para reparar a linguagem da economia*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023), 80.

²³¹ Armindo dos Santos Vaz, «Casas da Nova Aliança: chaves antropológicas, apelos ecológicos», *Ephata: Sobre a casa comum em ecologia integral. Perspetiva interdisciplinar e ecuménica*, Revista Portuguesa de Teologia, V. 4, n. 1, (2022), 95.

²³² Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 65.

sentirem como partes de uma história chamada humanidade, de descobrirem o «nós», num exercício de globalidade, «amizade social» e interconexão.

A FT, «que convida a um amor que ultrapasse as barreiras da geografia e do espaço», (FT 1) completa a LS ao acentuar a fraternidade e «a amizade social» como valores centrais das relações não somente entre os humanos, mas entre os humanos, todas as demais espécies e o planeta.

No início da FT, Francisco expressa o desejo que:

Neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: «Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a vida humana numa bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie, e, dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos». Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma Terra que nos alberga a todos, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos. (FT 8)

Assim, no mundo de hoje, todas as gerações são desafiadas a sonhar, a coexistir, a criar de novo, a construir juntas o destino comum da Terra e da humanidade. Mas este desafio implica a chamada à construção da fraternidade e à assunção da responsabilidade universal pelo destino comum da Terra e da humanidade.

O desafio é ético e moral, é saber discernir qual a melhor direção para avançarmos e tornarmos mais sustentável – numa visão multidimensional: humana; social e ambiental – a vida, a nossa «casa comum», cientes que num mundo interligado os nossos estilos de vida e as nossas escolhas afetam o presente e o futuro das próximas gerações, e que por vezes embalados na rotina dos dias e na normalização do individualismo e da indiferença, alheios na verdade ao que é importante, a Terra e a humanidade serão o resultado das nossas escolhas, tanto individuais como coletivas.

Como refere Francisco:

«a maior lição que Covid-19 nos deixa em herança é a consciência de que todos precisamos uns dos outros, que o nosso maior tesouro, ainda que o mais frágil, é fraternidade humana, fundada na filiação divina comum, e que ninguém pode salvar-se sozinho. Por conseguinte, é urgente buscar e promover, juntos, os valores universais que traçam o caminho desta fraternidade humana.²³³

²³³ Francisco, Mensagem para a celebração do 56º Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2023, acessado a 5 de agosto de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20221208-messaggio-56giornatamondiale-pace2023.html>.

O reconhecimento do valor intrínseco de todas as criaturas e da sua interligação, ideia-chave da LS, juntamente com o princípio da fraternidade da FT, ajuda-nos, desta forma, a retomar a dimensão da coletividade, do dever de cuidado de uns com os outros, o que nos permite por sua vez, encontrarmo-nos e reencontrar a nossa dimensão cósmica, de modo a vivermos em homeostasia na «casa comum» com toda a criação no mundo presente e no futuro.

A necessidade de construir um futuro melhor marca, também, o discurso da LS. Logo, nas primeiras páginas do texto o Papa lança «um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do Planeta». (LS 14)

Mas para haver um futuro melhor, o pressuposto da esperança é obrigatório, na medida, em que o sentimento de esperança, «de consideração na infinita possibilidade de destino para o ser humano»,²³⁴ é um sentido essencial para nos projetarmos no futuro. A esperança é um sentimento, «independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que se vive» (FT 55), é partilhado por todos os povos. Contudo para nós cristãos a esperança é o âmago do Evangelho, é a grande esperança, a esperança que dá sentido e razão, a esperança que finaliza a vida.

Como refere Tolentino de Mendonça, a esperança, «no idioma paulino aponta para duas direções»:²³⁵ é uma espera em Deus – cumprimento escatológico da história, e por outro lado refere-se «ao presente em marcha, pois com o mistério pascal de Cristo (Rm 5,5) a salvação está em curso, no aqui e no agora, no ordinário, no quotidiano da vida».²³⁶

Mas nas palavras de Francisco, o tempo presente caracteriza-se por uma perda de crença de que o futuro será melhor que o passado:

Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade.²³⁷

De facto, as pessoas parecem já não acreditar num mundo de amanhã melhor e os jovens que são o nosso futuro, sentem-se por vezes desencantados e frustrados com o aumento do custo de vida, a dificuldade de encontrar trabalho, casa, e constituir família, mas a esperança permanece.

²³⁴ José Tolentino Mendonça, *Esperar contra toda a esperança* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020), 15.

²³⁵ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 15.

²³⁶ Mendonça, *Esperar contra toda a esperança*, 15.

²³⁷ Francisco, Bula da Proclamação do Jubileu ordinário do ano de 2025, acedido a 5 de agosto de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html

Logo, a construção da esperança é uma decisão, é um caminho para o futuro; implica não nos resignarmos, não nos acomodarmos, implica confiarmos, implica a abertura à vida.

Mas como construir a esperança e comunicá-la aos jovens? Há que estar ciente que esperar não chega, é preciso ligar a paciência à esperança e avançar no sonho, ter ideais, compromissos, pôr passo ante passo, cada um mais bem pensado e conseguido que o anterior para concretizar o que queremos, a abrimo-nos a uma visão de vida, do ser-com, com alegria e com entusiasmo. Nas palavras de Francisco: «Cada geração deve fazer suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas mais altas. É o caminho». (LD 34) Tudo isto pressupõe, que os jovens acreditem neles, e que por sua vez, acreditemos nos jovens, e na essência da humanidade, deixando-nos surpreender pela vida, pela beleza, pelo bem e pelos outros. Como refere Francisco: «a esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna». (FT 55)

Neste contexto, cultivar a arte do encontro, da amabilidade, do trabalho conjunto, alimentar os «sonhos bons»²³⁸ das gerações mais novas com políticas eficazes, promover a solidariedade intergeracional, e com estas coordenadas reconstruir a esperança «que está enraizada no mais fundo do ser humano» (FT 53), é um passo para o desejo, para a esperança de construir um mundo mais fraterno e menos desigual.

Para Tolentino de Mendonça a crise contemporânea vive, de facto, também uma crise de esperança:

A esperança não é um lenitivo que adormece a dor até que ganhemos coragem para tratar a sério da vida, mas uma força que já hoje nos motiva para a transformação da história. A esperança não é um adiamento, mas um compromisso. Não é uma abstração idealizada, mas um dinamismo concreto, uma laboriosidade, um fazer.²³⁹

Neste sentido, no discurso proferido no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, durante as JMJ, o Papa Francisco acentuou a preocupação de se trabalhar em conjunto para construir a esperança da vida: «Imagino três estaleiros da construção da esperança onde podemos trabalhar todos unidos: o ambiente, o futuro, a fraternidade».²⁴⁰

Os três projetos a reconstruir assinalados pelo Papa: ambiente, futuro, e fraternidade, correspondem, de algum modo às raízes aqui mencionadas, «casa comum», destino comum e humanidade comum, que precisam de ser redescobertas, restauradas, organizadas. Assim, o estaleiro do ambiente é a nossa «casa comum», que necessita de ser protegida, de ser guardada

²³⁸ Francisco, *Todos, todos, todos!*, JMJ Lisboa 2023, *Discursos e Homilias* (Lisboa: Editora Paulinas, 2023), 8.

²³⁹ José Tolentino Mendonça, in *Expresso*, 12.01.2019, acedido a 5 de agosto de 2024, <https://www.imissio.net/artigos/49/2356/a-esperanca-digna-de-espanto/>

²⁴⁰ Francisco, *Todos, todos, todos!*, JMJ Lisboa 2023, *Discursos e Homilias*, 9.

«com cuidado, tendo em conta as gerações mais novas». Por outro lado, quando nos referimos ao estaleiro do futuro que necessita de ser reparado, está implícita a ideia de que nós não estamos sozinhos, que somos interdependentes, que partilhamos um futuro, um destino comum que não é automático, que pressupõe decisões e as responsabilidades partilhadas. A fraternidade, último estaleiro de esperança, invocado pelo Papa, corresponde à ideia de uma filiação comum, ao desejo de nos fazermos próximos, de nos concebermo-nos conjuntamente como unidade e diversidade, uma vez que somos todos humanos.

Logo, formar para a consciência da nossa pertença a um todo enquanto humanidade, com um destino comum, que habita um lar comum – morada humana – e que cada um vive em rede, apoiando-se mutuamente. Ver cada ser vivo com valor ontológico, considerar e respeitar profundamente as diferenças, podem ser vias para encontrar razões para viver, a razão vital, para gerar esperança e lutar por uma comunidade de irmãos que corresponda a um mundo um pouco melhor. Como refere o teólogo Leonardo Boff:

O efeito final deve ser um aumento de esperança e de vontade de se comprometer com a Terra, com o resgate da dignidade dos empobrecidos e excluídos, com uma ética que combine justiça e cuidado e com uma espiritualidade que nos faça ligar e re-ligar todas as coisas.²⁴¹

Em suma, perguntar «pelos fins e o sentido de tudo» (LS 113), para recuperarmos a ideia de humanidade com base comum, de «casa comum», de futuro partilhado, ou seja, recuperar a «profundidade da vida» (LS 113), olhar para a vida como um todo, como apela o Papa Francisco é sempre um bom ponto de partida para construir uma «paixão pelo cuidado do mundo» (LS 216), pela vida do próximo, pelo respeito à diversidade e, conseqüentemente, pela «casa comum», *leitmotiv* da GLS.

2.6 O apelo à interligação, à relação, à comunhão

De resto, faz parte do meu ritual subir aos altos,
sentir a voluptuosidade da fadiga, como diz
Unamuno, e depois olhar. (...) Vivo a natureza
integrado nela, de tal modo que chego a sentir-me,
em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou
nevoeiro.

Miguel Torga, Diário II

²⁴¹ Leonardo Boff, *A força da ternura*, 7.

Nas palavras do Papa Francisco: «O antropocentrismo moderno acabou, por colocar a razão técnica acima da realidade, porque este ser humano já não sente a natureza como norma válida nem como refúgio vivente» (LS 115), nesta lógica a natureza é reduzida à condição de objeto e perde a sua «dimensão de mistério e de transcendência»,²⁴² no centro está o ser humano, tudo é explicado em função dele.

Assim, para voltar a sentir uma relação mais profunda com a natureza, numa unidade – Terra e corpo – como a descrita por Miguel Torga nos seus Diários, pela serra do Açor, sem cair no biocentrismo, o terceiro nível para a criação das sementes da GLS na escola poderá ser o apelo ao movimento de ligação ou religação a todas as coisas: aos outros, à criação, a Deus. Consequentemente, a via poderá ser o apelo à ideia verdadeiramente central da LS de que «Tudo está interligado». (LS138)

De facto, no antropocentrismo radical, «a modernidade afirma-se e constrói-se como rotura com a carne, com a sensibilidade, com o meio ambiente».²⁴³

A teóloga Isabel Varanda, reforça esta ideia ao afirmar que o ser humano «desativou a consciência prática das competências básicas do ser: *sensing-detectar*, comum a todas as formas de vida e *feeling-sentir* comum à maior parte das formas de vida».²⁴⁴ Como resultado o ser humano afastou-se das funções básicas de vida comum, comportamento esse promotor da instrumentalização da natureza, e de perda da vocação do ser humano, «a objetificação da natureza é no fundo, a objetificação de nós mesmos, pois, somos uma parte inextricável dessa».²⁴⁵

Assim, a experiência da relação com a natureza, nas suas características de diversidade e complexidade, irá permitir, junto dos jovens, desenvolver a consciência e a compreensão de que tudo é relacional, de que tudo está interligado, que nos encontramos ligados a todos os outros seres vivos pela vida, o que permitirá a compreensão de nós mesmos enquanto seres humanos.

²⁴² Martins, «Para uma ecologia Integral - Acentuações da *Laudato si'*», 169.

²⁴³ Martins, «Para uma ecologia Integral - Acentuações da *Laudato si'*», 169.

²⁴⁴ Isabel Varanda, *Novos paradigmas Ecoteológicos em tempos de risco: Ciência e ecologia em diálogo com a teologia*, 454.

²⁴⁵ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 154.

Neste sentido, afirma Panão, que a ecologia como a ciência dos relacionamentos «transforma a nossa visão do mundo através da imagem de um ecossistema onde os relacionamentos são o que lhe dá sentido e significado».²⁴⁶

A dualidade ser humano – natureza, construção que advém do iluminismo e racionalismo cartesiano, é perpetuada na vida quotidiana na cidade e no espaço escolar. Como refere Gonçalves:

Nunca na cultura ocidental, se estimulou, sistematicamente, um bom relacionamento entre os entes, menos ainda entre a humanidade e as outras expressões da realidade. A única relação amplamente tematizada tem sido de agnóstico conflito, não de recíproco apreço e amor. Não é exagerado afirmar que a sociedade ocidental não só se serviu instrumentalmente da realidade, como também a odiou ou, melhor ainda a instrumentalizou, porque sempre a detestou.²⁴⁷

Para restaurar o vínculo de pertença com toda a criação e alterar o modo de olhar para outras realidades, outros sujeitos, exige-se uma abertura da mente que pode ser estimulada pelo processo educacional. Para que tal aconteça é necessário haver empatia, atenção profunda, deslocamento de si, de regresso ao ser, à unidade diferenciada, que possa ir para além do conhecimento meramente científico. A religação ao outro, o estar-com a natureza, são rotas possíveis para ressignificar a multiplicidade, o tempo, e o cuidado da vida, o pensamento complexo.

Como acrescenta Panão, hoje, passamos, «a maior parte do tempo dentro de edifícios ou de viaturas, onde o contacto com o mundo natural é reduzido, logo, é natural que este estilo de vida tenha influenciado profundamente a nossa cultura e tenhamos, gradualmente, perdido o sentido e o significado de estar-com a natureza».²⁴⁸

À luz do modelo antropocêntrico, a cidade é vista como uma máquina, e a natureza como moldura e benefício para o ser humano, nas palavras de Cerqueira Gonçalves:

a redução da condição humana à de cidadania e à tendência institucionalização desta última na engrenagem citadina, pouco propicia à experimentação de ordem ontológica, à semelhança, aliás do que acontece no mundo da ciência, bem pode figurar como um dos grandes motivos dos desequilíbrios ambientais, por representar talvez até hoje o mais artificial e arriscado edifício que vem determinando o habitat da humanidade.²⁴⁹

Mas, como afirma o paleontólogo e teólogo Teilhard de Chardin (1881-1955), na sua obra «O Fenómeno Humano»: «O homem não pode ver-se completamente fora da humanidade; nem a

²⁴⁶ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 153.

²⁴⁷ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 22.

²⁴⁸ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 156.

²⁴⁹ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 68.

humanidade fora da vida; nem a vida fora do universo». A visão de Chardin, tal como a de Francisco de Assis e Hildegarda de Bingen,²⁵⁰ doutora da Igreja do século XII, de São João da Cruz, atual, ainda, no mundo de hoje, traduz-se numa eco-espiritualidade, num repto a cuidarmos de todas as criaturas, e requer a sensibilidade de vermos a graça, o dom em todas elas, pois estamos ligados por fios invisíveis de dependência e influência. Como afirma Panão,

Basta pensar que na origem do universo estão partículas fundamentais e que ao longo de milhões de anos foram interagindo, ou seja, relacionando-se – por assim dizer – e gerando átomos, moléculas, células, organismos, comunidades, sociedades, num incremento sempre crescente de complexidade.²⁵¹

Na perspetiva da fé cristã cada um de nós faz parte do amor criativo de Deus que dá vida a todas as coisas, Deus, é assim, «a realidade que tudo determina»²⁵² e que se expressa como uma realidade de plena comunhão e amor.

No parágrafo 10 da LS o Papa refere que Francisco de Assis «entrava em comunicação com toda a criação», renunciando «a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio», portanto é a complementaridade entre humanidade, natureza e Terra que deve ser vivida e celebrada.

A nossa relação com a criação é de facto, parentesco, desde o início que o desígnio para o ser humano é cuidar da criação, proteger os nossos irmãos, como nos mostra a atitude vital de Francisco de Assis. Por outro lado, reconhecer na criação a reflexão de Deus é crucial, pois a criação revela Deus para nós. Como refere o teólogo António Martins:

Em *Laudato si'*, o fundamento da proposta de uma ecologia integral e sistémica encontra-se no mistério da comunhão trinitária, fonte amorosa de toda a realidade criada. O Deus Trindade é, no seu próprio ser, relação de pessoas, numa eterna doação e recetividade; A criação é acontecimento trinitário, e, porque originada pela vitalidade do amor criativo das relações trinitárias, ela mesmo se constitui como tecido de relações e de reciprocidade.²⁵³

O ser humano, a quem o Papa Francisco quer chegar, termo do ato criador de Deus, é homem e mulher, é família humana, reconhecida como boa nova. À família humana é, pois, confiada o amar e o cuidar de toda a Terra para que, na reciprocidade reconhecida e acolhida, ela a faça, o lugar da vida humana. Há que recuperar, assim, a relação originária entre o ser humano e a comunidade bioplanetária, pois «em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com ele». (LS 88) A criatura em si é boa, independentemente da sua utilidade, pelo que se impõe o reconhecimento da essência, da consideração do valor intrínseco de todos os seres vivos. Esta mundivisão assenta numa ótica de comunhão universal,

²⁵⁰ Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179), monja beneditina alemã, naturalista, botânica, médica, compositora, escritora, filósofa, mística, reconhecida em 2012 como Doutora da Igreja.

²⁵¹ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 156.

²⁵² Panão, «Linguagem, Relacionalidade e Ambiente», 30.

²⁵³ Martins, «Para uma ecologia Integral - Acentuações da *Laudato si'*», 180.

visível também na frase síntese do pensamento do teólogo norte-americano Thomas Berry (1914-2009): «O universo é uma comunhão de sujeitos e não uma coleção de objetos» Se não aprendermos isso, nada irá funcionar».

Para aprofundar a ideia de comunhão de sujeitos, trazemos a proposta de Miguel Panão de «uma ética «com» a natureza»,²⁵⁴ de um comuniocentrismo, concretizado a partir do axioma relacional, impulsionado pela ciência dos relacionamentos: a ecologia.

O objetivo do autor é provocar uma evolução no pensamento e na consciência, de modo a produzir uma melhor cultura. O ponto de partida da reflexão ética é a consideração da natureza como sujeito transdisciplinar com o qual podemos estabelecer um relacionamento.

Para a visão do autor importa também o reconhecimento da existência de vários níveis de compreensão da realidade que se complementam reciprocamente.

Mas o nó górdio para Panão é perceber, quem ou que é a natureza? E como conferir alteridade à natureza, ou seja, como considerar a natureza como um outro? Nas palavras de Panão, «é experimentar a presença de Deus através dela, sendo Ele que lhe confere alteridade. Porém, mesmo para quem não acredita em Deus, poderia afirmar que experimentar a natureza como um outro, é experimentar a presença da Verdade que essa encerra.

Fundamento, também, desta ética ecológica relacional é por outro lado, a visão trinitária de Deus. Deus – Trindade é pessoas-em-comunhão, a comunhão é total e perfeita, apesar de distintas entre si. Assim, a relacionalidade, a comunhão, é a marca na natureza, indicadora da habitação de Deus que é amor, e método para compreender o relacionamento entre a natureza e o ser humano, como aponta Panão:

Se como afirma o livro do Génesis, nós somos imagem de Deus, então somos imagem desta comunhão íntima na Trindade. Logo descobrimo-nos como comunhão, isto é, mútua recíproca imanência com tudo o que está ao nosso redor. O desafio está em como pôr em prática a visão antropológica do ser humano como comunhão e como pode essa orientar o seu modo de agir.²⁵⁵

Logo, para Panão o que condiciona o nosso agir ético são os relacionamentos entre ser humano, vida, planeta, cosmos, o outro, Deus, e se, acrescenta, o autor, «esses relacionamentos forem profundos, marcantes e transformadores, ou seja íntimos, de mútua recíproca imanência, então são relacionamentos de comunhão».²⁵⁶

Logo, o nosso desafio atual, nomeadamente junto dos jovens, é, como «unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral», (LS 13) que restaure a ligação

²⁵⁴ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 159.

²⁵⁵ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 159.

²⁵⁶ Panão, «Uma ética "com" a Natureza», 159.

entre ser humano e natureza, no sentido de uma harmonia integral. Como afirma Albert Nolan, «nós não somos indivíduos isolados. Pelo contrário, fazemos parte de um todo maior, e é esse todo que determina a existência das partes».²⁵⁷

Procura-se, pois, a transição do individualismo, do relativismo, de fragmentação própria da hipermodernidade, para uma cultura do encontro e da relação, na linha da filosofia dialógica do israelita Martin Buber (1878-1965); e no caminho abrir a criação a uma civilização de presença benigna e de seres benfazejos, numa fraternidade universal, onde todos os elementos são sagrados, abrindo espaço para que o outro seja: «Temos de redescobrir os ritmos da vida, que ao fim e ao cabo são os ritmos do Ser».²⁵⁸

Para tal requerem-se novas competências, novas sensibilidades, novas responsabilidades, novas narrativas, e novas opções educativas na criação de uma história, em que não estejamos separados do universo, com propósitos de domínio e controlo, mas uma nova história na qual todos estejamos em ligação, em interdependência na «casa comum».

Como escreve o teólogo António Martins,

inserir a compreensão da ecologia numa dimensão sistémica e relacional constitui a grande inovação trazida pela Encíclica do Papa Francisco, *Laudato si'*, que a distingue das anteriores dos anteriores Papas e inaugura uma nova compreensão na doutrina social da Igreja.²⁵⁹

A partir deste modelo a humanidade não se pode ver separada da natureza, e é nesta inter-relação que as questões ambientais, económicas e sociais se entrecruzam, pelo que a abordagem à crise ecológica tem de ser global.

Em suma, a ideia de conexão, de interligação constitui fundamento da ecologia integral, por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade» (LS 91), com esta visão podemos passar da ecologia ambiental para a ecologia integral, proposta da LS, e participar no presente na busca de respostas criativas e inovadoras aos desafios globais.

²⁵⁷ Albert Nolan, *Jesus Hoje, Uma espiritualidade de liberdade radical* (Prior Velho: edições Paulinas, 2006), 253.

²⁵⁸ Panikkar, *Ecosofia, La sabiduría de la Tierra*, 34.

²⁵⁹ Martins, «Para uma ecologia Integral - Acentuações da *Laudato si'*», 176.

2.7 O apelo à conversão ecológica

Restaurar a natureza que danificámos significa, antes de mais, restaurarmo-nos a nós próprios.²⁶⁰

Papa Francisco, 4 de junho de 2021

A ecologia integral requer uma conversão ecológica. Trata-se de ir além de uma ecologia superficial que trabalha sobre as consequências do desastre ecológico (crescimento verde, desenvolvimento sustentável, solucionismo técnico que coloca o problema apenas em termos de «carbono»), em favor de uma ecologia mais profunda que trabalha em suas causas. Ela carrega uma aspiração espiritual voltada para uma concepção mais ampla de ecologia, que reorienta o nosso pensamento da Terra em uma meditação mais ampla sobre a Criação e o Universo e seus bilhões de anos-luz, maiores que só a biosfera.²⁶¹

Jean-Philippe Pierron, 2 de junho de 2023

O mapa educativo iniciado através do espanto e da contemplação, do amar, da pedagogia da pertença, da consciência dum futuro comum, e do interligado, permite, agora, entrar num novo passo – a conversão ecológica – viragem necessária para fazer crescer as sementes de construção da GLS na escola, tendo como referência a visão de Francisco de que «só mudando a educação se pode mudar o mundo»,²⁶² e de que a lei do «amor é mais forte». (LS 149)

A partir da década de 60-70, nos Estados Unidos da América e nos países do norte da Europa deram-se os primeiros alertas para a tomada de consciência de que ação humana era efetivamente um factor de destruição ambiental. O relatório *Meadows*, publicado em 1972, com o título «Limites de crescimento», foi um elemento catalisador para encarar a degradação ambiental como um dos maiores desafios da humanidade, e levou ao apelo «a políticas proativas

²⁶⁰ Francisco, Mensagem para o lançamento da década de restauração de ecossistemas promovida pela ONU, 4 de junho de 2021, acedido a 13 de setembro, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2021/documents/papa-francesco_20210604_messaggio-ecosistema.html.

²⁶¹ Instituto Humanista Unisinos, «Ecologia integral: “A nossa crise da energia também não seria uma crise de energia espiritual?”», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629415-ecologia-integral-a-nossa-crise-da-energia-tambem-nao-seria-uma-crise-de-energia-espiritual>.

²⁶² Francisco, Discurso aos membros da Fundação *Gravissimum Educationis*, 2018. Acedido em 13 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180625_gravissimum-educationis.pdf.

para garantir o bem-estar de todos».²⁶³ Após a análise das conclusões do Relatório *Meadows*, realizou-se em Estocolmo, em junho de 1972, a primeira Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente Humano, com 113 líderes mundiais. A Conferência de Estocolmo, determinou, assim a mudança de paradigma do pensamento ocidental em relação ao meio ambiente. No decurso da Conferência elaborou-se o primeiro documento do direito internacional a reconhecer o direito humano a um meio ambiente de qualidade, que é aquele que permite ao homem viver com dignidade.

Este movimento de mudança e de consciência «na progressiva deslocação do acento no ser humano independente para a interdependência»,²⁶⁴ continuou com a Cimeira da Terra, no Rio de Janeiro em 1992, com as diversas Conferências das Partes do Clima, com destaque para o Acordo de Paris em 2015, no qual cada país afirmou compromissos nacionais, com as Conferências de Partes da Biodiversidade.

Com a Carta da Terra em 2010, com a Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra em 2012, com as diversas Cimeiras dos Oceanos, com a Encíclica papal *LS*, com a Agenda 2030, com a iniciativa da ONU para a Década da Restauração de Ecossistemas, 2021-2030, com a resolução da Assembleia da ONU para o Meio Ambiente (UNEA-5), em Nairobi, pelo Fim da Poluição Plástica, com o Pacto Ecológico Europeu e o objetivo 55, entre muitos outros.

Atualmente, também as novas gerações estão cada vez mais conscientes e comprometidas com a necessidade de mudança, diz o Papa Francisco, a propósito das manifestações dos jovens em prol de uma civilização mais justa, fraterna e sustentável: «São jovens que querem ser protagonistas da mudança». (ChV 174) As novas gerações, sentem o mundo de maneira mais honesta, mais desapegada, e entenderam que os problemas da humanidade, do clima à desigualdade, exigem respostas globais.

Deste modo, a conversão ecológica na perspetiva da ecologia integral e na era planetária, requer que a educação forme pessoas com o uso da inteligência geral, capazes de resolver problemas essenciais e globais, capazes de aplicar os conhecimentos aos projetos de vida na lógica do amor, da interligação e da responsabilidade, de acordo com as exigências do bem comum, afirmando a dignidade especial da pessoa humana e o cuidado planetário para com a «casa comum».

²⁶³ Gérard Vind, «Há cinquenta anos, o relatório Meadows derrubou o mito do crescimento infinito», 26 de junho de 2022, acessado a 15 de junho de 2023, <https://ihu.unisinos.br/categorias/620725-ha-cinquenta-anos-o-relatorio-meadows-derrubou-o-mito-do-crescimento-infinito>.

²⁶⁴ Maria Isabel Pereira Varanda, «*Extra naturam nulla salus?* O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antrópoceno», *Ateo*, Rio de Janeiro, v. 24, n.64, 2020, 32, acessado a 10 de agosto de 2024, 32, <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/47833/47833.PDF>.

De facto, como afirma Francisco: «Em cada dia é-nos oferecida uma nova oportunidade, uma etapa nova» (FT 77), toda a vida é transformação. Assim, em cada dia, cada um de nós tem a possibilidade de recomeçar, de reconhecer erros, de mudar atitudes, hábitos, prioridades, de encarar a realidade de maneira diferente, de gerar novos modos de viver e pensar o mundo, novas virtudes, novos hábitos ecológicos, de ganhar novas responsabilidades, no sentido de uma mudança epistemológica rumo a um mundo capaz de valorizar e amar o outro e ecologicamente sustentável, reconhecendo «que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras».²⁶⁵

Como acentua o pontífice «Não há mudanças duradouras sem mudanças culturais, sem uma maturação do modo de viver e das convicções da sociedade» (LD 70), logo a transformação, na perspetiva da ecologia integral, exige uma mudança transversal a vários níveis: educacional político, económico, social, cultural e espiritual. De facto, não podemos «buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental» (LS 111), as realidades ou problemas são cada vez mais complexos, polidisciplinares, multidimensionais, transnacionais, pelo que nos colocam «uma série de desafios que nos fazem mover, obrigam a assumir novas perspetivas e produzir novas reações» (FT 128), implicam todas as instâncias e respostas globais. Como acentua, Francisco:

Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade doutra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um destempero megalómano. (LS 114)

Assim, nesta nova etapa do itinerário educativo, nasce o convite a uma «conversão ecológica global»,²⁶⁶ que abrace a totalidade do ecossistema que possibilita a vida no planeta e no cosmos: «O remédio está em nós: a cooperação que gera comunidade e a participação de todos na construção de um mundo no qual todos possam caber e viver minimamente felizes».²⁶⁷

Edgar Morin, numa entrevista publicada pelo jornal francês *Le Monde Diplomatique*, em 1989, apontou para a necessidade de uma «revolução» ecológica global, ao afirmar que «já não é tempo de nos lamentarmos pelas catástrofes ecológicas. Nem de imaginarmos que por si só, o desenvolvimento das tecnologias poderia dar-lhes remédio. O sobressalto salvador só pode vir de uma imensa revolução das nossas relações com o homem, com os outros seres vivos, com a natureza».²⁶⁸ Também, como recorda Francisco, na LS, já João Paulo II, na Encíclica

²⁶⁵ Carta da Terra, <https://earthcharter.org/wp-content/uploads/2021/02/Carta-da-Terra-em-portugues.pdf>

²⁶⁶ Como refere Francisco no n. 5 da LS, foi a expressão utilizada por João Paulo II, na Audiência Geral a 17 de Janeiro, de 2001, sobre *O compromisso para a afastar a catástrofe ecológica*.

²⁶⁷ Boff, *A força da Ternura*, 9

²⁶⁸ Edgar Morin e Nicolas Hulot, *O ano I da Era Ecológica*, Edições Piaget, 2016,

Centesimus annus, em 1991, exortava a uma transformação profunda «nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades». (LS 5) A «conversão ecológica», expressão utilizada pela primeira vez, no magistério da Igreja Católica, em 2001, por João Paulo II, assentava na «promoção de uma ética ecológica da responsabilidade, de reverência e moderação»²⁶⁹ em ordem ao desenvolvimento humano e económico.

Na mesma linha de pensamento, diz o Papa Francisco, «Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais». (LS 119) Estamos, pois a viver uma «policrise»²⁷⁰ que exige a mudança da estrutura do ser humano (LS 9) da vida e da sociedade humana, exige um planeamento integrado.

Como reforça o sociólogo espanhol Manuel Castells, «quando há uma crise sistémica, há um sinal de uma crise cultural, de não sustentabilidade de certos valores como princípios orientadores do comportamento humano». ²⁷¹ Logo, «não há mudanças culturais sem mudança nas pessoas» (LD 70), sem uma nova antropologia, sem um pacto educativo «sem adotarmos outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno» (QA 58), que implicará por sua vez, um longo processo de restauração, novos paradigmas e novas culturas.

O que está em causa, refere o pontífice, «é existencial, diz respeito à posição que o homem atribui a si mesmo na realidade, à maneira como ele percebe sua existência no mundo».²⁷²

No mesmo seguimento, para Panão, a crise ecológica é mais do que um facto, a crise ecológica é o resultado de uma crise cultural, por isso a melhor forma de resposta é sempre com melhor cultura.²⁷³ O investigador afirma que a crise ecológica deve ser integrada no processo evolutivo, e traz à colação o pensamento de Teilhard Chardin de que a consciência humana – a noosfera – é fruto de complexidade crescente, faz parte da revolução temporal do universo e evolui, como a biosfera.

A questão para Panão é determinar qual o sentido desta evolução. No caso da cultura, assevera Panão, «estamos cada vez mais conscientes de que não vivemos isolados, de que tudo está

²⁶⁹ Silvestre António Ourives Marques et al., *Transformar os limites em possibilidades*, 65

²⁷⁰ Termo utilizado no Fórum Mundial Económico, realizado entre 16 e 20 de janeiro de 2023, em Davos.

²⁷¹ Manuel Castells et al. *A Crise e seus efeitos. As culturas Económicas da mudança*. Tradução: Alexandra Figueiredo, Liliana Pacheco e Tulia Marques. Paz e Terra, São Paulo, 2013. p.38. Acedido em 19 de setembro de 2024, https://www.researchgate.net/publication/301789220_A_CRISE_E_SEUS_EFEITOS_As_culturas_economicas_da_mudanca

²⁷² Pacto Educativo Global, 16, aceso a 15 de setembro de 2024,

<https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

²⁷³ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 156.

relacionado, e pertencemos à mesma família humana, por isso, poderia argumentar que a evolução cultural se move no sentido da fraternidade universal».²⁷⁴

Assim, não basta a interligação global por si só para criar um lar comum, precisamos, também de crescer na «solidariedade universal» (LS 14, 210), de criar laços de compromisso com o outro, de renovar os laços na família, de criar laços entre as diversas gerações, que possibilitem a transmissão de experiências, saberes, culturas e instituições. O vínculo material da solidariedade – atitude inscrita na maquete de construção de todos os seres²⁷⁵ – implica por sua vez, a responsabilidade compartilhada, a cooperação universal, a bondade, o serviço ao outro, o cuidado mútuo.

Como refere Boff:

É pelo cuidado permanente, ao largo de todo o tempo em que existir sobre a face da terra, que a vida se mantém, reproduz, co-evolui. (...). Como pertence à essência do ser humano, o cuidado pode servir de consenso mínimo sobre o qual se pode fundar uma ética planetária compreensível e praticável por todos.²⁷⁶

Assim, crescer na solidariedade, significa trabalhar o coração duma sociedade em prol duma sociedade de fraternidade aberta, universal. Fraternidade essa, extensível também ao planeta e mais próxima do desenvolvimento integral de todas as pessoas. Por outro lado, para além da importância de ressignificar as relações entre as pessoas, importa, também, restaurar a relação interior connosco mesmos. Como refere Isabel Varanda, ao citar o filósofo, psicanalista, francês, Felix Guattari (1930-1992):

A perda de relações harmoniosas e fecundas com a natureza, com os outros e consigo provoca ruturas que se radicalizam na crise ecológica propriamente dita (relações entre os humanos e a natureza), na crise da alteridade (radicalizada no individualismo e no relativismo contemporâneos) e na crise de interioridade (depressão de Si).²⁷⁷

Assim, «toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas» (LS 5), requer, a paz interior, requer a comunhão com os outros, a «identificação do Humano com a Terra»,²⁷⁸ ou seja a comunhão cosmológica, requer o desenvolvimento de um novo modelo cultural (tecnológico, social, económico, político), não um novo homem, ou uma nova humanidade, mas uma mudança de pensamento, do sentir, de renovação da interioridade humana, capaz de construir vida em comum com dignidade e consciência humana, social,

²⁷⁴ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 156.

²⁷⁵ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 81.

²⁷⁶ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 176.

²⁷⁷ Varanda, «*Extra naturam nulla salus?* O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno», 21-42.

²⁷⁸ Varanda, «*Extra naturam nulla salus?* O drama e a esperança da criação e da religião na era do Antropoceno», 21-42.

telúrica. De facto, como refere Francisco «a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior» (LS 217): requer coragem, requer deixar surgir, nas relações com o mundo que nos rodeia, «todas as consequências do encontro com Jesus» (LS 217), requer ver a graça divina em todas as coisas que nos rodeiam, e sentir a origem, a fonte comum a todas elas.

Então, que dinamismos serão necessários introduzir na escola, em cada setembro, para restaurarmos, curarmos «as relações humanas fundamentais», evoluir no pensamento, na consciência e na cultura ecológica integral?

Sabendo que, como refere Francisco: «os jovens tem uma nova sensibilidade ecológica, mas cresceram num contexto de altíssimo consumo e bem estar que torna difícil a maturação doutros hábitos» (LS 209), a transformação é impossível sem um «caminho educativo» (LS 15), sem um caminho conjunto, sem uma «vila global de educação».²⁷⁹ As famílias, as escolas, os alunos, os professores, as comunidades locais, as universidades, as instituições religiosas, os governantes, as empresas privadas, os meios de comunicação social, juntos, devem contribuir e estar envolvidos para na diversidade, partilhar o compromisso, a aliança de criar uma «rede de relações humanas e abertas»,²⁸⁰ que coloque no centro todas as dimensões do ser humano, a sua ligação ao cosmos e reforce a nossa humanidade comum.

Para Francisco, o ponto de partida é sempre criar rede. E criar rede na escola: «significa inclusive fazer da escola uma comunidade educadora na qual professores e estudantes não estejam ligados apenas por um plano didático, mas por um programa de vida e experiência, capaz de educar para a reciprocidade entre gerações diversas».²⁸¹

Assim, face à complexidade dos problemas sociais é necessário, para além do caminho pessoal de conversão ecológica, a criação de redes comunitárias, redes de solidariedade, traduzidas por «uma união de forças e uma unidade de contribuições». (LS 219)

Francisco, refere igualmente que «toda a mudança tem necessidade de motivações» (LS 15), de «uma mística que nos anima, de uma moção interior que impele que motiva, encoraja e dá sentido à ação pessoal e comunitária». (LS 216) Logo, não há transformação sem mística, precisamos, assim, de uma nova espiritualidade que ofereça um horizonte de sentido para a vida, que ligue e re-ligue todas as coisas. Espiritualidade, essa que pressupõe a capacidade de uma abertura antropológica estrutural: «de sair de si mesmo rumo ao outro» (LS 208), e ao mesmo tempo implica a ligação ao próprio corpo, numa unidade fundamental: corpo e mente. Por outro lado, implica, também a religação às realidades do mundo natural – não estamos fora,

²⁷⁹ Pacto Educativo Global, 27. <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

²⁸⁰ Francisco, Pacto Educativo Global, 27. <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>

²⁸¹ Francisco, Pacto Educativo Global.

nem acima, somos parte, estamos no mundo – e por último, a abertura à dimensão da fé e da transcendência, de modo que o ser humano alcance o seu pleno potencial. Conforme acentua, Francisco: «Temos a peito uma formação integral que se resume no conhecer-se a si mesmo, ao próprio irmão, à criação e ao Transcendente. Não podemos esconder às novas gerações as verdades que dão sentido à vida».²⁸²

Para ajudar nesta descoberta e neste desafio educativo rumo à mudança, o Papa Francisco, ao longo do corpo do texto da LS e da FT, aponta, também, ações práticas através de verbos inspirados «no tesouro da experiência espiritual cristã» (LS 15) tais como: colaborar (LS 14), cuidar, proteger, preservar, velar, (LS 67) sentar-se a escutar o outro, acolher, proteger, promover, integrar (FT 129), levantar quem está caído, aproximar-se, expressar-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se (FT 198), práticas essas que lançam pontes e derrubam os muros que erguemos entre nós e dentro de nós: «muros no coração, muros na Terra» (FT 27), e que devolvem simultaneamente a dignidade ao ser humano e à Terra.

Como refere Boff, «amar o outro, seja a Mãe Terra seja o ser humano, seja cada representante da comunidade de vida, é dar-lhe razão de existir (...). Amar o outro é querer que ele exista porque o amor faz o outro importante»,²⁸³ é um amor, como sublinha Boff, de um movimento só, sem retorno, vai ao outro, à comunidade de vida e a Deus.

Por outro lado, se articularmos as propostas presentes na LS, e na FT: de educação para a espiritualidade ecológica (LS 216); do cuidado pelo que é frágil, pelos mais vulneráveis, assente no acompanhar, no proteger (LS 10, 210, 231); da cultura da ternura, assente na gentileza, na cordialidade (LS 91); da cultura do encontro (FT 216); da cultura do dar, (FT 139); da cultura do diálogo social, intercultural, (LS 14) e da escuta das vozes dos jovens (LS 13), dos pobres (LS 49), dos indígenas (LS 146), da natureza (LS 2, 49); do diálogo entre saberes e poderes (LS 143); do diálogo intergeracional (FT 13), encontramos, também, linhas de reforço para a transformação social. São, pois, caminhos «de maturação humana» (LS 15), de renovação interior de pensamentos, vontades, afetos, ou seja, de «mudar a partir de dentro (...) de fazer a experiência da conversão» (LS 218), «de resgatar os direitos do coração e a inteligência cordial ou sensível».²⁸⁴ Seguindo o exemplo do caminho pessoal de conversão de Francisco de Assis que abraçou toda a vida com ternura, abertura e paz, praticando uma ecologia exterior e interior e que:

²⁸² Francisco, Discurso do Encontro «Religiões e Educação: Pacto Educativo Global», 5 de outubro de 2021, acessado a 15 de setembro de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.pdf>.

²⁸³ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 169.

²⁸⁴ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 162.

por intuição descobriu o que sabemos atualmente por via científica, de que todos os viventes somos parentes, primos, irmãos e irmãs, por possuímos o mesmo código genético de base. Francisco experimentou espiritualmente essa consanguinidade.²⁸⁵

Dentro desta perspectiva, a conversão ecológica na LS, integra, assim, quatro atitudes elementares a partir das quais se ativa a cultura do cuidado e da ternura: a primeira reconhecer o mundo como dom recebido por Deus, como um presente e «não como um problema a resolver ou a contornar»²⁸⁶, se é dom de Deus é intrinsecamente bom, ontologicamente bom. Este reconhecimento gera um profundo respeito pelo outro, pela criação. O segundo ponto, assenta na prática de gestos simples diários, de cuidado mútuo, generosos, de solicitude, de amor, mas também, por vezes, de gestos de renúncia, de humildade, de sobriedade, de frugalidade que semeiam a «paz e a unidade». (LS 229) Depois, diz o Papa, implica a nova consciência de que «somos um», que a humanidade é uma família, que formamos uma comunhão com a natureza, e que estamos ligados por um elo que une todas as coisas. Por último, esta conversão ecológica torna-nos atores, responsáveis na resolução dos desafios globais, pois, a natureza humana é cultural (LS 220), somos coparticipantes da criação. A resposta, como diz Francisco, «está na necessidade de investir os talentos de todos».²⁸⁷

Nesta medida, Francisco, propõe a espiritualidade cristã (LS 222), assente na alteração do estilo de vida atual, através da contemplação, do prestar atenção, da conexão, para recuperarmos o sentimento de que fazemos parte da Terra e da «gratidão primária pelo que é dado antes da preocupação instrumental de buscar extrair».²⁸⁸ De facto, «uma coisa é dizer a Terra é Mãe e termos apenas um conceito novo. Outra coisa é sentir interiormente e na totalidade de nosso ser que a Terra é Mãe».²⁸⁹ Este novo modo de habitar o mundo, assenta, também no viver com sobriedade, humildade, com-paixão, entusiasmo, alegria e esperança do horizonte futuro, priorizando a satisfação das necessidades próprias, num regresso à simplicidade, à recuperação da capacidade de saborear melhor cada momento, procurando «o que faz sobressair a beleza da vida»²⁹⁰ e nos conduz à nossa humanidade. O paradigma de Francisco é: «tornar-nos mendigos do essencial, daquilo que dá sentido à nossa vida, começando por nos

²⁸⁵ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 171.

²⁸⁶ Isidro Lamelas, «Gnosticismo e dualismo anticósmico: génese remota de uma crise», *Ephata: Sobre a casa comum em ecologia integral. Perspetiva interdisciplinar e ecuménica*, Revista Portuguesa de Teologia, V. 4, n. 1, (2022): 39-78, 50.

²⁸⁷ Pacto Educativo Global, 16.

²⁸⁸ Instituto Humanista Unisinos, «Ecologia integral: “A nossa crise da energia também não seria uma crise de energia espiritual?”», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629415-ecologia-integral-a-nossa-crise-da-energia-tambem-nao-seria-uma-crise-de-energia-espiritual>.

²⁸⁹ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 175.

²⁹⁰ Francisco, Mensagem do Papa Francisco assinada pelo Cardeal Secretário de Estado, por ocasião do XLV Meeting para a amizade entre os povos, Rimini, 20-25 de agosto de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2024/documents/20240719-messaggio-meeting-rimini.html>.

despojarmos do que pesa no nosso dia a dia, seguindo o exemplo de um alpinista que, agarrado à parede da rocha, deve livrar-se do supérfluo para poder subir mais depressa».²⁹¹

Assim, a conversão para a ecologia integral, envolve, por um lado, uma ligação com natureza, vista como um «outro», que podemos amar e não usar (QA 55), e por outro lado, envolve o idioma da fraternidade, da simplicidade, do deslumbramento, do enternecimento, da paz, na nossa relação com a vida e com o próximo, procurando a integridade dos ecossistemas e a integridade da vida humana (LS 224) entendendo que o mundo físico e a nossa vida espiritual se interligam, e se influenciam mutuamente.

Como sublinha, Panikkar (1918-2010), teólogo e filósofo espanhol, a natureza é o nosso terceiro corpo. O primeiro é o corpo que vemos, o segundo é a humanidade (o corpo do género humano). O terceiro corpo é a Terra, a natureza. «Portanto, temos de tratar a natureza como o nosso primeiro corpo, sem dominar, nem ser dominados. Amizade, confiança mútua, equilíbrio»²⁹², há que preservá-la, protegê-la. Mas como refere Panão:

Proteger o ambiente, cuidar da terra não chega. Se não houver um relacionamento com o que pretendo proteger e cuidar, não desenvolvo a sensibilidade necessária para fazer a diferença. (...) Passear pela natureza, interagir e contemplá-la, conhecendo-a através do deslumbramento que a ciência nos leva a experimentar, são modos de aprofundar esse relacionamento e sorrir para o mundo.²⁹³

Assim, para além, de dispormos dos dados da ciência sobre o «que está a acontecer à nossa casa», de ver os problemas do tempo presente (LS 19), de verificar a nossa «pegada ecológica»,²⁹⁴ de rever os nossos hábitos de consumo, de ter atenção ao desperdício de alimentos, de água, de energia, de reciclar, de plantar árvores, de proteger o sistema oceânico, temos de reconhecer os problemas (LS 106), reeducar o olhar, a atenção, o pensar, recuperar o viver, o repouso, as relações e procurar «captar a profundidade do mundo, de si mesmo, e de cada coisa».²⁹⁵

A partir desta atitude fundamental de discernimento, agir, eticamente, harmoniosamente e solidamente na realidade. (LS 163-231) Recordando, sempre, que o ser humano é sistema aberto, ecodependente, mas também é relação, é sentir-se Terra, é sentir-se criado a partir dos

²⁹¹ Francisco, Mensagem do Papa Francisco assinada pelo Cardeal Secretário de Estado, por ocasião do XLV Meeting para a amizade entre os povos, Rimini, 20-25 de agosto de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2024/documents/20240719-messaggio-meeting-rimini.html>.

²⁹² Panikar, *Ecosofia. La sabiduría de la Tierra*, 46.

²⁹³ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 156.

²⁹⁴ A pegada ecológica é uma medida mais abrangente, que avalia o impacto global de uma atividade, estilo de vida, organização ou até mesmo de um país, considerando não apenas as emissões de carbono, mas também o consumo de recursos naturais, como água, solo fértil e biodiversidade.

²⁹⁵ Boff, *A Força da Ternura*, 23.

elementos naturais que a Terra proporciona, é sentir-se em comunhão com tudo o que existe. Como refere Panão: «Enquanto não descobriremos o que significa amar a natureza, será difícil construir uma ética com a natureza e ficar-nos-emos pela ética da natureza, pois este com implica relação, isto é comunhão».²⁹⁶ Assim, para o autor o amor essencial é o fundamento da comunhão entre o ser humano e a natureza, é preciso, amar, cada coisa como Deus a ama. Consequentemente, a transformação de mentalidades rumo a uma sociedade mais fraterna e de «harmonia serena com a criação» (LS 225) terá de ter feita, não só através da cultura do cuidado, da compreensão, do agir ético, do comportamento ecologicamente correto, do aprofundamento dos relacionamentos, mas também do regresso ao ser,²⁹⁷ de sentir o outro, a natureza como «uma realidade viva e fraterna»,²⁹⁸ como um «organismo vivo»²⁹⁹, uma vez que «nós conhecemos na medida em que amamos»,³⁰⁰ e tudo o que amamos cuidamos. Como refere o filósofo francês Philippe Pierron:

Trata-se de aprender a compor cada vez mais nossas existências humanas com as outras não humanas e ambientais. Esta ecologia integral não é um programa a priori a ser executado, mas um processo de integração a ser implantado, não sem conflitos de interpretações, no vasto tempo de uma aliança terrestre ainda por vir. Declaração antes de ser uma instituição, ela não é um dado, mas uma tarefa. Convida-nos a prestar sempre mais atenção e consideração a essas interdependências que nos fazem ser no ser. Não se trata de diluir o humano no grande todo da natureza. Nisso consiste a nossa encarnação terrestre.³⁰¹

Em suma, a LS oferece-nos uma orientação para a conversão ecológica a partir da pedagogia do ver-julgar-agir, método, que incentiva cada habitante do planeta, e neste caso os jovens, a observarem, a contemplarem a realidade e a refletirem sobre o mundo numa perspectiva do diálogo, de encontro, e de amor aos outros e ao mundo natural. A LS, faz, assim, uma leitura mais aprofundada da grave crise ecológica que vivemos e motiva para a ação e a intervenção na busca do cuidado pela «casa comum», respondendo simultaneamente à crise social e ambiental. Deste modo, a LS anima à esperança e motiva os jovens a cultivarem os seus sonhos: «Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança». (LS 240)

²⁹⁶ Panão, «Uma Ética "com" a Natureza», 172.

²⁹⁷ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 57.

²⁹⁸ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 70.

²⁹⁹ Cf. Teoria de Gaia, James Lovelock (1919-2022).

³⁰⁰ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 162.

³⁰¹ Instituto Humanista Unisinos, «Ecologia integral: “A nossa crise da energia também não seria uma crise de energia espiritual?”».

2.8 O apelo ao Bem Comum, à participação

Depois, é preciso ter em consideração o bem comum. Amar alguém é querer o seu bem e trabalhar eficazmente pelo mesmo. Ao lado do bem individual, existe um bem ligado à vida social das pessoas: o bem comum. É o bem daquele « nós-todos», formado por indivíduos, famílias e grupos intermédios que se unem em comunidade social. Não é um bem procurado por si mesmo, mas para as pessoas que fazem parte da comunidade social e que, só nela, podem realmente e com maior eficácia obter o próprio bem. Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade. Comprometer-se pelo bem comum é, por um lado, cuidar e, por outro, valer-se daquele conjunto de instituições que estruturam jurídica, civil, política e culturalmente a vida social, que deste modo toma a forma de pólis, cidade. Ama-se tanto mais eficazmente o próximo, quanto mais se trabalha em prol de um bem comum que dê resposta também às suas necessidades reais.³⁰²

Bento XVI, *Caritas in Veritate*, 7

A última etapa do roteiro educativo para a formação da GLS na escola, envolve o apelo aos jovens para conjugarem sentimentos, vontades, afetos e razão na consecução do princípio do bem comum, incentivando a darem o melhor de si, no sentido da construção de um projeto comum de desenvolvimento justo e de paz social, num «esforço por superar o que nos divide, sem perder a identidade de cada um». (FT 230)

Assim, a partir da ideia de que todos temos capacidade de transformar a realidade e influenciar o futuro, busca-se a participação de todos na construção da casa comum, na qual cada um, cada grupo e cada povo, pode contribuir com distintas perspetivas e trabalhar em prol do bem comum, no caminho para a fraternidade universal.

³⁰²Bento XVI, *Caritas in Veritate*, Carta Encíclica, Sobre o desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade, 29 de junho de 2009. Consultado em 15 de setembro de 2024 https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

O bem comum expressa, ainda, a ideia de que todas as pessoas, independentemente de sua posição social, geográfica ou circunstancial possam ter acesso aos recursos necessários para viver com dignidade, para levar uma vida verdadeiramente humana, em harmonia com a natureza, que implica antes de mais, o cuidado pelos mais frágeis e vulneráveis da sociedade. Assim, os desafios atuais e a factualidade da interdependência entre todos os seres «obriga-nos a pensar num único mundo, num projeto comum» (LS 164) e a reavaliar a nossa visão de desenvolvimento e de crescimento. Na busca de soluções globais para a construção do bem comum e para a gestão dos bens comuns naturais, «sem fronteiras» como a água, os rios, os oceanos, o ar, as florestas, a biodiversidade, e humanos, como as línguas, as filosofias e as religiões, a educação, a informação e a comunicação, a ciência e a técnica. São bens comuns que quanto mais se partilham mais se desenvolvem. Eles são as raízes da felicidade humana e garantes da qualidade de vida. Partilham uma função, são essenciais para nós, sejam os naturais, os sociais ou os comuns do conhecimento.

Deste modo, podemos considerar o bem comum, como um desejo compartilhado de «cidadania internacional»³⁰³, que nos orienta para a defesa do valor da dignidade humana e de todas as coisas existentes, na procura duma vivência comum e de qualidade, do bem viver.

A finalidade é, pois, a comunhão universal e cósmica, no reconhecimento de que só existimos em sociedade e de que fazemos parte da natureza. Como refere Francisco, «cada uma das criaturas, especialmente seres vivos, possui em si mesma um valor de existência, de vida, de beleza e de interdependência com outras criaturas»,³⁰⁴ logo «cada ser é portador do direito de existir dentro da mesma casa comum».³⁰⁵

Por outro lado, a educação para o bem comum como critério de vida pessoal e social e de direito à qualidade de vida implica, também, um desenvolvimento de competências, um crescer no exercício do agir e da responsabilidade social.

O que pressupõe a assunção de deveres fundamentais para o benefício de todos, com particular atenção «aos últimos da sociedade» (FT 234) – pobres e descartados – deixados para trás pelo nosso modo desigual de desenvolvimento, pois, «a nossa sociedade ganha quando cada pessoa, cada grupo social se sente verdadeiramente em casa». (FT 230)

³⁰³ Cf. Pedro Barata, «O Clima como bem comum: problemas de definição e gestão», em João Pato, Luísa Schmidt e Maria Eduarda Gonçalves (Orgs), *Bem comum: Público e/ou privado?* (Lisboa: ICS, 2013), 218.

³⁰⁴ Francisco, Visita à ONU, Nova Iorque, 25 de setembro de 2015, acedido a 15 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html.

³⁰⁵ Boff, *Ética e Espiritualidade*, 126.

Assim, o apelo à renovação da solidariedade entre as pessoas, à paz social, à paz com o ambiente por inteiro, e à «opção preferencial pelos mais pobres» (LS 158), é consequência lógica do bem comum e constitui uma exigência ética para a sua efetiva realização.

Como acentua Francisco: «quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos, (...) que possam garantir indefinidamente a tranquilidade». (FT 235) Assim, para Francisco, «há que colocar o centro na periferia»³⁰⁶

Por outro lado, colocar os direitos humanos no centro da ação ambiental terá implicações positivas para a qualidade do ar, água limpa, solo saudável e alimentos produzidos de forma sustentável. Recorde-se que a Assembleia Geral das Nações Unidas, a 22 de julho de 2022, declarou o meio ambiente limpo, saudável e sustentável como um direito humano universal.³⁰⁷ Antes disso, já em 2010, a Assembleia Geral das Nações Unidas através da Resolução A/RES/64/292 declarou a água limpa e segura e o saneamento um direito humano essencial para gozar plenamente a vida e todos os outros direitos humanos.³⁰⁸

Assim, segundo o Compêndio da Doutrina Social da Igreja Católica (CDSI), numa perspetiva abrangente, os pressupostos do bem comum são «o conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição». (CDSI 164)

O sentido de «atingir a perfeição», pode ser compreendido como o acesso a uma vida com plena fruição da dignidade respetiva e de todos os valores dela emanados. Para que todos, juntos, possam coexistir, cooperar e viver na casa comum, onde o «nós – todos» floresça, «mas sem exigir que a vida da pessoa singular seja sacrificada aos interesses da maioria»,³⁰⁹ sem degenerar na «ideia do mundo como totalidade uniforme»³¹⁰ e sem exigir que os ecossistemas sejam comprometidos. Pois, «embora não tenhamos consciência disso, dependemos desse conjunto para a nossa própria existência». (LS 140) De facto, mais de metade do Produto Interno Bruto mundial é moderada ou altamente dependente da natureza e dos seus serviços,³¹¹ nomeadamente de reciclagem de ar, água, polinização, produção de alimentos, materiais de

³⁰⁶ Duque, *O próximo e a comunidade*, 30.

³⁰⁷ Cf. Onu News, acedido a 15 de setembro de 2024, <https://news.un.org/pt/story/2022/07/1796682>

³⁰⁸ Programa da Década da Água da ONU-Água sobre Advocacia e Comunicação (UNW-DPAC), acedido a 15 de setembro de 2024,

https://www.un.org/waterforlifedecade/pdf/human_right_to_water_and_sanitation_media_brief_por.pdf.

³⁰⁹ José Manuel Pereira de Almeida, «Moralidade e Sociabilidade» em *Cuidar do Outro, Estudos em homenagem a Sergio Bastianel sj*, Donatella Abignete, J.M. Pereira de Almeida, orgs. (Lisboa: Editorial Cáritas, 2015), 265.

³¹⁰ Duque, *O próximo e a comunidade*, 29.

³¹¹ Instituto Humanista Unisinos, «Metade do PIB mundial depende mais da natureza e da biodiversidade do que o estimado», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/595891-metade-do-pib-mundial-depende-mais-da-natureza-e-da-biodiversidade-do-que-o-estimado-afirma-novo-relatorio..>

construção, e outros valores não tangíveis como recreação, espirituais, religiosos, simbólicos, estéticos, benefícios para a saúde, criatividade e bem-estar.³¹²

Assim, podemos entender o bem comum, de um modo geral, como «o bem de todos e de cada um», e da casa comum, constituindo correlativamente um direito e um dever, ou seja, uma obrigação a que ninguém se deve escusar, «porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos» (*Sollicitudo Rei Socialis*, 38), e verdadeiramente interdependentes e ecodependentes.

Como refere, o Papa Francisco, na LS «a ecologia humana é inseparável do bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social» (LS 156), ao atuar como propulsor da vida coletiva e da integração social.

Com efeito, o bem comum entretido com o valor da gratuidade, da solidariedade e da subsidiariedade, atua como princípio performativo do desenvolvimento económico, social, e ambientalmente sustentável da humanidade.

Assim, não conseguimos combater a pobreza e desenvolvermo-nos de uma forma progressiva e integral se não reconhecermos a nossa ligação com a natureza e o papel que a natureza desempenha no nosso desenvolvimento, não só como factor de qualidade de vida, mas fundamentalmente como a natureza determina o nosso ser e o nosso estar no mundo,³¹³ «qualquer dano infligido ao ambiente, é um dano infligido à humanidade».³¹⁴

Do mesmo modo, não combateremos a crise climática, a crise da biodiversidade e a poluição se não cuidarmos dos fatores sociais, económicos e políticos que conduzem ao nosso atual modelo de sociedade de conflito com o clima e com os ecossistemas da Terra,

Como refere Francisco «cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos de nos constituirmos como um «nós» que habita a casa comum». (FT 17)

Então, como compreender e renovar, o bem comum, hoje?

A tentativa de definir o que é bem comum, remonta à Grécia Antiga, já em Platão, a ideia de bem comum foi equiparada ao da justiça, «no duplo sentido de dar a cada um o que é seu e de articular na referência à universalidade da lei, o lugar do indivíduo».³¹⁵

Com Aristóteles, o bem é definido como central na construção da vida coletiva, da *polis*. Toda

³¹² Bruno Pinto, «Breves noções de sustentabilidade ecológica», *Justiça entre Gerações*, acessido a 15 de setembro de 2024, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30568/1/9789725405710.pdf>.

³¹³Cf. Maria José Varandas, *Kairos. Journal of Philosophy & Science* 21, 2019, Center for the Philosophy of Sciences of Lisbon University, acessido a 8 de Agosto de 2024, https://kairos.campus.ciencias.ulisboa.pt/wp-content/uploads/sites/17/2023/11/10.2478_kjps-2019-0005.pdf.

³¹⁴ Francisco, «Visita à Organização das Nações Unidas», 25 de setembro de 2015, acessido a 15 de junho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html.

³¹⁵ Almeida, «Moralidade e Sociabilidade», 268.

a participação dos cidadãos no governo da cidade, todas as ações praticadas teriam como finalidade máxima uma vida feliz. Aristóteles apresenta o conceito de bem comum como idêntico ao de «vida boa», de viver bem. Para o filósofo, «a «vida boa» e as «boas ações» seriam o objeto da comunidade política»³¹⁶, das leis da cidade e a aspiração de qualquer ser. O bem comum dependeria, assim, do viver de modo virtuoso segundo virtudes éticas, como a força, a temperança, a prudência, e a justiça, e não da capacidade de criar uma comunidade de subsistência, de interesses ou de vivência comum. Em consequência, o bem passou a ser percebido como o cumprimento da tendência que impele todos os seres para um fim específico: a sua própria plenitude, a perfeição. O ser humano, por ser um ser racional, pode formular certas normas de conduta, de acordo com as exigências da sua própria natureza.

Durante o império Romano, o novo quadro normativo jurídico criado e a respetiva subordinação às leis impostas, permitiu a passagem da organização de uma cidade pequena, sustentada na intenção política do agir social, para a de um grande império agregador de vários povos com culturas, identidades e necessidades diferentes.³¹⁷

Mais tarde, a noção de bem comum, reinterpretada por Tomás de Aquino (1225-1274), a partir da filosofia platónica e aristotélica, vai afirmar que as ações virtuosas se constituem «na unidade de orientação para o bem social e de busca de comunhão com Deus».³¹⁸

Com base no sistema tomista, a noção de bem comum vai ocupar, assim, lugar central na cultura cristã. Com efeito, somos todos convocados:

A partilhar a vida, a partilhar a terra e os seus bens, a partilhar a história humana, tornando-nos irmãos. Deus, torna-nos capazes de tender para a comunhão, chama-nos a construir uma humanidade comum partilhando a existência, ou seja, compartilhando os meios necessários para viver. A esta luz o bem comum vê-se como finalidade de comunhão, ou seja, como critério e caminho para buscar os meios, os instrumentos concretamente possíveis, para realizar uma realização humana autêntica mediante a partilha, valorando e decidindo, o que leva a uma mais autêntica humanidade mediante o exercício de livre responsabilidade.³¹⁹

Assim, política, Direito e o princípio ético da dignidade da pessoa humana, modelado pelo cristianismo, vão ser os referenciais para o modo como nos organizamos e estruturamos em sociedade e como compreendemos a ação social.³²⁰

³¹⁶ Cf. João Pato, Luísa Schmidt e Maria Eduarda Gonçalves, «Uma reflexão contemporânea acerca do bem comum», em *Bem comum: Público e/ou privado?* (Lisboa: ICS, 2013), 21.

³¹⁷ Cf. Maria da Glória Garcia, «Despertar para o Bem Comum!», em João Pato, Luísa Schmidt e Maria Eduarda Gonçalves (Orgs), *Bem comum: Público e/ou privado?* (Lisboa: ICS, 2013), 48.

³¹⁸ Almeida, «Moralidade e Sociabilidade», 269.

³¹⁹ Almeida, «Moralidade e Sociabilidade», 265,266.

³²⁰ Garcia, «Despertar para o Bem Comum!», 49.

Nesse sentido, o bem comum está, intrinsecamente relacionado, à dignidade da pessoa humana e à qualidade de vida. Como afirma, o Papa Francisco, «o bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral» (LS 157), e pessoal, na autonomia, na liberdade, na responsabilidade, na consciência, no serviço ao outro, na criatividade, na comunicação com os outros, no trabalho, na projeção do futuro, na exercitação de valores. (LS 127)

Deste modo, o verdadeiro progresso, realiza-se por esta dimensão multiforme da pessoa e pela capacidade de partilha, e de vivermos com e para os outros, na casa comum, assente numa cultura de encontro, no respeito pelo bem comum.

No entanto, o ser humano só realiza a sua própria natureza, a sua identidade – o ser com os outros – quando cuida daqueles que são mais afetados pela degradação ecológica e que menos contribuíram para o problema. Conforme refere Francisco «a inclusão ou exclusão da pessoa que sofre na margem da estrada define todos os projetos económicos, políticos, sociais e religiosos». (FT 69)

A primeira Exortação Apostólica de Francisco, *Evangelii gaudium, Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, de 2013, reflete as linhas de ação do seu pontificado, e indica quatro princípios orientadores para a construção do bem comum a ter em consideração: O tempo é superior ao espaço (222-225); A unidade prevalece sobre o conflito (226-230); A realidade é mais importante do que a ideia (231-233); O todo é superior à parte (234-237).

Neste contexto o bem comum, é vivido no presente, mas é sempre, também, uma meta que nos mobiliza para o futuro, é um processo permanente, que nos move e nos ajuda a redefinir estratégias, face aos desafios atuais, para construir a família humana e a casa comum, no sentido de relações estruturadas de comunhão e no caminho para uma cultura comum, de encontro, «capaz de construir pontes entre as pessoas e os povos».³²¹

Do ponto de vista do Estado Social de Direito e do poder político, o bem comum pode ser compreendido como o desígnio dos sistemas de governo, como salienta Francisco, «toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum». (LS 157)

De facto, o compromisso e a promoção, compete a todos, mas a finalidade última do próprio Estado e a sua legitimação – de serviço a outro e de gestão das coisas comuns – exige uma maior responsabilidade na concretização de políticas públicas justas que renovem o bem

³²¹ Francisco, Discurso aos membros do movimento «Diaconia da beleza» 24 de fevereiro 2018, acedido a 25 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/february/documents/papa-francesco_20180224_diaconie-de-la-beaute.html.

comum e que agreguem todas as gerações na esperança e na responsabilidade para a construção de novas realidades mais sustentáveis e de uma humanidade mais solidária e intercultural.

Diz o Papa Francisco: «Servir significa trabalhar ao lado dos mais necessitados, estabelecer com eles, antes de tudo, relações humanas, de proximidade, vínculos de solidariedade».³²²

Portanto, o Estado deve ir ao encontro das necessidades de todos e de cada um, mas cada um pode ser «fermento eficaz com o seu estilo de vida diário» (FT 231), colaborando, cooperando, de acordo com as suas próprias possibilidades, «num artesanato de paz que nos envolve a todos» (FT 231), com vista ao desenvolvimento sustentável da casa comum, sem descurar ou sacrificar as possibilidades das gerações futuras virem a satisfazer as suas próprias necessidades.

De facto, um aspecto único do tratamento dado ao bem comum na LS é a questão da justiça intergeracional (LS 159) e a diminuição do desequilíbrio intergeracional existente. Um dos pretextos mais utilizados, no campo do direito, para recusar a eventual responsabilidade da geração presente relativamente às gerações futuras é o da inexistência dos respetivos sujeitos. Pois, a falta do sujeito impede a constituição de um direito, e a ausência deste determina a ausência da responsabilização.³²³

Mas para Francisco a busca pelo bem comum envolve não apenas o tempo presente, mas as condições de vida das gerações futuras. Consequentemente o bem comum deve ser estendido ao futuro, o que implica uma solidariedade intergeracional e uma responsabilidade coletiva pela sustentabilidade e pela utilização justa dos bens e recursos naturais, De facto, o ser humano ao colocar em risco os ecossistemas que constituem o suporte vital da humanidade, coloca também em risco a sobrevivência das futuras gerações. Nesse sentido, «o meio ambiente é um bem coletivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos». (LS 95)

Portanto, a consciência ecológica na defesa da casa comum, na defesa dos direitos das futuras gerações, na defesa da qualidade da dignidade humana forma-se também com a perceção de como nós recebemos o mundo para o transmitir aos outros. Diz Francisco:

Se a terra nos é dada, não podemos pensar a partir dum critério utilitarista de eficiência e produtividade para o lucro individual. Não estamos a falar duma atitude opcional, mas duma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir. (LS 159)

Assim, a partir deste reconhecimento da Terra como dádiva, surge a noção de responsabilidade intergeracional, numa procura de aproximar as gerações presentes às gerações futuras.

³²² Francisco, Discurso de visita ao centro «Astalli de Roma» para a assistência aos refugiados, 10 de setembro de 2013, acessado a 15 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130910_centro-astalli.html.

³²³ Jorge Pereira da Silva, e Gonçalo de Almeida Ribeiro, Justiça entre gerações – Perspetivas interdisciplinares, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 10, acessado a 15 de setembro de 2024, https://ffms.pt/sites/default/files/2022-07/justica-entre-geracoes-perspectivas-interdisciplinares_0.pdf.

Assim, se todos os bens da Terra, o capital natural, são dom de Deus, então todos os seres humanos pertencentes quer às gerações viventes, quer às futuras, devem ter acesso a esses mesmos bens. Deste modo, as gerações atuais detêm estes recursos apenas a título fiduciário. Logo «os recursos devem ser deixados às futuras gerações, tal como foram encontrados, preservando tanto a variedade como a abundância e a qualidade dos bens».³²⁴

O compromisso com o bem comum inclui, portanto, uma dimensão ética fundamental que exige que os governantes e as populações adotem políticas públicas sociais, económicas e ambientais que protejam o planeta – a casa comum – e garantam uma vida digna para todos, hoje e no futuro, trata-se duma questão de justiça.

Em suma, «os direitos futuros da geração vindoura, desempenham hoje uma dupla função instituem um dever genérico de respeito e uma baliza para a extensão dos direitos da geração presente».³²⁵ O bem comum é, assim, um princípio que reclama a democracia e a cidadania como condição para sua realização.

Portanto, para o Magistério da Igreja Católica, o bem comum não é simplesmente a soma dos bens individuais, de utilidades, mas um valor novo, partilhado por todos, que beneficia a sociedade como um todo.

Este entendimento implica, como já referido, a participação ativa de todos na vida comunitária e a promoção de políticas públicas, económicas e financeiras que beneficiem não apenas os mais privilegiados, os mais ricos, mas, também, os mais pobres e afetados com os efeitos das mudanças climáticas.

O bem comum, como refere o Papa, tornou-se mundial e as nações devem associar-se para próprio benefício, face à tripla crise planetária, «à economia que mata», à ausência de paz, vale aqui, como afirma Francisco «o princípio do que a unidade é superior ao conflito» (LS 198)».

De facto, ao criarmos parcerias e amplificarmos as vozes dos mais afetados pelas crises, pode ser possível reunir as vontades políticas necessárias para ultrapassar desafios globais aparentemente inultrapassáveis, e cuidar tanto do ambiente como dos mais fracos.

Consequentemente, a hora é de apelo a um *ethos* mundial na consciência de que pertencemos à mesma humanidade e à mesma «casa comum», e de ação, participação, onde todos somos chamados à edificação do bem comum universal.

³²⁴ Cf. Paulo Ferreira Magalhães, «Condomínio da Terra: um património natural intangível para superar a «falha do mercado», em João Pato, Luísa Schmidt e Maria Eduarda Gonçalves (Orgs), *Bem comum: Público e/ou privado?* (Lisboa: ICS, 2013), 228.

³²⁵ Elsa Vaz Sequeira, «Direitos sem sujeito», em Jorge Pereira da Silva, e Gonçalo de Almeida Ribeiro (Coord.), *Justiça entre gerações – Perspetivas interdisciplinares*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017) acedido a 15 de setembro de 2024, https://ffms.pt/sites/default/files/2022-07/justica-entre-geracoes-perspectivas-interdisciplinares_0.pdf,38.

Logo, para Francisco, o bem comum deve ser, assim, entendido à luz da ecologia integral, ou seja, o cuidado com a Terra e a opção preferencial pelos mais pobres estão diretamente relacionados ao bem-estar de toda a humanidade. Como sublinha Francisco « Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental». (LS 139)

Para uma mudança real, como refere Francisco, é necessário encontrar «outros modos de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso», deste modo, Francisco articula o bem comum numa visão integrada, conectando-o à crise ambiental global.

O desequilíbrio ecológico e a desigualdade social são, assim, na visão de Francisco, violações graves do bem comum, pois para o pontífice a degradação ambiental afeta desproporcionalmente os mais pobres e vulneráveis, e portanto, essa injustiça deve ser corrigida por meio de políticas públicas locais, nacionais e globais que concretizem o bem comum.

De facto, a maior consciência global dos problemas ambientais e o desenvolvimento tecnológico, por si só, não são suficientes para travar a mudança climática e ecológica.

E isso envolve entender que a principal estratégia para encontrar soluções que tenham a escala e a dimensão adequadas à grandeza dos problemas globais da crise do ambiente e das alterações climáticas, radica na inovação criadora dos sistemas de decisão e governação políticos, sobretudo na esfera dos Estados e das relações internacionais, mas também nas ações individuais dos cidadãos, das empresas, e das grandes e pequenas organizações de todos os tipos, que constituem a sociedade civil.

Devemos ambicionar um pacto de proteção ambiental e climática que não exclua nenhum país. Sem colocar em causa o princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas, todas as nações, desenvolvidas, emergentes ou em desenvolvimento, devem contribuir para o objetivo comum. Ao nível da união europeia este processo de transição ecológica, foi encetado, em 2019, com «Pacto Ecológico Europeu» que visa alcançar a neutralidade climática até 2050 na Europa, retardando o aquecimento global e mitigando os seus efeitos.

A nível internacional o objetivo, é continuar no compromisso para a efetiva implementação e adesão de todos os países aos acordos multilaterais, tais como o Acordo de Paris ou a Conferência de Biodiversidade da ONU, em 2022, que acordou no compromisso de proteger pelo menos 30% da Terra e da água do mundo e restaurar 30% dos ecossistemas degradados até 2030, descrita como o Acordo de Paris para a natureza. Deve-se ter ainda em consideração os riscos críticos globais identificados no Relatório Global de Riscos de 2024, do Fórum Económico Mundial, e a constatação que os projetos de conservação e preservação da natureza liderados localmente tem maior impacto e são mais duradouros, segundo relatório da Fauna & Flora Internacional.

Do ponto de vista económico, o vocábulo bem comum aponta para bens não sujeitos a um regime de propriedade definido, não são bens privados, nem públicos, são caracterizados por um regime de livre acesso.

No caso das alterações climáticas em curso o bem comum reside na limitação das alterações climáticas. As sociedades, precisam assim, de criar um ambiente jurídico favorável, necessário para gerir os bens comuns, como por exemplo, o clima, os bancos de pesca comuns, a biodiversidade, de modo a permitir uma atuação coletiva para alcançar os objetivos estabelecidos por acordos multilaterais.

Um clima estável é património comum «um bem de todos e para todos» (LS 23) e todos nós somos responsáveis pela sua restauração e manutenção, pois é um bem comum não só na perspetiva jurídica, pois é material e juridicamente indivisível, mas também na perspetiva económica, pois é limitado, esgotável, e rival no consumo. Logo, há que caminhar numa mudança de paradigma relativamente aos bens comuns, para uma transformação cultural assente no «nós» e não em valores individuais.³²⁶

Assim, «as diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente cuidar da natureza». (LS 139) Nesse sentido, o Papa destaca a necessidade duma transição do sistema económico dominante, que aumenta as desigualdades económicas, a disparidade no acesso a recursos, direitos e serviços, para uma economia orientada para o bem comum, para a fraternidade, uma economia mais ética, inclusiva e pluralista. Como refere Francisco, na política internacional «há demasiados interesses particulares, e, com muita facilidade, o interesse económico chega a prevalecer sobre o bem comum». (LS 54) A partir desta realidade, o Papa, em 2019 convocou os jovens de todo o mundo para pensarem num projeto com vista a «pôr em prática um modelo económico novo, fruto de uma cultura da comunhão, baseado na fraternidade e na equidade».³²⁷ Em resposta ao apelo do Papa surge o movimento internacional, *A Economia de Francisco*, inspirada em Francisco de Assis, constituído por jovens economistas, empreendedores e *change makers*.

O objetivo proposto por Francisco de Roma assenta em reparar as trajetórias de desenvolvimento atual e «instilar uma alma na economia de amanhã».³²⁸ Do primeiro evento,

³²⁶ Agustina Brizuela, Bens comuns, em *A economia de Francisco, Um glossário para reparar a linguagem da economia*, 54.

³²⁷ Papa Francisco, Carta para o Evento *Economy of Francesco*, Assis, 26-28 de março de 2020. Acedido a 15 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html.

³²⁸ Papa Francisco, Carta para o Evento *Economy of Francesco*, Assis, 26-28 de março de 2020, acedido a 15 de setembro, de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html.

realizado em 2020 surgiram propostas capazes de redesenhar um sistema económico «melhorado», mais lento, em comunhão, sustentável, atento aos bens comuns, à integração e a dignidade de todos.

Como referiu Francisco, «Uma nova economia, inspirada em Francisco de Assis, pode e deve ser hoje uma economia amiga da Terra, uma economia de paz. Trata-se de transformar uma economia que mata, numa economia da vida, em todas as suas dimensões».³²⁹

Em suma, o conceito de bem comum, articulado pelo Magistério da Igreja Católica, ampliado pela LS e FT, é uma chamada urgente à ação ética, ecológica, ambiental e social, uma vez que o bem de cada pessoa está interligado com o bem da comunidade e com o cuidado com a «casa comum».

Deste modo, a Encíclica papal LS, propõe uma visão integrada do bem comum, que agrega a paz social, a justiça distributiva, a justiça intergeracional, a dignidade da vida humana e o cuidado com a casa comum. Neste seguimento, convida o poder político internacional e local e o poder económico não só a encontrarem «formas de interação orientadas para o bem comum» (LS 198), como a encetarem debates sinceros, sãos, e honestos sobre o atual sistema tecnocrático neoliberal.

2.9 O Apelo à «casa comum»: na LS e nos ODS, uma convergência?

A casa comum de todos os homens deve continuar a erguer-se sobre uma reta compreensão da fraternidade universal e sobre o respeito pela sacralidade de cada vida humana, de cada homem e de cada mulher; dos pobres, dos idosos, das crianças, dos doentes, dos nascituros, dos desempregados, dos abandonados, daqueles que são vistos como descartáveis porque considerados meramente como números desta ou daquela estatística. A casa comum de todos os homens deve edificar-se também sobre a compreensão duma certa sacralidade da natureza criada. Tal compreensão e respeito exigem um grau superior de sabedoria, que aceite a transcendência,

³²⁹ L'Osservatore Romano, «De uma economia que mata para uma economia da vida», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2022-09/por-039/de-uma-economia-que-mata-para-uma-economia-da-vida.html>.

própria de cada um, renuncie à construção duma elite onipotente e entenda que o sentido pleno da vida individual e coletiva está no serviço desinteressado aos outros e no uso prudente e respeitoso da criação para o bem comum.³³⁰
Francisco, Nova Iorque, 25 de setembro de 2015

Assim, neste contexto de desenvolvimento justo e sustentável, capaz de nos reconciliar com a natureza e de concretização do bem comum, as Nações Unidas propuseram, em 2015 – no mesmo ano da LS e do Acordo de Paris sobre o Clima – uma Agenda de Desenvolvimento Internacional, com 17 ODS a atingir até 2030.

Os 17 ODS têm como base os progressos conquistados com os 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milénio, estabelecidos entre 2000 e 2015, e são fruto do trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo.

A adoção oficial da Agenda 2030 por todos os Estados-Membros das Nações Unidas, aconteceu após o discurso do Papa Francisco dirigido à Assembleia Geral das Nações Unidas, a 25 de setembro, na qual afirmou que: «A adoção da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável na Cimeira Mundial, que abre hoje, é um sinal importante de esperança».³³¹

Deste modo, a Agenda 2030 procura definir as prioridades e aspirações do desenvolvimento sustentável global para 2030 e procura mobilizar esforços globais à volta de um conjunto de objetivos e metas comuns, os 17 ODS.

Mas foi só a 1 de janeiro de 2016, que os 17 ODS da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável — adotados por 193 países — entraram oficialmente em vigor.

A Agenda 2030 e os 17 ODS são, assim, uma visão comum para a humanidade, um contrato entre os líderes mundiais e os povos e «uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta»³³² conforme referiu Ban Ki-moon (antigo Secretário-Geral das Nações Unidas). O futuro, para a Agenda 2030, apresenta um desafio duplo aos seres humanos: conservar as múltiplas formas e funções da natureza e criar um lar equitativo para as pessoas num planeta finito. Conforme refere o cientista Duarte Santos,

Os progressos no cumprimento das metas estabelecidas para alguns dos ODS são essenciais para a adaptação e mitigação das alterações climáticas e, inversamente, os progressos na ação climática, à escala global, são essenciais para cumprir as metas de vários ODS.³³³

³³⁰ Francisco, «Visita à Organização das Nações Unidas».

³³¹ ONU News, acedido a 4 de agosto de 2024, <https://news.un.org/pt/story/2015/09/1525591>.

³³² ONU, Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental, acedido a 4 de agosto de 2024, <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>.

³³³ Santos, *Alterações Climáticas*, 79.

Assim, os 17 ODS e as suas 139 metas têm uma ambição universal, são integrados, interdependentes e dizem respeito às áreas económicas, social, cultural e ambiental. O ODS 13 que indica a necessidade de «adoção de medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos, é interdependente do sucesso do conjunto dos ODS»,³³⁴ sendo como refere Santos, essencial que esta relação de dependência mútua seja valorizada e reconhecida.

A partir destas 3 chaves de leitura dos ODS, universalidade; integralidade e interdependência, a Agenda 2030 incita à necessidade de parcerias de todo o género – cooperação regional, novos atores não estatais na governança global – para promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o ambiente, acabar com a pobreza e a fome, combater as alterações climáticas, proteger a Terra, a vida terrestre e a vida marinha, promover a igualdade de género, uma melhor educação, saúde.

Deste modo, os países, a nível mundial, foram convidados a construir políticas, medidas e ações para o cumprimento dos objetivos. Todos são chamados à ação e a novas formas de cooperação.

Neste sentido, a Agenda 2030 estrutura-se em cinco dimensões: as pessoas – com o objetivo de erradicar a pobreza e a fome, para que todos os seres humanos possam viver com dignidade e igualdade num meio ambiente saudável; o planeta – proteção do planeta contra a degradação, mediante um consumo, uma produção e uma gestão dos recursos naturais sustentável; a prosperidade – conseguir que todos os seres humanos possam desfrutar de uma vida próspera e plena e que o progresso económico, social e tecnológico ocorra em harmonia com a natureza; a paz – alcançar sociedades pacíficas, justas e inclusivas; e por último, concretização de parcerias – que mobilizem os meios necessários para implementar a Agenda 2030.³³⁵

Haverá assim convergências entre a LS e a Agenda 2030, uma vez que ambas procuram um projeto comum de desenvolvimento sustentável da humanidade ?

O apelo do Papa à conversão ecológica converge em muitos pontos com os ODS, mas a mudança que Francisco nos pede é talvez mais profunda e exige uma «corajosa revolução cultural». (LS 114) Assim, dum lado temos a «comunidade Internacional» – os ODS – e do outro lado, a Igreja Católica, com a LS, em ambos os documentos, o discurso é dirigido a todos os estados, a todas as comunidades, a todas as pessoas, com uma mesma ambição universal: articular respostas coletivas para os desafios mundiais e analisar as relações entre clima e desenvolvimento. Assim, a partir da expressão «casa comum» compartilhada pelos dois

³³⁴ Santos, *Alterações Climáticas*, 79.

³³⁵ A Agenda 2030, acessado a 5 de agosto de 2024, <https://rumoa2030.pt/a-agenda-2030/>.

documentos, é possível encontrar pontos de convergência entre ambos os documentos e incorporar os ODS na cultura religiosa.

De facto, o fio condutor da LS tem por base um projeto comum de humanidade face à interdependência entre todos os seres vivos. Ao mesmo tempo, a Agenda 2030 partilha também, desta visão universal, integrada e de transformação para um mundo melhor. Apesar de ambas se situarem um pouco distantes do desenvolvimento geopolítico atual.

Porém, em contraste com os ODS, a LS afirma que apesar da superexploração dos recursos do planeta, o problema da pobreza não está resolvido (LS 48). Enquanto a Agenda 2030 fala em risco e escassez, Francisco fala em desigualdade planetária.

Com efeito, os ODS, não retratam o dilema ecológico atual de ultrapassagem de quatro das nove «barreiras planetárias» que garantem espaço operacional seguro para a humanidade. Deste modo, a Agenda 2030, ao ignorar a gravidade da crise ecológica, ambiental e social, está a proteger o modelo de crescimento que prevaleceu sempre em detrimento da proteção da natureza.³³⁶

Deste modo, a proposta de modelo de desenvolvimento da LS de abrandamento, ao invés de expansão nos mesmos moldes do crescimento da modernidade, difere da Agenda 2030.

Francisco, também responsabiliza o modelo de crescimento industrial, face à situação atual. «Quanto mais e mais pessoas vivem num planeta limitado, mais a desigualdade social se torna um problema ecológico».³³⁷ Mas tanto a LS, quanto os ODS, afirmam a ligação entre as duas crises, a ambiental e social. Para Francisco a questão de o impacto das mudanças climáticas recair sobre os países e as populações mais pobres (LS 25) é uma questão de justiça incontornável e que urge resolver. Em comparação, o teor do ODS 13 «tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e os seus impactos», parece um pouco mais vago.³³⁸

Mas para a agenda 2030, o fundamental era incluir o combate às alterações climáticas nos ODS. A LS, também é mais incisiva do que os ODS quanto à relação entre ecologia e a dimensão social ao afirmar que «toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspetiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos» (LS 93), e acentua como prioritário o «acesso ao trabalho para todos» (LS 127), face aos interesses empresariais e de racionalidade económica.

³³⁶ Wolfgang Sachs, «The Sustainable Development Goals and *Laudato si'*: varieties of Post-Development? », *Third World Quarterly*, Vol. 38, N.º 12, 2573-2587(2017), 8, acedido a 4 de agosto de 2024, https://www.researchgate.net/publication/319368817_The_Sustainable_Development_Goals_and_Laudato_si'_varieties_of_Post-Development, Doi:10.1080/01436597.2017.1350822.

³³⁷ Sachs, «The Sustainable Development Goals and *Laudato si'*: varieties of Post-Development? », 1-14.

³³⁸ Cf. Gael Giraud, Philippe Orliange, *Laudato si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?, *Cadernos Teologia Pública*, ano XIII – Vol. 13-Nº 117-2016, acedido a 5 de agosto de 2024, https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/117_cadernosteologiapublica.pdf.

Os ODS e a LS convergem na necessidade de alterar padrões de produção e consumo, mas o discurso da LS é severo no que diz respeito ao desperdício e ao crescimento, «uma vez que sugere a necessidade de um certo decrescimento para que os países do Sul possam continuar crescendo»,³³⁹ abrandar para podermos reencontrar a harmonia no mundo.

Ambas as propostas, ODS 11 e LS parágrafo 44 e 45, contemplam o tema da qualidade da vida humana e da degradação social nas grandes cidades e nos bairros e na necessidade de implementação de políticas de desenvolvimento sustentável que tornem as cidades inclusivas, seguras, com espaços verdes e com alma, em todas as suas áreas.

Há também uma convergência no que diz respeito à revitalização do multilateralismo, parágrafo 175 da LS e ODS 17. Em ambos os documentos se salienta o papel das instituições multilaterais, lugar privilegiado da elaboração de consensos políticos mundiais necessários à ação coletiva. Contudo, a LS é mais explícita ao afirmar que a política não deve estar submetida nem à tecnologia, nem à finança, considerando que a tecnologia não deve servir o consumo – o lucro – mas resolver os problemas urgentes da humanidade. (LS 54 e 192)

Sublinha-se, no entanto, que as duas declarações têm ambas um desejo transformacional, mas o tom ditado pela LS é sempre mais exigente do que a Agenda 2030, e aponta a responsabilidade pelo desequilíbrio ecológico e social ao modelo atual da sociedade tecnocrata e materialista.

Num prisma simplista «podemos afirmar que a perspectiva em que se inserem o discurso e a prática da ONU consiste na tentativa utópica de transformar todos os pobres do planeta em cidadãos burgueses, semelhantes àqueles que povoam as capitais dos países do Norte».³⁴⁰

Em contrapartida o texto da LS, procura uma reformulação das estruturas sociais e políticas pela iniciativa do povo dos pobres com vista a uma nova unidade do povo – nação.

E sugere uma ecologia quotidiana, de sobriedade, inserida numa mudança cultural: «são os ricos que tem de mudar, não os pobres».³⁴¹ Francisco refere que «A desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais. Com efeito, há uma verdadeira dívida ecológica, particularmente entre o Norte e o Sul ». (LS 51)

De facto, o crescimento económico proporcionou a criação de redutos poderosos para os ricos, assim, a LS ao referir o desrespeito do modelo tecnocrático pelo bem comum, contrasta com a Agenda 2030, que falha na explicação das razões para a constante reprodução da pobreza e o

³³⁹ Cf. Gael Giraud, Philippe Orliange, *Laudato si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?, Cadernos Teologia Pública, ano XIII – Vol. 13-Nº 117-2016, 8, acedido a 5 de agosto de 2024, https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/117_cadernosteologiapublica.pdf.

³⁴⁰ Giraud, Orliange, «*Laudato si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?», Cadernos Teologia Pública, ano XIII – Vol. 13-Nº 117-(2016), 11, acedido a 5 de agosto de 2024, https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/117_cadernosteologiapublica.pdf.

³⁴¹ Sachs, «The Sustainable Development Goals and *Laudato si'*: varieties of Post-Development?», 1-14.

declínio da biosfera, que tornaram os ODS necessários. Como refere Sachs: «Ignorar as raízes das causas é típico dos documentos da ONU e confortável para os governos, mas fatal para qualquer terapia».³⁴²

Porém ambos os documentos, concordam que o modelo económico deve sofrer alterações. No entanto, enquanto a Agenda 2030 procura reparar o modelo global económico, a LS apela a uma paragem na hegemonia da economia e à responsabilidade ética global.

Ao invés, a Agenda 2030 visiona uma economia verde com valores democráticos, e o Papa propõe uma era pós-capitalista baseada numa cultura ética de eco-solidariedade.

Mas, ao alertar para o desafio climático, examinado sob o ângulo de «desenvolvimento sustentável» ou «ecologia humana», os ODS e a LS destacam a natureza necessariamente inclusiva de qualquer progresso político.

Assim, a convergência entre a LS e os ODS só pode manter as suas promessas, desde que estas sejam interpretadas à luz da dignidade da pessoa humana, e em que o conceito fundamental é o da justiça social «como uma condição ética da expressão da nossa humanidade».³⁴³

³⁴² Sachs, «The Sustainable Development Goals and Laudato si': varieties of Post-Development ?» 1-14.

³⁴³ Tagle, Mendonça, *As coisas podem mudar*, 40.

CAPÍTULO 3 – PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 4

3.1 Questão Prévia: desafios colocados hoje à escola e à EMRC

O novo contrato social para a educação deve nos ajudar a nos unir em torno de esforços coletivos e fornecer o conhecimento e a inovação necessários para construir futuros sustentáveis e pacíficos para todos, que sejam fundamentados na justiça social, económica e ambiental.³⁴⁴

Relatório, Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação.

Unesco, 2022

Ao trabalhar a dimensão do transcendente, como proposta clara de um processo personalizador, a EMRC contribui especificamente para que a escola possa realizar a sua missão.³⁴⁵

Juan Ambrosio

O sistema educativo tradicional, fruto da modernização, procurou na sua origem, dar resposta às exigências políticas de construção da democracia e das nacionalidades e às exigências económicas de construção de mercado. A democratização do ensino gerou um sistema educativo homogéneo, orientado para o cognitivo, e para integração social, ligada ao desenvolvimento económico. Consequentemente, a prioridade consistia em democratizar o acesso a um sistema que oferecia possibilidade de mobilidade social.

Atualmente, o ambiente escolar em que vivemos é fruto de uma enorme transformação da sociedade e do quadro jurídico português, a escola é gratuita, universal e aberta a todos, dos 6 aos 18 anos, sendo um direito e um dever frequentar a estrutura educativa até ao 12º ano de escolaridade.

Como refere o espanhol José Manuel Esteves Zaragoza, catedrático em «Teoria da Educação» na Universidade de Málaga: «nos últimos vinte anos, a configuração do sistema educativo mudou radicalmente, passando de um ensino de elite, baseado na seleção e competência, para um ensino de massas, muito mais flexível e integrador».³⁴⁶

³⁴⁴ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação».

³⁴⁵ Ambrosio, «As religiões na escola», 62.

³⁴⁶ José M. Esteve, «Mudanças Sociais e Função de Docente» em *Profissão Professor*, (Porto: ed. Porto Editora, 1999), 103.

Neste contexto, podemos considerar que a sociedade evoluiu positivamente, combatendo as disparidades que existiam no acesso ao ensino. De facto, o paradigma da escolarização e socialização tradicional entrou em contradição com o preconizado pelas pedagogias mais recentes que apontam como finalidade do sistema educativo a formação integral da personalidade, colocando a tónica na formação para a liberdade, criatividade, adaptabilidade, inovação, colaboração, cooperação e desenvolvimento das competências sociais e humanas.

De facto, o modelo de organização que teve origem nos finais do século XIX, está nos dias de hoje, na Europa e no continente Americano, posto em causa. Esta constatação acompanhou o sistema educativo, resultado da tensão permanente entre «racionalidade e subjetividade».³⁴⁷

Assim, hoje, a escola apresenta-se como uma instituição que possibilita aos alunos a aquisição de aprendizagens (currículo), sendo estas sistemáticas e estruturadas para um público específico, eliminando as desigualdades e fomentando a igualdade de oportunidades.

A escola tem como finalidade integrar os alunos na sociedade, de modo a alcançarem e desenvolverem as aprendizagens tidas como necessárias e úteis para viverem em relação e cooperação uns com os outros. Como refere, o novo relatório da Unesco, *Reimaginar nossos futuros juntos*: «O respeito pelos direitos humanos e a preocupação com a educação como um bem comum devem se tornar as linhas centrais que costuram o nosso mundo compartilhado e o nosso futuro interconectado».³⁴⁸

O ambiente escolar é, assim, um lugar onde se aprende a viver em grupo e se respeita a diversidade e a diferença. Valoriza-se a aquisição de aprendizagens que coloquem em destaque o sentido de partilha, a não violência, o colaborar com os outros, o sentido da responsabilidade, tendentes à construção e ao desenvolvimento de um indivíduo educado em ordem à coesão social. Aprender estes valores em ambiente escolar, quer na sala de aula, quer no recreio, ajuda a atenuar as diferenças e a valorizar a igualdade. A escola tem, ainda, o dever de ajudar os alunos a pensar por si próprios, ajudando-os a questionarem-se e a refletirem sobre a realidade com vista à preparação de pessoas mentalmente flexíveis, curiosas, abertas à mudança e preparadas para os desafios do presente e do futuro. «Entretanto, há sinais de que estamos caminhando para uma nova educação orientada para a ecologia, fundamentada em entendimentos que podem reequilibrar nossas formas de viver na Terra e reconhecer seus limites e seus sistemas interdependentes».³⁴⁹

³⁴⁷ Tedesco, *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*, 109.

³⁴⁸ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», VII.

³⁴⁹ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», VII.

Este deve ser, por isso, o caminho a seguir na escola. Para tal importa educar as crianças e os jovens a terem um raciocínio crítico, para que tenham um pensamento livre, autónomo, capazes de trabalhar em cooperação e em solidariedade, cientes de que estamos todos conectados.

Assim, fundamentalmente, hoje a escola serve para proporcionar às crianças e jovens o desenvolvimento de todas as dimensões integrantes da pessoa humana segundo princípios de justiça social, igualdade e equidade no acesso ao conhecimento, de forma a permitir a sua participação ativa, democrática e consciente na sociedade, com vista a aliar a escola à vida, seguindo o modelo do desenvolvimento sustentável.

Em suma, a escola não é assim apenas uma forma de socialização e formação para a cidadania ou de mera transmissão de conhecimentos, tem também um papel fundamental na transformação da pessoa e das suas atitudes, na formação da sua personalidade e na construção de um futuro comum. Na escola, o aluno humaniza-se, adquirindo não só um saber científico-tecnológico, mas igualmente uma conjunto de valores e saberes, que transcendem a sua própria comunidade e são património comum da humanidade. Face à heterogeneidade social e ao pluralismo cultural, nos dias de hoje colocam-se à escola grandes desafios.

Assim, por um lado, os professores terão de recriar práticas pedagógicas adequadas em contexto de sala de aula que promovam a empatia, o respeito pela diferença, o trabalho cooperativo e interdisciplinar. Por outro, importa também alterar o modelo de gestão da escola, e por último, é necessário desenvolver projetos escolares diferenciados que dignifiquem e estimulem os alunos, de modo que a escola seja justa, apelativa, eficaz, transformadora e inclusiva.

A luta para a integração de todos os alunos, independentemente da sua situação,³⁵⁰ no espaço escolar, criou a realidade da escola inclusiva ao responder à diversidade de necessidades dos alunos. Possibilitando, assim, a resposta a esta exigência social, através do aumento da participação de todos na aprendizagem e na vida da comunidade escolar.

A questão da educação integral, na qual se insere a educação artística, física, cívica, ética e religiosa, é igualmente uma exigência dos educadores e famílias que sentem não bastar que a escola forneça conteúdos, se os alunos não aprenderem a pensar, a questionar, a argumentar e a saber expressar e debater os seus sentimentos e ideias.

Também a noção de comunidade educativa alargada, constituída por alunos, entidade responsável pela gestão da escola – pública ou privada – educadores, professores, pessoal não docente, pais e encarregados de educação e pela própria comunidade envolvente, tendência

³⁵⁰ Decreto – Lei 54/2018, de 6 de julho abandonou os sistemas de categorização de alunos incluindo a categoria “necessidades educativas especiais”.

atual, deve articular-se eficazmente numa relação de parceria que contribua para a formação holística do aluno e para a sua contribuição para a comunidade.

Atualmente, no sistema educativo português os grandes problemas de educação já foram resolvidos: alfabetização, democratização do ensino, aumento do nível de escolaridade, turmas com menor número de alunos, escola a tempo inteiro, mais horas letivas de matemática, mais horas letivas de português, fusão de escolas em agrupamentos, a introdução das disciplinas de Tecnológica de Informação e Comunicação, e Cidadania e Desenvolvimento.

Em 2016, foi lançado o *Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar* que proporcionou uma maior autonomia das comunidades educativas na conceção de «planos de ação estratégica»³⁵¹ para melhorar a aprendizagem dos alunos, o que se traduziu, no geral na diminuição das taxas de retenção e de abandono precoce escolar.

Porém, ainda subsiste a necessidade de irmos mais fundo para resolver os problemas de falta de equidade; de qualidade de ensino; de professores; de cooperação entre escolas; de condições materiais; de relevância da oferta educacional; de dificuldades de aplicação de conhecimentos por parte dos alunos; de autonomia; de autorregulamentação; de responsabilização; de valorização social das escolas e dos professores, e por último, sublinha-se ainda o excesso de burocracia que «tomou conta também das instituições e dos professores, asfixiando a vida pedagógica e o trabalho escolar».³⁵²

Estes desafios exigem uma micro gestão que tenha capacidade para melhorar os resultados, com diversidade de escolas e diversificação de percursos escolares, que assegure, em todas as etapas do sistema educativo um trabalho adequado ao nível do aluno.

Neste sentido, surgiu o mecanismo da *Flexibilidade Curricular*, modelo disruptivo, que implicou uma revolução conceptual e legal do paradigma escolar, em rutura com as lógicas anteriores. O diploma, «pretende garantir a todos o direito à aprendizagem e ao sucesso educativo, pela adequação da ação educativa às especificidades do aluno e Escola, pela contextualização interdisciplinar dos saberes e pela promoção de aprendizagens ativas e significativas».

Assim, nestes últimos anos, as comunidades educativas foram confrontadas com vários documentos que poderão, a prazo como se pretende, transformar e moldar um novo perfil de aluno e de currículo para o terceiro milénio:

³⁵¹ Direção Geral da Educação, «Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar», acessido a 15 de junho de 2023, <https://www.dge.mec.pt/programa-nacional-de-promocao-do-sucesso-escolar>.

³⁵² António da Nóvoa, *Conferência: Que currículo para o século XXI?*, Assembleia da República, 7 de junho de 2010, acessido a 15 de setembro de 2024, <https://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/CurrSecXXI/CurrSecXXI6.pdf>.

- As Aprendizagens Essenciais;³⁵³
- A Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania;³⁵⁴
- O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória;³⁵⁵
- O Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular dos ensinos básico e secundário.³⁵⁶

De acordo com o princípio que norteia o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* a escola adquire uma base mais humanista: «a escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar».³⁵⁷

Também, o objetivo de passar para as escolas a operacionalização do currículo tem como horizonte de conquista um perfil de aluno apto a viver e a lidar com as vicissitudes do século XXI: Pensamento crítico; analítico e criativo; resolução de problemas complexos; resiliência, flexibilidade e agilidade; curiosidade e aprendizagem ao longo da vida; motivação e autoconhecimento; gestão de pessoas; colaboração com os outros; inteligência emocional; negociação de conflitos; participação ativa na comunidade.

Dimensões que o sistema de ensino não quis mais descurar, sabendo as exigências que os novos tempos requerem em termos de competências humanas, sociais, científicas, técnicas e artísticas, considerando ainda «a natureza mutável do trabalho e as diferentes formas pelas quais a segurança económica pode ser suprida».³⁵⁸

Atualmente, o sistema educativo português conta ainda com mais dois diplomas legais suscetíveis de provocar a uma mudança definitiva de paradigma na educação.

O *Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho* que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva, com a «aposta numa escola inclusiva onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social».³⁵⁹

³⁵³ Direção Geral da Educação, «Aprendizagens Essenciais», acessido a 15 de junho de 2023, <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>.

³⁵⁴ Direção Geral da Educação, «Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania», acessido a 15 de junho de 2023, <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>.

³⁵⁵ Guilherme d'Oliveira Martins (Coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Editado por Ministério da Educação, homologado através do Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho.

³⁵⁶ DIREÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO, *Projeto de autonomia e flexibilidade curricular dos ensinos básico e secundário*, homologado através do Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho.

³⁵⁷ Guilherme d'Oliveira Martins (Coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Editado por Ministério da Educação, homologado através do Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho, 13, acessido a 6 de junho de 2023,

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

³⁵⁸ Comissão Internacional sobre os futuros da Educação, «Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação», VII.

³⁵⁹ O Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, acessido a 4 de agosto de 2022, <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/54-2018-115652961>.

O *Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho* estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens e assume a « Promoção da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem assente numa abordagem multinível, no reforço da intervenção curricular das escolas e no carácter formativo da avaliação, de modo que todos os alunos consigam adquirir os conhecimentos e desenvolver as competências, atitudes e valores previstos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória ».³⁶⁰

Com base nestes diplomas e com a revolução digital em curso através do *Plano de Ação para a Transição Digital*³⁶¹ o paradigma educativo terá forçosamente de mudar.

Acresce, ainda que desde o ano letivo 2018/2019, os referentes da «Educação para o Desenvolvimento Sustentável» e da «Educação para a Cidadania Global» integram a matriz curricular do ensino em Portugal, na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, na sequência do *Decreto-Lei n.º 55/2018*.

Sendo assim, as escolas têm de permitir que as crianças e jovens desenvolvam todas as suas potencialidades e ir ao encontro das suas expectativas. Tenhamos, pois, esperança de que esta situação se reverta face ao novo modelo disruptivo de flexibilidade curricular, intelectualmente mais desafiante, que possibilitará a organização do saber académico na busca do sentido das coisas num horizonte de globalidade cultural, orientado pelos ODS. Para isso, há que contar com um envolvimento dos docentes, das lideranças de topo e intermédias, num ambiente centrado no valor do trabalho e na máxima comunicação entre todos: alunos, professores, instituição, famílias e comunidade envolvente, preconizando um modelo de escola centrado nas pessoas e no mundo, aberto a todos e promotor de cada um, dotado de uma cultura comum e de proximidade.

Ao mesmo tempo, como refere Francisco, na LS:

se se quer conseguir mudanças profundas, é preciso ter presente que os modelos de pensamento influem realmente nos comportamentos. A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza. (LS 215)

O que pressupõe uma opção axiológica na qual a escola deverá assumir o papel de transformador cultural.

E a disciplina de EMRC que contributos poderá trazer para esta transformação cultural? E que desafios enfrenta na sociedade e no sistema educativo português?

³⁶⁰ Artigo 4, alínea a, do Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho, acedido a 4 de agosto de 2022, <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/55-2018-115652962>.

³⁶¹ Resolução do Conselho de Ministros n.º 30/2020, de 21 de abril, acedido a 4 de agosto de 2022, <https://dre.pt/dre/analise-juridica/resolucao-conselho-ministros/30-2020-132133788>.

Numa sociedade em mudança, marcada pela incerteza e pela desagregação urbana, o religioso aparece cada vez mais associado à experiência individual, ao sentir, e à emoção: os jovens constroem a sua identidade religiosa de modo fragmentado, retirando experiências de vários sítios, criando uma estrutura religiosa ampla, uma identidade sincrética.

Assiste-se, assim, à deslocação da busca do sagrado para outras realidades da sociedade: o futebol, os ídolos musicais, as Organizações Não Governamentais, a preocupação com a alimentação, o *yoga*, o *mindfulness*, os grandes festivais musicais europeus e internacionais, dão suporte coletivo que unifica e agrega, mas que está desvinculado da autoridade da Igreja.

Assistimos, assim, a uma série de mudanças de sociabilidade, com a emergência de uma nova construção de identidade, e na dificuldade em definir juventude, e juventude com uma identidade religiosa. Nos jovens, a experiência da existência revela-se menos linear, cada um é mestre de si próprio, numa procura pelo seu eu mais profundo, pelo bem-estar e por um projeto de vida, marcados por nova exigência espiritual.

Todas estas dinâmicas têm um denominador comum, cujo foco são as buscas individuais, não sujeitas ao discernimento da comunidade. São caminhos que resistem à tradição.

Este modo de estar na vida origina os chamados «crentes sem religião», procuram Deus, mas fora das religiões, «crer sem aderir a uma igreja ou uma instituição»³⁶², vivem o seu ideal como fonte de vida. De facto, o religioso não desapareceu da sociedade, mas a sua importância enquanto fenómeno social diminuiu, perdeu espaço público. Ora, se a apetência pelo religioso não desapareceu e a presença do sagrado mantém-se na sociedade, existindo «uma certa reativação das identificações confessionais»³⁶³, há que percorrer outras fontes de sentido.

Neste enquadramento, a compreensão do fenómeno religioso, o reforço da formação ético-moral, a consciência do valor próprio de cada ser, a centralidade e defesa da dignidade da vida humana, a conversão ecológica integral, o aprofundamento da espiritualidade e da esperança, poderão ser o modo de estar e viver a EMRC na escola.

Por outro lado, EMRC abre para a relação com os outros e com o Outro (no horizonte de transcendência), assente numa atitude de cuidado mútuo, de diálogo com vista à prossecução do bem comum, e a uma cultura de humanização solidária, de encontro e de paz social.

Neste sentido, configura-se também como próprio da EMRC o desafio proposto pelo Papa Francisco de ir ao encontro das «periferias» da existência, de ir ao encontro de todas as realidades de sofrimento, dos mais desfavorecidos da sociedade, e da compreensão da relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta. Esta saída missionária é o grande repto da

³⁶² Daniele Hervieu-Léger, *O Peregrino e o Convertido – A religião em movimento*, (Lisboa: Gradiva, 2005), 57.

³⁶³ Hervieu-Léger, *O Peregrino e o Convertido*, 57.

atualidade da vida da Igreja e do pontificado de Francisco, mas é também o repto do professor de EMRC e da própria disciplina.

Logo, a formação global e integral do aluno, trabalhada a partir da dimensão espiritual da pessoa e da perspetiva cristã, desenvolvendo competências para que possa ser pessoa cuidadora, participativa e democrática é o foco de EMRC.

O Papa Francisco reforça esta ideia de educação integral ao afirmar:

Hoje queremos declarar que as nossas tradições religiosas, que sempre foram protagonistas da alfabetização até ao ensino superior, reforçam a sua missão de educar cada pessoa na sua integralidade, isto é, cabeça, mãos, coração e alma. Que se pense aquilo que se sente e se faz; que se sinta aquilo que se pensa e se faz; que se faça aquilo que se sente e se pensa. A harmonia da integridade humana, isto é, toda a sua beleza desta harmonia.³⁶⁴

Em suma, para que possa desempenhar um papel crítico na sociedade, na qual intervirá e agirá como cidadão, terá de ser pessoa inteira, atenta aos outros, inserido na «casa comum».

A *Pedagogia do Serviço* como metodologia do ensino aprendizagem em EMRC procura vincular «o trabalho voluntário na comunidade com a aprendizagem escolar».³⁶⁵ Por sua vez esta estratégia de ensino assenta na teoria da aprendizagem pela experiência, no compromisso com a comunidade envolvente e induz à reflexão e à cooperação. Como refere Cristina Sá Carvalho, tem como meta «resolver um problema significativo detetado na comunidade».³⁶⁶

A partir do princípio «aprender fazendo», a Pedagogia do Serviço poderá ser uma via para os jovens «irem além dos grupos de amigos e construir a amizade social, procurarem o bem comum».³⁶⁷ A preferência e a aplicação desta metodologia será um dos desafios a abraçar pelos professores de EMRC.

A aula de EMRC na escola, é já por si, um espaço de diálogo regulado, no qual os alunos podem conversar, debater diversas áreas do conhecimento, trabalhar em equipa, em projetos em prol das comunidades envolventes, e assim, construir um sentido pessoal e coletivo da vida, no contexto de uma liberdade responsável.

A EMRC é também um lugar de acolhimento; de paragem; de sentir; de imaginar; de refletir; de pensar; de questionamento a partir de uma matriz religiosa, em concreto da cristã. Uma aula

³⁶⁴ Papa Francisco, Discurso do Encontro «Religiões e Educação: Pacto Educativo Global», 5 de outubro de 2021, acedido a 4 de agosto de 2022, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211005-pattoeducativo-globale.html>.

³⁶⁵ Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço – uma perspetiva de Planificação e de Implementação», *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação*, n.º 41 (2018), 56.

³⁶⁶ Carvalho, «Pedagogia do Serviço – uma perspetiva de Planificação e de Implementação», 68.

³⁶⁷ Francisco, *Cristo Vive, Exortação Apostólica Pós Sinodal, Aos Jovens e a todo o Povo de Deus*, (Lisboa: Paulinas, 2019, Lisboa), 90.

de debate de ideias, alicerçado no ser autêntico e multidimensional, mas também uma aula de escuta, na qual se respeita a opinião dos outros e o lugar a ser diferente.

Como refere o Papa Francisco: «Educar não significa apenas explicar teorias, significa sim, sobretudo, dialogar, fazer triunfar o pensamento dialógico»,³⁶⁸ educar, «é acompanhar é fazer um caminho, é harmonizar as potencialidades»³⁶⁹ de cada um.

O Edgar Morin também acentua esta multidimensionalidade do ser humano e da sociedade, que permite mostrar a importância do religioso no ensino escolar. Morin, ao afirmar as diferentes e várias dimensões do ser humano, acrescenta que há uma «inter-retroação»³⁷⁰ entre elas para que se gere conhecimento pertinente, e nesta perspetiva, a EMRC ao trabalhar todas as dimensões do ser humano faz sentido na escola, pois, faz comunidade e dá sentido pessoal.

Em EMRC todas as dimensões da pessoa merecem acolhimento, pelo que a unidade curricular possui na escola um espaço por mérito próprio, de facto «não há educação integral sem a consideração da dimensão religiosa, porque ela é constitutiva da pessoa humana».³⁷¹

EMRC ajuda, ainda a estruturar o agir ético-moral dos alunos para que possam, em liberdade de pensamento, construir uma cosmovisão do mundo, tendo como proposta uma chave de leitura religiosa da realidade, propõe uma maneira de viver, mas não deve ser entendida como catequese ou proselitismo religioso.

Alain de Botton no seu livro, *Religião para Ateus*, citado no Programa de EMRC de 2014, diz «A diferença entre educação cristã e educação secular em termos de objetivo, poderíamos dizer que uma está preocupada em transmitir informações e a outra em mudar as nossas vidas».³⁷²

A EMRC procura, pois, que os alunos aprendam de uma maneira transformadora em contacto com a experiência da vida cristã, «de amar o outro como parte de nós mesmos».³⁷³

EMRC, na sua singularidade, abre, pois, para a transcendência, para a alteridade, para a afetividade, para o cuidado com os outros e com a «casa comum» e complementa a ação da escola. Numa aprendizagem que os «humanize» e que os torne melhores pessoas, mais solidárias, mais corajosas, capazes de redefinir a nossa visão de desenvolvimento e de progresso na era da globalização, respeitadoras do valor da cultura democrática, preparadas para

³⁶⁸ Francisco, *Deus é jovem, Uma conversa com Thomas Leoncini* (Lisboa: editora Planeta Manuscrito, 2018), 109.

³⁶⁹ Papa Francisco, Mensagem no encerramento da Semana Nacional de EMRC, maio de 2021, acedido a 21 de setembro de 2024, <https://www.educris.com/v3/emrc/10525-mensagem-do-papa-no-encerramento-da-semana-de-emrc-cvideo>.

³⁷⁰ Morin, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 38.

³⁷¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, 4.

³⁷² Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, Apresentação I.

³⁷³ Antonino Gomes de Sousa, «Cuidar do Outro, Perspetiva teológico-moral», 55.

responder às interpelações lançadas pela sociedade, pela política, pela economia e pela natureza.

Por outro lado, o ensino religioso e a EMRC em particular ajudam os alunos a perspetivar e a refletir sobre as grandes questões vitais da nossa existência: Porque existimos? Como ser livres e felizes? Como construir a nossa «casa comum»?

De facto, o aluno em EMRC poderá dispor de ferramentas adicionais, para com elas poder refletir, fazer escolhas e com discernimento saber posicionar-se face ao fenómeno religioso e ao quotidiano, contribuindo para a «luta contra o analfabetismo religioso»,³⁷⁴ acentuando a dimensão da abertura ao outro, do cuidado, da proteção, do afeto, da compaixão, da inter-relação e do compromisso para com os outros e com a «casa comum».

Deste modo, contribui também para o desenvolvimento de uma sociedade mais sustentável e humanista. De facto, a EMRC ao propor a formação integral ajuda no desenvolvimento harmonioso do aluno e à formação da sua própria identidade, e ajuda-o ao mesmo tempo a construir um ideal de realização pessoal e coletivo, através do conhecimento da condição humana cristã.

Mas como? Procurando criar nos alunos uma interrogação e um desejo de encontrar uma resposta, uma narrativa partilhada que promova um desígnio e que dê sentido às suas práticas quotidianas.

A EMRC, procura, também, ser um momento de paragem das rotinas, das «teorias», de modo que os alunos renovem o seu olhar para verem a realidade nas suas diferentes texturas e níveis, possibilitando novas trajetórias de aprendizagem e desenvolvimento, com o propósito de saírem do seu «eu» em direção ao outro, de se descentrarem, de aprenderem a cuidar.

Para tal, cria um itinerário indutivo a partir das suas próprias experiências, da existência quotidiana para os ajudar a encontrar claridade naquilo que veem e pensam, em ordem ao significado, ao sentido de ser humano.

Outra via poderá passar pelo acesso ao início do desenvolvimento da interioridade, da espiritualidade, e da abertura à beleza, à contemplação. Por isso EMRC, assenta na via ontológica, na capacidade de pensar Deus, na participação e debate de ideias, na ideia de comunidade, de fortalecimento de relacionamentos duradouros, fundamentada na procura do bem comum e da procura de um nexos para a nossa existência.

³⁷⁴ D. Manuel Linda, O docente de Educação Moral e Religiosa Católica e o “novo discurso sobre a credibilidade do Evangelho” (EG 132), 119.

Trata-se, assim, do específico da disciplina: o entendimento da espiritualidade como dimensão fundamental da pessoa humana, alicerçada na matriz cristã e no conhecimento do fenómeno religioso.

Como refere Fernando Moita, Diretor do Secretariado Nacional da Educação Cristã:

A EMRC ajuda a encontrar razões de existir e de estar no mundo. É um processo de educação da dimensão religiosa do ser humano, usando um vocabulário científico próprio que permite uma conceção integral e global da vida, justificando razões e relações perante questões importantes da vida, facilitando uma qualificada interpretação do mundo, através de uma apropriada hermenêutica religiosa-teológica. E isso tem, naturalmente repercussões no estilo de vida, nas atitudes, nas relações, nas escolhas profissionais e nos comportamentos.³⁷⁵

Por outro lado, a já citada *Pedagogia do Serviço*, como metodologia de aprendizagem, poderá ser também uma marca própria de EMRC, «de aprender a arte de multiplicar a vida. Multiplicar a generosidade, a solidariedade, a ternura, a capacidade de sofrer com os outros e de se por no seu lugar»³⁷⁶, como refere Tolentino de Mendonça.

Assim, podemos afirmar que EMRC na escola é a disciplina da «gramática do humano», porque a sua missão é essencialmente humanizar, procurar aquilo que é profundamente humano incorporando todas as dimensões do ser humano, na procura da construção de um futuro diferente, menos desigual e cuidador do outro e da casa comum, considerando sempre a nossa identidade enquanto seres comunitários.

Integra-se, pois, no desenvolvimento da condição de pessoa e permite o aumento da consciência ético-moral, orientada para o bem comum, alicerçada no cuidado assente na misericórdia e na entrega ao outro e à vida.

A EMRC, uma vez inserida em contexto escolar, procura concretizar as finalidades da escola. As escolas necessitam de se tornar espaços onde todos, na sua pluralidade e diversidade possam formar e realizar as suas aspirações de transformação e bem-estar, valorizando as múltiplas formas de conhecimento.

O ensino de EMRC, também, se insere no âmbito dos direitos humanos fundamentais, permitindo que o aluno desenvolva todas as suas competências, incluindo a emocional, a espiritual e a religiosa, numa ótica de respeito pela dignidade da vida humana e de valorização das diferentes culturas, com vista, também, à liberdade religiosa e ao desafio do diálogo inter-religioso.

³⁷⁵Fernando Moita, «A missão do professor de EMRC no contexto da escola atual», *Pastoral Catequética* 9, n.º 26 (2013): 61.

³⁷⁶José Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na terra, O Pai-nosso aberto a crentes e a não crentes* (Lisboa: Paulinas Editora, Lisboa, 2013), 107.

Mas a EMRC, insere-se também, no amor à natureza, com o objetivo de renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir a nossa casa comum. Assim, um dos grandes desafios educacionais para EMRC é trabalhar a categoria da ecologia integral com os alunos e abordar a ligação entre pobreza e a fragilidade da Terra, tentando promover nas crianças e nos jovens uma conceção de respeito e de responsabilidade ética para com a dignidade de qualquer elemento da criação, assente na ideia de dom, de herança comum. Formando pessoas cada vez mais cuidadoras, solidárias, justas, participativas, abertas à mudança, e à beleza da dimensão planetária do ser humano e das relações intrínsecas que ligam todos os seres.

EMRC integrada no sistema educativo, é, assim, um *plus*, uma oportunidade que responde às necessidades resultantes da realidade atual, contribuindo para o desenvolvimento global da personalidade das crianças e dos jovens, inspirando e encorajando a formação de cidadãos livres e responsáveis, numa escola que se procura que seja o reflexo duma sociedade de cultura e de futuro comum.

Uma sociedade que procura estar ao serviço do ser humano e que almeja o bem comum, enquanto bem maior, uma sociedade assente no pluralismo, na liberdade, na inovação, e na compreensão do outro e do ser diferente. Uma sociedade que promova o desenvolvimento da interioridade pessoal e da ligação à natureza, da construção de sentido, de pertença comum, da empatia, da esperança e da confiança, a partir da premissa de que «cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua» (LS 76), e de que «todas as criaturas estão interligadas». (LS 42)

Edgar Morin fala hoje de uma crise de modernidade, «de uma crise de uma humanidade que não consegue se tornar humana».³⁷⁷ A EMRC na escola pode ajudar a redescobrir e a renovar esta humanidade, entrelaçada pela solidariedade, pela responsabilidade e pelo caminhar juntos. Com efeito, a EMRC está enraizada na valorização da dignidade da vida humana, na celebração da vida, ou seja, na celebração da existência, que implica partilha, comunidade, entrega. Em suma, a EMRC está enraizada, no amor à vida.

O desafio para EMRC é, assim aprender a sonhar com os jovens e saber utilizar um discurso claro, simples, direto, autêntico e verdadeiro, tónica privilegiada pela nova geração Z, a geração da espontaneidade e da valorização da transparência. E nós, professores de EMRC temos de aprender a escutar os jovens com o sentido do coração.

³⁷⁷Cf. Edgar Morin, entrevista publicada no *L'Osservatore Romano*, em 7 de julho de 2020, traduzida por Luisa Rabolini, acedido a 20 de junho de 2020, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/600849-a-crise-de-uma-humanidade-que-nao-consegue-se-tornar-humana-segundo-edgar-morin>.

3.2 Planificação da UL e respetivos relatórios de aula a partir do tema: «Todos somos terra»

Então, há que procurar sempre a harmonia. Quando os povos não respeitam o bem do solo, o bem do meio ambiente, o bem do clima, o bem da vegetação ou o bem da fauna, o bem geral, quando não o respeitam, caem em atitudes não humanas, pois perdem o contacto com, digo esta palavra, a mãe terra. Não em sentido supersticioso, mas no sentido daquilo que nos dá a cultura e do que nos oferece esta harmonia.³⁷⁸

Papa Francisco

Tornar todos os indivíduos competentes e sabedores exige o domínio articulado de uma sólida informação e dos modos e processos de a ela aceder, de a organizar e transferir. Esse é um desafio central para a escola atual – só respondível por uma apropriação pela escola da gestão do seu currículo.³⁷⁹

Maria do Céu Roldão

Como refere Maria do Céu Roldão, o que tem de ser «relativamente estável numa sociedade não são os programas, mas as aprendizagens curriculares».³⁸⁰

Assim, analisar o currículo, e depois dessa fase, optar e desenvolver a ação, para depois analisar o desenvolvimento e os resultados, foi a tarefa inicial, após a seleção da primeira UL de referência: «Ecologia e Valores» para objeto da PES.

Na planificação foram tidas em conta não só as metas curriculares, mas também as experiências dos alunos, a visita de estudo à Serra de Sintra, e os acontecimentos que estavam na ordem do dia, como o objetivo da visita do Papa ao Japão e a vinda da Greta Thunberg a Lisboa, pelo que foi necessário ser flexível na aplicação do currículo para ir ao encontro da finalidade da disciplina de estruturar as perguntas e encontrar as respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade no caminho para a construção da «casa comum».

³⁷⁸ Francisco, Discurso aos participantes Do Fórum dos Povos Indígenas, 10 de fevereiro de 2023, acedido a 27 de julho de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/february/documents/20230210-forum-popoliindigeni.html>.

³⁷⁹ Roldão, *Gestão Curricular - Fundamentos e Práticas*, 22.

³⁸⁰ Roldão, *Gestão Curricular - Fundamentos e Práticas*, 22.

A decisão de incluir a LS, esteve sempre presente, na opção pela UL 4, e na elaboração da planificação de nível III, pois a Encíclica LS – «Sobre o cuidado da casa comum», alicerçada na tradição cristã, amplia o olhar da Igreja sobre esta temática e apela à ação, a um compromisso renovado de desenvolvimento para o bem comum, partilhável por todos.

A partir desta escolha, foram adicionados aos conteúdos da UL 4: a categoria da ecologia integral e da «casa comum», a ecologia quotidiana, a dimensão cósmica do ser humano, expressa na frase «Todos somos Terra», a conversão ecológica e o bem comum.

Como já referido, e por inferência da LS, foi acrescentada, ainda, a meta N: «Promover o bem comum e o cuidado do outro»,³⁸¹ como um modo-de-ser-humano.

A partir das palavras ecologia, valor, beleza e gratidão refletidas pelos alunos foi possível caminhar na UL, de «passo em passo» sem esquecer que toda a criação provém da vontade e bondade divinas – Natureza como dádiva de Deus – pelo que procurei construir esta aprendizagem através das emoções, do sentir e da LS, até chegar aos dois Franciscos: Francisco de Assis e Francisco de Roma, modelos de vida, de cuidadores, de conversão ecológica.

Os fundamentos cristãos colocam a dignidade do ser humano no centro da organização da sociedade, a partir do cultivo da dimensão do cuidado com os outros, consigo e com o mundo, e na consciência de pertencermos todos à «casa comum».

Se o « Livro da natureza é uno e indivisível» (LS 6) não se pode defender a natureza, se não se defender a dignidade também de todos os seres humanos. Assim, há que criar caminhos de mudança em direção a uma ecologia integral. Como refere o Papa Francisco: «Um desenvolvimento tecnológico e económico, que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso». (LS 194)

De facto, a reflexão cristã salienta, também, que a questão ecológica diz respeito a toda a humanidade. Como tal, só pela comunhão, pelo cuidado como relação de ajuda e pelo bem comum se poderá ultrapassar crise ecológica planetária, rumo a uma transição ecológica, justa e equitativa.

Neste sentido, na gestão que se faz do programa e da planificação, há que ir ao encontro das metas curriculares e dar a conhecer este olhar cristão sobre a categoria da ecologia integral.

Deste modo, a planificação e a intervenção pedagógica pretendeu ir ao encontro das categorias «casa comum», ecologia integral e princípio do bem comum.

³⁸¹ Programa de EMRC, 2014, 71.

Como refere Isabel Varanda: «A crise ecológica ambiental é, em nosso entender, somente a ponta do iceberg, a parte visível, mediatizada e explorada. Ela manifesta um mal mais profundo e mais vasto que afeta as formas de ser e de viver hoje em sociedade».³⁸²

Nesse sentido durante a PES, o estruturar do agir ético-moral dos jovens esteve sempre presente no objetivo das aulas da UL e nas aprendizagens essenciais. Agir segundo princípios e valores fundamentados no bem comum – numa dinâmica do dom, de que cada um é importante e chamado a participar – possibilitou o acentuar da perspectiva cristã de ser livre, de doação de si num compromisso ecológico, da opção pelos mais frágeis e vulneráveis da sociedade, de superação da autorreferencialidade, de construção da amizade social e da casa comum. Tendo sempre presente a interligação entre todos os seres vivos, e cada criatura tem o seu valor próprio. Na última aula da UL 4 foi também apresentada a Agenda 2030, e os 17 ODS, com uma forma de caminhar na construção de um mundo mais justo e sustentável.

Mas a EMRC, como proposta para humanizar o mundo, começa no aluno, na sala de aula, na escola, localmente, e o professor de EMRC está presente para ajudar neste caminho, abrindo a porta à condição de vida cristã, de serviço ao outro. Há, pois, que saber mediar, e ajudar a conhecer os desejos dos alunos, a promover e a encorajar os grandes desejos capazes de suscitar ideais e valores para o bem comum, de modo a gerar confiança e a pôr a descoberto o melhor do aluno.

Assim, para a construção do itinerário pedagógico foi importante acentuar a parte mais prática do que a teórica, de promoção do diálogo e do debate de ideias, do trabalhar em equipa, do sair para fora do espaço sala de aula, para por si só chegarem aos conceitos. A utilização da imagem para causar impacto e ajudar a refletir, foi recorrente, bem como a utilização de pequenos vídeos para motivação, e de pequenas peças jornalísticas, a aplicação da metodologia colaborativa, o uso do PowerPoint para orientar a aula, a utilização do portefólio para avaliar a aprendizagem, foram as estratégias utilizadas para construir as aulas a partir do aluno. As visitas de estudo, a aula de jardinagem, a celebração do Dia de São Martinho, o planeamento da atividade *Green Christmas* e a sua concretização, a celebração do Dia de Reis e a limpeza da estufa foram atividades que envolveram a escola, o cuidado com os outros e com a natureza, promotoras da iniciativa, confiança e espírito de equipa dos alunos.

Com a interrupção das aulas no seguimento do Covid-19, ficaram por realizar, mas já planeadas a palestra «Todos somos Terra » com convites já formalizados à Associação para a Investigação do meio Marinho (AIMM) como palestrante e a Feira da Primavera, a realizar a 21 de março,

³⁸² Varanda, «Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador», 305.

na estufa da escola, para toda a comunidade educativa, neste caso, já com as plantas compradas para o evento.

No essencial o referente foi sempre o agir ético no mundo, enraizado no diálogo entre a cultura e a fé, na opção pelo bem comum e pela transformação e na construção de uma sociedade melhor, mais justa e sustentável, através da pedagogia do cuidado: cuidar da Terra e cuidar dos outros.

Assim, com base na UL 4 procurou-se construir um roteiro pedagógico, assente nos princípios subjacentes à LS: dignidade da vida humana, interligação, ecologia integral, participação, solidariedade, mudança e esperança, em ordem à transformação cultural dos alunos, tendo como meta o bem comum e a «prioridade do ser sobre o ser úteis». (LS 69)

Para a lecionação da UL 4, propôs-se um conjunto de dez aulas, planificadas de acordo com os conteúdos do programa, adaptados ao grupo-turma e ao objetivo de incluir a Encíclica papal LS na planificação da unidade letiva.

Durante a planificação foi sempre tida em conta a visão do Papa Francisco de fazer a “Revolução da Ternura”, tendo em conta que no centro da comunidade educativa está a pessoa – o aluno– o ser humano na sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, característica marcante da metodologia de ensino da EMRC. Como refere, o teólogo Juan Ambrosio:

A pessoa do educando e a sua personalização têm que ocupar o lugar mais importante em todo o processo educativo. Por isso, tudo lhes deve estar referido, por isso, a escola não se pode construir à volta desta ou daquela disciplina, destes ou daqueles interesses, por muito importantes que eles possam ser, mas tem que ser pensada e construída à volta da pessoa e da sua formação integral.³⁸³

Assim, as decisões ao nível da planificação seguiram critérios pedagógicos, culturais e de realização pessoal e social, bem como a legislação orientadora do AEP e a sua calendarização respetiva.

Deste modo serão apresentadas as planificações utilizadas na PES, seguidas dos relatórios de aula. No entanto devido à extensão dos anexos das aulas, remete-se a sua consulta para o portefólio anexado ao presente relatório.

3.3 «Todos somos terra» (LS 2)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 1 de 10)

³⁸³ Juan Ambrosio, «As religiões na escola», *Revista Portuguesa de Ciências das Religiões*, ano I, 2002/2, 63.

Sumário: Introdução à Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» – O mundo é a nossa casa. Diálogo de descoberta da UL a partir das palavras: «ecologia» e «valores». Realização da atividade «Um jardim para cuidar».

Proposta de Síntese: Quem ama a Terra não a explora, mas integra-se nela, porque no universo a humanidade e a Terra formam um único corpo. *Todos somos Terra.*

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento e registo do sumário Indicação das regras gerais a seguir pelos alunos em sala de aula	5	PC com projetor Pen	Registo de observação: Pontualidade Assiduidade
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.	A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres humanos: Ocupar é diferente de habitar. A Terra é a casa comum de todos os seres vivos. Casa porque é o único espaço habitável para o ser humano em todo o universo. Aqui encontramos tudo o que é necessário à nossa sobrevivência e bem-estar O ser humano como o jardineiro da terra. Tudo está interligado: Todos os seres vivos são membros iguais no todo interrelacionado.	Introdução/motivação à unidade letiva. O mundo é a nossa casa: Video: Eu sou o lar https://www.youtube.com/watch?v=o6nismamvxU Visualização e exploração do ppt sobre a temática da Ecologia com destaque para a diferença entre ocupar e habitar a Casa Comum Chuva de ideias a partir das palavras: ecologia e valores. Exposição dos conceitos ecologia e valores pela docente Visualização do Vídeo: Um jardim para Cuidar Jardinagem na sala de aula Construção da síntese da aula	5	PPT Regras de sala de aula Quadro e material de escrita Caderno do aluno e Manual do aluno <i>Post-it</i> Bolbos, Terra, Leca, Água, Vasos Grelha de observação de aula	Cumprimento das regras de sala de aula Desenvolvimento do plano de trabalho Relacionamento com o professor e os colegas Observação direta- o professor observa a participação dos alunos: Atenção Interesse Empenho Intervenções Comportamento Criatividade Entreajuda e cooperação entre alunos
				15		
				15		
				5		

Tabela 7 – Planificação UL 4, aula 1

A primeira aula da UL 4 foi centrada no objetivo 1: «Reconhecer a dignidade humana e a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.

A aula iniciou com um breve acolhimento e o contacto inicial com os alunos revelou-se fácil: conhecer antecipadamente os seus nomes e alguns dos seus interesses foi vantajoso.

Após a realização do primeiro ponto da planificação, o registo de sumário, a professora optou por referir de forma breve as normas de funcionamento com entrega de um decálogo sobre as regras em sala de aula para que fosse assinado pelos encarregados de educação. Esta «estratégia», resultou, pois, os alunos ficaram na expectativa e com vontade de colaborar.

A professora iniciou a apresentação da UL através do PowerPoint e a partir da citação de alguns números para reflexão – «sabes que são precisos 7.000 litros de água para produzir um par de calças de ganga?». A partir das estatísticas, a professora orientou o diálogo vertical e horizontal com os alunos para perceberem a diferença entre o verbo «ocupar» e «habitar». Deste modo, foi possível mostrar a atualidade e relevância da UL e o porquê de estar inserida no programa da disciplina. Como estratégia inicial foi utilizado o vídeo da Conservação Internacional da série «A natureza está falando» sob o título: «Eu sou o Lar». O vídeo é extremamente apelativo e deixa em eco a mensagem: Proteger a nossa casa – para que a nossa casa possa continuar a nos proteger.

Como introdução e motivação à UL 4 a estratégia funcionou muito bem: os alunos seguiram com atenção o vídeo e mostraram interesse pelo que estavam a assistir, conseguindo identificar a urgência da crise ecológica, através do recontar do vídeo.

No segundo momento da aula, através da chuva de ideias, o interesse dos alunos foi crescente e a participação também. Em diálogo aberto, os alunos foram escrevendo nos *post-it* as suas ideias sobre a ecologia e valor. A professora escreveu no quadro o que eles tinham escrito, sublinhando aquelas palavras que considerava mais importantes para a concretização dos objetivos da aula. Os alunos foram respondendo e interagindo bem face à dinâmica e estratégia utilizada.

A definição do conceito de valor por parte dos alunos foi mais difícil de perceber, mas através da ideia de contravalor os alunos acabaram por o perceber.

A partir do valor «proteger e cuidar», bem como do valor «beleza», deu-se continuidade ao tema através da projeção do vídeo: «Um jardim para cuidar». Foi feita a analogia para o cuidado com todos: seres humanos, planeta Terra e seres vivos, todos habitamos a mesma «casa comum».

Estavam preparados sete cartuchos com bolbos para plantar, sacos fechados com terra e mensagens para entregar a cada um sobre algo precioso que teriam de cuidar. Esta atividade suscitou muito interesse e curiosidade nos alunos e em conjunto permitiu consolidar a ideia síntese da aula: «Todos somos terra».

Os alunos corresponderam bem às diversas propostas e revelaram conhecimento sobre a ideia de ecologia como relação entre todos os seres vivos e que tudo estava interligado: humanidade e ambiente. Pelo que, em termos de análise global da planificação e lecionação da aula a planificação foi cumprida.

No somatório, a aula decorreu de forma positiva e o uso do PowerPoint, como instrumento de trabalho foi importante para descentralizar a conceção de ensino apenas no professor. Este recurso pedagógico ajuda a aumentar a comunicação entre alunos e professores, além de ser uma forma eficaz de ajudar a transmitir os conteúdos. O PowerPoint admite a inclusão de imagens, músicas, pequenos vídeos, entre outros recursos, tornando as aulas mais apelativas. Com o uso desta ferramenta foi possível incentivar uma participação mais ativa dos alunos, promovendo o diálogo vertical e horizontal, motivando-os para a aprendizagem da EMRC, estimulando a curiosidade pelos conteúdos a tratar.

Em relação às estratégias adotadas foi valorizada a dinâmica de colocar diferentes alunos a falar e a questionar sobre a temática abordada, dando particular atenção àqueles que ficaram em silêncio, incentivando-os à participação, e dando mais tempo e confiança para se expressarem.



Figura 2–Powerpoint: Habitar ou ocupar?



Figura 3–Powerpoint: um jardim para cuidar



3.4 «A Terra existe antes de nós e foi-nos dada» (LS 67)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 2 de 10)

Sumário: A natureza, uma dádiva de Deus. Realização de uma ficha de trabalho. Leitura do texto do MA – «O Valor da Criação». Celebração do Dia de São Martinho.

Proposta de Síntese: a beleza e a diversidade do mundo são dádivas de Deus que exigem a relação harmoniosa entre o ser humano e a totalidade da criação. Valor a ter em consideração na relação com a natureza: *Primado do ser sobre o útil.*

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. <i>Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.</i>	A ecologia como reflexão acerca da casa de todos os seres vivos e da sua relação com o meio ambiente	Acolhimento e registo do sumário	5	PC com projetor Pen PPT Quadro e material de escrita Caderno do aluno Pen Manual do aluno Atividade 1 Atividade 2	Registo de observação: Pontualidade Assiduidade Participação Concentração no cumprimento das tarefas Relacionamento com o professor e os colegas Observação direta: Interesse Intervenções Comportamento Qualidade das intervenções e fundamentação Respeito pelo outro na ordem de participação. Criatividade
		O mundo é a nossa casa	Exposição para recapitulação dos conceitos ecologia e valores Visualização de um ppt , com registo do resultado da chuva de ideias da aula anterior. Exploração de ppt: A nossa casa comum, Leitura antropológica: a beleza e a biodiversidade na natureza com fotografias da visita de estudo realizada à Serra de Sintra no dia 8/11. Reflexão e diálogo com os alunos: O valor da Criação Leitura Religiosa (Cristã)	5		
		Tudo na natureza está interligado: a relação dos seres humanos entre si e com os outros seres vivos	Entrega de uma ficha de trabalho individual Reflexão, a partir do número 84 da <i>Laudato Si'</i> , e de um lugar na natureza que seja familiar, ou/e que os alunos gostem de visitar. Debate: em sala de aula, através da partilha do registo efetuado na atividade 2, com a pergunta-chave: O que sentirias se esse lugar já não existisse e que impacto teria esse facto na tua vida?	10		
		A Natureza, como dádiva de Deus e presença de Deus.	Atividade para realizar em casa: A natureza retratada através da arte Síntese da aula através da leitura do texto do MA: O Valor da Criação Doc.46	15		
				5		
				5		

Tabela 8 – Planificação UL 4, aula 2

A aula iniciou-se com o acolhimento, o registo do sumário e com a pergunta sobre qual era a regra dos Dez Mandamentos em sala de aula mais difícil de cumprir. Estava lançado o desafio: respeitarem a vez de cada um.

Após este momento inicial e conforme estava planeado, a Professora fez uma abordagem à aula anterior com recurso a um PowerPoint para fazer a ponte para a atividade seguinte a partir do número 84 da LS.

O PowerPoint continha o resultado da chuva de ideias dos alunos para consolidação dos conceitos – ecologia e valor – e o pedido de realização de uma atividade em casa denominada atividade 1.

De seguida, através da continuação da exploração do PowerPoint fez-se a exposição em diálogo aberto com os alunos para atingir o objetivo 1: *Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.*

O PowerPoint foi construído com base nas fotografias da visita de estudo de EMRC à Serra de Sintra e pretendia desenvolver a sua capacidade de deslumbramento face às maravilhas da natureza e descobrir a natureza como lugar de encontro com Deus.

Ao utilizar as fotografias do *Peddy Paper* Serra de Sintra e das várias atividades desenvolvidas pelos alunos na referida visita de estudo, tornou o PowerPoint mais personalizado e mais apelativo.

Após o diálogo aberto com os alunos, sobre a natureza, a professora introduziu como segunda estratégia, a atividade sob o título: «O lugar especial». Seguida da reflexão, a partir da LS 84,


e da pergunta: O que sentirias se esse lugar já não existisse e que impacto teria esse facto na tua vida?

Com esta estratégia procurou-se também estimular a capacidade reflexiva e o diálogo através do sentir e da emoção. Foi entusiasmante ver como aderiram à atividade: todos fecharam os olhos ao mesmo tempo para visualizarem melhor «O lugar especial», o cheiro, a cor, as emoções transmitidas. O resultado: o mar e a floresta eleitos como lugares especiais, com a consciência de que se desaparecessem seria uma tragédia para todos e para a humanidade.

A atividade foi recebida pelos alunos com entusiasmo e todos se mostraram interessados na realização da mesma. Durante o trabalho individual – primeira parte– a Professora circulou pela sala, indo junto dos alunos que demonstravam dúvidas. O segundo momento da estratégia – a partilha, decorreu de forma ativa e participativa por parte da maioria. Com os mais tímidos foi necessário orientar a sua participação, proporcionando uma metodologia de aprendizagem cooperativa.

Já perto do término da aula, dado ser o dia de S. Martinho, e de acordo com o planeado realizou-se a celebração do dia de S. Martinho com um mini–magusto. Foi um momento de convívio e partilha que decorreu com a distribuição de castanhas, e aí mesmo foi referido a especial relação de S. Martinho com os outros e com a natureza.

Quanto à participação, os alunos intervieram ou por iniciativa própria ou por solicitação da professora durante a projeção do PowerPoint e no desenrolar da atividade: «O lugar especial». Efetuaram a ligação da natureza a Deus, através do sentir mais facilmente Deus quando observavam a natureza. Para todos foi claro o primado do ser sobre o útil na relação com a natureza e com os outros, achando interessante a atividade a partir da LS.



Atividade 2 – 8º Ano, Turma G

Individual

A natureza, uma dádiva de Deus.

1. Lê atentamente o texto:

“A história da própria amizade com Deus desenrola-se sempre num espaço geográfico que se torna um sinal muito pessoal, e cada um de nós guarda na memória lugares cuja lembrança nos faz muito bem. Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava numa praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a recuperar a sua própria identidade.”
Papa Francisco in Laudate Si, 84

1.1 Fecha os olhos e pensa num lugar na natureza que te seja familiar ou/e que gostes muito.

Figura 4 – Atividade individual e atividade de grupo

A aula iniciou-se com a organização das mesas pelos alunos, de forma a formarem um quadrado. No centro, foi colocada uma orquídea em flor.

Foi igualmente pedido que os alunos escrevessem o sumário no caderno tendo por base a sua projeção no quadro branco, com a recapitulação da aula anterior sobre qual o valor a considerar na relação com a natureza: o primado do ser sobre o útil.

Após este momento inicial, a Professora entrou em diálogo com os alunos, com recurso ao PowerPoint, sobre a temática que estava a ser abordada. Para isso recuperaram-se algumas imagens e frases projetadas e já usadas na aula anterior; os alunos identificaram os problemas ambientais e relacionaram-nos com as atitudes negativas do ser humano para com a natureza.

Foi também o momento para esclarecimento de uma das alunas sobre o conceito de beleza. Para tal foi proposto que olhassem para a orquídea, trazida de propósito para este efeito, e a partir daí foi explicado mais em pormenor o valor beleza. Foi importante este momento: voltar atrás para retirar dúvidas e abordar mais uma vez o conceito de valor, como guia para o bem.

Nesta atividade houve a preocupação de procurar envolver alunos que nem sempre se mostram muito ativos, oferecendo um feedback do conteúdo a abordar e os objetivos atingir com a atividade: o que está a acontecer à nossa «casa comum», com a finalidade de atingir o objetivo 2: Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.

Como motivação para atingir o objetivo 2 foi projetado um vídeo, da série «A Natureza está falando: Amazónia».

Os alunos mostraram bastante adesão às imagens, querendo demonstrar o seu ponto de vista, participando ativamente na dinâmica, relacionando o vídeo com os incêndios ocorridos no Brasil durante o verão de 2019 e discutindo sobre o papel do ser humano nestes acontecimentos. O recurso visual e audiovisual são estratégias que causam impacto e a partir daí provocam a reflexão mais facilmente, numa sociedade em que a memória visual é muito importante.



Após este primeiro momento de aula, passou-se para a segunda dinâmica pensada, «Conferência à volta de uma flor». A Professora começou por colocar também no centro da mesa uma caixa surpresa. A caixa continha envelopes com sete artigos de imprensa, tantos quantos os alunos, sobre os vários problemas ambientais. Os alunos tiravam à sorte um envelope e cada aluno tinha de ler o texto e apresentá-lo como se fosse um jornalista, teria igualmente de identificar o problema ambiental. O texto tinha palavras omitidas para dificultar a identificação do problema. Para controlar o tempo de antena de cada um tinha também trazido uma ampulheta. Os alunos identificaram a

problemática ambiental e o exercício foi facilmente realizado, revelando e despertando a atenção de todos. No final, concluiu-se que os nossos estilos de vida e as nossas escolhas afetam o futuro das próximas gerações e assim se fez a construção da síntese da aula. A dinâmica foi vivida com motivação e demonstraram bastante interesse pela mesma. A utilização do PowerPoint e do vídeo revelou-se uma mais-valia, quer para uma melhor otimização do tempo quer para a motivação dos alunos e a atividade da conferência foi entusiasmante pois os alunos interiorizaram bem o papel de jornalistas e gostaram de ser assim tratados. Os alunos revelaram curiosidade pelos vários artigos de imprensa, pelo que a apreensão do objetivo 2 foi conseguida através da articulação entre o PowerPoint, o vídeo e a dinâmica da conferência.

3.6 O que está a acontecer à nossa casa (LS 25)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 4 de 10)

Sumário: O que está a acontecer à nossa «casa comum» – II Parte. Visualização de um Vídeo sobre a proteção dos oceanos. Construção de um puzzle Mapa Mundi – Ecológico.

Proposta de Síntese: o ser humano é vítima da degradação ambiental, mas também é o seu maior causador. O futuro está nas tuas mãos...

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa		
			Acolhimento, registo do sumário e recolha dos TPC. Organização da sala de aula para disposição em U.	5	PC com projetor Pen	Registo de observação: Pontualidade		
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. <i>Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus.</i> 2. <i>Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.</i>	A destruição do ambiente vital onde todos habitamos: O esgotamento dos recursos naturais, a desertificação, a extinção dos habitats e das espécies, a poluição, o aumento da temperatura média global, o buraco na camada do ozono. O mau uso dos recursos a nível individual.	Revisão da aula pelo professor em diálogo com os alunos: com apoio do ppt.	2	PPT Quadro e material de escrita	Assiduidade Participação Concentração no cumprimento das tarefas		
			Visualização de um vídeo: O Vídeo do Papa – Proteção dos Oceanos	3	Caderno do aluno Pen	Relacionamento com o professor e os colegas		
			Constituição de grupos: através da caixa surpresa 3 grupos: 2 alunos, 3 alunos, 2 alunos	30	Mapa Mundi Caixa surpresa Imagens Cola	Construção do puzzle Mapa Mundi – Ecológico – atividade 3 Os alunos recortam e colam imagens de jornais, revistas, tampas, cotonetes, etc., no mapa-Mundi	Atividade 3 Atividade 4	Criatividade, capacidade de síntese e de relacionar conceitos Empenho, participação
			Construção da síntese					
			TPC – Pesquisa sobre organizações ambientais – atividade 4					Comportamento Participação, envolvimento, Espírito de grupo

Tabela 10 – Planificação UL 4, aula 4

A Professora acolheu os alunos e pediu para escreverem o sumário que estava projetado no quadro, copiando-o para os seus cadernos. Certificou-se que todos possuíam os cadernos diários e de seguida fez algumas perguntas relacionadas com a aula anterior, recorrendo ao PowerPoint o que permitiu fazer a transição para o tema da presente aula.

Seguidamente foi visualizado «O vídeo do Papa», sobre a proteção dos oceanos, que foi explorado através de algumas perguntas a que os alunos responderam oralmente. Conseguiu-se

assim o objetivo de refletir sobre a importância da proteção dos oceanos, de refletir sobre o cuidado pela criação que nasce da nossa fé e da nossa capacidade de nos deslumbrarmos com o que nos rodeia e com a biodiversidade que os mares comportam.

Foi reforçada também a importância dos oceanos para a nossa sobrevivência, como fonte principal de oxigênio, desconhecida pela turma.

Serviu também para perceberem a preocupação da Igreja ao seu mais alto nível, na figura do Papa Francisco, com esta problemática. A partir deste vídeo conseguiu-se centralizar o debate no comportamento destrutivo do ser humano para com o planeta, o que permitiu identificar os diversos problemas relativos à poluição dos oceanos e à consequente necessidade de intervir. A partir deste problema ambiental, facilmente identificável pelos alunos, foram abordados os diferentes problemas ambientais e a responsabilidade direta da humanidade nesta crise ecológica, distinguindo entre ecologia ambiental e humana, concretizando, assim o objetivo 2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.

A primeira aplicação de exploração do PowerPoint foi feita a partir desta aula onde os conteúdos foram consolidados com a realização de um trabalho de grupo. Também conhecida como aprendizagem cooperativa, esta metodologia de aprendizagem consiste, em sentido amplo, num processo onde todos os membros que integram o grupo de trabalho colaboram para a concretização de um objetivo comum. Com a duração de vinte minutos, esta atividade incidiu na identificação de um ou mais problemas da ecologia ambiental e humana.

A construção do puzzle Mapa Mundi pelos alunos, com a subsequente seleção de imagens de revistas e jornais, retiradas da caixa surpresa, permitiu a identificação das áreas afetadas pela crise ecológica e identificação dos problemas ambientais e humanos decorrentes das alterações climáticas. O tempo dedicado a esta atividade não foi suficiente, pelo que ficou acordado continuar a dinâmica na aula seguinte. A aula terminou com uma breve síntese oral sobre o aprendido. Como na aula anterior já tinham sido abordadas as noções introdutórias a esta temática, esta aula serviu para aprofundar os conhecimentos adquiridos

O grupo mostrou-se participativo e interessado, aderindo às atividades propostas. A Professora procurou utilizar uma linguagem adequada e próxima, o que possibilitou uma boa compreensão do tema por parte dos alunos.

O balanço global do plano da aula foi positivo na medida em que os alunos estiveram bastante empenhados e participativos, demonstrando interesse pelas atividades solicitadas, espírito crítico e sentido de responsabilidade, que se refletiu no sucesso desta estratégia.

O núcleo de estágio considerou que a planificação tinha sido cumprida, e que tinha havido empenho, entusiasmo e boa participação em relação à atividade de grupo proposta.

Unidade Letiva: A ECOLOGIA e Valores | Atividade 3: Trabalho de Grupo

Nome dos alunos

Objetivos: Reconhecer o mundo como a casa comum de todos os seres vivos.
Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza e sobre os outros seres humanos.

Modo de Execução:

A partir de uma peça de puzzle, correspondente a uma zona geográfica do planeta Terra, os alunos deverão escolher uma, ou as duas opções abaixo, orientando o tema do trabalho de acordo com a pesquisa realizada e o interesse e conhecimento do grupo de trabalho.

Opção A – ECOLOGIA AMBIENTAL

1. Reconhecer, se for o caso, situações de destruição do ambiente, como por exemplo: esgotamento dos recursos naturais; ou extinção de habitats e espécies; poluição; desertificação ou aumento da temperatura média, etc..., identificando as suas causas.
2. Identificar uma realidade ilustrativa da ecologia ambiental, ou seja, uma ação concreta a favor, ou de defesa do ambiente,

e/ou

Opção B – ECOLOGIA HUMANA

1. Reconhecer, se for o caso, situações de violência, guerra, preconceito, discriminação e desrespeito pelos direitos humanos.
2. Identificar uma realidade ilustrativa da ecologia humana, ou seja, uma ação concreta a favor, ou de defesa dos direitos humanos.

APRESENTAÇÃO

1. Decorar a peça de puzzle de acordo com a opção escolhida, utilizando colagem de imagens, fotografias ou outros materiais, ou realizando desenhos e pinturas.
2. Expor oralmente à turma a opção escolhida e a forma utilizada para a retratar na peça de puzzle.
3. Expressar o resultado da investigação e conclusões relativas à ecologia ambiental e/ou humana vividas naquela zona geográfica em específico, utilizando uma das seguintes formas: vídeo, dramatização, mímica, fantoches, peça de reportagem televisiva, PowerPoint ou outro software de apresentação como Prezi ou Powtoon, entre outras.

Figura 5 – Trabalho de grupo – Mapa Mundi

AVALIAÇÃO:

Informação pertinente e esclarecedora, apresentação e criatividade do grupo = 60%

Exposição oral individual durante a apresentação de grupo = 40%

Unidade Letiva: A ECOLOGIA Trabalho de Grupo do 2º Período	
Nome dos alunos	

TEMA DO TRABALHO: _____

REGISTO, POR AULA, DO TRABALHO REALIZADO (informação recolhida, ideias debatidas, decisões)

DIA	ATIVIDADE DE AULA

HETEROAVALIAÇÃO (NS: 20-49, S: 50-69, B: 70-89, MB: 90-100)

Grupo	Informação	Apresentação	Criatividade

Figura 6 – Avaliação de Trabalho de grupo – Mapa Mundi

3.7 Podemos sempre mudar de rumo (LS 61)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 5 de 10)

Sumário: SOS – planeta Terra. Quais as razões que motivam os comportamentos destrutivos para com a nossa «casa comum»? Inquérito e Chuva de Ideias. Continuação da construção do Mapa Mundi – Ecológico (parte III)

Proposta de Síntese: Querer tudo, é devorar tudo, e não querer tudo, é preservar a vida. A crise ecológica é um problema moral. A vida é anterior ao ser humano, logo temos a responsabilidade de a preservar. Está nas nossas mãos...

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento, registo do sumário e recolha dos TPC (Atividade 1). (Boas vindas) Verificação da Assinatura nos Dez Mandamentos em sala de aula	5	PC com projetor Pen PPT	Registo de observação: Pontualidade Assiduidade
			Revisão da aula anterior através do ppt.	5	Quadro e material de escrita	Concentração no cumprimento das tarefas
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.	Comportamento destrutivo. Razões: O egoísmo; O desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; A vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; A subordinação da política à economia.	Chuva de ideias: Quais as razões por detrás do nosso comportamento destrutivo?	10	Caderno do aluno e MA	Cumprimento das regras de sala de aula Criatividade, capacidade de síntese e de relacionar conceitos
			Visualização de um vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=BgA5flryIvE	5	Calendário do Advento	Empenho, participação
			Visualização de um vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=rAwlW7Jax2A	5	Mapa Mundi	participação
			Leitura da página 120 a 122 Dinâmica do Advento: cada aluno escreve um gesto ecológico – humano ou ambiental e terá de o cumprir no dia escolhido	5	Caixa surpresa com Imagens	Observação direta: Interesse
			Continuação da atividade 3: os alunos recortam e colam imagens de jornais, revistas, tampas, cotonetes, etc., no mapa-Mundi.	5	Cola Tesoura Régua	Intervenções Comportamento
			Construção da síntese	5		Participação, envolvimento, Espírito de grupo

Tabela 11 – Planificação UL 4, aula 5

A Professora acolheu os alunos e pediu para escreverem o sumário que estava projetado no quadro, copiando-o para os seus cadernos e certificando-se que todos possuíam os cadernos diários. Após este momento inicial, a Professora fez a divulgação das atividades a decorrer no âmbito da disciplina de EMRC: o Convívio de Natal com a atividade de limpeza de praia e respetiva entrega das autorizações, o Cabaz de Natal e ainda para uma breve conversa com os alunos sobre o Advento, em diálogo aberto e circulando entre as mesas.

Em seguida fez algumas perguntas relacionadas com a aula anterior, recorrendo ao PowerPoint, o que permitiu fazer a transição com o tema da presente aula: O combate à crise ambiental que se vive passa não só por novas soluções tecnológicas, mas, muito, pela alteração de estilos de vida e tem na sua origem o comportamento destrutivo do homem.

É de salientar que a planificação pensada para esta aula, sofreu alterações face à realidade da última semana de novembro de 2019, nomeadamente com a sucessão de eventos públicos a nível mundial a acontecer relacionados com a crise ecológica. A Professora poderia ter mantido a planificação, com a visualização dos ODS para 2030, e a dinâmica do Advento, mas os

acontecimentos mundiais e nacionais da semana tinham uma importância tal para esta problemática que necessariamente se impuseram. Na procura da concretização do objetivo 2 trouxe o «mundo» para a sala de aula, através da visualização de uma peça do noticiário, o que permitiu que os alunos tomassem consciência da globalização da emergência climática e da existência de determinadas pessoas e instituições na luta contra esta batalha: O Papa Francisco, a ONU (António Guterres) e o papel particular da jovem Greta Thunberg.

Estas realidades, foram assim vertidas para a planificação a par com o início do Advento e as informações sobre as atividades da disciplina.

Os objetivos para esta aula eram:

- Consolidar os conceitos adquiridos com o recurso à visualização de uma peça jornalística do «Jornal das 8» da TVI sob o título SOS Alerta Terra, que focava em detalhe as alterações climáticas, e a destruição do ambiente vital onde todos habitamos e remetia para a temática a abordar na aula;
- Responder a um inquérito sobre o consumo, que procurava ajudar os alunos a tomarem consciência do seu papel de cidadãos-consumidores, tendo como pano de fundo o Black Friday, ocorrido no fim de semana anterior;
- Relacionar os problemas ambientais atuais com um conjunto de razões que estão na sua origem.

A Professora considerou que os objetivos propostos foram trabalhados, e as estratégias selecionadas adequadas ao conteúdo selecionado, não só com os vídeos e as imagens do PowerPoint, mas também com duas atividades: uma de cariz individual – distribuição de um inquérito –, e outra de carácter coletivo com a realização de uma chuva de ideias sobre as razões que estão na base dos comportamentos destrutivos para com a natureza por parte dos seres humanos.

Através de *post-it* os alunos escreveram as suas ideias e registaram-nas no quadro. A partir desse momento os alunos foram desafiados a relacionarem essas razões com a escala de valores trabalhada nas primeiras aulas e com a leitura da página 119 do MA, para consolidar a aprendizagem. Antes do fim da aula, a Professora utilizou como estratégia a visualização de um pequeno vídeo sobre a *Black Friday*. A síntese da aula foi construída, tendo presente as imagens da «corrida ao consumismo». Assim, em conjunto, Professora e alunos afirmaram: Querer tudo, é devorar tudo, e não querer tudo, é preservar a vida.

O grupo mostrou-se participativo, interessado e curioso, aderindo às atividades propostas. Procurou-se utilizar uma linguagem adequada e próxima, possibilitando uma boa compreensão do tema por parte dos alunos.


Destaca-se ainda como positiva a utilização de recursos variados e adequados: PowerPoint, vídeos, inquérito, chuva de ideias, leitura do MA e exposição. A estratégia da visualização do noticiário com o jornalista José Alberto Carvalho causou impacto tanto pelas imagens e mensagem, como pela gravidade da voz do referido jornalista, e serviu como fio condutor para o desenrolar da aula e como desafio para os alunos. O repto foi: em casa estejam atentos às notícias e informações sobre esta problemática e registem-nas no vosso caderno diário.

Unidade Letiva 4

SÍNTESE:
Querer tudo, é devorar tudo, e não
querer tudo, é preservar a vida.

A vida é anterior ao ser humano, logo
temos a responsabilidade de a
preservar.

Está nas nossas mãos....
"Proteger toda a vida"



Assim, analisado o plano posterior traçado para esta aula, face à realidade, a Professora faz um balanço positivo na medida em que os alunos estiveram bastante empenhados e participativos, demonstrando interesse pelas atividades solicitadas, espírito crítico e sentido de responsabilidade, que se refletiu no sucesso desta estratégia.

O núcleo de estágio considerou que a planificação tinha sido cumprida, e que a aula tinha corrido muito bem. Tinha havido empenho, entusiasmo e boa participação em relação às dinâmicas propostas: o inquérito, o diálogo através da seleção dos vídeos e a chuva de ideias, acrescentando ainda que o inquérito anónimo foi muito positivo, dado o enquadramento, deu possibilidade a que os alunos se exprimissem mais.

3.8 Está nas nossas mãos: proteger toda a vida.

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 6 de 10)

Sumário: Visionamento do Vídeo: Com pequenos passos... Construção do Mapa Mundo – Ecológico.

Proposta de Síntese: está nas nossas mãos: proteger toda a vida.

13ª. Lição, Aula 6 – 9/12/2019		Unidade Letiva 4: “Ecologia e Valores”			8º ano – Turma G	
Sumário: Visionamento do Vídeo: Com pequenos passos... Construção do Mapa Mundo – Ecológico.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento Colagem dos sumários e síntese Verificação dos TPC	5	PC com projetor Pen PPT	Registro de observação: Pontualidade Assiduidade
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza	Comportamento destrutivo. Razões: O egoísmo; O desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; A vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; A subordinação da política à economia.	Revisão da aula anterior através do ppt.	3	Folha com sumários Quadro e material de escrita	Observação direta: Interesse Intervenções Comportamento Participação Envolvimento Espírito de grupo Concentração no cumprimento das tarefas
			Visualização de um vídeo: https://setemargens.com/pequenos-passos-para-despertar-consciencias-contr-a-black-friday/	2	Caderno do aluno Mapa Mundi Caixa surpresa	
			Conclusão da atividade 3: Construção do puzzle Mapa Mundi – Ecológico em grupo Os alunos recortam e colam imagens de jornais, revistas, tampas, cotonetes, etc., no mapa -Mundi	30	Imagens Cola Tesoura Régua	
			Construção da síntese	5		

Tabela 12 – Planificação UL 4, aula 6

A Professora acolheu os alunos, já com o espaço de sala de aula configurado em modo de trabalho de grupo. Foi também explicado aos alunos a metodologia de avaliação da UL, em sistema de portefólio, com entrega aos alunos duma carta para os pais com esse mesmo teor.

Tanto o sumário como a síntese estavam já impressos para facilitar o início da aula, e ganhar tempo, pois o objetivo da aula era terminar a construção do Mapa Mundi, com a concretização do objetivo 2: *Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza*.

Em seguida foi visualizado o vídeo «Pequenos Passos», que serviu de ponte para revisão da aula anterior e construção do mapa Mundi ecológico, bem como para a leitura da síntese da aula, já colada no caderno diário: «Está nas nossas mãos proteger toda a vida». De referir que os alunos se mantiveram atentos e interessados, revelando capacidade de escuta e atenção. O vídeo visava despertar consciências e contrapor-se ao apelo consumista da *Black Friday*, e tinha como lema: «Não deixes o teu futuro em *stand by*».

A mensagem principal assentava na adoção de estilos de vida e estratégias mais justas e sustentáveis a nível global e local. A partir da pergunta: «qual o pequeno passo que vais dar, por ti, pelo planeta, por todos?» a Professora pediu aos alunos que recontassem o vídeo e que indicassem que «passos» dariam, eles alunos, para a mudança de estilo de vida, na família, na escola, no dia a dia e na sociedade. Todos participaram com entusiasmo, com ideias e sugestões e observaram que renunciar ao transporte pessoal seria o mais difícil.

O tempo restante de aula, foi utilizado para finalizar atividade do Mapa Mundi.

A atividade foi feita com interesse e entusiasmo. Os grupos trabalharam com afincamento, motivação e concentração.

No final da aula foi explicado e entregue um trabalho para casa de pesquisa na Internet sobre organizações ambientais – Atividade 4, para fazer também com o apoio do MA e de pesquisa na Internet.

A aula desenvolveu-se de acordo com o plano, tendo sido alcançados os objetivos da mesma. A exposição inicial sobre os objetivos da Campanha Pequenos Passos da Iniciativa da FEC – Fundação Fé e Cooperação, Associação Casa Velha e Organização de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Solidariedade, rede de agências de desenvolvimento católicas, foi articulada com clareza. Igualmente positiva foi a interação estabelecida com o grupo, a sua atenção e participação ativa, a qual favoreceu a apreensão dos conteúdos, assim como a recolha de elementos de avaliação.

Assim, as estratégias utilizadas revelaram-se adequadas, o que contribuiu para reforçar a ideia de ser importante alternar momentos de exposição e escuta por parte dos alunos com atividades nas quais eles participem mais ativamente: debate e construção do mapa-mundi.

O núcleo de estágio considerou que a planificação tinha sido cumprida, e que tinha havido empenho, entusiasmo e boa participação em relação às dinâmicas propostas e que o diálogo sobre os «passos a dar» tinha refletido os conteúdos trabalhados em sala de aula.

3.9 Green Christmas – O cuidado com a natureza faz parte de um estilo de vida que implica a capacidade de viver juntos e de comunhão (LS 228)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 7 de 10)

Sumário: Green Christmas (aula realizada na praia de Santo Amaro de Oeiras).

Proposta de Síntese: está nas nossas mãos: proteger toda a vida.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento		Registo de observação: Pontualidade Assiduidade
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<i>2. Interpretar criticamente a ação humana sobre a natureza.</i>	Comportamento destrutivo. Razões: O egoísmo; O desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; A vontade de obter condições de bem-estar no imediato sem prevenir as consequências negativas a médio ou longo prazo; A subordinação da política à economia.	Limpeza de Praia	Caixa surpresa com: Luvas, sacos de quatro cores e pulseiras EMRC Autoavaliação	Observação direta: Interesse Intervenções Comportamento Participação Envolvimento Espírito de grupo Concentração no cumprimento das tarefas

Tabela 13 – Planificação UL 4, aula 7

Esta aula, a 16 de dezembro, última do primeiro período, decorreu fora da escola, antes da interrupção letiva do Natal, com a atividade *Green Christmas* – e sob o tema proposto pelo SDER – *Aproxima-te*. Neste caso seria o aproximar, o cuidar da natureza e dos oceanos, como património do futuro.

A ideia, tendo como ponto de partida um convívio de Natal com todos os alunos de EMRC e EMRE, teve para os alunos do 8.º ano, o lema: «Está nas nossas mãos proteger toda a vida». Este lema, trabalhado na última aula do dia 9 de dezembro, pressupunha colocar em prática o aprendido na aula, ou seja, dar um pequeno passo no sentido de fazer a mudança, no sentido de pôr «mãos à obra».

Para tal foi desenhada a atividade de limpeza de praia. A Professora contactou a Câmara Municipal de Oeiras e também o criador do grupo intitulado «Capitães d’ Areia» com vista a planificar esta atividade.

No entanto, com condições meteorológicas adversas não foi possível realizá-la. Em alternativa e noutro espaço – Casa Comunidade *Shalom* em Oeiras – os alunos apresentaram um pequeno teatro sob o título «Cuidar da natureza e dos outros», em que foi notória a apreensão dos conteúdos lecionados na sala de aula.

Após essa apresentação, os alunos fizeram a sua autoavaliação e uma pequena observação sobre as aulas. Os comentários foram muito positivos.

As atividades fora da sala de aula, são um elemento aglutinador e de enraizamento do grupo de EMRC. Os alunos tomam consciência de que não são apenas os colegas da turma que fazem parte de EMRC e que esta é uma realidade maior, proporciona um sentimento de pertença e de fortalecimento de vínculo à disciplina de EMRC.

Há que ter em consideração que a forma de os mais jovens produzirem visões do mundo não é igual à de outras gerações. Consequentemente, é cada vez mais importante utilizar estratégias pedagógicas diversificadas.

A saída do espaço escolar é uma das estratégias pedagógicas que mais estimula os alunos no processo ensino aprendizagem, nas vertentes intelectual, social, ética e moral. Favorece a aquisição de conhecimentos e a criatividade e proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho: pesquisa, recolha, e tratamento de informação.

Desenvolve as capacidades de observação e organização do trabalho, estimula a elaboração de sínteses, relatórios e exposições.

Facilita a sociabilidade e o trabalho colaborativo. É um instrumento privilegiado no desenvolvimento da interdisciplinaridade, e da flexibilidade curricular, permitindo a interligação entre a teoria e a prática, entre a escola e o mundo.

Relativamente à disciplina de EMRC, o mesmo se aplica, mas com outro grau de ligação, pois as visitas de estudo estão também no ADN da disciplina. São uma das suas marcas identitárias, não só pela criatividade e empenho que os professores colocam na conceção das mesmas, mas também pela forma como os alunos e os professores as vivem.

São momentos de partilha, de inclusão, e coesão e de crescimento da relação entre alunos e professores.

As visitas de estudo de EMRC, e as atividades de cariz mais social e ambiental de envolvimento na escola e na comunidade, são desejadas pelos alunos inscritos e funcionam como «cimento» entre os alunos de EMRC e os professores, laço que os une ao longo do ano e na transição para os anos seguintes.

Pertencem à memória descritiva da disciplina e são sempre aguardadas pelos alunos com muita expectativa. Permitem também, para além do reforço de determinados conteúdos dados em sala de aula, complementar o conhecimento dos alunos através da escuta e observação em atividades e espaços menos formais facilitando a relação pedagógica na sala de aula.

Para EMRC, estas atividades, e visitas de estudo são de facto um espelho do que a disciplina é lugar de novas aprendizagens, novas habilidades e competências, utilizando o coração do Evangelho para imaginar, atuar e construir a mudança, para um futuro comum com mais humanidade.



EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

CONVÍVIO DE NATAL/ALMOÇO

16/12/2019

Aos Pais e/ou Encarregados de Educação

No âmbito do Projeto de Trabalho da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, para este ano letivo de 2019/2020, sob o tema “Aproxima-te” os alunos e professores de EMRC do Agrupamento de Escolas de Parede, vão organizar um **Convívio de Natal**, que terá lugar no dia 16/12, segunda-feira entre as 8:30 h e as 14:00 h. Para este Convívio de Natal estão convidados todos os alunos do 2º, 3º ciclo e Secundário para nos juntarmos e cuidarmos uns dos outros e da nossa Casa Comum!

O Convívio de Natal terá início na praia de Oeiras, com a atividade *Green Christmas* (limpeza de praia) e terminará com almoço no restaurante McDonald’s Oeiras. Para tal, os alunos deverão vir devidamente agasalhados e com calçado adequado. Terão ainda de trazer dinheiro para o almoço no restaurante, cujo preço médio por refeição ronda os 6 euros. O Ponto de encontro para o 2º e 3º ciclo será na Escola Básica de Santo António, com o regresso à escola acompanhado pelas professoras.

Parede, 2 de dezembro de 2019

A professora de EMRC

Autorização do Encarregado de Educação

O/A Encarregado/a de educação do/a aluno/a _____ n.º _____, da turma _____, do _____ ano, tomou conhecimento das condições da atividade a realizar no dia **16 de dezembro de 2019** e autoriza / não autoriza (riscar o que não interessa) a participação na referida atividade. Atividade terá o custo de 2 euros, correspondente ao valor do transporte.

O/A Encarregado/a de Educação

Parede, ____ de dezembro de 2019

Figura 7 – Autorização Encarregados de Educação *Green Christmas*

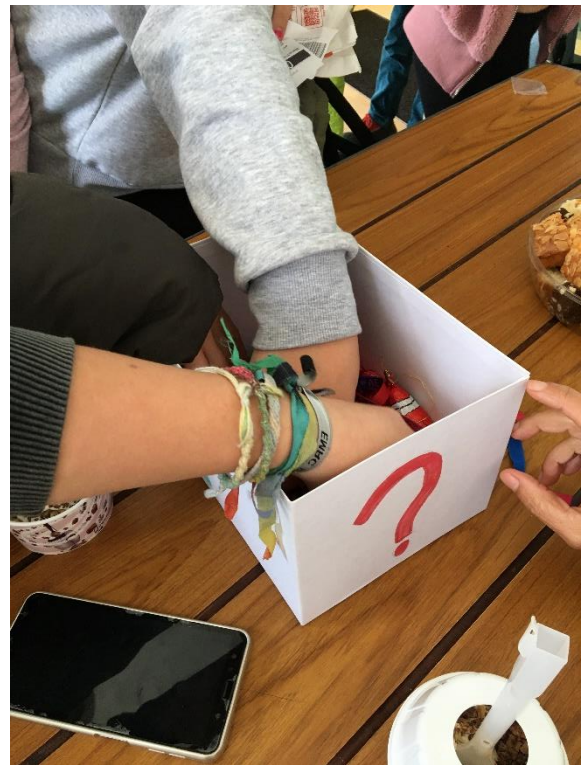





Figura 8—Atividade Green Christmas

3.10 Devemos fazer a experiência de uma conversão, duma mudança de coração (LS 84)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 8 de 10)

			
Unidade Letiva 4: Ecologia e Valores – Chuva de Ideias, através da imagem.			
Nome:	Data de entrega:	8º Ano	Turma G
			
<small>S. Francisco de Assis, 1181-1226</small>			
<small>2019 - 2020 8º Ano Terceiro Ciclo EB</small>			<small>1</small>

Durante o diálogo, os alunos tiveram um bom comportamento, demonstrando a sua capacidade de atenção, participação e interesse pelo tema, o que favoreceu o processo de ensino-aprendizagem. O grupo uniu-se e com uma grande facilidade na exploração da imagem chegaram à vida e ao modo como Francisco de Assis se situava no mundo, ou como os alunos já referiam «à nossa casa comum».

Como aspetos muito positivos assinala-se a exposição inicial, realizada em diálogo com o grupo, a realização do quizz e a Descoberta de Francisco de Assis através da imagem, que permitiu a construção da síntese da aula. A aula terminou à volta de uma caixa gigante

de pizza que continha um bolo-rei para partilhar com todos e as restantes professoras.

Como afirma Arends, «o ensino é algo que se afasta de receitas, fórmulas ou algoritmos. Requer improvisação, espontaneidade e o lidar com múltiplas possibilidades relativas à forma, ao estilo, à cadência, ao ritmo e à adequabilidade».³⁸⁴

O núcleo de estágio salientou que a planificação tinha sido cumprida, tendo acrescentado que foi possível cativar os alunos com o *quizz* e com a chuva de ideias, e que esta última estratégia tinha sido muito positiva, com os alunos a responderem bem à imagem.

3.11 «A interdependência obriga-nos a pensar num único só mundo, um só projeto comum» (LS 164)

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 9 de 10)

Sumário: *Laudato si'*: Ecologia Integral – Chuva de ideias e visualização do vídeo da CAFOD³⁸⁵. Jogo: «Nos passos de ...»

Proposta de Síntese: aprender a viver com sabedoria, a amar generosamente e a pensar profundamente. Tudo está interligado: Deus, homem, natureza. Um só mundo, um só projeto comum.

³⁸⁴ Arends, *Aprender a ensinar*, 4.

³⁸⁵ Agência Católica para o Desenvolvimento Internacional, sigla de *Catholic Agency for Overseas Development*.

Aprendizagens essenciais: identificar na mensagem e tradição cristã a natureza como dádiva de Deus para a felicidade do ser humano. (CN, EV, GEO, CD); Participar em iniciativas que promovem a proteção do mundo como «casa comum». (CN, EV, HIST, GEO, CD).

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa					
J. Descobrir a simbólica cristã.	3. <i>Conhecer a perspectiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.</i>	A natureza como local onde se pode fazer a experiência do encontro com Deus.	Acolhimento	5	PC e projetor	Registo de observação:					
			Registo do sumário	5			Quadro e material de escrita	Pontualidade			
			Resumo da aula anterior através do ppt	5					Assiduidade		
			Chuva de ideias sobre a <i>Laudato Si'</i>: Através da imagem projetada no ppt com perguntas dirigidas aos alunos: remetente, destinatário, conteúdo.	5						Desenvolvimento do plano de trabalho	
			Visualização de um Vídeo https://www.youtube.com/watch?v=pOoJiYbGwd4	5							Relacionamento com o professor e os colegas
			Exploração da LS através do ppt: o que é uma encíclica, o que está a ser pedido, porque é que o Papa Francisco escreve sobre este assunto.	5							
Jogo: “Nos passo de ...” 1. Reflete e escreve nas fotocópias dos “passos” sobre: Os passos que podes dar para lutar contra as alterações climáticas Os passos que outros poderão dar sobre este assunto. Citações da Encíclica <i>Laudato Si'</i> Estatísticas 3. Escreve uma dedicatória na Encíclica <i>Laudato Si'</i> , para ser assinada pela turma, para mais tarde ser entregue na Biblioteca da Escola, utilizando uma citação da LS	15	Observação direta: Interesse Intervenções Comportamento Participação Envolvimento Empenho Espírito de grupo Concentração									
Leitura dos “passos” pelos alunos, tendo o último slide do ppt como cenário, e colagem no quadro.	5		Concentração no cumprimento das tarefas								
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	4. <i>Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado com a natureza.</i>			A noção de que tudo está interligado – ecologia integral.	A responsabilidade em relação às gerações vindouras	Como viver com empenho pessoal e criar condições de habitabilidade no mundo.	Massa adesiva Tangerinas				

Tabela 15 – Planificação UL 4, aula 9

Esta aula foi marcada pela presença da professora Cristina Sá Carvalho e pelo Professor Juan Ambrosio que vieram assistir à aula.

A Professora iniciou a preparação da sala com a criação de três espaços distintos: um com as mesas em quadrado para o trabalho de grupo já com a caixa do jogo, outro com filas normais para a apresentação do PowerPoint e outro para a rega dos Crocs.

Os alunos, em conjunto, ajudaram na preparação da sala, regaram os Crocs, ligaram o computador, o projetor e escolheram o lugar para se sentarem. Todos estavam conscientes de que a aula era diferente e em bloco estavam decididos a que a aula fosse um sucesso. O objetivo da aula, era motivar os alunos para a ecologia integral, proposta na LS, pelo Papa Francisco com enfoque para a conversão ecológica e mudança de ritmo e estilo de vida, tendo como modelo o testemunho de vida de Francisco de Assis.

A Professora avançou com a visualização do PowerPoint preparado para esta aula, dando início ao desenvolvimento dos conteúdos pensados para a lição. Com um pequeno diálogo para fazer a ponte entre as aulas anteriores e o tema central desta, fazendo referência à vida de Francisco de Assis e ao modo como se relacionava com a natureza e com os outros, com base em algumas imagens já utilizadas em aulas anteriores.

Procurou-se que os alunos, por eles, partissem de Francisco de Assis, utilizando a estratégia da chuva de ideias. A partir da imagem e com esta dinâmica, os alunos chegaram facilmente ao Papa Francisco e à carta Encíclica.

A Professora apresentou de seguida um pequeno vídeo da CAFOD para apresentar a Carta Encíclica *Laudato si'*. No final do vídeo foram apresentadas imagens com perguntas e, através delas, foi estabelecido um diálogo com os alunos que iam respondendo a cada pergunta relacionando com aspetos já tratados nas outras aulas.

Todos aderiram ao diálogo e às reflexões presentes nas imagens do PowerPoint.

Para aprofundar o tema: a carta *Laudato si'* e fazer a união da turma, objetivo transversal aos objetivos propostos para a aula, foi lançado o trabalho de grupo: «Um só mundo, um só projeto».

Através do jogo «Nos passos de ...» os alunos teriam de embarcar numa missão impossível, o objetivo: salvar a humanidade e o planeta Terra.

Para tal, cada um teria de escrever os «passos», em fotocópias de «passos», que dariam para chegar à caixa surpresa que continha a fórmula para salvar a humanidade e o planeta Terra. Todo o material estava numa caixa de jogo de tabuleiro: instruções, passos, citações, canetas de cor, uma Encíclica LS, estatísticas, massa adesiva.

Nesta atividade tive o cuidado de explicar antecipadamente a tarefa concreta a desenvolver, lendo as instruções do jogo. Para além disso foi também pedido que não se debruçassem só nos 3 «R», reciclar, reutilizar e reduzir, mas que introduzissem o lema da carta LS. A atividade cativou os alunos. Através das citações da LS previamente recortadas, os alunos selecionaram frases chave relacionadas com o espírito da Encíclica.





No final do jogo, os alunos em conjunto tiveram de ler os passos para a «Liga de EMRC» e colá-los na imagem do mundo que estava projetada. A unidade, o espírito de entreajuda, a alegria, bem como a aplicação dos conteúdos planificados foram visíveis. Os alunos apreenderam que ambiente e homem são, por isso, duas realidades interligadas.

O jogo foi um culminar de todos os passos (8 aulas) que os alunos deram até esta aula, concretizados nas construções de sínteses realizadas em cada final de aula, para se chegar à categoria de ecologia integral e realizar a mudança ecológica.

Foi entregue aos alunos uma fotocópia com o caminho percorrido, com todas as sínteses de aulas, o que permitiu fazer o caminho proposto para a unidade letiva: da ecologia ambiental,

para a ecologia humana e por fim para o conceito mais abrangente e dirigido a todos os habitantes deste planeta de ecologia integral.


A dimensão «ecologia integral» recorda-nos a importância de uma ecologia que se inscreve nas ciências biológicas, mas também na antropologia, nas ciências sociais e na teologia, deixando claro que os elementos humanos e não humanos se implicam e relacionam mutuamente, não sendo indiferentes um ao outro: cuidar de uns é proteger os outros.

	
---	--

Jogo: “Nos passos de ...”

Material:

- Fotocópias de “passos”
- Ampulheta
- Livro – Carta – *Encíclica Laudato Si*
- Canetas de cor
- Massa adesiva – Bostik
- Citações da *Laudato Si*
- Estatísticas



A humanidade está em extinção, devido às alterações climáticas, decorrentes do estilo de vida da sociedade atual: individualismo, consumismo, indiferença, ganância/lucro.

Imaginem que estão numa “missão impossível”, e que na “caixa surpresa” está a fórmula para salvar a humanidade, e o planeta Terra.

Instruções:

Todos juntos, (Um só mundo, um só projeto) têm de encontrar o caminho para a “caixa”, para tal tem de percorrer os seguintes passos:

Atenção: todos têm de escrever pelos menos dois passos, colocando o nome no verso dos “passos”.

1º Passo – Refletir e escrever em letra legível:

- Os passos que podes dar para lutar contra as alterações climáticas
- Os passos que outros poderão dar sobre esta problemática.

Utiliza Citações da Encíclica *Laudato Si*, as estatísticas, e os conhecimentos adquiridos nas aulas

2º Passo – Escrever uma dedicatória na Encíclica *Laudato Si*, para ser assinada pela turma, utilizando uma citação da *Laudato Si*.

3º Passo – Junto ao quadro e com o último slide do PowerPoint como cenário de fundo, cada um terá de ler o maior número de passos possíveis para a liga de EMRC (professoras de EMRC e professores convidados).

4º Passo – Após a leitura afixam os “passos” no quadro no meio do mundo.

5º Passo – Abrir a caixa surpresa!

Boa Sorte!

2019/2020 – 8º Ano

Figura 9–Jogo «nos passos de»

3.12 Nós somos só uma única família humana.

Nível 8.º ano – Unidade Letiva 4: «Ecologia e Valores» (aula 10 de 10)

Sumário: Abordagem à Agenda 2030. A importância dos gestos no dia a dia para a criação duma «cultura do amor». Visualização do vídeo *Sing For the climate*

Proposta de Síntese: nós somos só uma única família humana, não há fronteiras, nem barreiras, políticas ou sociais.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45'	Recursos	Avaliação Formativa
			Acolhimento Registo do sumário Inquérito	5	PC e projetor Quadro e material de escrita Caderno do aluno, PowerPoint Resumo da Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> Atividade 8 Coletânea de sínteses da UL Letra da Música	Registo de observação: Pontualidade Assiduidade Relacionamento com o professor e os colegas Criatividade, capacidade de síntese e de relacionar conceitos Observação direta: Interesse Intervenções Comportamento Participação Envolvimento Empenho Espírito de grupo Concentração no cumprimento das tarefas.
J. Descobrir a simbólica cristã.	3. <i>Conhecer a perspetiva religiosa sobre a natureza como local de encontro com Deus.</i>	A noção de que tudo está interligado – ecologia integral.	Resumo da aula anterior: através do ppt	5		
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. <i>Reconhecer o contributo do cristianismo no cuidado com a natureza e com o outro.</i>	A responsabilidade em relação às gerações vindouras. Como viver com empenho pessoal e criar condições de habitabilidade no mundo.	Exploração dos ODS através do ppt https://www.youtube.com/watch?v=Bs-N6SSX18M	15		
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.			Visualização do vídeo <i>Sing for the Climate</i> : distribuição da letra da música, com entrega da capa portefólio	10		
			Inquérito TPC: atividade 8: Carta para o Planeta Terra	10		

Tabela 16 – Planificação UL 4, aula 10

A professora iniciou a aula foi com a sensibilização à participação no Interescolas em Fátima, agendado para o dia 20 de março, como é habitual no AEP, e no concurso fotográfico «Aproxima-te», ambas atividades propostas pelo SDER.

Foi ainda pedido aos alunos que respondessem a um inquérito para a caracterização da turma, no âmbito do estágio, atividade que foi concretizada no final da aula.

Após este primeiro momento a Professora deu início ao desenvolvimento dos conteúdos planeados para a lição, iniciando um pequeno diálogo para fazer a ponte entre as aulas anteriores e o assunto desta fazendo referência às propostas contidas na LS.

A aula, a última da UL 4 teve como fio condutor a transição para a primeira aula da UL da *Liberdade*, iniciou-se com as perguntas: como podemos tomar a iniciativa de construir um mundo melhor tendo em conta o bem comum da humanidade e do planeta Terra, como fazer esta aliança – humanidade e meio ambiente? Como viver com empenho pessoal o criar das condições da habitabilidade no mundo?

A partir do *PowerPoint* e das imagens nele contidas procurou-se que os alunos participassem na construção de ideias e que incorporassem os valores e princípios da LS, usando sinónimos de forma que estes entendessem o que se pretendia.

Ainda como estratégia, para consolidar a ideia do bem comum e da urgência para o cuidado da «casa comum», objetivo este só possível de concretizar com a ajuda de todos os saberes e de todos, foi utilizado o vídeo sobre a *Agenda para o Desenvolvimento Sustentável de 2030*, adotada pela ONU. Imagem a imagem foi-se estabelecendo um diálogo com os alunos para os acompanhar na visualização do vídeo e os familiarizar com a palavra sustentabilidade. Relembrou-se brevemente, em conjunto, o que era a ONU.

No final do vídeo, com a projeção do slide «Os 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável», procurou-se que os alunos, através de uma chuva de ideias, relacionassem a imagem com o conteúdo do vídeo e chegassem por eles ao significado da palavra sustentável e à ideia de que não há planeta B, da necessidade de uma conversão integral.

De seguida, a partir do slide do *PowerPoint* com a imagem da participação do Papa Francisco no decurso da Cimeira das Nações Unidas, em setembro de 2015, foi feita em conjunto a síntese da aula: «somos uma única família humana, não há fronteiras, nem barreiras, políticas ou sociais». Os seres humanos são parte do meio ambiente, e todas as criaturas possuem um valor intrínseco, na sua existência, na sua vida e na sua beleza. Logo o compromisso na construção de um mundo melhor, tendo em conta o bem comum, é dirigido a todos.

O momento para agir é agora. Como? «Através de hábitos de amor» disse uma das alunas.

Para integrar o portefólio GLS, e como atividade para casa foi ainda pedido aos alunos que colocassem por escrito o seu contributo para a construção de um mundo melhor, tendo como base o bem comum.

A aula finalizou com uma estratégia auditiva e visual, através do vídeo do *Youtube* «Sing for the Climate», que face às alterações climáticas apela à necessidade de atuar agora para preservar o presente e o futuro de tudo e de todos, concluindo-se assim a UL 4.

Os alunos mostraram sempre interesse e motivação no decorrer da aula, colocando perguntas pertinentes e procurando dar soluções para a construção de um mundo melhor com base nos passos já realizados na aula anterior. No final da aula em grupo foram visíveis a unidade de propostas e a aprendizagem dos conteúdos planificados. No momento final de aula foi pedido que realizassem o inquérito.

O plano de aula foi cumprido, os objetivos concretizados e o núcleo de estágio fez uma avaliação positiva da aula.

UL 4: Ecologia e Valores



Carta – Encíclica: *Laudato Si*, Maio de 2015

2

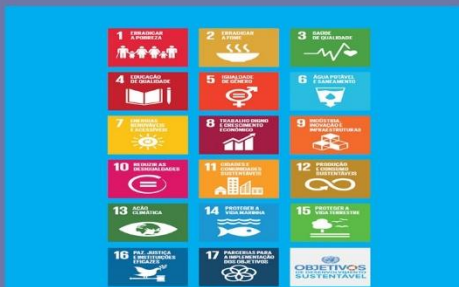
UL 4: Ecologia e Valores



Um novo compromisso dirigido a todos

4

UL 4: Ecologia e Valores



Guia sobre Desenvolvimento Sustentável
17 OBJETIVOS PARA TRANSFORMAR O NOSSO MUNDO

6

UL 4: Ecologia e Valores

<https://www.youtube.com/watch?v=XGgBtHolO4g>



Uma só família humana!

6

Figura 10 – Powerpoint: ODS



Sing for the Climate

Just Earth

Lyrics

We need to wake up
We need to wise up
We need to open our eyes
And do it now, now, now!
We need to build a better future
And we need to start right now
We're on a planet
That has a problem
We've got to solve it, get involved
And do it now, now, now!
And do it now, now, now!
We need to build a better future
And we need to start right now
Make it greener
Make it cleaner
Make it last, make it fast
And do it now, now, now!
We need to build a better future
And we need to start right now
No point in waiting
Or hesitating
We must get wise, take no more lies
And do it now, now, now!
We need to build a better future
And we need to start right now!

UL 4 – Ecologia e Valores
AEP



Figura 11– Conclusão da UL 4 com a música «Sing for the Climate»

CONCLUSÃO

O olhar da interdependência e da partilha, o motor do amor e a vocação ao respeito: eis três chaves de leitura que me parecem iluminar o nosso trabalho pelo cuidado da casa comum.³⁸⁶

Francisco, 4 de outubro de 2021

De acordo com Arends, um professor eficaz deve possuir quatro atributos essenciais:

ter qualidades pessoais que lhe permitem desenvolver relações humanas genuínas com os alunos; ter conhecimentos da disciplina que lecionam, e do desenvolvimento, e da aprendizagem e de pedagogia; ter um repertório de práticas eficazes de ensino que estimulam a motivação dos alunos; e ter a disposição para a reflexão e resolução de problemas.³⁸⁷

Assim, para nos construirmos como bons educadores, para além dos conhecimentos técnicos, deve estar incluído um bom conhecimento sobre os alunos e as suas características. Conhecer os alunos permite responder melhor às suas expectativas e permite refletir sobre a prática letiva no sentido de melhorá-la.

Mas como refere Francisco, o reconhecimento da nossa interdependência, a partilha, o motor do amor e a vocação ao respeito tem de estar sempre presentes na construção da casa comum, que começa na família, e depois na sala de aula.

O pensamento do teólogo espanhol Eugenio de Albuquerque Frutos, vai ao encontro deste ponto de vista, «do motor do amor», como algo essencial na vocação de educador.

Para o teólogo, o bom educador faz uma opção de confiança nos jovens, pois é a juventude que regenerará a sociedade.³⁸⁸ A confiança educativa nos jovens está alicerçada na convicção da dignidade da pessoa humana; no valor absoluto enquanto pessoa criada à semelhança e imagem de Deus. Mas, os jovens enquanto seres em construção, e logo mais vulneráveis, precisam da comunidade para subsistir. Logo, acolher os jovens e amá-los é, pois, o sentido da educação.

Frutos acrescenta ainda que é necessário que os professores estejam comprometidos vitalmente na atividade educativa, aliando autoridade com exemplaridade.

³⁸⁶ Francisco, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211004-religione-scienza-cop26.html>.

³⁸⁷ Arends, Aprender a ensinar, 19.

³⁸⁸ Eugenio Albuquerque Frutos, «La esperanza, alma de la educación», *Misión Joven*, nº 431, diciembre (2012), 15-24, acedido a junho de 2020, <https://pastoraljuvenil.es/misionjoven/la-esperanza-alma-de-la-educacion/>.

Para este autor, é fundamental apurar o que importa, verdadeiramente, aos professores, o que os preocupa, o que os motiva a ensinar e se estão ou não centrados nos alunos, no seu desenvolvimento, felicidade, autonomia e liberdade.

Deste modo, aumenta a exigência de uma educação de referência, que seja capaz de responder às coisas que «verdadeiramente têm importância». Esta exigência é solicitada, de igual modo, por todos os envolvidos no arco educativo: alunos, pais, professores e comunidade.

Neste sentido, para o autor, a realidade, a escola, começa quando vai ao encontro dos interesses vitais dos alunos e dialoga com as suas emoções. É necessário que os professores queiram ensinar e os alunos queiram aprender, correlativamente é necessário que a sociedade valorize este binómio.

Por outro lado, para Frutos, o ser humano é lugar de múltiplos desejos, uns conscientes e outros inconscientes, que constituem uma realidade dinâmica, uma energia, uma inquietude. Assim, na educação há que necessariamente construir uma pedagogia dos desejos. Para tal, temos de chegar à estrutura do desejo, que se traduz no que o jovem: sente e procura, aspira e anseia.

Em suma, há que saber como chegar às suas emoções. Acrescenta ainda o teólogo, que educar é sempre propor valores e cimentar atitudes. Assim, para Frutos, os educadores têm de possuir a capacidade de ir além das próprias reações emotivas ou instintivas, e aceitar uma valorização mais séria e objetiva. Para Frutos, a abertura ao novo, sem resistência, e a renúncia a atitudes e valores ligados simplesmente a um tempo já passado, configuram uma atitude verdadeiramente educativa. Logo educar na resistência, ensinar a renunciar, a superar o imediatismo do desejo, a resistir, a fazer frente ao mal, é nos dias de hoje fundamental. De facto, como afirma o autor, a nossa sociedade parece estar empenhada em fazer desaparecer a espera e a paciência, eliminando a demora na satisfação. Sem a força da paciência, dificilmente se aceita a realidade e se empreende o trilho da própria realização. A via, acrescenta o autor, é a esperança, geradora de paciência. É também o caminho do educador, que tem de se sobrepor à proteção familiar e aos modelos de êxito fácil veiculados pela cultura do espetáculo.

Frutos indica também a humildade, como atitude básica educativa. Para o teólogo, a humildade pressupõe uma atitude de abertura ao mundo, de estar para o mundo. Implica, também, estarmos abertos a nós próprios e a Deus. Estar para nós mesmos, faz-nos conscientes de que não valemos mais que do que os outros e de que os nossos êxitos dependem muito dos demais, de que por vezes erramos e que há sempre algo mais a aprender.

Por último, o autor conclui, que ao perder-se a sensibilidade e o respeito pela vida humana, perde-se também a sensibilidade perante o que é humano e o que não é humano, enfraquecendo ao mesmo tempo a dignidade da pessoa, os seus direitos fundamentais e a relação com as coisas: a natureza.

Falta a confiança radical na vida, e conseqüentemente quebra-se a confiança na educação, porque a esperança é a alma da educação e da vida. Em conclusão, o autor salienta como fundamental para educar na esperança a defesa da cultura da vida, e não da cultura da morte, que faz com que se duvide do valor da pessoa humana. Cada pessoa é um ser dotado de dignidade ontológica.

Esta sublime dignidade do ser humano é transversal à Encíclica LS, o valor da pessoa humana é acentuado, nas suas múltiplas relações com o mundo e com os outros, valorizando o atributo relacional como parte fundamental da dimensão humana.

Para o teólogo António Martins, na LS «o Papa apresenta-nos uma ontologia da relação e do amor como fundamento da criação», uma cultura do cuidado, que permeie toda a sociedade.

Assim, na Encíclica social LS, o Papa Francisco procura a raiz humana da crise ecológica e propõe uma mudança no ritmo e no modo de viver, com a finalidade do homem redescobrir o seu verdadeiro lugar no mundo como colaborador na obra da criação.

A via – a ecologia integral – pressupõe um novo entendimento do mundo. Com efeito, a ecologia integral configura um novo tipo de relação connosco próprios, com os outros e com o mundo, cuidando do bem comum.

Cuidar do bem comum implica entendermos como tudo na «casa comum» está em relação – natureza, política, economia, sociedade, ser humano, como refere Francisco de Roma:

A ecologia estuda as relações entre organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado. (LS 138)

E assim, o Papa conclui: «Não há duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas uma única crise socioambiental». O objetivo é restaurar os relacionamentos uns com os outros e com a criação, e a partir dela inspirar processos de transformação, pois a nossa mãe Terra não é infinita.

A noção de criação implica a situação imediata do homem em relação a Deus; o seu carácter de responsável pelo seu próprio mundo; a dialética entre, por um lado, a sua diferença essencial em relação à criatura abaixo do homem e, por outro, a sua solidária responsabilidade por ela, instaurando um diálogo aberto entre o mundo natural e o mundo humano.

Somos responsáveis pelo ecossistema humano e não humano, pelo que devemos descobrir a natureza na sua dimensão de criatura e «reconhecer Deus nas outras criaturas». (LS 233)

Temos de nos conectar com a subjetividade de cada um de nós e dos outros seres não humanos, e esse caminho terá de ser feito através do encontro e não do desaparecimento do sujeito. A Terra, os recursos naturais, os trabalhadores, as famílias, todos somos um.

Há, portanto, que fazer uma ecologia que integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e nas suas relações, inserido na realidade, com vista a uma ação transformadora que leve a uma cultura de justiça e de paz.

O século XXI desperta para uma

(...) nova sensibilidade ecológica, que nasce da constatação de um perigo e da necessidade urgente de definir e encontrar os meios para superar a crise ecológica que ameaça o futuro da vida na Terra.³⁸⁹

Todos reclamam a urgência ecológica, mas a natureza na sua dimensão ontológica, o regresso ao ser, presente na LS, continua afastada da equação.

Hoje, com a humanidade a sentir o efeito de uma guerra na Europa que se arrasta há dois anos, com uma nova guerra a surgir no Médio Oriente, com a crise mundial climática instalada, com consequências muito negativas para os mais vulneráveis, acentuando cada vez mais a desigualdade planetária e as injustiças sociais, colocando à vista de todos as fragilidades das nossas políticas, das nossas economias e das nossas nações, agudizando as dificuldades dos mais pobres e dos mais excluídos, a pergunta permanece: até quando vamos continuar indiferentes ao «grito da Terra e dos pobres»?

A LS, afirma-se hoje como um documento político e social, como um novo modo de habitar «a casa comum» e abre novos paradigmas. A partir da ideia da conversão ecológica integral, podemos quebrar a «lógica da violência, da exploração, do egoísmo». (LS 229)

Como referimos o caminho é o da escuta, do olhar de novo, da interligação, até à conversão integral, para caminhar com aquilo que temos de melhor – o amor, o dom de si, numa perspetiva do desenvolvimento integral da pessoa humana na sua relação com os outros e de ser no mundo. Com efeito: «Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos políticos económico e cultural»³⁹⁰, e instaurar a dinâmica do cuidado, da ternura, e da «gratidão, como memória do coração».³⁹¹

Pelo que está nas nossas mãos ousar outros estilos de vida, transformando os nossos medos e angústias em confiança no futuro, e este pode ser o momento de recuperar a nossa capacidade para vivermos juntos e nos centrarmos no que verdadeiramente importa. A primeira lição do Covid-19 com efeito, é que é possível, e em poucas semanas, suspender por todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema económico, quando não era verosímil que tal pudesse acontecer, com o argumento de que o «comboio do progresso» seria imparável, pelo efeito da globalização. A humanidade também provou conseguir afastar-se do individualismo e dos interesses pessoais

³⁸⁹ Isabel Varanda, «A salvação ecológica», *Revista São Tomás de Aquino*, n. 11, 2011 – Ano VI, 105-117.

³⁹⁰ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*.

³⁹¹ Disponível em: <https://citacoes.in/citacoes/106898-antistenes-a-gratidao-e-a-memoria-do-coracao/>.

e unir-se em prol dos mais desfavorecidos, dos mais doentes, dos mais excluídos, tendo como ideal o bem comum, a «casa comum».

Assim, como escreve António Martins a propósito da LS:

O futuro do ser humano e do planeta em que habita, (...) passará pela prática de uma antropologia relacional (integral), que tenha em conta a reciprocidade entre todos os seres vivos, entre os seres humanos, entre estes e o meio ambiente, superando, assim o antropocentrismo vigente a partir da modernidade.³⁹²

Humanidade e sustentabilidade lado a lado, com base nos direitos e nos deveres do ser humano, inspirada no compromisso da LS poderá ser a bússola e o fermento para a construção de um novo modelo cultural de sociedade. Basta observarmos as várias iniciativas, locais, nacionais e internacionais inspiradas na LS: O Movimento Católico Mundial pelo Clima, a GLS, o movimento internacional de jovens católicos de todo o mundo, que entraram em greve pelo clima, em coordenação com a jovem sueca Greta Thunberg, criadora do movimento *FridaysforFuture*, o exemplo em França das *Igrejas Verdes*,³⁹³ ou em Portugal com a *Rede Cuidar da «Casa Comum»*, a iniciativa «3 Milhões de Nós» para os jovens, entre muitos outros. De facto, como afirma o teólogo Joaquim Cerqueira Gonçalves: «Se a sociedade polui, destrói e devora, a comunidade respeita, equilibra e purifica, acarinha e desenvolve, numa palavra vive a realidade, convivendo amorosamente».³⁹⁴

As raízes da insensibilidade ecológica como vimos são profundas, mas a ligação da ecologia à ecologia humana está feita, e a partir do Covid-19 tivemos consciência de que a política funcionalista e extrativista, a interferência do ser humano nos ecossistemas, podem ter também, para além dos efeitos expectáveis nos biomas e visíveis já no presente, efeitos imprevisíveis.

Todavia, conforme refere Francisco: «É possível voltar a ampliar o olhar, e a liberdade humana é capaz de limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço doutro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral». (LS 112)

O planeta está, pois, num novo futuro, e o futuro é garantido pelas decisões tomadas no presente. O futuro exige, como refere Cerqueira Gonçalves, «uma diferente organização de vida, de teor comunitário, da qual façam parte as múltiplas diferenças da realidade».³⁹⁵

Termino este relatório, com as palavras do Papa Francisco, proferidas a partir do Vaticano, numa edição do TED Talk,³⁹⁶ sob o título de *Future you*, dirigida aos jovens, a 27 de abril de

³⁹² Martins, «Para uma ecologia Integral - Acentuações da *Laudato si'*».

³⁹³ Rádio Renascença, «França. Igrejas criam marca “Igreja Verde” e querem conversão ecológica», acedido a 15 de junho de 2023, <https://rr.sapo.pt/noticia/religiao/2018/01/19/franca-igrejas-criam-marca-igreja-verde-e-querem-conversao-ecologica/103402/>.

³⁹⁴ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 69.

³⁹⁵ Gonçalves, *Em Louvor da Vida e da Morte: ambiente – a cultura ocidental em questão*, 69.

³⁹⁶ Sigla inglesa para Technology, Entertainment, Design.

2017: «Basta um único homem para que exista esperança e esse homem pode ser um de vós», e acrescenta: «Todos juntos, ajudemo-nos a recordar que os outros não são uma estatística ou um número. Todos precisamos uns dos outros».³⁹⁷


Logo, há que celebrar a vida e todas as dimensões do nosso ser – sensibilidade, afetividade, entendimento e razão – colocando em relevo as razões que fundamentam o respeito por cada vida humana, cada criatura, e propor face à realidade atual, um compromisso, uma ética conosco e com a «casa comum». Uma nova cultura de vida – a esperança e o cuidado pela «casa comum».

Esta foi a realidade que vivi durante a PES, de abertura ao novo, ao outro, à natureza, ao como aprender, ao respeito mútuo, à partilha, ao valor da pessoa, do amor, apoiada na esperança de nos construirmos como bons educadores, boas pessoas, alicerçada na amizade e orientação dos meus colegas da PES, da orientadora cooperante e dos professores do Seminário da PES.

³⁹⁷ Francisco, Conferência TED, Vaticano-Vancouver, Canadá, acedido a 20 de junho de 2020, https://www.snpcultura.org/a_esperanca_comeca_com_o_tu_quando_ha_o_nos_comeca_uma_revolucao.html.


ANEXOS

Anexo 1 – Questionário



Educação Moral
Religiosa Católica

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE | 2019-2020
Educação Moral e Religiosa Católica
INQUÉRITO AOS ALUNOS



Agrupamento
de Escolas de Paredes

1 - Nome _____

2 - Data de nascimento
Dia: Mês: Ano:

3 - Naturalidade
Pai _____ Mãe _____

4 - A que distância vives da Escola? km

Quanto tempo demoras a chegar à Escola?

5 - Que meio de transporte utilizas na deslocação para a Escola? Escreve "Sim" ou "Não".

A pé?

Carro de família?

Transporte Público?

6 - O que mais gostas na Escola?

7 - O que menos gostas na Escola?

8 - Já tens alguma retenção no teu currículo?

Sim Não

Em que anos?

9 - Beneficias da ASE?

Sim Escalão Não

10 - Quais são as tuas disciplinas preferidas?

11 - Quais são as disciplinas que tens mais dificuldades?

12 - A família ajuda-te no estudo?

Sim Não

Quem? _____

13 - Habilitações dos teus pais:

	Ensino Secundário	Curso Profissional	Ensino Superior	Profissão
Pai	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Mãe	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Quais são os teus planos?	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

14 - Porque estás inscrito em EMRC?

Por decisão:	Dos meus Pais	<input type="text"/>	Porque os meus amigos também estão inscritos	<input type="text"/>	Porque sou católico	<input type="text"/>
	Minha	<input type="text"/>		Porque sou escuteiro		<input type="text"/>
	Outra razão. Qual?	<input type="text"/>				Porque ando na catequese
					Porque acho importante para a minha formação	<input type="text"/>

15 - Se não és católico, professa outra religião?

Sim Qual? _____ E a tua família? _____

Não

16 - Consideras importante aprender na escola sobre as diversas religiões? Porquê?

E sobre o testemunho cristão em particular, como proposta pare refletires sobre vários temas?

17 - Gostas da Escola?

Sim Às vezes Não

18 - Gostas de estudar?

Sim Às vezes Não

19 - Consideras a Escola (assinala apenas uma opção):

Importante para a tua formação Uma obrigação Um local de convívio Pouco interessante

20 - Onde costumavas estudar na maioria das vezes?

Quarto Sala Cozinha Escritório Escola Biblioteca

21 - Quando estudas?

Diariamente Na véspera dos testes Raramente

22 - Os teus Pais / Encarregados de Educação interessam-se pela tua vida escolar?

Sempre Frequentemente Raramente Nunca

23 - Que atividades gostarias de ver dinamizadas nas aulas? (assinala 2 opções)

Trabalhos de Grupo Trabalhos de pares Aulas expositivas Aulas interativas
Aulas audio/visual Fichas de trabalho Pesquisa Outras: _____

24 - Hábitos de vida

Habitualmente a que horas te levantas? _____ : _____ Habitualmente a que horas te deitas? _____ : _____

Como ocupas habitualmente os teus tempos livres?

(assinala com os números 1º, 2º, 3º, 4º, ..., mediante a tua preferência)

Cinema Música Desporto Computador Leitura TV

Estudo Outros Quais? _____

Anexo 2 – Grelhas de observação

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA

Competência Avaliada		Nível de desempenho: I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom; MB – Muito Bom; NO – Não observável						
		Aluno n°						
		1	2	3	4	5	6	7
Em relação à atividade	1. Demonstra interesse e motivação pela atividade							
	2. Participa de forma ativa nos vários aspetos envolvidos na atividade							
	3. Termina a tarefa dentro do tempo							
	4. Amadurece na responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo							
Em relação ao conteúdo:	1. Sabe usar a informação relacionando-a no contexto, se interpelado							
	2. Sabe refletir sobre o assunto tratado							
	3. Sabe articular o assunto com a vida							
	4. Sabe colocar-se em situação, dar e justificar a sua opinião							
Observação								

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE TRABALHO EM GRUPO

Aluno n°		N. desempenho: I – Insuficiente; S – Suficiente; B – Bom; MB – Muito Bom; NO – Não observável								
		Método de trabalho	Organização	Responsabilidade	Autonomia de execução	Pesquisa de informação	Participação /Espírito crítico	Cooperação com os colegas	Apresentação do trabalho	Outras observações
Grupo n.º —										
Grupo										
Grupo										

GRELHA DE AVALIAÇÃO DO PORTFÓLIO

Designação do trabalho		Registo					Avaliação final			Observação
		Atividade 1 individual	Atividade 2 individual	Atividade 4 individual	Atividade a pares 5	Atividade 6 Quizz Reis	Atividade 7 Carta	Autoavaliação	Avaliação Docente	
Nº	Nome									

GRELHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Designação do índice		Aprendizagens / Conhecimentos (Saber e Saber-Fazer)				Atitudes/Valores (Saber ser, estar, agir)					Avaliação Docente	Avaliação Final	Observações
		Debates	Trabalho de grupo	Trabalhos em aula	Portfólio	Funcionamento da aula	Envolvimento nas tarefas	Material escolar e TPC	Pontualidade e Assiduidade	Autoavaliação			
Nº	Nome												

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Bergoglio, Jorge Mario [Papa Francisco], *Educar: para uma esperança ativa. Mensagens aos educadores*, Prior Velho: Paulinas, 2015.

Papa Francisco, *Carta Encíclica Fratelli Tutti, sobre a fraternidade e a amizade social*, Prior Velho: Paulinas, 2020.

—, *Deus é jovem. Uma conversa com Thomas Leoncini*, Lisboa: Planeta, 2018.

—, *Encíclica Laudato si' . Sobre o cuidado com a casa comum*, Prior Velho: Paulinas, 2015.

—, *Exortação Apostólica Laudate Deum a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática*, Apelação: Paulus, 2023.

—, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus vivit, aos jovens e a todo o Povo de Deus*, Prior Velho: Paulinas, 2019.

—, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia. Ao Povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade*, Prior Velho: Paulinas, 2020.

—, «Todos, todos, todos!», JMJ Lisboa 2023. Discursos e Homilias, Prior Velho: Paulinas 2023.

Papa João Paulo II, *Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*, 1987.

Secretariado Nacional da Educação Cristã [SNEC], *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*. Moscavide: SNEC, 2014.

ESTUDOS E ENSAIOS

Abignette, Donatella, J. M. Pereira de Almeida, *Cuidar do Outro. Estudos em homenagem a Sergio Bastianel sj*, Lisboa: Cáritas, 2015.

Almeida, José Manuel Pereira de, *Pensamento Social do Papa Francisco: Uma perspectiva a partir da Laudato si' , vol. II*, Lisboa: Cáritas, 2016.

Ambrosio, Juan Francisco, «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares, Programa de EMRC, edição de 2014». *Revista de Catequese e Educação*, ano X (Janeiro-Agosto 2015), nº 31/32: 63-81.

—, «As religiões na escola». *Revista Portuguesa de Ciências das Religiões*, ano I (2002/2): 59-63.

Arends, Richard I., *Aprender a ensinar*, Lisboa: Editora McGraw-Hill, 2008.

- Baldi, Vania, Otimizados e desencontrados. Ética e Crítica na Era da Inconsciência Artificial, s.l.: Ed. Húmus e Autor, 2024.
- Berry, Thomas, *The Great Work: Our Way into the Future*, New York: ed. Bell Tower, 1999.
- Boff, Leonardo, *Ética e Espiritualidade. Como Cuidar da Casa Comum*, Petrópolis: Vozes 2017.
- Carson, Rachel, *The Sense of Wonder*, New York, Harper Collins Publishers, 1998.
- Carvalho, Cristina Sá, «Pressupostos epistemológicos e pedagógicos do desenvolvimento curricular em Educação Moral e Religiosa Católica edição 2014». *Revista de Catequese e Educação*, ano X (Janeiro-Agosto 2015), nº 31/32: 29-61.
- Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, *Educação. Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO*, Porto: ASA 1996.
- Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação moral e religiosa Católica – um valioso contributo para a formação da personalidade». *Revista de Catequese e Educação*, nº 5 (Maio-Agosto 2006): 7-16.
- Duque, João Manuel, *O próximo e a comunidade. Breve leitura de Fratelli Tutti*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2021.
- Ferreira, Eduardo de Sousa, «Globalização e Transição de Sistemas». *Communio Revista Internacional Católica, “Ética económica e globalização”* Ano XXIII (janeiro 2006): 17-25.
- Frutos, Eugenio, «La esperanza, alma de la educación». *Misión Joven* nº 431, (Diciembre 2012): 15-24.
- Gonçalves, Paulo Sérgio Lopes, «Fazer teologia em época de pandemia: atenção aos sinais dos tempos». *Ephata: Pandemia e crise planetária: desafios à fé, à esperança e à caridade*, *Revista Portuguesa de Teologia*, V. 3, n. 2, (2021): 99-126.
- Han, Byung-Chul, *A Sociedade do Cansaço*, Lisboa: Relógio D’Água, 2014.
- , *Vita Contemplativa. Ou sobre a Inatividade*, Lisboa: Relógio D’Água, 2023.
- Kasper, Walter, *A misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Cascais: Lucerna, 2015.
- Lipovetsky, Gilles, *A Era do vazio*, Lisboa: Relógio D’Água, 1989.
- Marques, Silvestre Ourives, Miguel Oliveira Panão, *Ética Relacional: um caminho de sabedoria*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- , Miguel Oliveira Panão, Pedro Vistas, *Transformar os limites em possibilidades. Por uma ética ontológica relacional*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- Martins, Guilherme d’Oliveira, «Lugar da Cultura, Lugar da Pessoa». *Revista de Catequese e Educação*, ano X (Janeiro-Agosto 2015), nº 31/32: 133-138.

- Martins-Loução, Maria Amélia, Riscos Globais e Biodiversidade, Fundação Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021.
- Mendonça, José Tolentino, Esperar contra toda a esperança, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020.
- Nolan, Albert, Jesus Hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical, Prior Velho: Paulinas, 2006.
- Panão, Miguel Oliveira, «Linguagem, Relacionalidade e Ambiente». *Theologica*, 2ª Série, vol. LI (2016/1): 29-49.
- , Tempo 3.0. Uma visão revolucionária da experiência mais transformativa do mundo, Carnaxide: Cordel d' Prata 2023.
- Passos, João Décio, João Manuel Duque (Orgs.), Pandemia e crise planetária: desafios à fé, à esperança e à caridade. *Ephata: Revista Portuguesa de Teologia*, vol. 3, (Novembro 2021/2) Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Pato, João Howell, Luísa Schmidt, Maria Eduarda Gonçalves (Orgs.), Bem Comum: Público e/ou Privado, Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2013.
- Rojas, Enrique, O homem light. Uma vida sem valores, Coimbra: Gráfica de Coimbra 1994.
- Roldão, Maria do Céu, Gestão Curricular – Fundamentos e Práticas, edição Ministério da Educação, 1999.
- Rozzoni, Stefano, Plinio Limata, A Economia de Francisco. Um glossário para reparar a linguagem da economia, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2023.
- Silva, Manuela, «Para além da Miragem dos sucessos da globalização», *Communio Revista Internacional Católica*, “*Ética económica e globalização*”, Ano XXIII (janeiro 2006): 27-38.
- Sousa, Antonino Gomes de, «Cuidar do Outro, Perspectiva teológico-moral». Em «O Pensamento Social do Papa Francisco, Vol. II - Uma perspectiva a partir da Laudato si'», José Manuel Pereira de Almeida (Org.), 51-64. Lisboa: Editorial Cáritas, 2017.
- Tagle, Luis Antonio, José Tolentino Mendonça As coisas podem mudar. Conferências de abertura e de encerramento do ano Laudato si', Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022
- Tedesco, Juan Carlos, O novo pacto educativo, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 1999.
- Varanda, M. Isabel Pereira, «Da preocupação ecológica como retorno ao Deus criador». *Theologica* 38 (2003/2): 287-306.
- , «Questões Sociais do nosso tempo». *Theologica* 40 (2005/1): 71-88.
- , Fabien Revol (Orgs.), Sobre a casa comum em ecologia integral. Perspetiva interdisciplinar e ecuménica. *Ephata: Revista Portuguesa de Teologia*, Vol. 4, (Junho 2022/ 1) Lisboa: Universidade Católica Editora.

Vaz, Armindo dos Santos, «Casas da Nova Aliança: chaves antropológicas, apelos ecológicos». Ephata: Sobre a casa comum em ecologia integral. Perspetiva interdisciplinar e ecuménica, Revista Portuguesa de Teologia, V. 4, n. 1, (2022), 95.

Villas-Boas, Alex, Alfredo Teixeira, José Pedro Angélico (Orgs.), Teopoética da casa comum. Ephata. Revista Portuguesa de Teologia, vol. 6, (Junho 2024/ 1), Lisboa: Universidade Católica Editora.

Woods, Peter, «Aspetos sociais da criatividade do professor», in Nóvoa, António, Profissão Professor, Porto: Porto Editora, 1999.

WEBGRAFIA

DOCUMENTOS CURRICULARES

Agrupamento de Escolas de Parede. EB Santo António, junho de 2020. Acedido em 2020. <https://www.aeparedede.edu.pt/escolasg/eb-23-santo-antonio/>.

Agrupamento de Escolas de Parede. Documentos Orientadores, Projeto Educativo 2018/2021. 29 de novembro de 2018. Acedido em junho de 2020. <https://www.aeparedede.edu.pt/sample-page/docs-orientadores/>.

Direção Geral da Educação, «Aprendizagens Essenciais», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-0>.

Direção Geral da Educação, «Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-cidadania>.

Direção Geral da Educação, «Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.dge.mec.pt/programa-nacional-de-promocao-do-sucesso-escolar>.

ENSAIOS

Carneiro, Diana, «A ciência por trás dos Banhos de Floresta: Benefícios e Como Praticar», acedido a 15 de junho de 2023, <https://www.theoceanyoga.com/blog/banhos-de-floresta-beneficios>. Martins, António, Para uma ecologia Integral – Acentuações da Laudato si’, In Simpósio Teológico – Pastoral, organizado pelo Santuário de Fátima, 2017, junho de 2020, 167-194. <https://casacomum.pt/wp-content/uploads/2018/07/Para-uma-ecologia-integral-Acentuac%CC%A7o%CC%83es-de-Laudato-si.pdf>.

Calvino, Italo, «Seis propostas para o próximo milênio», (Lisboa: Companhia das letras, 1990). Acedido a 26 de setembro de 2024, <https://laracoutouv.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/02/seis-propostas-para-o-procc81ximo-milecc82nio-italo-calvino.pdf>.

Congregação Para a Educação Católica, «Educar ao Humanismo Solidário, Para construir uma “civilização do amor” 50 anos após a Populorum progressio, Orientações», abril de 2017, acedido a 23 de setembro de 2023, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html.

Ecclesia, 3 de abril de 2006, acedido a 10 de agosto de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/papa-defende-globalizacao-da-solidariedade/>.

Francisco, Discurso aos participantes da Plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, maio de 2019, 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190502_plenaria-scienze-sociali.html.

Francisco, Discurso aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé, no dia 8 de janeiro de 2024, acedido a 25 de julho de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/january/documents/20240108-corpo-diplomatico.html>.

Francisco, Discurso no 27º Congresso Mundial da Uniapac – a União Cristã Internacional de Executivos, em 21 de outubro de 2022, acessado a 10 de agosto de 2023, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/october/documents/20221021-congresso-uniapac.html>.

Francisco, Discurso aos participantes da Plenária da Pontifícia Academia das Ciências Sociais, maio de 2019, acessada a 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190502_plenaria-sienze-sociali.html.

Francisco, Discurso aos participantes no Fórum dos Povos Indígenas, 10 de fevereiro de 2023, acessado a 27 de julho de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/february/documents/20230210-forum-popoliindigeni.html>.

Francisco, Discurso na visita à Organização das Nações Unidas, 25 de setembro de 2015, acessado a 15 de junho de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html.

Francisco, Homilia pelas vítimas dos naufrágios, 8 de julho de 2023, acessado a 10 de agosto de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html.

Francisco, Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2021, 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.pdf.

Francisco, Mensagem para o lançamento do Pacto Educativo, Vaticano, 12 de setembro de 2019, 10 de agosto de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html.

Francisco, Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2021, acessado a 1 de setembro de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.pdf.

Francisco, Mensagem para a celebração do 56º Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2023, acessado a 5 de agosto de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20221208-messaggio-56giornatamondiale-pace2023.html>

Gardiner, Stephen, Talks Climate Ethics and more, Cambridge Global Conversations (CGC) Climate Ethics event at Jesus College, Cambridge, in July de 2019, 10 de setembro de 2023. <https://vimeo.com/376304243?signup=true>.

Giraud, Gael, Orliange, Philippe, Laudato si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência ?, Cadernos Teologia Pública, ano XIII – Vol. 13-Nº 117-2016, acessado a 5 de agosto de 2024, https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/117_cadernosteologiapublica.pdf.

Instituto Humanitas Unisinos, O império do instante e a memória. Entrevista especial com José Antonio Zamora, 31 de outubro de 2009, acessado a 15 de setembro de 2024, <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/27104>.

Instituto Humanitas Unisinos, «Fratelli tutti à sombra do Antropoceno. Artigo de Wolfgang Sachs», acessado a 15 de setembro de 2024, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/619593-fratelli-tutti-a-sombra-do-antropoceno-artigo-de-wolfgang-sachs>.

Instituto Humanista Unisinos, «Ecologia integral: “A nossa crise da energia também não seria uma crise de energia espiritual?”», acessado a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629415-ecologia-integral-a-nossa-crise-da-energia-tambem-nao-seria-uma-crise-de-energia-espiritual>

Instituto Humanista Unisinos, «Metade do PIB mundial depende mais da natureza e da biodiversidade do que o estimado», acessado a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/595891-metade-do-pib-mundial-depende-mais-da-natureza-e-da-biodiversidade-do-que-o-estimado-afirma-novo-relatorio>.

Instituto Humanista Unisinos, «O império do instante e a memória. Entrevista especial com José Antonio Zamora», acessado a 15 de junho de 2023, <https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/%2027104>

Lima, Paulo Gomes, «Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo», junho de 2020, <https://www.scielo.br/j/pp/a/xgjd3cdzh4QzBXdzYSm3R7r/>.

Lipovetsky, Gilles, Entrevista, acessado a 9 de setembro de 2024, <https://www.publico.pt/2023/03/25/azul/entrevista/gilles-lipovetsky-luta-climatica-vem-preencher-vazio-ideologias-2043428>.

L'Osservatore Romano, «De uma economia que mata para uma economia da vida», acessado a 15 de junho de 2023, <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2022-09/por-039/de-uma-economia-que-mata-para-uma-economia-da-vida.html>.

Mendonça, José Tolentino, Pastoral da Cultura, janeiro de 2020, junho de 2020, https://www.snpcultura.org/mais_escuta_menos_abstracoes_mais_fraternidade_menos_medo_mais_coracao_menos_egoismo_cardeal_tolentino.html.

Mendonça, José Tolentino, iMISSIO, «Deus é um problema também para os crentes», 17 de abril de 2018, acessado a 5 de agosto de 2024, <https://www.imissio.net/artigos/50/1442/deus-e-um-problema-tambem-para-os-crentes/>

Morin, Edgar, Intervenção na conferência sob o título “O Atlântico – A Nova Carta do Humanismo”, destinada a assinalar os 27 anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), 9 de setembro de 2023, <https://www.youtube.com/watch?v=PFiAcHAPxhE>.

Nóvoa, António, Intervenção no 5.º Congresso do Sindicato dos professores da Grande Lisboa, sob o título «Os desafios da docência perante o recuo dos direitos de Cidadania», 5 e 6 de fevereiro, de 2015, Fórum Lisboa, junho de 2020 <https://www.spgl.pt/Media/Default/Info/15000/600/40/6/Intervencao%20Ant%C3%B3nio%20Sampaio%20da%20N%C3%B3voa.pdf>.

Pereira, Filipa, «Diagnóstico Social, Cascais, Freguesias de Carcavelos e Parede», 15 de setembro de 2024, [https://www.redesocialcascais.net/files/uploads/2019/12/CARCAVE LOS-PAREDE.pdf](https://www.redesocialcascais.net/files/uploads/2019/12/CARCAVE%20LOS-PAREDE.pdf).

Roldão, Maria do Céu, Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. Scientific Electronic Library Online, jan./abr. 2007, junho 2020, <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf/>.

Sachs, Wolfgang, «The Sustainable Development Goals and Laudato si’: varieties of Post-Development?»

Scientific Consensus on Maintaining Humanity’s Life Support Systems in the 21st Century, Information for Policy Makers, https://consensusforaction.stanford.edu/see-scientific-consensus/consensus_english.pdf

Silva, Jorge Pereira da, Ribeiro, Gonçalo de Almeida, Justiça entre gerações – Perspetivas interdisciplinares, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017) 10, acessado a 15 de setembro de 2024, https://ffms.pt/sites/default/files/2022-07/justica-entre-geracoes-perspectivas-interdisciplinares_0.pdf.

Varanda, M. Isabel Pereira, Novos paradigmas ecoteológicos em tempos de risco: Ciência e Ecológica em diálogo com a Teologia, 9 de setembro de 2023, <https://ciencia.ucp.pt/ws/files/92309887/51640418.pdf>

Varandas, Maria José, «Da Percepção Estética da Natureza à Acção – Uma Pedagogia Ambiental», Kairos. Journal of Philosophy & Science, vol. 21, no.1, 2019, 96-115. <https://doi.org/10.2478/kjps-2019-0005>.

Vaz, Armindo dos Santos, «A contemplação no Antigo Israel», Revista de Espiritualidade, acessado a 6 de setembro de 2020, <https://www.carmelitas.pt/site/pdf/RE/RE13.pdf>.

Vind, Gérard, «Há cinquenta anos, o relatório Meadows derrubou o mito do crescimento infinito», 26 de julho de 2022, acessado a 15 de junho de 2023, <https://ihu.unisinos.br/categorias/620725-ha-cinquenta-anos-o-relatorio-meadows-derrubou-o-mito-do-crescimento-infinito>.